

CLÁUDIA EMÍLIA AGUIAR MORAES

**A EDUCAÇÃO DO CORPO À BEIRA-MAR:  
ESPORTE E MODERNIDADE NA ILHA DE SANTA CATARINA  
(1857-1932)**

Tese apresentação ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina em cumprimento ao requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação, na linha de pesquisa História e Sociologia da Educação sob orientação do professor Dr. Jaison José Bassani.

FLORIANÓPOLIS  
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Moraes, Cláudia Emília Aguiar

A educação do corpo à beira-mar : esporte e modernidade na ilha de Santa Catarina (1857-1932) / Cláudia Emília Aguiar Moraes ; orientador, Jaison José Bassani, 2017.  
278 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Educação. 2. História do esporte. 3. História da cidade. 4. Educação do corpo. 5. remo. I. Bassani, Jaison José. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CLÁUDIA EMÍLIA AGUIAR MORAES

**A EDUCAÇÃO DO CORPO À BEIRA-MAR:  
ESPORTE E MODERNIDADE NA ILHA DE SANTA  
CATARINA (1857-1932)**

Esta tese foi julgada adequada para obtenção do título de Doutor e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 5 de julho de 2017.

---

Prof Dr Elison Antônio Paim  
Coordenador do Curso

**Banca examinadora:**

---

Prof. Dr. Jaison José Bassani  
Orientador  
Universidade Federal de Santa  
Catarina

---

Prof. Dr. Alexandre Fernandez  
Vaz  
Universidade Federal de Santa  
Catarina

---

Prof. Dr. Hamilcar Silveira  
Dantas Júnior  
Universidade Federal de  
Sergipe (Videoconferência)

---

Prof. Dra. Clarícia Otto  
Universidade Federal de Santa  
Catarina

---

Prof. Dr. Victor Andrade de  
Melo  
Universidade Federal do Rio  
de Janeiro (Videoconferência)

---

Prof. Dra. Ana Cristina  
Richter  
Núcleo de Estudos e Pesquisa  
Educação e Sociedade  
Contemporânea/UFSC

---

Prof. Dr. Norberto Dallabrida  
Universidade Estadual de  
Santa Catarina (suplente)

---

Carolina Fernandes da Silva  
Universidade Federal de Santa  
Catarina (suplente)



## AGRADECIMENTOS

Esta tese só foi possível com o apoio e o incentivo de muitas pessoas com as quais convivi e trabalhei e com a acolhida de algumas instituições. Sou muito grata:

- ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq), lugar de boas relações de trabalho, estudo e companhia para a escrita da tese;
- à Banca de Qualificação e de Defesa pelas boas discussões e indicações de continuação do trabalho;
- ao Grupo de Estudos Esportes e Sociedade do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea. Mesmo na distância, conseguimos sustentar o encontro para os estudos e debate sobre esse instigante tema;
- à Casa da Memória, em especial, Luís Cláudio Garcia Fernandes e Roberta Patrícia de Almeida, que me auxiliaram na coleta de parte das fontes. Sou muito agradecida pela chance de partilhar formas de olhar e interrogar a cidade;
- ao Instituto Histórico Geográfico do Estado de Santa Catarina pela disponibilidade de parte das fontes;
- à Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina por conservar, digitalizar e disponibilizar os jornais e livros utilizados como fonte para este trabalho;
- à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa de estudos para a realização desta pesquisa;
- à Alina Bonella pela revisão do texto e pelas sugestões de organização e apresentação das fontes e referências;
- à turma de doutorandos de 2013/1 com a qual tive muita satisfação de partilhar esta caminhada;
- à minha numerosa e querida família, em especial, Hudilea, José dos Santos, Bruna e Érica, que me deu apoio, força e coragem para viver esta experiência;
- ao professor Jacques Gleyse, da Universidade de Montpellier/França, pela simpatia e pela curiosidade com os temas afeitos às terras brasileiras, pelas boas perguntas feitas ao meu trabalho e às minhas fontes durante estágio sanduíche no exterior;
- Aos meus professores de francês, em especial Jeanine Périé e Michel Abes, pela oportunidade de reaprender a falar e a ouvir outra língua e, sobretudo, de viver uma rica experiência no estrangeiro;
- aos colegas, amigos e amigas de Florianópolis por estarem sempre ao meu lado nesta minha aventura de contar uma história dessa cidade;

- aos meus amigos queridos e meus afetos preciosos de Natal/Rio Grande do Norte, Santa Ana/El Salvador, Bogotá/Colômbia e Montpellier/França por cruzarem comigo o oceano e me apresentarem novos mundos.

## RESUMO

Esta tese investiga as relações entre o desenvolvimento esportivo e os processos de urbanização no período de 1857-1932 em Florianópolis. Discute como a presença e a ampliação das práticas esportivas, sobretudo na expressão do remo, participaram da formação de uma estrutura modelar de educação do corpo. Seleciona jornais, revistas, relatórios de governo, obras literárias, relatos de viajantes estrangeiros e fotografias como fontes. Considera um conjunto de objetos de estudo – o *corpo*, a *cidade* e o *esporte* – sob o contexto da modernização e das reformas urbanas na transição entre os séculos XIX e XX para debater sobre os processos de educação da sensibilidade no contexto de produção da vida urbana. Debate a relação entre corpo e cidade, tendo como referências as imagens modernas da divulgação das práticas corporais, o desenvolvimento do domínio esportivo, a visibilidade do mar como espaço de socialização e o processo de urbanização. Pondera que a história da cidade de Florianópolis está vinculada à sua maritimidade e descreve diferentes valores e usos sociais da água, em geral, e do mar, em específico, associados às práticas de lazer e sociabilidade e à de transformação da cidade. Apresenta e discute os processos que resultam na mudança de nomes de ruas, no fortalecimento da ideia de integração do Estado, na reforma dos traçados urbanos, na nova produção de códigos de sociabilidade, na revisão da identidade cultural da cidade com o mar, na arregimentação de uma política urbana, enfim, nos processos que possibilitaram a cidade ensaiar a mudança de sua fisionomia. Problematisa o contexto em que a cidade repensou seus aspectos, viveu experiências de modernidade e de reformas urbanas alinhadas com o desejo de políticos e intelectuais que, ao construírem imagens preconceituosas e negativas de uma parte da população, rechaçaram variados elementos da cultura e da sociedade local, entre eles, a suposta atitude de marasmo, proveniente da postura do pescador, visto como o homem do litoral. Conclui, primeiramente, que um lugar para o corpo é produzido pelos valores afeitos à cidade moderna; e, em segundo, que a visibilidade do corpo, na configuração de uma cultura urbana em Florianópolis, é resultado da ampliação das práticas de sociabilidade dos salões de baile em direção à orla da praia e da construção do mar como objeto estético – franqueado pelo domínio técnico do remo – como um novo espaço urbano de recepção de práticas consideradas modernas.

Palavras-chave: Corpo. Esporte. Cidade. Modernidade. Educação.  
Mar. Remo.



## RÉSUMÉ

Cette thèse étudie les rapports entre le développement sportif et les processus d'urbanisation pendant la période qui va de 1857 à 1932 à Florianópolis. Elle cherche à comprendre comment la présence et l'amplification des pratiques sportives, surtout à travers l'aviron, ont participé à la formation d'une structure modèle d'éducation du corps et, comme sources principales d'information, elle s'appuie sur des journaux, des revues, des rapports de gouvernements, des ouvrages littéraires, des rapports de voyageurs étrangers et des photographies. Elle prend en compte un ensemble d'objets d'étude – le *corps*, la *ville* et le *sport* – dans le contexte de la modernisation et des réformes urbaines pendant la transition qui a eu lieu entre le XIX<sup>ème</sup> et le XX<sup>ème</sup> siècle, afin d'aborder une discussion concernant les processus d'éducation de la sensibilité dans le contexte de la production de la vie urbaine. Elle débat à propos du rapport entre le corps et la ville, en ayant comme références les images modernes de la divulgation des pratiques corporelles, le développement du domaine sportif, la mise en valeur de la mer en tant qu'espace de socialisation et le processus d'urbanisation. Elle vérifie que l'histoire de la ville de Florianópolis est liée à sa maritimité et décrit les différents usages sociaux de l'eau et de ses valeurs, en général, et de la mer en particulier, associés aux pratiques de loisir et de sociabilité et à celle de la transformation de la ville. Elle présente et discute les processus qui aboutissent au changement de noms de rues, au renforcement de l'idée d'intégration de l'Etat, à la réforme des tracés urbains, à la nouvelle production de codes de sociabilité, à la révision de l'identité culturelle entre la ville et la mer, à l'organisation d'une politique urbaine, enfin, aux processus qui permettent que la ville commence le changement de son apparence. Elle problématise le contexte dans lequel la ville a repensé ses aspects, a vécu des expériences de modernité et de réformes urbaines, alignées sur le souhait d'hommes politiques et d'intellectuels qui, en construisant des images négatives et en produisant des idées préconçues envers une partie de la population, ont repoussé certains éléments de la culture et de la société locale, et, parmi eux, la prétendue attitude d'immobilisme de la part du pêcheur, qui est vu comme étant l'homme du littoral. Elle conclut, tout d'abord, qu'un endroit pour le corps est produit par les valeurs affectées à la ville moderne ; et, deuxièmement, que la visibilité du corps, dans la configuration d'une culture urbaine à Florianópolis, est le résultat de l'élargissement des pratiques de sociabilité des salles de bal vers la plage et de la construction de la mer en tant qu'objet

esthétique – permis par la maîtrise technique de l’aviron – comme étant un nouvel espace urbain d’accueil de pratiques considérées modernes.

Mots-clés : Corps. Sport. Ville. Modernité. Education. Mer. Aviron.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Regata na Baía Norte por volta de 1900.....	35
Figura 2 – A praia e o mercado na década de 1880.....	41
Figura 3 – Vista da Praia de Fora no final século XIX.....	42
Figura 4 – Cemitério na cabeceira insular da Ponte Hercílio.....	54
Figura 5 – Vista para o cemitério na parte insular em 1923.....	55
Figura 6 – Trapiche da Fábrica de Pontas da firma Hoepcke em 1909 .....	62
Figura 7 – Fábrica de Pontas Rita Maria em 1900 .....	62
Figura 8 – Vista da cidade em 1900.....	69
Figura 9 – Praia de Fora em 1910 .....	70
Figura 10 – Praia de Fora, Rua Bocaiúva em 1912 .....	71
Figura 11 – Casinhas e cortiços entre a Tronqueira e o Campo do Manejo no início do século XX.....	73
Figura 12 – Vista parcial do bairro Pedreira na década de 1910.....	73
Figura 13 – Bairro da Figueira e Porto da Baía Sul em 1890 .....	74
Figura 14 – Caminho José Jacques no início do século XX.....	74
Figura 15 – Casas de porta e janela no bairro Toca no início do século XX .....	75
Figura 16 – Planta de Desterro com marcações dos bairros.....	76
Figura 17 – Localização das principais ruas do centro da cidade ...	81
Figura 18 – Rua Altino Correia, atual Conselheiro Mafra, início do século XX .....	82
Figura 19 – Casa Comercial de Oliveira Carvalho & Irmãos na Altino Correia, em 1910.....	83
Figura 20 – Alargamento da Rua Altino Correia em 1920.....	84
Figura 21 – Cartão postal da área central, foto obtida dos altos da Rua Conselheiro Mafra em 1902 .....	85
Figura 22 – Cartão postal panorâmico da Rua Trajano em meados da década de 1900.....	86
Figura 23 – Rua João Pinto em 1892 .....	87
Figura 24 – O mercado de peixe e a Praça XV de Novembro.....	88
Figura 25 – Espaço para construção do novo mercado no final século XIX.....	89
Figura 26 – Novo mercado no início do século XX.....	89
Figura 27 – Praça do novo mercado em 1920.....	90
Figura 28 – Praça Fernando Machado, ao lado do mercado, na década de 1910 .....	90
Figura 29 – Panorama sobre a cidade, Baía Sul em 1920.....	91
Figura 30 – Montagem com cenas da cidade .....	93

Figura 31 – Praça Fernando Machado em 1924.....	97
Figura 32 – Cartão postal da Praça XV de Novembro em 1907 .....	97
Figura 33 – Bonde na Praça Pereira Oliveira em 1915 .....	98
Figura 34 – Construção do pilar da Ponte Hercílio Luz em 1922....	104
Figura 35 – Praça XV de Novembro e a implantação da rede de água em 1909 .....	105
Figura 36 – Obras da rede de abastecimento de água na Rua Trajano em 1919.....	105
Figura 37 – Planta de rede de esgotos em 1913 .....	108
Figura 38 – Construção da Avenida do Saneamento em 1919.....	109
Figura 39 – Ponte do Vinagre e Largo XIII de Maio.....	110
Figura 40 – Avenida Hercílio Luz em 1927.....	111
Figura 41 – Canalização do rio da Fonte Grande e demolição do bairro Pedreira em 1919.....	112
Figura 42 – A avenida e suas margens retificadas .....	112
Figura 43 – Localização das obras de Hercílio Luz no Centro de Florianópolis em 1940.....	113
Figura 44 – Cais da liberdade iluminado em 1920.....	115
Figura 45 – Instalação da luz elétrica e calçamento em 1910 .....	115
Figura 46 – Automóveis na Praia de Fora em 1928 .....	116
Figura 47 – Bonde puxado a burro a caminho do centro em 1920..	117
Figura 48 – Fases da construção da ponte .....	120
Figura 49 – Hidroavião estacionado na Baía Sul em 1930.....	123
Figura 50 – Hidroavião e a ilha do carvão na Baía Sul em 1930....	124
Figura 51 – Aeroplano Mitre no Campo da Ressacada em 1922 ....	124
Figura 52 – Anúncios da programação circense.....	140
Figura 53 – Programa de Cosmorama na década de 1860.....	142
Figura 54 – Remadores na <i>Revista Illustrada</i> em março de 1919...	144
Figura 55 – <i>Yole</i> na <i>Revista Illustrada</i> em março de 1919.....	144
Figura 56 – Página do jornal <i>Regeneração</i> de 1884.....	154
Figura 57 – Programa da regata de comemoração da Batalha de Riachuelo .....	158
Figura 58 – Largo XIII de Maio e Enseada Menino de Deus em 1905.....	161
Figura 59 – Regata em frente à Ilha do Carvão por volta de 1900 .....	163
Figura 60 – Regata com embarcações apropriadas em frente à Ilha do Carvão (s.d.).....	163
Figura 61 – Abelardo Luz na capa da <i>Revista Illustrada</i> 1920.....	167
Figura 62 – Sede do C. N. Martinelli na Praia de Fora.....	176
Figura 63 – Campo do Manejo e Largo General Osório .....	179

Figura 64 – Baía Sul, 1920, Coqueiros, Praia do Meio .....	181
Figura 65 – Guarnição do C.N. Martinelli nas regatas de 21-04-1918 .....	182
Figura 66 – Regata na Baía Norte.....	183
Figura 67 – Yole Jupy do C. N. Riachuelo na regata de 1920 .....	183
Figura 68 – Comemoração das regatas de 1920 .....	184
Figura 69 – Participantes do C. N. Riachuelo na regata de 1920.....	184
Figura 70 – Yole Jurema do C. N. Riachuelo na regata de 1920 .....	185
Figura 71 – Localização das sedes dos clubes náuticos .....	188
Figura 72 – Esportes atléticos no Campo da Liga, (s.d.) .....	189
Figura 73 – Mapa de remodelação de Florianópolis em 1927 .....	200
Figura 74 – Regata na Baía Sul na década de 1920.....	206
Figura 75 – Capas dos jornais na divulgação das regatas .....	213
Figura 76 – Picnic da Família Goeldner em 1915 .....	231
Figura 77 – Implantação da rede de água no trecho entre as Ruas Felipe Schimidt e Tenente Silveira em 1909.....	233
Figura 78 – Praça XV de Novembro e as obras do primeiro sistema de abastecimento de água na Capital em 1909 .....	233
Figura 79 – Lado direito da Praça XV de Novembro e a instalação da rede de água em 1909 .....	234
Figura 80 – Lado leste da Praça XV de Novembro e a implantação da rede de água em 1908 .....	234
Figura 81 – Fundos do mercado em 1880 .....	238
Figura 82 – Programa do Parque Catarinense em 1910 .....	238



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>O QUE PODE A CIDADE DIZER AO CORPO: A EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS E O DESENVOLVIMENTO URBANO EM FLORIANÓPOLIS NA PASSAGEM DOS SÉCULOS XIX-XX.....</b>	<b>33</b>
2.1	“VIVA O SR. ESTEVES JUNIOR QUE NÃO DEIXOU ENCAIXAR-LHE O ARTIGO 87”: ALGUMAS CENAS DA ILHA-CAPITAL.....	38
2.2	DE DESTERRO A FLORIANÓPOLIS: QUANDO A HISTÓRIA DO CORPO CORRE SUBTERRÂNEA À HISTÓRIA DA CIDADE.....	51
2.2.1	A cidade, o político, a modernidade e o poeta: entre o cosmopolita e o homem do litoral.....	53
2.2.2	A cidade, os bairros, as ruas.....	67
2.2.3	“Vamos ter bonds, esgotos e d’água canalizada, vamos ter sport, tudo, e também a aviação”: os indicadores materiais da modernização.....	94
<b>3</b>	<b>DA VISIBILIDADE DO CORPO NA CIDADE: QUANDO O DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE ENCONTRA CORRESPONDÊNCIA COM O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO.....</b>	<b>127</b>
3.1	CULTURA URBANA, TÉDIO E DIVERTIMENTOS: DOS SALÕES DE BAILE À ORLA DA PRAIA.....	137
3.3	ESTAR À BEIRA-MAR: O REMO E A CIDADE DE FLORIANÓPOLIS.....	146
<b>4</b>	<b>“MOCOS, AO MAR!”: EDUCAÇÃO DO CORPO À BEIRA-MAR NA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS.....</b>	<b>195</b>
4.1	HABITOS DE MAR E O ESPORTE COMO PEDAGOGIA: MOMENTOS DE PROTAGONISTA DO REMO.....	195
4.1.1	Primeiro momento.....	204
4.1.2	Segundo momento.....	208
4.1.3	Terceiro momento.....	216
4.2	HÁBITOS DE MAR E IMAGENS COMO PEDAGOGIA: NOVO HOMEM DO LITORAL.....	219
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>241</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>245</b>
	<b>FONTES CONSULTADAS.....</b>	<b>264</b>





## 1 INTRODUÇÃO

O que a história de uma cidade tem a ver com o desenvolvimento dos esportes e como isso pode nos dizer algo sobre a modernidade? Ou ainda, como uma investigação sobre determinadas práticas corporais pode contribuir para a compreensão de uma dada organização social urbana?

Acreditamos que poderíamos responder a essas perguntas investigando a cidade de Florianópolis e investindo na sua peculiaridade de Ilha-Capital para compreender as relações entre cidade e educação do corpo. O objetivo deste trabalho é discutir como a presença e o desenvolvimento de práticas de entretenimento em relação ao mar na cidade de Florianópolis, sobretudo na expressão da prática do remo, participaram da formação de uma estrutura modelar de educação do corpo entre os anos de 1857 e 1932. Para sustentar esse propósito, investimos também nos seguintes objetivos específicos: analisar a emergência da visibilidade do corpo relacionado com a urbanização e desenvolvimento dos esportes em Florianópolis; discutir as reformas urbanas como processos vinculados à modernização e à formação de espaços de lazer e de sociabilidade; analisar a produção de uma sensibilidade adaptada ao meio urbano por meio da educação do corpo; descrever diferentes valores e usos sociais da água, em geral, e do mar, em específico, associados às práticas de lazer e sociabilidade e ao processo de transformação urbana.

Esse conjunto de objetos nos aponta para uma questão de fundo que são os processos de educação da sensibilidade notadamente importantes nesse contexto de produção da vida urbana. Na transição entre os séculos XIX e XX a cidade de Florianópolis, em compasso com as práticas de uma racionalidade político-cultural do novo regime republicano brasileiro, vivenciava fragmentárias e sucessivas reformas urbanas. Sob os auspícios de um ideário de modernidade, as reformas fazem ver novos parâmetros de sociabilidade urbana; desde a estética dos prédios até modos de circulação, normas de habitações, higiene e usos do mar.

A pretensão do desejo de ser moderno foi universal e ganhou ares singulares por onde se espalhou. Essa condição de recepção da modernidade pela via da singularidade foi o que possibilitou a reconfiguração dos fenômenos socioculturais que emergiram desse processo, e certamente o esporte está entre eles. Em amplo sentido, são esforços que possibilitaram maneiras de ser e estar do indivíduo na cidade, pois a estruturação de uma urbanidade – por meio da arquitetura,

da adoção de novos padrões estéticos, da arregimentação política, das novas leis e resoluções de higiene e das novas formas de sociabilidade e práticas de lazer e entretenimento – modifica a realidade física e material da cidade e, também, a subjetividade dos seus habitantes e a forma como lidaram com a reconfiguração dos espaços e seus símbolos.

No processo desta pesquisa, ainda nos deparamos com outras questões que foram importantes para dar conta dos objetivos acima listados. Assim, investigar os aspectos específicos da vida de Florianópolis para poder compreender o lugar que a visibilidade do corpo encontrou nos processos de modernização e ter em consideração sua singularidade insular e, por isso, considerar também o desenvolvimento dos esportes náuticos e a evolução dos banhos de mar, nos levaram a formular a hipótese de que coube ao remo uma parcela de responsabilidade de algum tipo de mediação pedagógica sobre a produção de uma sensibilidade formulada a partir dos desejos de modernidade no início do século XX em Florianópolis.

As perguntas iniciais desta introdução e a reunião de alguns temas de pesquisa – o corpo, a cidade, o esporte – são fruto, obviamente, do desenvolvimento de um contexto investigativo que nasce no campo das Ciências Humanas. Podemos situar esse conjunto de investigações tanto na emergência da Nova História Cultural, que interpelou pela necessidade de estudos sobre as práticas e representações culturais<sup>1</sup> – e aqui os esportes são compreendidos como uma prática fabricada no contexto das sociedades em processo de modernização –, quanto na emergência de uma perspectiva de análise sociológica dos esportes que considerou significativas relações entre as práticas esportivas, a cultura e a sociedade.<sup>2</sup>

Elegemos o esporte como fio condutor desta leitura que realizamos sobre a educação do corpo na forja da cidade de Florianópolis como uma capital moderna no início do século XX. O esporte como prática moderna encontra, nos séculos XIX-XX, uma disposição de conhecimentos, técnicas e discursos que possibilita legitimar uma pedagogia sobre o corpo. Como fenômeno social multifacetado, polissêmico, rico em interações com outras instâncias da

---

<sup>1</sup>Para uma discussão sobre a Nova História Cultural, consultar Burke (1991, 2005) e Chartier (1990). Para um debate sobre a configuração de uma subdisciplina intitulada *História do Esporte* no campo da História, conferir Melo e Fortes (2010) e Melo (2007).

<sup>2</sup>Para um debate sobre a gênese do campo da Sociologia do Esporte consultar, entre outros, Souza e Marchi Junior (2010).

sociedade e a partir de determinadas condições históricas, as práticas corporais e, mais precisamente, o esporte, compõem ao processo civilizatório e à formação do sujeito moderno – por isso a noção anteriormente mencionada de mediação pedagógica.

A correlação entre esporte e sociedade tem possibilitado interessantes temas de estudo. Segundo Elias e Dunning (1992), nossa cultura traz em sua constituição as marcas de um "*ethos* esportivo". Para Bourdieu (2004), a configuração de uma prática desinteressada relacionada com o *ethos* das elites e a construção do gosto e apreço por determinada modalidade têm influência sobre os usos do corpo, uma marca evidente de diferenciação social. Conforme Adorno (2003), o esporte é um fenômeno social contraditório, ambíguo, destrutivo, mas também com potencial reconciliatório, associado à maquinização do corpo e inscrito no processo de construção da civilização e do sujeito. O historiador inglês Eric Hobsbawm também relatou a importância assumida pelos esportes na estrutura política e cultural das sociedades do Ocidente desde pelo menos o século XIX (HOBSBAWM, 1988).

Como prática cultural e fenômeno social, ele se torna um modelo para a sociedade contemporânea e um importante componente de subjetivação ligado intimamente ao processo cultural de cada época. Aqui apostamos numa correlação entre processos de urbanização como um importante elemento para o desenvolvimento dos esportes na cidade de Florianópolis no início do século XX. A correlação entre o desenvolvimento das cidades e a emergência dos esportes está na potencialidade de ambos de agregar símbolos da modernidade capitalista que produzem um conjunto de condições que colocam o corpo, a subjetividade, a educação dos sentidos como vetores desse ideário.

É explícito que o processo de urbanização ressoou na configuração de uma história do corpo e de sua aparência entrelaçada à fabricação do desejo da higiene, da educação burguesa, da saúde e da exercitação corporal. No caso de Florianópolis, uma Ilha-Capital, consideramos interrogar a forja de um corpo adaptado ao ambiente, mas também a condição geopolítica da cidade. Como a cidade era o palco para o desempenho dos novos potenciais técnicos, nada mais “natural” que a modernização daquela incluísse, também, a reforma dos corpos e das mentalidades. É no contexto da transição do século XIX-XX que a relação entre modernização, cidade, industrialização e a política do corpo se torna um aspecto importante para compreender a difusão cultural (incluindo o aspecto lúdico e a dimensão estética) e a configuração do esporte como um artefato burguês, com as características de secularismo, igualdade de condições de competição,

especialização de regras, racionalização da prática, organização burocrática e quantificação de recordes.

Esclarecemos que não tratamos da institucionalização do esporte especificamente. Fizemos uma história da cidade por meio do esporte, não uma história da institucionalização do remo. Assim, e de maneira específica, o remo representou um elemento articulador importante entre o domínio tecnológico da natureza externa (representada, neste contexto, pelo mar) e a construção de uma representação estética sobre ele, por um lado, e o domínio sobre a natureza interna (o corpo) e a possibilidade de divertir-se por meio de esforços físicos, por outro.

A constituição de uma cultura urbana passou a exigir um determinado tipo de *educação do corpo* (para o qual a escola também teve um papel fundamental) em que novas subjetividades, novos gostos e gestos participaram do ideário republicano brasileiro. Instituições, como as escolas, as sociedades ginásticas e os clubes esportivos, deliberadamente vão assumir para si uma política de educação do corpo. Nesse processo, a prática do exercício físico, aliada a uma já consolidada mudança no imaginário social em relação aos banhos de mar, outrora hábitos desprezados pelas elites intelectuais e pela própria população, assume um manifesto caráter de civilidade, de progresso, enfim, de modernidade, especialmente a partir das últimas décadas do século XIX.

O esporte pode ser compreendido como uma importante manifestação cultural do século XX, segundo Del Priore e Melo (2009). É um fenômeno tipicamente moderno e que se configura de forma articulada com outras dimensões sociais, culturais, econômicas e políticas. Sua importância como objeto histórico e sociológico se apresenta no meio acadêmico<sup>3</sup> mais fortemente a partir de meados do século XX e, apesar de sua trajetória como objeto de estudo acadêmico ter sofrido críticas,<sup>4</sup> ele pode também ser entendido como um universo para a exploração das propriedades das relações sociais, até mesmo porque “[...] até hoje nenhuma sociedade humana existiu que não tivesse algo de equivalente ao desporto moderno” (DUNNING, 1992, p. 15).

---

<sup>3</sup>Para um panorama nacional e internacional sobre a História do Esporte como um campo profissional da investigação histórica e suas etapas de desenvolvimento no Brasil, consultar Melo e Fortes (2010), e para evolução das abordagens históricas sobre o esporte, ver Gebara (2002).

<sup>4</sup>Notadamente pela diferenciação que a sociologia estabeleceu entre os aspectos sério e racional da vida, como a política e a economia, em oposição aos aspectos irracionais e inconscientes, como o lazer.

Assim, construção de perspectivas e de significados para a modernidade se entrelaçam nos sentidos adquiridos pelas práticas esportivas que, por sua vez, se integram ao patrimônio cultural de um povo, se articulam com uma cultura específica e se constituem como ferramentas importantes na construção de identidades (DEL PRIORE; MELO, 2009). Por isso interessa destacar a relação entre o ideário moderno brasileiro e o esporte como manifestação cultural importante do século XX. Esporte e sociedade têm entrelaçamentos diversos, e observados sob a luz das ciências humanas, tornam-se uma das chaves de leitura sobre as formas contemporâneas da pedagogia do corpo.

O que poderia, então, Florianópolis nos contar sobre esporte, cidade e modernidade? A cidade de Florianópolis tem sua identidade construída pela sua maritimidade, ou seja, sua relação com o litoral, com a praia, o trato com as águas, enfim, com as fronteiras entre terra e mar e com as práticas e representações que são produzidas por essa condição. Aspectos característicos da vida social, cultural, econômica e política da Ilha-Capital sempre estiveram associados aos contornos dessa imagem marítima. As práticas relacionadas com essa condição, por exemplo, a pesca, o transporte, a poesia, o remo, o banho de mar, o turismo dizem da história dessa cidade e dos modos de vida que foram produzidos aqui. Foi mesmo considerando essa característica, qual seja, de cidade insular, litorânea, balnearia, que Florianópolis ousou pensar seu lugar e seus significados na esteira do processo de modernização e urbanização do seu território.

Na saída do século XIX, enquanto o país abolia a escravatura e iniciava a transição de um regime monárquico para uma república presidencialista, considerando ainda sua vocação agroexportadora e o incipiente processo de industrialização, num contexto local, Florianópolis vivia as inquietações, tensões e conflitos de implantação de uma nova política. Entre continuidades e desacordos, e tendo ainda que lidar com os resquícios de uma tumultuada e sangrenta entrada<sup>5</sup> nessa nova organização administrativa, a capital de Santa Catarina gerava sua oligárquica política regional na representatividade do Partido Republicano Catarinense.

Para Corrêa (2003), durante toda a Primeira República, Santa Catarina esteve sob os auspícios do Partido Republicano, movendo-se circularmente entre dois nomes, Hercílio Luz e Lauro Müller. Os dois não apresentavam oposição de cunho ideológico ou programático, mas

---

<sup>5</sup>Referimo-nos à Revolta Federalista, à chacina na fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim e à oposição à característica militar da implantação da República.

seus interesses, instrumentos políticos e esferas de ação eram diferentes. De acordo com Neckel (2003) e Pedro (1998), os realinhamentos políticos ocorreram em torno de interesses e personagens particulares em função de objetivos eleitorais e a articulação de uma nova elite política movimentava o embate entre as famílias abastadas pelo controle dos cargos político-administrativos.

Mas, se a maneira de fazer política ainda se baseava nas oligarquias regionais e, mesmo que houvesse a presença de antigos nomes da Monarquia na esfera pública, o sistema republicano se sustentou na produção de novas práticas, discursos e símbolos. A estratégia do Partido Republicano em administrar as diferenças entre hercistas e laurianistas era um sinal da expressão de ordem, unidade e avanço que sustentou o discurso republicano, produzindo, assim, a sua legitimação e identificação como vontade popular. Havia uma preocupação de promover mudanças e superar contrastes sem que isso rompesse com a ordem social (CHEREM, 1998). Era preciso, então, formar uma identidade para o novo regime. Segundo Neckel (2003), ampliar a experiência política para outros setores da população, para além de uma elite, dando-lhes um lugar de importância, mesmo que relativa, para legitimação da nova ordem. Conforme Cherem (2000), a questão burocrática e administrativa e os interesses partidários tinham lugar de destaque na vida dos moradores, unindo a elite política num amplo conjunto urbano composto por eleitores, consumidores, funcionários etc. Com esse movimento de autoafirmação, das pessoas e do novo sistema, produziram-se outros modos de percepção e representação. De acordo com Araújo (1989, p. 80), para essa classe ansiosa por ascender à segurança material e ao prestígio e incorporar modas e hábitos importados do Rio de Janeiro, “[...] não era mais suficiente ser branco, católico e proprietário: era preciso ser ‘civilizado’, ter ‘gosto’ e ser ‘higienizado’”.

A partir da emergência dessa necessidade de ressignificação de símbolos para legitimação da República, Florianópolis vai viver, nos primeiros 30 anos do século XX, o que pode ser compreendido como uma fase de modernização da cidade. Talvez menos pelo seu lado que promete um ambiente de aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor, e mais pelo seu caráter de promessa de destruir o que temos, o que sabemos e o que somos, segundo a definição ambígua de modernidade de Berman (1986). Florianópolis muda nomes de ruas, fortalece a ideia de integração do Estado, reforma os traçados urbanos, repensa os códigos de sociabilidade, revê sua identidade cultural com o mar, arregaça

uma política urbana, enfim, a cidade ensaiou mudar de fisionomia. Abre-se um espaço para repensar seus aspectos e viver experiências de modernidade e reformas urbanas alinhadas com o desejo de políticos e intelectuais que, ao construírem imagens preconceituosas e negativas de uma parte da população, rechaçaram variados aspectos da cultura e da sociedade local, entre eles, a suposta atitude de marasmo, proveniente da postura do pescador que permanece longos períodos à beira-mar aguardando as condições da maré.

É por essa porta que, em menos de 80 anos, vamos ver, na cidade de Florianópolis, a passagem da proibição do banho de mar, que era tratado como caso de polícia, em 1857, para a regulamentação das práticas de lazer à beira-mar, com a definição de espaços para banhistas e remadores e o controle dos costumes e das vestimentas de praia, em 1932. O que se tem é uma celeuma de questões que interessa investigar ao longo do recorte histórico aqui selecionado: exposição do corpo; remodelação de costumes e usos do mar; desejo pelas sensações advindas do contato com a água; código de posturas; novos significados para espaços urbanos; (in)tolerâncias do olhar sobre o corpo; aceitação e diversificação de práticas esportivas e de lazer urbanos próximo às praias.

À urbanidade corresponde certo conjunto de práticas e, para que Florianópolis fosse pensada por tais referências, foi preciso construir certas estruturas para cidade e para o corpo. Novos parâmetros culturais relacionados com o mar e a sua valorização, o incentivo a vivências públicas de lazer e à exposição de nova forma de fruir do corpo sob princípios da saúde e da higiene fizeram parte desse conjunto de práticas de urbanidade e de modernidade em Florianópolis. É aqui que podemos ver a presença da educação do corpo espaiada em códigos e hábitos considerados civilizados, mas também nas novas estruturas urbanas. Por exemplo, falamos das reformas que canalizaram as águas, recolheram o lixo e higienizaram o espaço urbano, falamos também da normatização de condutas e da adoção de hábitos pelos sujeitos. Ao nos lembrarmos das reformas das ruas, da expansão da cidade e da criação de novos espaços urbanos, necessariamente, lembramo-nos dos espaços destinados ao lazer, à diversão pública e ao decoro exigido para frequentar e partilhar esses locais.

Outros exemplos de maior expressão simbólica foram interpretados por nós também no campo da política, ou seja, na nova forma política da Primeira República, republicanos históricos tiveram que dividir o poder com antigos grupos políticos do Império. Entre diferenças e semelhança na forma de governar, os modos de se

diferenciar e empreender espaço para o poder simbólico da República, em nossa interpretação dos fatos como demonstrado ao longo do texto, deram-se também na presença daqueles no cenário esportivo.

Assim, seja participando na organização, seja apoiando eventos esportivos, seja como atletas-símbolos de um ideal de modernidade, nosso argumento explicita que o campo esportivo serviu, ao menos, de duas maneiras à política republicana em Florianópolis: na configuração de um código de urbanidade e modernização que passava a exigir um maior cuidado com o corpo e um domínio de si (produção de masculinidades e um ideário burguês sobre o corpo) e no uso da visibilidade dos esportes, sobretudo o esporte náutico, para reposicionar Florianópolis no campo das disputas políticas internas do Estado. Figuras como Raulino Horn, Hercílio Luz e dois de seus filhos, Aldo e Abelardo, membros da família Boiteux e da família Tolentino, dentre outros que veremos no decorrer deste texto, fizeram repercutir e circular determinadas imagens da cidade, de seus habitantes e de certos valores morais por meio da recepção das regatas como evento de diversão pública.

Levando em consideração esse aspecto político do esporte nas reformas urbanas e no processo de modernização de Florianópolis, é de se esperar que autores que se debruçaram em dissertar sobre aspectos político-culturais da cidade mencionassem a presença do esporte como estrutura modelar de uma educação do corpo que acompanha esses movimentos reformistas. É o caso de Sayão (2011), que investigou a representação das paisagens da ilha como uma invenção discursiva sobre a cidade e que considerou a presença das regatas na orla da cidade como um evento que levou a população a redimensionar a beirar-mar para hábitos de diversão. Outro exemplo é o de Mattos (2014), que discutiu a formação do campo cultural de Florianópolis na Primeira República, investigando relações de pertencimentos sociais no campo literário e mencionou as colunas e notas sobre esportes nos jornais e revistas como produção dos homens das letras. O autor ainda aponta o esporte como um elemento que participou da reorganização do campo cultural da cidade ao lado das sociedades carnavalescas, dos teatros, do cinema, dos clubes sociais e de outras agremiações e associações da vida social.

Ferreira (1994) e Araújo (1989) foram autores que, tendo a cidade de Florianópolis como local de investigação, analisaram, respectivamente, a introdução do banho de mar na cidade e o reajustamento social à ordem capitalista durante a Primeira República. Dois estudos radicados no campo da história e que citam diretamente o



papel que os esportes tiveram sobre a configuração dos seus objetos de pesquisa e o processo de remodelação de hábitos e condutas pela perspectiva burguesa, o que nos leva a compreender que isso implica a presença das práticas esportivas. Outro estudo no campo da história que aborda diretamente o caso dos esportes como influência sobre seu objeto de pesquisa é o de Machado (2007) que, ao investigar modelos de masculinidades urbana divulgados pela imprensa florianopolitana, destacou o remo como uma atividade que tinha na força seu valor estético definidor da masculinidade. Temos também os trabalhos de Dallabrida (2001), Souza (2005), Jorge (2013) e Jorge e Vaz (2016) sobre o Colégio Catarinense e a presença dos esportes e dos banhos de mar como elementos da educação formal dos filhos da elite da Capital. Há ainda outros casos de pesquisas que tiveram como objeto as referências espaciais e o desenvolvimento arquitetônico da cidade e que citam a reforma das ruas, a arborização, a iluminação e a criação de espaços de passeios como elementos que impulsionaram lazeres públicos à beira-mar. Aqui se exemplificam os trabalhos de Veiga (2008), Coradini (1992) e Nonnenmacher (2007).

No trato referente à presença e significados dos esportes em Florianópolis encontramos diferentes trabalhos. Alguns mais descritivos e com preocupação cronológica da história dos feitos esportivos, como os de Borges (2002) e Becker (2016). Outros que avançam sobre as investigações histórico-sociais do esporte, como é o caso dos estudos de Sartori (2013), Vaz e Bombassaro (2010) e da coletânea organizada por Vaz e Dallabrida (2014), que incluem pesquisas sobre os clubes de futebol e alguns dos clubes náuticos da cidade. Nesse sentido, as investigações sobre a modernização em Florianópolis, pela sua expressão na literatura, na vida cultural, na política, levam-nos a discutir as dimensões da vida que pudessem dar visibilidade à estética do moderno na especificidade do fenômeno urbano no início do século XX. É à luz desses fatos que fomos interpelando as relações entrelaçadas entre esporte, cidade e modernidade e fazendo emergir questões referentes à educação do corpo.

As pesquisas sobre o tema das cidades na historiografia dos esportes, afirma Dias (2013), têm indicado uma afinidade entre o desenvolvimento das práticas esportivas e os processos de urbanização. De forma bastante geral, as relações entre esporte e cidade têm apontado para a associação do esporte aos processos de modernização das cidades, atrelado a um movimento mais amplo de *educação do corpo* na vida urbana e para a importância do esporte na forja de uma identidade nacional. Os estudos que investigam as tensões da vida urbana e a

popularização dos esportes se encontram numa via de mão dupla: as áreas urbanas ofereceram um conjunto de condições propícias ao desenvolvimento dos esportes, entre as quais, uma grande e concentrada massa populacional para jogar, assistir e consumir produtos relacionados com o espetáculo esportivo; e também o esporte incentiva mudanças na malha urbana da cidade, podendo até mesmo ser compreendido como produtor de espaços sociais potencialmente capazes de fornecer disciplina e sentimento de pertencimento comunitário a uma população cada vez mais abalada pelo surgimento de uma série de transformações, decorrentes do novo modo de vida urbano (DIAS, 2013).

Melo (2010), numa coletânea de textos sobre estudos comparados da história do esporte em 13 cidades brasileiras, indica que a trajetória do campo esportivo seguiu um conjunto aproximado de transformações, de modo não linear, não excludente e respeitando peculiaridades locais. Essa estruturação passou por cinco momentos básicos,<sup>6</sup> e o autor aponta semelhanças e diferenças entre as diversas cidades do país. Assim, Melo (2010) estabeleceu que o desenvolvimento dos esportes nas cidades pesquisadas esteve atrelado: ao crescimento e remodelamento do espaço urbano, ao desenvolvimento econômico das regiões; à cultura estrangeira (seja pelo processo de diversificação econômica, seja pela busca de identificação simbólica); e à gestação de uma excitabilidade pública, como a configuração do espetáculo e do consumo. No que concerne à cidade objeto de nossa pesquisa, todos esses pontos podem ser verificados na relação entre a história do esporte e a modernidade em Florianópolis, com exceção da vinculação com o desenvolvimento econômico, que aqui foi pouco expressivo em comparação com outras cidades, mas, mesmo assim, foi clara a busca de associação simbólica ao ideário moderno.

Vaz e Bombassaro (2010) consideram que Florianópolis experimentou a modernidade na condição de estar na periferia de um país à margem, mas não fora do mundo capitalista, e que aqui se encontrava, mesmo em ritmo e sintaxe distintos, muitos dos vetores que

---

<sup>6</sup>Seriam esses momentos correspondentes: ao uso de animais para as práticas de diversão; à aceitação da exposição corporal pública e à produção da centralidade do movimento humano nas práticas esportivas, essas cada vez mais associadas a imagens de desafio, superação, higiene e saúde; ao uso de artefatos tecnológicos e de objetos que correspondam à ideia de progresso e velocidade; à criação de jogos que ampliem as possibilidades de participação; à inserção da prática esportiva ao contexto da cultura de massas; e, por fim, aos jogos de simulação virtual (MELO, 2010).

compõem o mundo moderno, suas oscilações e seu êxtase. Dentre eles, certamente, o esporte como prática dessa modernidade teve como tendência “[...] o ordenamento do corpo pelos esportes e que encontra no treinamento corporal - entendido como um bem para si mesmo, e não apenas um meio para uma preparação mais adequada - uma prática de regulação pulsional” (VAZ; BOBASSARO, 2010, p. 206).

A relação entre corpo e cidade vai estabelecendo vínculos com a modernidade. Quando falamos de modernidade, falamos de um conjunto geral de condições que possibilitaram mudanças, não lineares e não progressivas, na percepção de um tempo e de um espaço em função de uma ideia de movimento que supostamente se afasta de um passado e se dirige a algo novo. Para o contexto de Florianópolis, o ideário moderno foi um conjunto de práticas e noções que caracterizaram uma dinâmica social baseada na renovação da cidade e na potencialização do corpo. Era um jogo de movimento em que a cidade parecia bailar. Conforme Flores (2006, p. 11):

[...] na vertigem própria dos dançarinos, levanta-se a urbe vertical, que se contorce e avança sobre o mar com seus aterros; suas veias se dilatam para dar passagem aos automóveis; sobejam artifícios a vesti-la de cores e formas para embelezá-la e receber forasteiros, viajantes, visitantes, turistas. O passado se desmorona sob a ruína do tempo e do espaço da cidade antiga, e tudo se constrói para o tempo e o espaço modernos.

Florianópolis, como Ilha-Capital, tem dupla condição no processo de modernização: a primeira é que ela é uma cidade afastada dos grandes centros culturais e econômicos do país, seu entorno regional é muito mais produtivo economicamente, poucas atividades na cidade permitiram formas de enriquecimento, afinal o porto estava em declínio, o comércio era pouco expressivo, voltado ao consumo local, e a produção industrial era pequena; entretanto, e essa é a segunda condição, seu fortalecimento como centro político-administrativo e a força de sua elite política mantiveram a cidade como capital e carregou montantes de serviços públicos para a remodelação do espaço urbano.

Uma incipiente burguesia mercantil, vinculada ao transporte e ao comércio de mercadorias, com suas próprias aspirações à distinção e ascensão social, e também indivíduos pertencentes a setores médios, constituídos de profissionais liberais e funcionários públicos bem

empregados, tiveram algum espaço de ação no projeto de modernização da cidade. A regeneração do homem do litoral (ARAÚJO, 1989) tocou os corpos da população, remodelou em ideal hábitos e atitudes, bem como alterou a paisagem central da cidade. Para Neckel (2003), os ideais de modernidade simbolizaram a organização do espaço urbano (com ênfase no saneamento) e a produção de novas formas de viver (com destaque para a saúde), porém essas preocupações, aparentemente apolíticas, mas qualificadas de técnicas e científicas, tornaram o cotidiano conflituoso e produtor de tensões na definição de espaços e condutas que marginalizaram parcelas da população.

O contexto investigado nesta tese é esse período de transição dos séculos XIX-XX, quando ideais de modernização ganharam desdobramentos no ambiente urbano, ritualizando uma passagem com imagens de dinamismo, novidade e reafirmação de costumes aristocrático-burgueses. A cena urbana é, ao mesmo tempo, o receptáculo por excelência do espírito da modernidade e a produtora desse turbilhão que registra no corpo as alterações de percepções de tempo e espaço desse território que chamamos de metrópole, cujo alcance parece ter tocado universalmente outros tantos longínquos lugares que acolheram em seus portos o vapor com as últimas novidades.

Dessa forma, a correlação entre esporte e sociedade nos possibilita construir o objeto desta tese, qual seja, a relação entre corpo e cidade, tendo como referência as imagens modernas da vulgarização das práticas corporais, o desenvolvimento do domínio esportivo, a visibilidade do mar como espaço de socialização e o processo de urbanização. Interessa dialogar com domínios discursivos relacionados com a centralidade do corpo na sociedade contemporânea e com o processo de reformas urbanas como vetor da modernização. Orientamos a discussão desses temas, corpo e cidade, em direção a esse aspecto singular de Florianópolis, sua condição de Ilha-Capital, para pensar os processos de uma ambição civilizatória que se projetaram na visibilidade do mar como paisagem e na prática do remo. Aqui reside um movimento de duplo sentido que, ao legitimar a cidade como espaço moderno, projeta nela a condição de novas práticas, ao mesmo tempo em que tais práticas inauguram novos usos e espaços na cidade, ressignificando seu sentido.

“Qual é o objetivo de uma cidade em construção senão uma cidade? Onde estão os planos que vocês seguem, o projeto?” (CALVINO, 1990, p. 117). Essas são perguntas feitas aos incansáveis construtores da cidade de Tecla, as quais eles respondem, ao cessar mais

um ciclo de trabalho, olhando do canteiro de obras o céu estrelado: eis o projeto. Os habitantes de Tecla produzem sua cidade projetando seu olhar para o céu para expressar uma vontade de permanência, porque tanta construção diz de uma criatividade destrutiva. Porém, tanta construção pode também dizer do fascínio do novo, das reformas, da busca da perfeição ou de uma destruição criativa. Florianópolis, imersa na sua particularidade de Ilha-Capital, ensaiou, à sua medida e contexto, sustentar e participar do processo, inconcluso e irrefreável, de reformas que chegaram junto com a República brasileira, sob o manto de modernidade.

Se uma cidade em construção é senão uma cidade, ou seja, uma cidade específica, quais teriam sido as intencionalidades dessa construção? Ao anunciar que nossa intenção é estudar as práticas esportivas como estrutura modelar da educação do corpo, levamos em consideração que Florianópolis, em sua condição de Ilha-Capital, se entende e se projeta por práticas e imaginários relacionados com o mar. Portanto, e retomando mais uma vez nossa hipótese, na cidade de Florianópolis, a visibilidade do corpo e das possibilidades da sua educação cidadina está associada à retomada do mar como objeto estético – franqueado pelo domínio técnico – e como um novo espaço de sociabilidade urbana e de recepção de práticas consideradas modernas. À medida que a remodelação da cidade produz novos espaços, justificados pelo discurso da modernidade e a da civilidade, novas práticas de educação do corpo são postas em evidência, tendo o esporte (e sua faceta pedagogizada) participado desse processo.

Assim, esse é o argumento de que uma nova configuração subjetiva se estrutura com a modernidade e a partir de suas sensibilidades, nas quais o domínio sobre o corpo tem um papel no processo de forja do sujeito esclarecido. Esse processo, e Norbert Elias (1994) o chamaria de processo civilizador, tem, na educação do corpo, na contenção dos impulsos, no refinamento dos gostos, na mudança da percepção dos sentidos e numa nova organização do tempo e do espaço as possibilidades de investir nessa subjetividade. No limiar do século XX, a opção que se colocava ao Brasil, em profundo déficit de modernização, se comparado com as potências que aqui influíam, como Estados Unidos, Inglaterra e França, era *modernizar* ou perecer.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup>Para outros debates sobre a ascendência do espírito moderno europeu sobre cidades brasileiras, conferir Pesavento (1999), Pinheiro (2011), Benchimol (1990) e Melo e Perez (2005).

Para Le Goff (1992, p. 185), as nações que estavam fora do eixo Estados Unidos/Europa foram consideradas em descompasso econômico, social e cultural, ou seja, atrasadas perante a equivalência entre modernização e ocidentalização “[...] e o problema do moderno foi posto paralelamente ao da identidade nacional. Um pouco por todo o lado distinguiu também a modernização econômica e técnica da modernização social e cultural”. No estudo de Vaz e Bombassaro (2010, p. 196) sobre esporte e modernidade em Florianópolis, anteriormente referido, é possível ver esse estado caracterizado numa esfera regional, quando os autores afirmam que, nessa cidade,

[...] [se] encontram a perplexidade dos modernos com o ritmo do tempo ainda pouco acelerado de um lugar sem indústrias – e, portanto, sem relógios rigidamente em funcionamento – e sob certo isolamento geográfico; uma cidade voltada ao mar, mas, paradoxalmente, sem as marcas do comércio e do desenvolvimento industrial, sem os intensos movimentos migratórios de outros portos, e ao mesmo tempo procurando, por meio de suas elites, estar à altura dos hábitos e da vida cultural e sociais das grandes metrópoles.

Florianópolis é a capital do Estado e, como tal, dentro de uma perspectiva moderna, ela deveria se posicionar como uma cidade economicamente forte e de concentração de Poder Político. Nesse sentido, o fato de essa pequena ilha portuária se apresentar e permanecer como capital é uma espécie de contramodernidade, porque ela não tinha movimentação econômica como outras cidades da Serra Catarinense ou outras cidades vizinhas e de maior expressão (do Vale e do Norte do Estado). A modernidade parece ser flexível suficiente para caber, inclusive, esses casos à margem dos epicentros modernos. Aliás, a predominância do eixo Rio de Janeiro-São Paulo em todos os domínios das atividades econômicas e culturais nunca freiou outras experiências regionais e singulares ligadas à modernização. Portanto, noções de moderno, modernidade, modernização ou modernismo encontram fronteiras dispersas, uma vez que esses sentidos alcançam diferentes domínios, desde o campo político, passando pela literatura, a arquitetura e o cotidiano dos corpos, dos padrões de condutas e civilidade.

Quando olhamos a experiência de Florianópolis nesse esforço de tornar-se moderna, ela parece ser um caso típico, segundo a expressão de Schwarz (2005), de *ideias fora do lugar*. São termos que associam

um sentido abrangente relacionado com um conjunto de transformações investido nos meios de produção, portanto, na estrutura econômica, e também na estrutura política e cultural. Considera-se o movimento que coloca a autonomia e a razão humana no “motor” de uma evolução sociocultural produtora de valores e afirmações morais sobre a vida humana. Assim sendo, as condições que dão origem a determinados modos de produção e suas bases técnicas envolvem também as estruturas das relações sociais.

Dado nosso objeto de pesquisa e sua contextualização, no que diz respeito ao recorte temporal, estabelecemos limites históricos de 1857 a 1932. Os marcos de abertura e fechamento do recorte correspondem, respectivamente, ao momento de uma denúncia contra o banho de mar na cidade de Florianópolis e o de outra denúncia contra querelas entre remadores e banhistas na distribuição de espaço nas praias. Entre os dois processos, há uma concentração de mudanças, a saber: as reformas urbanas (iluminação pública, criação de avenidas e ruas, reformas arquitetônicas); a ampliação e o desenvolvimento esportivo na cidade de Florianópolis; a proclamação da República; as intervenções de saneamento (rede de esgotos, canalização de água); a presença da racionalidade do discurso médico-higienista; a percepção das tensões da vida cotidiana e impressões sobre a vida urbana.

Todos esses temas nos auxiliaram a perceber nas fontes evidências do cruzamento entre corpo, cidade e modernização. Essa periodização de quase oito décadas apresenta mudanças nas determinações de natureza moral relacionadas com a fruição dos prazeres à beirar-mar e à exposição corporal pública. O critério para o recorte temporal respeita, sobretudo, o que compreendemos ser uma passagem do trato do corpo dentro de uma organização urbana. Privilegiamos uma periodização que respeita um trânsito do trato com o corpo, no qual é possível encontrar microperiodizações que tratam, por exemplo, da emergência dos clubes de remo, da recepção da República brasileira em Santa Catarina, da história dos lazeres e da institucionalização das práticas de diversão ou, ainda, das reformas urbanas. Esses e outros exemplos são casos de inflexão histórica que demonstram uma reorganização de preocupações que vem tomando forma desde o final do século XIX e que, após o primeiro quartel do século XX, expressam uma correlação mais evidente com um olhar político que procurou organizar e maximizar a vida e, ao mesmo tempo, intervir no corpo individual e da crescente população, afinal, o esporte e as reformas urbanas são entendidos aqui como estratégias de

organização do corpo no espaço urbano e organização da cidade dentro de uma lógica da modernidade.

O recorte temporal, então, expressa os limites de processos que possibilitaram os primeiros arranjos da visibilidade da “urbanização da sensibilidade” em Florianópolis, ou seja, as significativas alterações ocorridas na cidade denominadas de “fase de modernização”<sup>8</sup> com uma concentração e circulação de imagens, discursos e valores que intensificaram práticas urbanização e civilização. Durante os anos 1920 e, com mais força nos anos 1930, a relação entre corpo e civismo ganha espaço e o Estado Novo consolida uma prática intervencionista e de configuração corporativa<sup>9</sup> na organização dos esportes e do lazer com os processos educativos.<sup>10</sup> Essa periodização não corresponde a uma disposição linear da história à espera de análise. Trabalhamos nesse “espaço de tempo” de dispersão no esforço de reconstruir, reagrupar, organizar um conjunto de discursos, de estratégias e de práticas relacionado com a educação do corpo no processo de urbanização.

Referente ao material documental, escolhemos fontes de naturezas diversas. Utilizamos os jornais como fonte mais numerosa e selecionamos os diários: *República*,<sup>11</sup> *O Dia*,<sup>12</sup> *O Estado*<sup>13</sup> e *O Clarão*<sup>14</sup>

---

<sup>8</sup>Conferir Andrade (1981) e Ramos (1986).

<sup>9</sup>Políticas autoritárias de regimes ditatoriais, inspiradas pelos movimentos de (re)democratização do país, segundo Manhães (2002).

<sup>10</sup>Para este tema sobre a valorização e o desenvolvimento do esporte escolar, da ginástica e do civismo, ou dos modos de educabilidade para o corpo republicano, ver os trabalhos de Vago (1999), Moreno (2001), Linhales (2006) e Melo (2001).

<sup>11</sup>O jornal *República* circulou com interrupções entre 1889-1930 e tem suas publicações marcadas por disputas de poder entre republicanos e federalistas e, depois, por conflitos internos do Partido Republicano, entre Hercílio Luz e Felipe Schmidt, ficando na defesa da ala hercilista.

<sup>12</sup>Publicado ininterruptamente entre 1901 e 1918, sob liderança de Felipe Schmidt. Tanto *O Dia*, porta-voz republicano, quanto o *República* (09/1918 a 12/1934) passaram por diferentes fases ao longo de suas histórias. A trajetória mais curiosa foi a do *República*, que nasceu e viveu como folha republicana até outubro de 1930 e depois, dirigida por Nereu Ramos, tornou-se órgão da Aliança Liberal até o seu fechamento, em 1934.

<sup>13</sup>Publicado a partir de 1915 até os dias atuais, declarou-se independente, mas havia adesão aos governos da ocasião. Foi o instrumento privilegiado da esfera pública burguesa e divulgou intensamente as transformações do espaço público da cidade bem como o modo de vida florianopolitano.

<sup>14</sup>Reconhecido como um jornal que tecia fortes críticas à Igreja Católica, circulou entre 1911 e 1918.



que correspondem ao período republicano; e os jornais *O Argos*,<sup>15</sup> *O Despertador*<sup>16</sup> e *Regeneração*<sup>17</sup> referentes ao período imperial ou de transição. Trabalhamos também com jornais<sup>18</sup> de menor expressão e filiados a pequenas organizações literárias, culturais e políticas. Consta também, no nosso corpo de fontes, a *Revista Illustrada*,<sup>19</sup> a revista *Olho*<sup>20</sup> e os relatórios de governo. Por fim, trabalhamos com fontes literárias, como algumas obras de Virgílio Várzea e Cruz e Souza, e também com relatos de viajantes estrangeiros que contribuíram com a história de Santa Catarina.

Nosso trabalho se organizou em quatro capítulos principais. Contando a introdução como o primeiro capítulo, os itens seguintes não privilegiam uma cronologia dos fatos e das fontes. Dentro do nosso recorte temporal, os capítulos respeitam o tema de um trato do corpo em uma certa época da cidade de Florianópolis. Isso implica considerar a afirmação de que os temas esporte e educação do corpo participaram da organização urbana, quando eles se tornaram parte das forças atuantes no contexto.

O segundo capítulo começa contando sobre uma denúncia dos banhos de mar na ilha, afirmando sua proibição, seu caráter escandaloso e o distanciamento das práticas balneares. Termina com a imagem de um hidroavião pousando na Baía Sul e com o cronista anunciando a presença de um ar moderno e cosmopolita na cidade. O foco está sobre a

---

<sup>15</sup>Publicado entre 1856 e 1861, foi o primeiro diário catarinense. Oferecia apoio ao Partido Progressista, que unia antigos conservadores e alguns liberais.

<sup>16</sup>Circulou entre 1863 e 1885 com publicação bissemanal e caracterizava-se, junto com o jornal *O Argos*, como um dos principais jornais da segunda metade do século XIX em Desterro.

<sup>17</sup>Teve publicações interrompidas entre os anos de 1868 e 1889 e era órgão oficial do Partido Liberal. Trabalhou fortemente na campanha abolicionista.

<sup>18</sup>Jornais de publicação curta e ou intermitente, com quatro páginas. São eles: *A Luz* (1896), *A Época* (1910-1911), *A Esperança* (1917), *O Elegante* (1923 e 1925), *O Eco* (1914), *A Página* (1900), *Polyanthea* (1889),

<sup>19</sup>Com publicações intermitentes nos anos de 1908 e, depois, entre os anos de 1919 e 1923, a revista estava aberta às colaborações científicas, literárias e artísticas. Trabalhou na divulgação imagética da cidade e de suas personalidades notadamente do setor político.

<sup>20</sup>Publicada no ano de 1916 como *semanário ilustrado*, depois continuando como revista *A Phenix* (1916), encampou um discurso de regeneração do meio cultural apostando nas crônicas, poesias, imagens literárias e menos na linguagem visual.

possibilidade de contar uma história da cidade de Florianópolis entrelaçando os temas urbanização, modernização e educação do corpo.

O terceiro capítulo problematiza a ascendência da visibilidade do corpo perante a configuração de uma cultura urbana em Florianópolis. Aqui apostamos em um movimento de ampliação das práticas de sociabilidade dos salões de baile em direção à orla da praia. Essa visibilidade do corpo à beira-mar é impulsionada por diferentes fatores que apresentam o remo como uma prática esportiva de estrutura pedagógica modelar da modernidade pretendida em Florianópolis.

No quarto e último capítulo nos aprofundamos na inserção do remo na cultura de divertimentos urbanos da Capital e demonstramos como ele participou de movimentos de rupturas e reordenamentos de hábitos e valores em relação à visibilidade do corpo e do litoral. Ou seja, tentamos desenvolver o argumento de que o remo, em um plano específico, veiculou ou acelerou um modo de uso do mar relacionado com a modernidade, a higiene e os esportes; e, em um plano geral, serviu à construção de uma nova imagem do corpo no contexto deste estudo. A partir disso, ensaiamos discutir como esses movimentos influenciaram o debate sobre a correlação do domínio da natureza externa (o mar) e o domínio da natureza interna (esporte) e a transformação de ambos em objetos de contemplação e fruição no processo de modernização da cidade.

Esta tese demandou duas reorientações das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas para a apresentação da versão final. A primeira é que as notas de rodapé têm dupla função: foram utilizadas como notas explicativas, apresentando informações complementares ao texto, forma habitualmente usada; e, também, notas de referências apresentando as nossas fontes documentais. O motivo é estético e, sobretudo, uma facilitação na consulta e conferência das informações apresentadas no texto. A segunda reorientação diz respeito às imagens. Indicamos como fonte os trabalhos de Sartori (2013), Santos (2009), Moreira (2013) e Gerlach (2010, 2015). Nesses casos, notadamente em Gerlach, os autores se valem de um acervo de imagens provenientes de diversos arquivos pessoais e outros tantos arquivos públicos que, por vezes, não estavam no Estado de Santa Catarina. Por esse motivo, decidimos indicar como fonte esses autores que organizaram, selecionaram e publicaram as imagens.

E, por fim, para a fluência da leitura, optamos usar aspas seguidas de nota de rodapé de referência para citação direta de sentenças curtas e expressões retiradas das fontes.

## 2 O QUE PODE A CIDADE DIZER AO CORPO: A EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS E O DESENVOLVIMENTO URBANO EM FLORIANÓPOLIS NA PASSAGEM DOS SÉCULOS XIX-XX

No centro desse mundo de coisas está o mais onírico dos seus objetos, a própria cidade de Paris. Mas somente a revolta desvenda inteiramente o seu rosto surrealista (ruas desertas, em que a decisão é ditada por apitos e tiros). E nenhum rosto é tão surrealista quanto o rosto verdadeiro de uma cidade (BENJAMIN, 1987, p. 26)

Certamente não lemos a Paris, de Walter Benjamin, tentando encontrar Florianópolis. E nem o inverso. Usamos a constituição da imagem da cidade e sua implicação na subjetividade dos seus habitantes para discutir o que acontece com Desterro no processo de gerar Florianópolis. Em outras palavras, como essa ilha toma para si a tarefa de se modernizar e como isso se relacionou com as dinâmicas internas da cidade. Sendo, ou não, o conteúdo dessa epígrafe – que faz alusão a esse objeto revolucionário que é a cidade de Paris dos anos 1920 – próximo da Florianópolis do início do século XX, o que nos interessa como reflexão é a tomada da cidade como objeto extraordinário e a mirada sobre suas ruas, monumentos, construções, lugares e pessoas como fonte para compreender os fragmentos da modernidade que essa cidade viveu, ou sonhou. Então, nesse sentido, toda cidade que se repensou a partir de outras realidades, distantes ou não da sua, colocou-se nesse movimento de energias em êxtase do início do século XX, amplamente visíveis nas metrópoles.

No texto de Walter Benjamin, aludido pela epígrafe, cravado pela sua crítica cultural em torno da sua experiência intelectual e urbana, há um convite para pensar a nova *fisignomia* urbana dominada pelos sonhos da ciência, da técnica e dos anúncios publicitários. O verdadeiro rosto, a fisionomia de uma metrópole, a subjetividade de uma cidade, Paris, como palco de fortes experiências de reformas e deslocamentos subjetivos, ofereceram, com as reformas haussmanianas, a aparência surrealista da cidade mobilizando o espaço da rua e do exterior, a multidão e o choque, os desideratos da experiência de uma nova constituição identitária. O rosto verdadeiro de uma cidade encontra os olhos do *flâneur*, esse olhar que transcende às correspondências entre as figuras, os espaços e as práticas. Encontrar o verdadeiro rosto de uma cidade demanda montagem, colagem, coleção de tantos outros rostos,

tempos, espaços e acontecimentos; demanda a sobreposição de imagens contrárias que expressem tanto o domínio do homem sobre a natureza quanto do conflito, dos múltiplos e contrastantes discursos e imagens. As ruas, as praças, a mercadoria, as pessoas são ilustrações do que a cidade foi e é.

A Paris de Baudelaire – e a Paris lida por Benjamin pelas palavras do poeta – é mítica e fantasmagórica. A Capital do século XIX constitui-se paradigma da cidade moderna. Modelar e ressoante, ela é espaço e tempo da realização da modernidade e, como objeto onírico, foi incansavelmente capturada pelo gesto da pena e pela forma do concreto, quer dizer, “[...] pela força das representações construídas sobre a cidade, seja sob a forma de uma vasta produção literária, seja pela projeção urbanística dos seus projetos, personificados no que se chamaria o ‘haussmanismo’” (PESAVENTO, 1999, p. 31). Essa Paris, cidade que ressoa ao mundo porque não tem mais muralhas, e nem mais os limites e significados de espaço das cidades dos séculos XVII-XVIII, é a Capital do mundo e, desde o século XIX, é atravessada por passagens, galerias e largas avenidas, abrigando em sua atmosfera a figura do *flâneur* oferecendo-lhe a chance de se perder em deambulações.

Ao cenário citadino, às ruas e à sua arquitetura, essa realidade material impregnada de um sentido de fixidez que dá à cidade um contorno, um traçado, uma morfologia, cruzamos imagens e discursos que contam histórias das forças sociais que preencheram os espaços. Em uma das buscas que realizamos pelos arquivos da cidade de Florianópolis, deparamo-nos com uma foto que, a nosso ver, continha a força de um fragmento que pode indagar o imaginário e a sensibilidade urbana em uma determinada época. O que essa imagem poderia contar sobre as condições que possibilitaram que uma cidade como Florianópolis, na saída do século XIX, produzisse um evento com tal recepção?

Figura 1 – Regata na Baía Norte por volta de 1900



Fonte: Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina (IHGSC).

Os dados da ficha cadastral dessa foto, localizada no IHGSC, anunciam que ela pertenceu aos arquivos pessoais da família Boiteaux e que sua data provável é 1900. No registro da imagem consta *Regata na Baía Norte, sem identificação dos atletas*. Não há nenhum outro dado, nota, dedicatória de retrato ou sinal que identifiquem as pessoas, o dia, o evento. Essa imagem foi também utilizada por Sartori (2013). Em suas referências, registrava que se tratava de uma regata na Baía Sul com integrantes do Clube Náutico Martinelli, na década de 1920.

Há três embarcações na foto. Na maior, está escrito nas boias “Rio de Janeiro” e, na pequena embarcação, em primeiro plano, pode ser lido “Barreiros”. Há um homem que exhibe uma garrafa de bebida num gesto claro de brinde e de comemoração. Outro segura um binóculo que denuncia sua qualidade de espectador e sua atitude de olhar em detalhes a corrida náutica. É notável a participação de mulheres, jovens ou senhoras, e crianças nessa festividade. Percebe-se também a variedade de vestimentas e adornos, chapéus, sapatos, relógios, gravatas, rendas, bordados, saias, camisas e vestidos de botões e o uniforme, no caso, dos remadores. No uniforme está gravado o tema de uma âncora transpassada por cordas, símbolo de escolas navais e também de clubes de remo. Os gestos nos contam que todos posam para a foto demonstrando, com suas expressões no ato do registro fotográfico, que estavam à vontade e também o desejo de eternizar sentimentos, sensações e posturas provocados por aquele evento, já que ser

fotografado era sinônimo de distinção. Impressionam-nos tanto os sorrisos (ou a ausência deles) quanto a técnica da captura da imagem no seu instantâneo, o *clichê*: no lugar das poses demoradas, da imobilidade e da contenção dos gestos, a celebração da experiência com o movimento.

No Arquivo José Boiteux<sup>21</sup> há, entre outros tantos documentos, cartas, escritos autobiográficos, recortes de jornais, bilhetes e fotografias tiradas por ele mesmo quando caminhava pela sua cidade capturando e colecionando cenas de ruas, casas e praças na transição entre os séculos XIX-XX. O seu filho, Henrique Boiteux, foi redator da página de esportes do jornal *República*, participou das regatas, como organizador e remador, e contribuiu com a discussão do que seria a configuração de um cenário esportivo em Florianópolis no início do século XX.

Apesar de as imprecisões do registro fotográfico impedirem formulações mais assertivas, ainda assim se pode perguntar: quais elaborações culturais e sociais estavam em curso e que possibilitaram esse tipo de encontro e socialização à beira-mar (com as mulheres, com os atletas, com o fotógrafo, com os condutores de barcos, com os negros)? Exploramos o potencial dessa foto para nos contar algo além da sua significação imediata e nos contar sobre uma história que aparenta ser mais abrangente do que aquela imagem enquadra. Sim, é uma cativante foto de uma comemoração esportiva no início do século XX, isso é a coisa dita, mas podemos fazer daquelas expressões, dos gestos, dos símbolos e até mesmo do ato do registro fotográfico um traço alegórico para dizer de um microfragmento da cidade, no sentido de Walter Benjamin, uma vez que é ela uma espécie de documento que possibilita indagar as formas de uma dada experiência do passado.

Perguntar é construir caminhos; responder pode ser um exercício de abrir e fechar portas. A porta a adentrar, segundo Bresciani (1993), na sua orientação para os estudos das cidades, é aquela que se abre para o problema da educação dos sentidos na sociedade moderna. A procura pelos significados produzidos no passado sobre as práticas de sociabilidade e esporte à beira-mar aponta a cidade como o lugar de formação de uma nova sensibilidade que faz contraste e oposição ao

---

<sup>21</sup>José Arthur Boiteux dá nome hoje ao arquivo da sede do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina. Ocupou as funções de historiador e advogado e, de presença contumaz nas instituições intelectuais e políticas do Estado, é considerado um dos idealizadores do ensino superior em Santa Catarina. Participou do órgão diretor da Federação Catarinense de Remo, em 1920, como presidente honorário.

meio rural. Num cuidadoso exercício de enxergar aquela imagem da regata (Figura 1), podemos identificar as potencialidades dessa formação. Temos ali a própria imagem, a fotografia como produto da tecnologia moderna, responsável por dar materialidade a um momento. Temos também essa visualidade do corpo e da sensação de alegria produzida pelos festejos a céu aberto, essa pequena multidão exibida que se apinha uns contra os outros e preenche todos os espaços dos barcos e, ainda sim, deixa escapar um sentido de mobilidade e circulação: quem são? Como chegaram ali? Que relações estabelecem entre si? Qual é a rota daqueles barcos? Por fim, o próprio motivo dessa reunião, o festejo de um páreo náutico, esse esporte de domínio da força e de exibição da velocidade e controle – sobre o corpo e sobre o meio, o mar, a água.

Esses elementos conformam uma cena da cidade de Florianópolis nos idos iniciais do século XX. Essa produção cultural sobre a cidade, que se mede pela ruptura com o passado, constitui uma cultura urbana em articulação com processos mais amplos, por exemplo, os novos parâmetros da produção fabril, a organização política do Estado Nação e a ascensão da burguesia como classe social. Se por modernidade podemos entender que o que está em questão é menos um período histórico demarcado e mais uma mudança na experiência, como sugere Gunning (2004), temos aí uma circularidade de valores e formas de vida que coloca novamente Florianópolis na rota daquilo que imanava das grandes metrópoles mundiais. A tarefa não é encontrar o espírito das grandes cidades nessa Ilha-Capital, mas ver como em situações diferenciadas se desenvolveram as percepções da ambiência da cidade moderna. Se quisermos procurar e elaborar como essa imagem se insere num universo de práticas de uma nova urbanidade em construção ou, como alega Hansen (2004, p. 409),

[...] se quisermos compreender o que houve de radicalmente novo e diferente na modernidade do século XX, temos também de reconstruir o apelo libertador do ‘moderno’ para um público de massa – um público que era em si mesmo, tanto um produto quanto uma vítima do processo de modernização.

Não vamos estabelecer parâmetros de “público de massa” para a cidade que nos anos de 1900 contava com uma população de pouco mais de 32 mil habitantes. Trata-se de captar sensibilidades e percepções

das mudanças em curso em particularidades locais. Dessa forma, além de uma fotografia de uma regata, o que mais o esporte dividiu com a cidade de Florianópolis?

O processo de modernização da cidade de Florianópolis teve o esporte como uma das suas expressões, e sua singularidade se evidencia na natureza dessa prática que possibilitou uma imagem da cidade a partir de uma nova representação do mar. Além disso, o remo colabora na produção de uma sensibilidade voltada ao uso do mar porque produz uma nova rede de práticas de sociabilidades e também porque ele se coloca como construtor de um incipiente campo esportivo em Florianópolis.

## 2.1 “VIVA O SR. ESTEVES JUNIOR QUE NÃO DEIXOU ENCAIXAR-LHE O ARTIGO 87”: ALGUMAS CENAS DA ILHA-CAPITAL

O título acima é um fragmento de um artigo<sup>22</sup> já conhecido por historiadores catarinenses que se dedicaram a compreender a cidade de Florianópolis. Trata-se de uma publicação a pedido, lançada no jornal *O Argos*, de 1857, originada de um relato de uma testemunha que presenciou a atitude de quatro pessoas que foram se lavar na Praia de Fora<sup>23</sup> e que foram advertidas pelo inspetor do quarteirão sob a pena do art. 87, do Código de Posturas Municipais, que “proibia semelhante abuso”. Cabral (1979a, p. 178) comenta que, nesse “abuso”, a questão não era somente fazer uso das águas. Esclarece que o tal artigo proibia quem nu se mostrasse nas praias e fontes da cidade, todavia essa nudez não significava estar sem roupas e, sim, portar trajes sumários. Era uma questão de moralidade pública, certamente, mas também de higiene, pois, banhos de mar na cidade de Desterro, em 1857, “[...] só quem fosse maluco ou muito corajoso se arriscava, [afinal], praia não era lugar de passeio e nem de gente” ( p. 177).

Cabral (1979a) e Ferreira (1994), que já trataram do artigo como fonte para suas pesquisas, enfatizam o caráter inovador do gesto inusitado com o mar, no qual o protagonista foi Antônio Justiniano Esteves Junior, filho do administrador da Fazenda Provincial. Essa firmeza de espírito, em forma de coragem ou de falta de juízo, possibilita rastrear os preceitos dessa nova moral que o filho de um conhecido político catarinense trouxe nesse gesto. Ferreira (1994) o

<sup>22</sup> VIVA a nossa policia. *O Argos*, Desterro, p. 2, 20 fev. 1857.

<sup>23</sup> Trecho de praia localizada na atual Beira-Mar Norte.



considera “revolucionador”, afinal, era fevereiro, sol a pino, Esteves Junior tinha 25 anos e, desde os 13, morara no Rio de Janeiro, cidade na qual os banhos de mar já eram praticados. Parece que Esteves Junior – que atualmente batiza a praça do local do seu delito em frente ao mar e a rua que antes era a única ligação da Praia de Fora com o centro de Desterro – inaugura algo moderno.

Talvez banhar-se nas praias e fontes da cidade não fosse algo novo, mas a maneira como ele assim o fez parece ser a novidade. O artigo de 1857 diz mais do que isso. Ele conta de uma conjuntura existente na cidade de Desterro. A ênfase não é só sobre o banho no mar, mas na reação de recusa de Esteves Junior a obedecer a uma lei municipal que ordenava os usos dos espaços citadinos. O enfrentamento da autoridade parece indicar a existência de uma postura social que porta consigo uma nova relação com a cidade e seus símbolos. O jornal conta detalhes das ofensas proferidas ao inspetor de quarteirão, que logo após presta queixa do crime ao subdelegado, o qual, por sua vez,

[...] ordenou que o Inspetor retirasse a parte, e assim ficou impune o crime e o Sr. Esteves Junior habilitado a destratar outra vez, não só aquele Inspetor, como qualquer outro [...]. Ficou nossa Municipalidade sem a multa ao passo que por qualquer descuido aplicamos a pobre cidadão o ano do nascimento, e o põe a ver jurar testemunhas. Ainda haverá quem queira ser Inspetor de Quarteirão? Viva o Patronato! Viva o Sr. Esteves Junior que não deixou encaixar-lhe o Artigo 87 do nosso Código Municipal.<sup>24</sup>

Ironizando a postura ousada de um filho do patronato ou criticando a decisão do subdelegado em não punir o crime, a denúncia do artigo possibilita questionar se o tratamento diferenciado ao crime não indica uma tolerância, dada a origem de Esteves Junior, ou mesmo abertura a determinadas práticas que portam consigo o significado de novos desejos, novas sensibilidades ao espaço urbano, sobretudo, no caso de Desterro, dos divertimentos à beira-mar.

Dois anos mais tarde, outra nota de infração de postura. Em 1859, chegou ao jornal *O Argos*, por meio de “pessoas fidedignas residentes na Rua do Passeio e da Praia de Fora”, uma denúncia de que “[...] uns poucos moços menos refletidos alugam cavalos para passear, e por essas

<sup>24</sup>VIVA a nossa policia. **O Argos**, Desterro, p. 2, 20 fev. 1857.

ruas correm a rédea solta”.<sup>25</sup> Nesses dois casos, a atitude dos moços com seus banhos de mar e as cavalgadas à beira-mar, ambos no bairro aristocrático da cidade, pode indicar a produção de algo novo que se torna visível nos fragmentos de discursos e de imagens dos episódios citadinos que contam os jornais. Esteves Junior, esse jovem “diferente de um pobre cidadão”, esteve envolvido com o movimento republicano<sup>26</sup> em Santa Catarina e, por esse motivo, estava ao lado de Raulino Horn, político e farmacêutico, que organizará mais tarde algumas regatas na cidade. Essas “pessoas fidedignas”, que reclamam outros usos dos seus bairros nobres, estão a anunciar um processo que já está lá, ganha espaço e segue produzindo outra experiência histórica, individual e coletiva, na cidade atrelada aos usos das águas e ao ativismo do corpo.

Desses dois eventos que, no desfecho de suas consequências, não cumpriram “o bom regime da sociedade”,<sup>27</sup> podemos perguntar o que se passa nessa Ilha-Capital em relação aos usos do mar, às práticas de divertimentos, à visibilidade do corpo, à produção dos costumes e, por que não indagar a forte necessidade de reafirmar a lei? O que essas denúncias estão a clamar é “[...] que as leis e posturas tenham inteira execução [...] e que a ninguém é dado dispensá-las, sem cometer grave falta”.<sup>28</sup> O fato de os dois eventos não receberem a justa aplicação da lei abre margem para tensionar momentos de amálgama de tempos, ou seja, quando os centros de tradição se confrontam e coexistem com novas práticas. Tais eventos receberam alguma atenção por se diferenciarem do que antes estava colocado como “bom regime da sociedade”. Os divertimentos à beira-mar que desnudam a visibilidade do corpo são eventos resultantes de um processo histórico de construção simbólica do litoral como paisagem, conforme argumenta Corbin (1989) e como notaremos mais adiante em Várzea (1984), na sua produção do mito da ilha ligado às impressões paisagísticas da Capital.

Quando olhamos a imagem do século XIX, da praia ao lado do antigo mercado público (Figura 2), conhecida como a praia do “Vai Quem Quer”, entendemos que não era mesmo ali o lugar dos banhos ou das cavalgadas.

---

<sup>25</sup>INFRAÇÃO de posturas. **O Argos**, Desterro, 8 nov. 1859. Notícias, p. 2.

<sup>26</sup>Consultar Meirinho (1989).

<sup>27</sup>INFRAÇÃO de posturas. **O Argos**, Desterro, 8 nov. 1859. Notícias, p. 2.

<sup>28</sup>INFRAÇÃO de posturas. **O Argos**, Desterro, 8 nov. 1859. Notícias, p. 2.

Figura 2 – A praia e o mercado na década de 1880



Fonte: Site Velho Bruxo.<sup>29</sup>

Atualmente essa área corresponde à Praça Fernando Machado, em frente à Praça XV de Novembro. Pode-se localizar na foto, ao fundo, a torre da atual Casa da Alfândega e reconhecemos ainda tanto as linhas arquitetônicas de algumas construções quanto a permanência das atividades desse local. Essa praia era o lugar do comércio, das trocas, do trânsito, dos trabalhadores, da chegada dos gêneros comestíveis, do peixe, da carne. Localizada no Largo da Matriz, essa praia era o lugar mesmo do desasseio, “[...] daquela coisa que pelo cheiro se conhece” (CABRAL, 1979a, p. 172). Não há ninguém em trajes sumários, só uns poucos de calças arregaçadas e pés no chão.

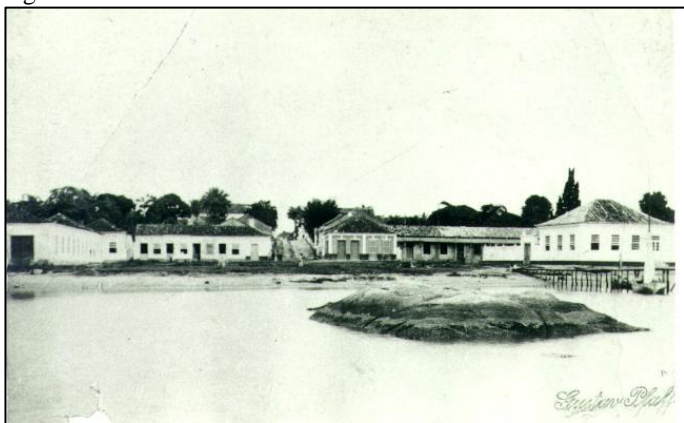
O estado desse lugar, que dividia o poder simbólico com o prédio da Câmara, situado no mesmo largo, refletia, de certa maneira, uma condição geral do centro da cidade de Desterro, e esse foi um debate que Cabral (1979a, p. 173) apresentou, em comparação com outras cidades, como o Rio de Janeiro, Recife, São Luís, São Paulo e Salvador, como uma causa do “lentíssimo progresso” e da “população arredia, desconfiada e bruta”, diferente das outras cidades, “todas elas metrópoles ricas, desfrutando de rendas excelentes”. Apesar de Nossa

<sup>29</sup>Disponível em: <<http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/FotoAntigas/Album005/imagens/Centro%20Mercado%20Publico%20da%20Praca%20XV%20construido%20em%201851%20e%20demolido%201896.JPG.jpg>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

Senhora do Desterro ter seguido nos rumos das reformas urbanistas do século XX, “[...] o seu tempo era outro e, caso ela tivesse conseguido resolver, naquele época, seus problemas de condição urbanística, teria vivido fora do século” (p. 174).

A Praia de Fora, que foi o lugar das infrações de condutas, era o bairro das chácaras, zonas de expansão da cidade, de ar aristocrático (Figura 3). Era o lugar do refúgio “[...] dessa gente que vivia no Centro, presa entre quatro paredes, suportando o mau cheiro das ruas e dos quintais, apanhando raramente um pouco de sol” (CABRAL, 1979a, p. 261).

Figura 3 – Vista da Praia de Fora no final século XIX



Fonte: Casa da Memória.

Essa é a antiga localização da atual Praça Esteves Júnior, onde existiu, até meados do século XIX, o Forte de São Francisco Xavier. Era o lugar do passeio e da contemplação, “[...] com quarteirões cobertos de árvores, servidos de boas casas, nem sempre requintadas, mas sempre confortáveis e amplas, que serviam ora como morada de verão, em dias normais, ora como abrigo, em tempos de pandemia” (CABRAL, 1979a, p. 263). É essa contraposição de paisagens, estruturas, experiências dentro da mesma cidade que faz com que forças diferentes impulsionem leituras de crítica à sua organização e tornem visíveis as intolerâncias com a sujeira e o atraso. Em um artigo de 1861, um escritor que dizia pensar no estado de coisas da Província de Santa Catarina nas suas horas de ócio, escreve:

Não há em todo o litoral da provincia estradas que deem cômodo trãnsito em qualquer ocasião aos viajantes; na capital não há uma fonte de água potável para uso da população; não há edificio público provincial comprecisas comodidades [...]. Ninguem dirá que um tal estado de atraso é devido a falta de meios pecuniários, e se houver quem pretenda afirmá-lo, temos a opor-lhe o fato de haver dinheiro para emprestar-se a uma associação particular [...]. Assimia tudo nos anos anteriores à 1860. Daí para cá, tem-se cuidado de mudanças; veremos se o novo presidente toma a peito tratar dos melhoramentos mais urgentes de que tanto precisa a provincia.<sup>30</sup>

Os jornais trazem volumosas reclamações contra o estado da cidade que, segundo Cabral (1979a, p. 174), excede em importância quando o assunto é a limpeza pública. É ainda no palco da Praia de Fora que chega mais uma notícia, levada ao jornal pelos moradores do bairro, acusando o desrespeito às leis por permitir que um curtume, ali instalado, exerça suas atividades comerciais: “[...] portanto convém a comodidade e higiene da cidade que se trate de dar execução à postura”.<sup>31</sup> Logo um curtume perto da praia! Atividade que exige boa quantidade de água e local para escape dos líquidos residuais malcheirosos provenientes do tratamento do couro.

O banho de mar, as cavalgadas, a proibição do curtume em nome da comodidade e higiene também vão compondo uma maneira de estar na cidade ou, dito de outra forma, uma forma civilizada de habitá-la. Isso se expressa também nos detalhes das ações individuais ou de pequenos grupos sociais conectados a outros contextos culturais e vai abrindo caminho para modificações na estrutura da cidade porque a sensibilidade já está em curso de mudança. Assim, não é fortuito o reclame, por exemplo, por melhorias no traçado da cidade. Em uma capital,

[...] que não é das menos frequentadas pelos estrangeiros e nacionais [...] é, portanto, a Câmara que tem o dever de providenciar para que o público não tenha falta daquelas comodidades para as quais contribui anualmente [...] porque a

<sup>30</sup> A HORA do ócio. **O Argos**, Desterro, 14 nov. 1861. Comunicado, p. 2.

<sup>31</sup> OUÇA, Sr. Fiscal!. **O Argos**, Desterro, 19 jun. 1860. Notícias, p. 1.

maior parte das ruas estão esburacadas, o que obstrui o seu livre trânsito, se não quiser alguém expor-se ao risco de quebrar as pernas ou braços, e mesmo perder a existência debaixo de um tylburi ou carro.<sup>32</sup>

As antigas referências da ambiência da cidade vão sendo questionadas e desmontadas compondo uma força que participa de uma nova organização urbana, fazendo aparecer certos personagens que reclamam outros usos dos espaços e novas sociabilidades. Não é que o banho de mar de Esteves Júnior tenha inaugurado uma nova época, até porque é de se duvidar que banhos já não ocorressem nas fontes e praias da cidade,<sup>33</sup> mas o evento está imerso em um contexto que parece exigir alguma inflexão histórica em torno das relações, até então traçadas entre a paisagem urbana, o habitante da cidade e o litoral. É assim o argumento de um artigo do jornal *O Argos* que expõe o seguinte:

Quem chegará nossa capital, e quiser espairer, dando um passeio pela cidade, dirá consigo: grande o desleixo da Câmara Municipal; muito desmazelados são os seus empregados! Desde o ponto do desembarque, que quase sempre é no Trapiche, começa a fazer logo essa ideia pelo *elegante* quadro que lhe apresenta o largo do palácio do governo da província – uma multidão de cavalos, e cabras a pastarem [...] ruas pouco limpas e muito esburacadas.<sup>34</sup>

Não duvidamos de que isso seria uma crítica direta ao novo governo de Nossa Senhora do Desterro. Apesar dessa fala encomendada aos políticos da Capital, o artigo deixa ver uma cena: a vontade de espairer e de passear na cidade. É verdade, havia sujeira, mas havia

---

<sup>32</sup>DESCUIDOS da municipalidade. **O Argos**, Desterro. 31 jan. 1860. Notícias, p. 1.

Tylburi e carro se referem a tipos de carroças puxadas por um cavalo, no primeiro caso, e dois ou mais, no segundo.

<sup>33</sup>Como é o caso de uma nota de falecimento divulgada no jornal *O Despertador* onde dizia: “[...] apareceu na praia do mercado o cadáver de um menor, de cor preta, o qual perecera afogado na véspera, por ocasião de banhar-se com outros meninos. A polícia tomou conhecimento do fato”. AFOGADO. **O Despertador**, Desterro, p. 1, 6 fev. 1884.

<sup>34</sup>CUSTAR a crêr, mas é real. **O Argos**, Desterro, p.3, 26 nov. 1859.

também a intolerância a ela e o desejo relacionado com a produção sinestésica, com a sensorialidade ao meio urbano. Essa cidade, com graves problemas de higiene pública, expressa também sua preocupação com os usos do mar, com a organização das ruas e com os costumes e divertimentos. Percorrem-se quase 80 anos para que o mesmo gesto de lavar-se no mar ganhe outros significados e demandas, como em 1932, quando o columnista pergunta o que se passa “pelos nossas praias de banhos”:

Os banhistas de ambos os sexos, que ali vão atenuar os rigores da estação [...] têm sido importunados por alguns remadores de clubes náuticos. Isso perturba a tranquilidade dos nadadores. Cremos que o sr. Delegado de Polícia da Capital deverá mandar fazer o policiamento de toda a linha da praia, para evitar ali os abusos que acusamos.<sup>35</sup>

Alguns poucos anos depois, as vozes da moral e bons costumes anunciavam outras posturas a serem praticadas à beira-mar: “Os banhistas semi-nus atravessavam as ruas... com uma pequena tanga, à altura das ancas. Nada mais... As praias de banho são de utilidade pública. Não devem servir de motivos para escândalos, que perturbem o decoro urbano”.<sup>36</sup>

Exposição do corpo, remodelação de costumes e usos do mar; desejo pelas sensações advindas do contato com a água, Código de Posturas, novos significados para espaços urbanos; (in)tolerâncias do olhar sobre o corpo, aceitação e diversificação de práticas esportivas e de lazer urbanos próximo às praias. Interroguemos alguns os fatos pensando em representações do corpo e dos costumes. Então, considerando esse recorte de aproximadamente 80 anos, quais foram as condições que possibilitaram essa mudança e visibilidade das práticas de esporte e divertimento à beira-mar na cidade de Florianópolis? Quais são os fatores que contribuíram para a mudança de visão sobre a exposição do corpo em relação aos processos de urbanização e à modernização pelos quais a cidade passou?

Estamos a provocar os fatos sob os processos de educação da sensibilidade que acontecem no meio urbano. Na transição entre os séculos XIX e XX, a cidade de Florianópolis, em compasso com as

<sup>35</sup> PELAS nossas praias de banhos. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 13 jan. 1932.

<sup>36</sup> CAMPANHA pelos sem camisas. **O Estado**, Florianópolis, p.6, 2 jan. 1937.

práticas de uma racionalidade político-cultural do novo regime republicano brasileiro, vivenciava fragmentárias e sucessivas reformas urbanas. Sob os auspícios de um ideário de modernidade, as reformas fazem ver novos parâmetros de socialidade urbana; da estética dos prédios até modos de circulação, normas de habitações, higiene e usos do mar. A pretensão do desejo de ser moderno foi universal e ganhou ares singulares por onde se espalhou.

A recepção da modernidade por essa via singular foi, então, o que propiciou a reconfiguração de fenômenos socioculturais que emergiram desse processo e, certamente, o esporte é um deles. Em amplo sentido, são esforços que possibilitaram maneiras de ser e estar do indivíduo na cidade, pois a estruturação de uma urbanidade – por meio da arquitetura, da adoção de novos padrões estéticos, da arregimentação política, das novas leis e resoluções de higiene e das novas formas de sociabilidade e práticas de lazer e entretenimento – modifica a realidade física e material da cidade e, também, a subjetividade de seus habitantes e como lidaram com a reconfiguração dos espaços e seus signos.

Assim, qual foi, então, o caminho que a cidade de Desterro percorreu para, de um cenário desolador das praias, se tornar a Florianópolis que festeja competições esportivas à beira-mar? Ferreira (1998) ratifica que será somente na década de 1930 que o banho de mar irá se estabelecer na Ilha de Santa Catarina, mas ainda com necessidade de regulamentá-lo com pudor. Porém, antes de ele se estabelecer de fato, há um processo de uso da praia associado às reformas urbanas que coincide com episódios em que o esporte se coloca como uma força motriz e participa das redes de sociabilidade e da organização urbana. Como estamos a apontar, a produção disso passa pela entrada na modernidade que essa cidade negocia com a educação do corpo e as reformas urbanas. E, como Ilha-Capital, ela precisa levar em conta as suas relações históricas com a paisagem litorânea. Esse argumento participa da nossa hipótese anteriormente citada.

Assim, esse conjunto de temas, qual seja, a cidade, o esporte, a modernização, o mar e a paisagem, estão a exigir e a mobilizar a construção de uma nova sensorialidade ao corpo, seja no domínio do olhar para apreciar o belo, seja no domínio das novas formas de fruição da cidade e das suas práticas que se transformam. Apontamos para essa ideia da incorporação novos sentidos ou valores sociais associados ao mar, como paisagem, como lugar de práticas de divertimento e também como símbolo do domínio técnico sobre a natureza que pela engenharia se expressa na construção da ponte e, pelo corpo, com o remo.



Nesse sentido, em Nossa Senhora do Desterro, a produção de sua imagem como cidade vincula-se a essa invenção discursiva da paisagem.<sup>37</sup> O olhar dos navegadores e cientistas, que aqui aportaram entre os séculos XVIII e XIX, registrou não só o crescimento do povoamento da ilha, os interesses das potências econômicas da época, como França e Inglaterra, ou o interesse sobre essa localização como ponto estratégico de controle do Atlântico Sul, mas também reteve a sua beleza natural em ricas descrições paisagísticas. O que esses relatos de estrangeiros possibilitaram construir, o que mais tarde um movimento literário regionalista também fará, não é a descrição do espaço e do que nele contém; é a produção da paisagem, como escreve Sayão (2011), que envolve sensibilidades, técnicas e saberes historicamente situados. Dizer da apreciação da natureza é dizer das possibilidades de fabricação das representações a partir dos mecanismos de inteligibilidade que o homem dispõe. Apreciar, contemplar e exercer o desejo de conquista sobre o mundo natural ganhou um novo patamar, a partir do século XVIII, com a fabricação de novos instrumentos para sua observação, medidas e usos.

Sentimentos de medo e desconfiança, por exemplo, em relação ao mar,<sup>38</sup> vão cedendo espaço para experiências inéditas do corpo. Soares (2016) lembra com Corbin (2005) que a história das sensibilidades se produz em estreito laço com o modo de os seres humanos se relacionarem com a natureza e com as experiências e sensações dela advindas e que, à medida que novos sentidos, além da visão, são solicitados, o gesto de apreciação se torna polissensorial. Uma experiência polissensorial das forças da natureza.

Na década de 1960, o compositor Cláudio Alvim Barbosa compôs a música que se tornaria o Hino de Florianópolis, chamado *Rancho de Amor à Ilha*. O hino da cidade canta sobre “[...] um pedacinho de terra perdido no mar, beleza sem par, jamais a natureza reuniu tanta beleza, jamais algum poeta teve tanto a cantar”,<sup>39</sup> e essa imagem da Capital que chega ao anos 1960 já tinha as formas das crônicas e relatos sobre a paisagem construídas no século XIX. Além dos estrangeiros, compositores e outro tantos poetas, Virgílio Várzea, em seu livro financiado pelo Governo do Estado, intitulado *Santa*

---

<sup>37</sup> Consultar Sayão (2011) para uma revisão teórica sobre o conceito de paisagem como linguagem elaborada e como representação visual.

<sup>38</sup> Conferir comentários de Corbin (1989, p. 20-29) sobre a tradição literária que trata das temáticas de fúria e medo advindas da relação com os oceanos.

<sup>39</sup> Hino *Rancho de amor à Ilha*, de Cláudio Alvim Barbosa.

*Catarina: a ilha*, constrói uma imagem da Capital, transformando-a em paisagem literária. Sobre o livro, considerado parte de um movimento maior chamado de literatura regionalista, Sayão (2011, p. 121) aponta que:

A autenticidade do gênero regionalista está em sua representação das paisagens naturais e culturais de uma região em particular. A visualidade da paisagem apresenta-se, então, como símbolo primeiro da região. Por meio da paisagem a identidade local ganha consistência e autenticidade.

Pela relação paisagem e identidade, Várzea (1984) simboliza a singularidade de Florianópolis, a Ilha-Capital, enaltecendo a beleza das praias:

Poucos lugares no globo possuirão praias tão bonitas e de um desenho mais interessante e caprichoso como as da costacatarinense, tanto na Ilha como no continente. Brancas, de uma alvura reluzente ao sol, ou de um vago amarelo rebrilhante, abertas em curvas ou crescentes de um contorno suave, limitadas entre pontas numerosas ou pequenos promontórios de rocha, onde o mar brame em torvelinhos de espuma, em sítios desabrigados, ou preguiça mansamente em espelhações cor de anil nas enseadas em calma — essas praias deixam no espírito dos que as veem uma dessas impressões de natureza que raramente se extinguem. Os que conhecem a praia de Icaraí e outras da nossa bela Guanabara, a de Copacabana e a da Gávea, já batidas do Atlântico, recantos queridos e visitados frequentemente por *touristes* de toda espécie, nacionais ou estrangeiros, poderão idear mais ou menos as de Santa Catarina, muitas das quais aumentadas de encanto, talvez, pela solidão primitiva em que jazem e pelas linhas ondulosas dos cômodos desconhecidos aqui.

Na construção das paisagens com palavras, percebe-se a origem de referências tanto à cultura de matriz europeia, a figura do *touriste*,

quanto ao polo de recepção e difusão da modernidade brasileira, que foi a cidade do Rio de Janeiro. Na construção de lugares simbólicos, o espaço se preenche de memória, de sons, cores e odores, compondo também uma visualidade do meio natural que, segundo Sayão (2011), age na fabricação de homens e mulheres ligados na lida marítima e campesina. O habitante do litoral é retratado por Várzea (1984) como “muito sociável e dado a festas e divertimentos que raramente experimentam bisonharia ou tristeza”, e ainda, de “caráter tenaz e temerário e, sobretudo, com uma grande aptidão para o mar”. Esses traços vão alimentando o caráter da ilha e da população, dando a ver aspectos econômicos, sociais e paisagísticos e reforçando a construção de uma identidade regional perpassada pela relação com o mar.

A identificação da Ilha-Capital com sua paisagem marítima exprime um processo de construção simbólica do lugar da praia, que envolve uma complexa relação entre paisagem, como produção visual do espaço, e o contexto sociocultural em que foi inventada (SAYÃO, 2011). Expressões disso são, por exemplo, as reformas e transformações das construções e atividades da praia na região central de Desterro. Nos anos 1870, a reforma do trapiche ou, em 1896, a retirada do mercado da praça, “[...] abrindo vista para o mar, – e que vista! – com as praias menos sujas e fétidas se lembrou de aproveitar o local para o recreio das famílias” (CABRAL, 1979a, p. 182).

Portanto, recuperamos um jogo de imagens que se sobrepõem na cidade de Desterro que a aproximam do mar em sentidos polissêmicos: com comércio e o trabalho na praia em frente ao mercado, com o banho de mar e os divertimentos na Praia de Fora, com a apreciação da cidade como paisagem litorânea, com a recomendação terapêutica, com a intolerância à sujeira do centro urbano. Esse conjunto de fatos arrola a fabricação de novas atitudes com referência à natureza e seus usos. E a nova percepção do litoral envolve relações culturais do uso do corpo. É Corbin (2001, p. 27, tradução nossa) quem lembra que a noção de paisagem e o ato de apreciá-la demandam não só a visão, mas também o corpo inteiro. Assim, o exemplo da praia explica que

[...] a apreciação do panorama constituía o essencial, mas o contato da areia sob o pé nu, as cavalgadas sobre as margens arenosas da praia, a união do corpo e da água em plena natureza, a experiência nova da fusão com o elemento líquido, o afrontamento com a onda, ao mesmo tempo em que se exalta a transparência, tudo isso

faz com que a paisagem seja, rapidamente, associada a esta sinestesia [...].

Aqui vale lembrar uma cena da literatura de Várzea (2003), em *Mares e campos*, fortemente construída sobre o “despertar de uma fruição”, exemplo de eficácia e encanto do truque de construir imagens por meio de palavras (SAYÃO, 2011). Trata-se do conto *Miss Sarah* que, após ser diagnosticada com uma “constipaçãozinha que havia de passar”, é aconselhada pelo médico a “ir para o campo, andar ao sol, respirar o bom ar das montanhas” (VÁRZEA, 2003). Então seu pai, um inglês que morava na ilha, decide, sem perda de tempo, partir bem cedo num bote para Canasvieiras – “[...] o burguês que foi ao encontro do campo para fugir da cidade, no caso específico de Florianópolis acabou encontrando o mar” (FERREIRA, 1994, p. 60). Durante a viagem, que “percorreu costa a costa na aragem fresca do sul”, Miss Sarah se deliciara com

[...] espetáculo maravilhoso do sol, nascendo a leste, do seio do oceano, entre véus de bruma argenta, como um balão de nácar; o aspecto risonho e variado das paisagens litorais, densas e verdes, fugindo a um bordo; o correr das velas, cortando as ondas espumantes; a construção recolhida e humilde das alvas povoações mais antigas do mar [...]. O sol já ia alto, inundando tudo de ouro, quando o bote chegou à praia. Miss Sarah, agora mais alegre, sorria, sorvendo a longos haustos o ar oxigenado e puro dos campos (VÁRZEA, 1994).

Várzea continua dando detalhes da hospedagem, da proximidade com a natureza e da relação de Miss Sarah com a cura, que começara durante o trajeto, com a apreciação da paisagem. O que o escritor faz aqui é uma tradução das paisagens a partir de suas lembranças sensíveis (SAYÃO, 2011), deixando ver também a visualidade litorânea como um lugar introspectivo. Dito de outra forma, a praia, a partir de uma ótica burguesa, é um lugar que se quer civilizado. No conto *À beira-mar*, Várzea (2003) escreve:

O verão começava, e tudo em redor era inefável. No ar límpido e transparente, errava um aroma vivo e penetrante. Sentados sobre as pedras, ao

ruído das ondas espraçando-se em carícias murmuradas, batidas pela brisa do mar gemendo queixosamente por entre os ramos das árvores, que acenam docemente para as embarcações navegando ao longe — os três mantinham uma palração animada, olhando as casas da Praia de Fora, muito brancas, no recôncavo da costa, sob a claridade esmaçada da tarde; as colinas do Estreito, ondulando em planos sucessivos de esmeralda; a paisagem dos Coqueiros, fresca, saudosa e verde-negra, destacando sobre ouro, como linhas fugidias de um oásis. Perto, numa volta da estrada, para onde descem pastagens luxuriantes, lembrando os prados bizarros da Escócia na primavera, grupos coloridos de mocas e rapazes perpassavam alegremente, na frescura litoral da paisagem..

Sobre os banhos de mar, Corbin (1989) aponta que esse elemento líquido, enquanto elemento não dominado, é um lugar insubmisso que não conserva o vestígio da história humana e que a areia e a água apagam os signos da mesma forma que escapam aos planos. É num movimento paradoxal que se inscreve o desejo pelas praias. É preciso que se imponha o imperativo terapêutico de controle sobre os nervos e dos distúrbios da alma; é preciso que se acenda o desejo pelo vigor do corpo contra a água que o flagela. São dois movimentos de tensão: um é a mirada terapêutica, uma experiência inédita do corpo com a água; o outro é a experiência hedonista de fusão ou de afrontamento produzindo o desenho de um novo prazer, o estado polissensorial com as forças da natureza. Então, o banho de mar, primeiramente, foi legitimado como terapia corporal, sendo adotado aos poucos como atividade de lazer. Essa primeira configuração de tais práticas, ou o “ponto de passagem”, como registra Corbin (2005), inscreve um lugar privilegiado de observação da evolução e do entrelaçamento entre os sistemas de percepção, de apreciação e de emoções.

## 2.2 DE DESTERRO A FLORIANÓPOLIS: QUANDO A HISTÓRIA DO CORPO CORRE SUBTERRÂNEA À HISTÓRIA DA CIDADE

Em Zenóbia, descreve Calvino (2007), Marco Polo se surpreendeu com a extraordinária construção dessa cidade que, apesar

de estar em terreno seco, ergueu-se sobre altíssimas palafitas. Não se sabe se o que deu forma à cidade foi a necessidade, o mandamento, ou o desejo, mas ela surgiu das superposições ao indecifrável projeto inicial. Os habitantes de Zenóbia a consideram uma cidade feliz, ao que Marco Polo conclui que não faz sentido dividir as cidades nessas duas categorias, felizes ou infelizes, mas, sim, dividi-las entre aquelas que continuam, ao longo dos anos e das mutações, a dar forma aos desejos, e aquelas em que os desejos conseguem cancelar a cidade, ou são por elas cancelados.

O que o viajante nos faz pensar com suas aventuras nas cidades delgadas de Calvino é que, nesta circulação entre a produção da cidade e os desejos dos seus habitantes, há uma correspondência entre a constituição do espaço urbano e a mirada sobre o corpo “[...] como um conjunto de forças capaz de por em movimento determinações precisas, conter e reprimir desejos, preservar energia” (SOARES, 2000, p. 46). Na fabricação de novas atitudes, lugares e tempos, o alargamento do urbano na vida em sociedade delinea novos contornos para as relações entre cidade, corpo e natureza. A cidade é expressão da experiência moderna, tal qual a constituição de uma subjetividade humana atada aos seus ritmos e espaços também é. Portanto, se temos, a partir do século XVIII, transformações significativas no espaço urbano com elementos próprios da modernidade – luz elétrica, bondes, trens, parques, praças, galerias, ferro, vidro, todos esses alteram o modo de estar no mundo – demandando certo tipo de interpretação perceptiva desses signos e sinais, teremos também a demanda pela alteração da ação humana. Todo esse movimento se alinha um duplo aspecto, corpo e cidade, pois é na cidade que os sentidos são educados – e socialmente construídos – e, portanto, pela experiência urbana corre subterrânea a história inscrita no corpo pela educação dos gestos, dos hábitos inspirados nos princípios de higiene, saúde, beleza e eficiência, ou seja, do seu domínio.

Com narrativas voltadas para o progresso, a partir do século XVIII, ganham força as analogias entre corpo e cidade. Na percepção e usos dos espaços, ou na pedagogia do corpo, são comuns ideias que tratam de fluxo, circulação para se referirem à lógica de deslocamento urbano, ou mesmo o centro das cidades ser nomeado também de coração, assim como jardins de pulmões. Em mensagem de 1895, Hercílio Luz, pensando em como estabelecer melhores comunicações entre os municípios serranos do Estado e os portos, escreve:

As estradas são as artérias de um povo; – é por elas que o movimento e a vida se transmite; a

influência que exercem para o seu bem estar, prosperidade e defesa é sem contestação; constitui mesmo a mais poderosa alavanca para o reerguimento moral e material de uma nação.<sup>40</sup>

Na reorganização e expansão do centro urbano de Florianópolis, o alargamento das ruas, a ordenação dos espaços e da circulação, as medidas sanitárias, os procedimentos de ajardinamento e aformoseamento da cidade ganham lentamente força na virada dos séculos XIX-XX. Então, quais episódios da história oficial de modernização de Florianópolis nos contam sobre a história do corpo?

### **2.2.1 A cidade, o político, a modernidade e o poeta: entre o cosmopolita e o homem do litoral**

À tarde o aspecto é mais triste; e à noite, com a falta de iluminação a eletricidade ou a gás (o que é incompreensível hoje, em um centro que tanto tem progredido ultimamente), reina certa melancolia (VÁRZEA, 1984).

Que cidade é essa que Virgílio descreve como triste e melancólica? Ou onde estão ancoradas as referências do olhar desse escritor marinho que assim julga a já renomeada Florianópolis?<sup>41</sup> Algumas estatísticas<sup>42</sup> do período podem nos dizer algo. Em 1900, o município contava com 32.299 pessoas. Dessas, 13.474 estavam no centro urbano (com 7.070 declaradas alfabetizadas) e 18.825 fora do centro (3.419 declaradas alfabetizadas). Em 1920, a população saltou para 41.338 pessoas. Dessas, 20.000 habitavam no centro urbano e 12.283 eram alfabetizadas. Desses números assim expostos, vemos que o crescimento populacional do centro urbano, em 20 anos, foi de, mais ou menos, 7.000 pessoas.

Florianópolis, nos tempos de Virgílio Várzea, “Vista do mar, a cidade não impressiona bem aos que a visitam pela primeira vez [...]”

---

<sup>40</sup>BRASIL. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo de Santa Catarina pelo Dr. Hercílio Pedro da Luz. Florianópolis, 27 jul. 1895. p. 8. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u950/000008.html>>. Acesso em 23 nov. 2016.

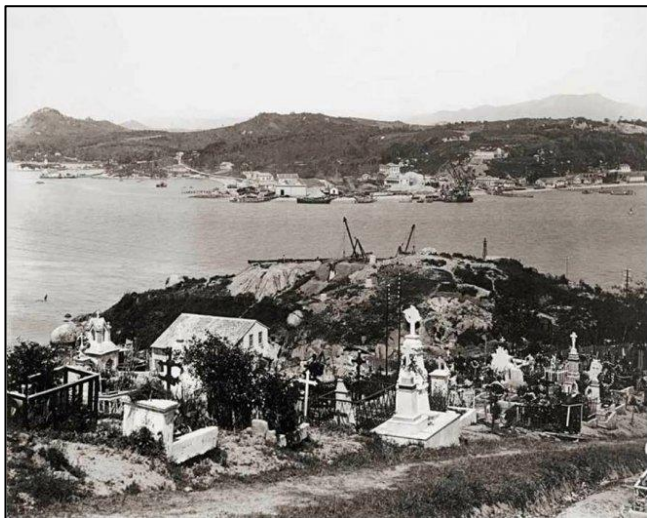
<sup>41</sup>Nossa Senhora do Desterro passa a se chamar Florianópolis em 1894.

<sup>42</sup>Fontes do IBGE e do Relatório Anual do Secretário Geral dos Negócios do Estado, citado por Araújo (1989).

(VÁRZEA, 1984), mas, na virada do século XIX-XX, nessa Ilha-Capital, o que exatamente não impressiona esse jovem escritor reconhecido retrospectivamente pela sua intimidade com temas relacionados com o mar? Por vezes, Virgílio volta seu olhar para as casinhas antigas com fundos virados para fora, de muros e quintalejos de tábuas e ripas, e para edifícios antigos no centro com a fachada de costas para o mar, “[...] este defeito, que de certo modo compromete a estética da cidade no seu primeiro aspecto impressionante, tem origem na maneira como ela foi edificada” (VÁRZEA, 1984).

Ele pontua ainda outros aspectos da cidade e de seus habitantes, como a situação do cemitério que empesteia e enfeia a formosa colina (Figuras 4 e 5), a fatal condenação da economia insular sem indústrias, o ignorante e indiferente governo da metrópole com o potencial da ilha e das regiões vizinhas para a agricultura e fábricas. Para esse prosador, a Capital evoca a tristeza naqueles que estão habituados às “cidades movimentadas e ruidosas” onde a vida, de dia ou de noite, nas ruas, cafés, teatros e *brasseries*, constitui “[...] diversão pública, saturando a atmosfera em volta do alvoroço e alegria” (VÁRZEA, 1984).

Figura 4 – Cemitério na cabeceira insular da Ponte Hercílio Luz antes de 1922

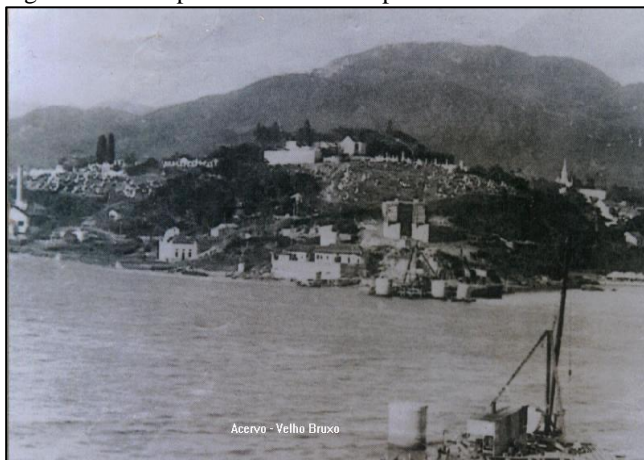


Fonte: Site Velho Bruxo.<sup>43</sup>

<sup>43</sup>Disponível em: <<http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/FotoAntigas/Album002/pages/Cemiterio%20existente%20na%20cabeceira%20insular%20>



Figura 5 – Vista para o cemitério na parte insular em 1923



Fonte: Site Velho Bruxo.<sup>44</sup>

Esse rápido sobrevoos pelas imagens de Florianópolis colhidas no olhar de Virgílio Várzea, em 1900, tem a intenção de nos abrir algumas referências sobre essa cartografia visual que ele descreve, bem como sobre a formação do sujeito do seu tempo. Se tudo era meio triste, pela falta de divertimento, de beleza ou de eletricidade, “coisa incompreensível para um centro que se desenvolveu” (VÁRZEA, 1984), isso não anuncia, necessariamente, só atraso e melancolia na cidade. Ao contrário, isso pode expressar um ideal cambaleante, produzido por comparação, da realidade sobre essa imagem da pequena ilha subtropical em vista de cidades movimentadas e ruidosas onde a vida é saturada de emoções contagiantes: o ver e o dizer de Virgílio são análises relativas às sensibilidades e percepções singulares e estão datados em um tempo lacunar, quando as certezas abolicionistas e as militâncias republicanas minguaram e os engajamentos modernistas não foram suficientemente visíveis (CHEREM, 2006). A perspectiva do olhar desse escritor ilumina uma época de uma cidade como ilumina a si mesmo:

---

da%20Ponte%20Hercilio%20Luz%20-20antes%20de%201922\_jpg.htm>.

Acesso em: 5 jul. 2016.

<sup>44</sup>Disponível em: <[http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/FotoAntigas/Album006/pages/6038%20-%20construcao%20da%20ponte%20hercilio%20luz%20ano%201923\\_jpg.htm](http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/FotoAntigas/Album006/pages/6038%20-%20construcao%20da%20ponte%20hercilio%20luz%20ano%201923_jpg.htm)>. Acesso em: 5 jul. 2016.

[...] a produção literária deste escritor também remete à experiência do homem moderno e urbano, mediano de posses e instrução que, reconhecendo-se como nascido na periferia, aspirava chegar ao centro, não pela abundância material e econômica, mas pela única via que lhe parecia possível: a da trajetória intelectual e artística. Através desta via, compatibilizada pelo grau de escolaridade e pelo alcance das sociabilidades, alguns nomes chegaram, não apenas ao circuito do jornalismo ou da vida literária, mas também às esferas mais elevadas da burocracia e mesmo da carreira diplomática (CHEREM, 2006, p.15).

O registro de Virgílio Várzea é uma descrição sensível da cidade que se modificava em função das condições de uma época e que, por sua vez, modificava os sujeitos que ali habitavam. Virgílio fez da vida no mar e da dinâmica das experiências marítimas o lugar do qual fala em um duplo: primeiro, o olhar desse filho de marinheiro – conhecedor do cotidiano de um embarcado e que, por circunstância da época, aspirou à vida de um cidadão – repousa na silhueta da Cidade-Ilha, a qual se modifica e modifica também a cultura nela inscrita; segundo, a dinâmica e as memórias das viagens são um modo de reler e refazer o mundo, porque a volta daquele que viaja não é um simples retorno, mas uma mirada sobre uma nova topografia (CHEREM, 2006).

Se compreendermos a modernização como um processo cindido, descompassado e particular, a descrição da cidade feita pelo poeta não é outra coisa senão “[...] uma ambiguidade entre a expectativa de alcançar um patamar cosmopolita e a paixão pelo habitante intocado em sua autenticidade singela [...]” (CHEREM, 2006, p. 215). Retomando aqueles números do censo, vimos que o crescimento populacional do centro urbano, em 20 anos, foi de 7.000 pessoas. Em absoluto, é um crescimento pouco expressivo, mas deve-se considerar que, em números de habitantes, essa população já é considerável pela espacialidade do centro da cidade, que compreendia quatro ou cinco quadras, e o controle do espaço já era uma questão para os gestores desde o século anterior.

Além do mais, números absolutos do crescimento da população do centro da cidade de Florianópolis não podem significar o encerramento do seu contato com a circularidade da cultura e, tampouco, se fechar aos novos acontecimentos em expansão na República Brasileira. Se a população, naquele recorte urbano central,

creceu só em 7.000 pessoas, o número de alfabetizados cresceu em 5.213, ou seja, é para se considerar esse movimento em favor da instrução, do letramento e da educação formal<sup>45</sup> como um prisma da relação entre economia e cultura, ou da relação entre cultura e poder, uma vez que intervenções urbanas estão articuladas com economia e, por sua vez, contribuem para a construção de um novo imaginário da cidade e das suas forças.

Na última década do século XIX, Florianópolis vive reajustes político-culturais acompanhada de uma economia também em reavaliação. A cidade já sinalizava, com o debate em torno do seu nome, um processo de reconfiguração de forças da identidade urbana: Nossa Senhora do Desterro, ou somente Desterro, que, pelo nome, significava lugar de exílio, lugar desabitado, quase se tornou Ondina, de acordo com o projeto apresentado por Virgílio Várzea, que exaltava a deusa mitológica protetora do mar. Mas, por força da pena do novo governador Hercílio Luz, a cidade passaria a se chamar Florianópolis, em uma alusão aos novos rumos da República Brasileira.<sup>46</sup>

O novo regime republicano, anunciado no Rio de Janeiro pela ação militar em novembro de 1889, já possuía raízes na classe política catarinense desde 1839,<sup>47</sup> mas não produziu representação nos órgãos políticos até a Proclamação da República. Com a implantação do novo

---

<sup>45</sup>Em 1916, o cenário do ensino catarinense contava com 706 escolas: 253 estaduais, 164 municipais, 5 federais e 284 particulares, com um total de 28.841 matrículas (SCHLICHTING, 1989).

<sup>46</sup>A adesão de Santa Catarina ao regime republicano é descrita por Meirinho (1979) com um aparente caráter pacifista por conta da presença de conservadores no poder. Entretanto, as insatisfações com o governo de Floriano Peixoto despertaram a rebelião federalista. Florianópolis se tornou centro de movimentação de líderes revolucionários enquanto, no interior do Estado, as forças federalistas iam avançando em direção ao Paraná. Prisões e fuzilamentos sumários foram procedimentos da ofensiva dos representantes do governo de Floriano Peixoto contra a rebelião, configurando o bárbaro episódio dos assassinatos na Ilha de Anhatomirim. Dessa violenta vitória sobre os federalistas, produziu-se a nova denominação da cidade, trocando seu nome de Desterro para Florianópolis, em clara homenagem ao então presidente. Meirinho (1979, p. 77) afirma que, desde 1888, já havia propostas de mudança de nome da cidade, mas sem grandes adesões. Uma delas sustentada por Virgílio Várzea em 1892. Esses projetos ressurgiram e foram reconsiderados após o episódio da vitória sobre as revoltas culminando com o nome da cidade que conhecemos ainda hoje.

<sup>47</sup>Como a efêmera República Catarinense, em 1839, o Manifesto Republicano, em 1870, e os Clubes Republicanos que começaram a se organizar, em 1885.

regime, aqueles lugares de destaque, nos âmbitos estaduais e federais da antiga elite monarquista, foram ocupados por políticos jovens.<sup>48</sup> A reorganização do Partido Republicano, no final do século XIX, trouxe uma composição de elementos da classe média urbana que incluía militares graduados, funcionários públicos, comerciantes, profissionais liberais e representantes dos interesses rurais.

Tal reorganização, em meio a conflitos internos do Partido Republicano Catarinense, colocou dois nomes da cena política em dissidência,<sup>49</sup> Hercílio Luz e Lauro Müller, que levaram, até meados da década de 1920, uma prática discursiva nos programas administrativos voltados para o esforço de integração do Estado, de produção de uma consciência regional e de construção de uma identidade cultural trazida a partir das perspectivas das elites locais. Observam-se, então, as imagens colocadas nos políticos em ascensão que podem dizer das posturas adotadas pelos novos governos: Lauro Müller, tenente indicado a governador por Benjamin Constant, um dos nomes do pensamento positivista no país; e Hercílio Luz, engenheiro de formação, político técnico e imbuído de uma espécie de altruísmo pragmático. De acordo com Araújo (1989, p. 118), pode-se ler o conjunto de reformas na Capital e os investimentos numa integração do Estado como uma “[...] geopolítica que se pautou por criar novas escalas, novas relações

---

<sup>48</sup>Segundo Meirinho (1979) quase a totalidade dos novos políticos eram jovens, pois foi nessa faixa que a propaganda da mudança de regime ganhou mais força. E isso ocasionou descontentamentos entre políticos tradicionais que deflagraram crises internas na política catarinense durante a primeira década republicana.

<sup>49</sup>Aqui vale uma observação feita por Araújo (1989, p. 121): “Mas, conforme observa ainda a historiografia política de Santa Catarina, afora as divergências e divisões ocorridas entre as elites catarinenses à época, o processo político no Estado foi marcado por ‘um continuísmo oligárquico em que as preocupações maiores estavam em deixar no poder os membros de um Partido único, unidos entre si por laços consanguíneos’, num período caracterizado também pela ‘profissionalização de nomes que ‘revezaram no poder’. Esta situação perdurou por toda a Primeira República, sendo que a partir dos anos 20 em diante foi assinalada pelo predomínio dos políticos latifundiários do planalto, que passaram definitivamente a impor ‘força de políticos pecuaristas contra um Governo urbano e comercial’ e à sua representação política advinda de cidade de origem portuguesa ou de municípios de colonização alemã e italiana estruturadas em torno do minifúndio agrícola e situados em algumas áreas do litoral onde também se concentravam a maioria da população”.

espaciais e geográficas que implicam no estabelecimento de uma nova topologia econômica, política e sociais”.

Segundo Meirinho (1979, p. 78), Hercílio Luz foi um tipo de político lúcido e austero que, atento à realidade de “[...] um Estado empobrecido com a administração mal estruturada, face à turbulência em que se viu envolvido pelas sucessivas crises de origem interna e externa”, tomou a dianteira de recuperar as finanças e o desenvolvimento do Estado. Em sua mensagem de governo de 1895, ele afirma que

[...] sofrendo ainda as consequências da revolta, que constitui nesta capital a sede de seu governo, o Estado de Santa Catarina confia comigo que, na ampla esfera das vossas atribuições constitucionais, encontrareis recursos suficientes para o seu reerguimento moral e material.<sup>50</sup>

É nesse espírito que o governador, que definiu que “estradas são artérias de um povo e é por elas que o movimento e a vida se transmitem”,<sup>51</sup> também cogitava obras que dessem velocidade e fluxo à relações comerciais. Os “sonhos de ferro”,<sup>52</sup> idealizados na construção do prolongamento da Ferrovia Teresa Cristina até o Rio Grande do Sul, a Estrada de Ferro Lages-Litoral e o Canal Fluvial Laguna-Porto Alegre, não se concretizaram, porém deram visibilidade aos desejos de progresso, bem como à ambiguidade entre a incompatibilidade dos empreendimentos modernos e a possibilidade de realizá-los. Mas, amparadas pelas quimeras do seu tempo, outras obras e reformas econômicas foram executadas<sup>53</sup> e, assim, ele concluiu em seu relatório:

---

<sup>50</sup>BRASIL. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo de Santa Catarina pelo Dr. Hercílio Pedro da Luz. Florianópolis, 27 jul. 1895. p. 4. (Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u950/000004.html>>. Acesso em: 23 nov. 2016).

<sup>51</sup>BRASIL. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo de Santa Catarina pelo Dr. Hercílio Pedro da Luz. Florianópolis, 27 jul. 1895. p. 8. (Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u950/000008.html>>. Acesso em: 23 nov. 2016).

<sup>52</sup>A expressão é de Bittencourt (2004). Consultar também Teixeira (2009) para esclarecimentos sobre o debate referente à malha ferroviária e seu papel na consolidação das cidades catarinenses.

<sup>53</sup>Por exemplo, a reforma do prédio-sede do governo, a construção do canal norte do porto da cidade, a produção de um novo mapa do Estado, a reforma

“Não preciso entrar em transcendentais considerações de ordem econômica, para recomendar a vossa atenção, medidas que – libertando o trabalho – tributem o capital produtivo”.<sup>54</sup>

Governar a população e a economia foi uma questão presente e abrangente que perpassou os setores do mundo social nesse contexto. Observam-se, em escalas locais e globais, ações diversificadas em torno das necessidades de organização dos centros urbanos, os quais são identificados com a vida comercial, o incentivo à cidade no sentido de conquistar um aspecto mais evoluído, regularizando modos de higiene e educação. Esses aspectos estão sintonizados com uma sensibilidade que organiza e regulamenta espaços e atividades cidadinas, quer dizer, corpo e cidade, fazendo aparecer o urbanismo e a arquitetura, entendidos aqui como saberes e técnicas relacionados com o estudo, edificação, regulação, controle e planejamento da cidade, bem como códigos de postura e instituições projetadas para ensinar e refazer um modo de viver.

A virada do século XIX-XX que, no Brasil, veio acompanhada desse tempo lacunar entre as certezas abolicionistas e as militâncias republicanas, possibilitou o aumento do fluxo imigratório, a diminuição das distâncias pela instalação de ferrovias e melhoria dos sistemas de comunicação e a presença da nascente indústria gerando condições de circularidade de outras culturas e outros consumos.<sup>55</sup> Essa circularidade

---

de setores da administração pública ou, no âmbito econômico, ampliação e imposto sobre patente comercial, incidência sobre a fortuna territorial e predial, capital empregado nas múltiplas indústrias lucrativas exploradas no Estado, títulos de dívida pública, ações de bancos e companhias (MEIRINHO, 1979).

<sup>54</sup>BRASIL. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo de Santa Catarina pelo Dr. Hercílio Pedro da Luz. Florianópolis, 27 jul. 1895. p. 10. (Disponível em: <<http://brazil.crledu/bsd/bsd/u950/000010.html>>. Acesso em: 23 nov. 2016).

<sup>55</sup>Consultar Bossle (1988). A autora esclarece que, entre 1873 e 1880, houve uma intensificação da imigração europeia para Santa Catarina. Chegaram para o Desterro 3,32% do total de imigrantes que aportaram no Estado, enquanto para Joinville foram 17,57% e para a região de Itajaí seguiram 61,26%. Desde 1850 o Estado recebia imigrantes provenientes de regiões campestres, porém essa onda imigratória dos anos 1870/80 trouxe trabalhadores especializados, que atuavam em seu país de origem como comerciantes, artesãos ou operários. Isso possibilitou a ampliação de conhecimentos técnicos e gerou alterações significativas nas relações econômicas catarinenses, tanto em termos agrícolas quanto industriais e comerciais. Santa Catarina passou a contar com um novo

de pessoas e economias, no domínio da arquitetura, por exemplo, esse campo exemplar do referencial do olhar modernizador, possibilitou inovações técnicas nas artes dos pedreiros e carpinteiros no emprego de materiais e na estilística de construção de casas.

Segundo Veiga (2008, p. 102), no século XX, a arquitetura brasileira nas grandes cidades recorreu às condições advindas de transformações socioeconômicas e tecnológicas para novas formas de construir e habitar. Em Florianópolis, até fins do século XIX, a cidade esteve voltada para as atividades portuárias, com a comercialização de farinha de mandioca e com o comércio de cabotagem, enquanto o parque fabril catarinense se concentrou em regiões como Blumenau e Joinville. Essa configuração não permitiu acumulação contínua de capital, pois não houve um motivo econômico que causasse um surto de crescimento urbano na cidade.

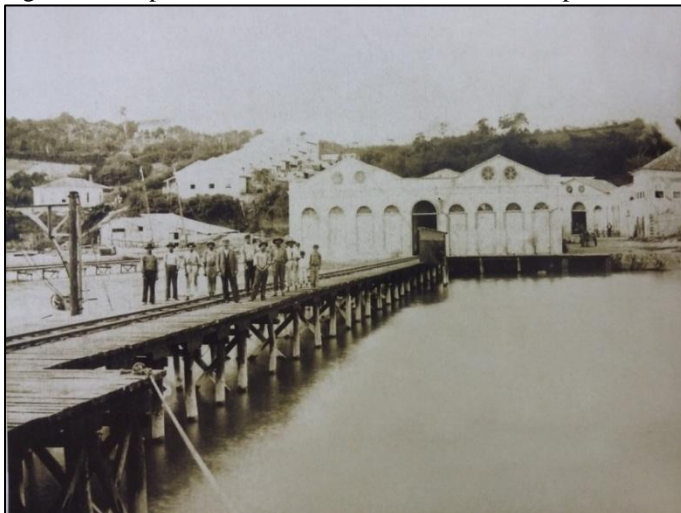
Em 1907, Blumenau contava com 38 estabelecimentos comerciais e 641 operários; Joinville tinha 43 organizações e 479 operários; e na Capital havia 19 casas de atividade industrial com um contingente de 211 trabalhadores (Figuras 6 e 7).

É um contraste visível que, segundo Leuchtenberger (2009), modificava as relações sociais nas cidades e colocava em risco os capitais comerciais da ilha. Isso impulsionou, no início do século XX, uma reação dos comerciantes de Florianópolis no sentido de ampliar seus negócios por meio de filiais e apostar na diversificação de seus investimentos.

---

contingente populacional que, em longo prazo, acabou gerando uma ampliação de mercados locais e um aumento na demanda de mão de obra. A chegada dos imigrantes significou também fortes mudanças culturais na região, tanto na utilização de novas técnicas e conhecimentos trazidos da terra natal, como nas relações sociais e manifestações cotidianas.

Figura 6 – Trapiche da Fábrica de Pontas da firma Hoepcke em 1909



Fonte: Gerlach (2015).

Figura 7 – Fábrica de Pontas Rita Maria em 1900



Fonte: Gerlach (2015).

Há, então, um conjunto de fatores socioeconômicos, como instituições, forças políticas e sociais, e o peso da classe comerciante no jogo social (HUBENER, 1979), que possibilitaram uma mudança de base material. A descrição que Várzea (1984) faz das atividades



comerciais da ilha nos conta da rota de consumo que projeta a cidade economicamente apesar de seus limites geográficos:

As principais ruas de Florianópolis são em geral retas, planas e bem calçadas. Quatro delas representam o centro comercial, a *city* — como diríamos se se tratasse de uma grande capital — e são as denominadas Altino Correa (que é a mais importante), João Pinto, Trajano e República. Na primeira destas acha-se situada a grande casa comercial de Carl Hoepcke & Cia., a mais notável do Estado, que é um depósito completo de toda a sorte de gêneros e artigos, importados diretamente das principais praças da Europa e conduzidos por uma frota de navios a vapore e a vela, em contínuas viagens transatlânticas entre aquelas cidades e Santa Catarina. Esta casa joga com cerca de três mil contos de capital e abastece de tudo, não só o comércio catarinense em totalidade, como a muitas cidades do Paraná, para onde faz grandes vendas anuais. Outra casa do mesmo gênero, mas em menores proporções, é a de Ernesto Wahl & Cia., também importadora. As demais lojas negociam a retalho. Há porém, em grande número, armazéns de comissão e consignação, recebendo artigos industriais de Joinville e Blumenau, e exportando farinha de mandioca para os estados do Norte, bem como amendoim, couros, café, ovos, melado e banana, em avultados carregamentos, para diversos portos da União e para o Rio da Prata. No transporte da banana para Montevideu e Buenos Aires, além dos paquetes do Lloyd Brasileiro, que levam ininterruptamente para esses destinos o convés e a tolda apinhados de cachos, embarcados aos milhares, há três vapores de grande arqueação, que fazem durante o inverno três ou quatro viagens mensais. O comércio da capital é o mais movimentado do Estado, quanto à importação; quanto à exportação porém sobrepõem-no, e muito, o da Laguna, Itajaí, Blumenau, Joinville e São Francisco.

Segundo Veiga (2008), em Florianópolis, também no início do século XX, o porto da cidade — mesmo de pouca expressão econômica —

, bem como o comércio e os serviços decorrentes dele geraram recursos e investimentos na construção civil. Os agentes sociais desse processo de transformação foram os filhos da modesta burguesia comercial e política de Florianópolis, que foram aparecendo num cenário profissional, político e intelectual, graças ao desenvolvimento (também modesto) do capitalismo no Brasil. Mesmo dentro de uma modesta expressão capitalista, houve a criação de loteamentos e de edifícios com novas linguagens tecnológicas e artísticas, que buscaram remover o ranço provinciano da sua arquitetura, dos espaços públicos e até dos costumes (VEIGA, 2008, p. 104).

A autora explica a afirmação do centro como núcleo comercial e de prestação de serviços e a aparição de bairros acentuadamente residenciais em seu entorno. No que diz respeito às mudanças arquitetônicas modestas e de linguagem variada e nova, elenca, em fotos e dizeres: as modificações nas grandes chácaras e os novos eixos viários que foram abrindo a cidade; certo estilo eclético das residências e construções mais complexas para evidência e prestígio financeiro, voltadas para os mais abastados, ou mesmo a intenção dos menos abastados de mostrar, em cores e materiais, a conquista de uma habitação; modificações nas fachadas, jardins e calçadas que evidenciam noções de conforto e higiene; uma tendência a utilizar materiais importados e expressões arquitetônicas mais expressivas, contribuindo para um contraste plástico e funcional com o passado colonial; substituição do abrigo das antigas charretes pelas garagens para veículos motorizados; e o aparecimento de conjuntos populares por demanda dos trabalhadores modestos do comércio e do funcionalismo público (VEIGA, 2008).

O desejo de reforma e a visibilidade pública do novo se adensaram no século XX na cidade de Florianópolis, sobretudo nos governos de Hercílio Luz (1894-1898/1922-1924), Lauro Müller (1914-1916/1918-1922) e Vidal Ramos (1912-1914) que trouxeram novos círculos de poder político imprimindo uma dinâmica singular de modernização. Segundo Bitencourt (2004), esses políticos ganham destaque na Primeira República catarinense a partir de ligações estreitas com áreas de colonização do Vale do Itajaí e com o nordeste do Estado, isso quer dizer, ainda nas palavras do autor que, para essa elite política, o litoral catarinense não era próspero e os seus habitantes eram indolentes, se comparados com a força de trabalho dos imigrantes. De acordo com Araújo (1989), a elite comercial, desde o final do século XIX, ampliou seu espaço nas áreas de poder político da Capital e relacionou todos os elementos que pretendeu eliminar as características

atribuídas ao homem do litoral: o descendente dos açorianos que colonizaram o litoral catarinense, o matuto, o mané, o desregrado não afeito ao trabalho. Entretanto, o “mané da ilha” foi o anti-herói da elite local e construiu um referencial na paisagem urbana da cidade de Florianópolis. Assim, junto com esse discurso que inventa a desqualificação do sujeito e da cidade do litoral veio também o discurso de investimentos sobre ciência, raça, salubridade e civilidade, então, era preciso também inventar sua produtividade.

Com essas pretensões, mais fortemente presentes no século XX, a cidade se reinventa. Assim, a Florianópolis de Virgílio Várzea não era o avesso das metrópoles efervescentes; era apenas o seu outro ou, como diz Cherem (2006), a borda da margem, o subúrbio do mundo. A sensibilidade do escritor faz ver uma cidade desencantada com as benesses da sociedade industrial, mas, ao mesmo tempo, inserida na crença de um avanço progressivo da reinvenção da cidade e da vida. A ilha era “[...] o rosto litorâneo de Santa Catarina, contraface do Rio de Janeiro, cidade decadente e apinhada, barulhenta e suja [...]” (CHEREM, 2006, p. 216).

Essa marca da cidade e do seu ritmo estava colocada, por exemplo, na opinião do navegador francês La Pérouse, já em 1795, quando escreveu: “Dei preferência à Ilha de Santa Catarina sobre o Rio de Janeiro para evitar as formalidades das grandes cidades, que ocasionam sempre uma perda de tempo; mas a experiência ensinou-me que esta parada reunia muitas outras vantagens” (SANTA CATARINA, 1979, p. 124). Ou de outro navegador, Seidler, suíço-alemão que prestava serviços ao Exército imperial, que assim se manifestou em 1825: “Eis que em breve eu deveria romper laços, de tão bom grado alimentados, sem desconfiança e sem segundas intenções, e voltar ao meio dos mulatos do Rio de Janeiro. Troca horrível, da qual só me consola pensando no patife do meu comandante” (SANTA CATARINA, 1979, p. 318).

O que é preciso dizer aqui, em primeiro lugar, é que esses dois relatos diziam a respeito à hospitalidade do povo e à beleza das paisagens, em contraste, na época, com a referência ao Rio de Janeiro ou, ainda, uma paisagem suficientemente urbanizada e de gente de boas maneiras, dada a distância do Rio de Janeiro.<sup>56</sup> Em segundo lugar, esses relatos colocam Florianópolis na rota do processo modernizador. Havia

---

<sup>56</sup>Sobre impressões de polidez e urbanidade que Desterro causa à primeira vista de alguns viajantes, consultar Cabral (1979b) em *Uma sociedade fechada quando abria seus salões*.

aqui trocas comerciais e culturais que possibilitaram, ao longo do tempo, e principalmente no século XX, as condições de possibilidades de um grande número de pequenas transformações urbanas que reinventaram a cidade e o sujeito que nela habita.

O ritmo pouco ruidoso e a topografia melancólica de Florianópolis também contam sobre a face da modernidade. A imagem de urbanidade se materializa na cidade e nas ideias de progresso, avanço e expansão. Apesar de o processo de urbanização de Florianópolis estar associado ao baixo fluxo populacional e a um fraco volume de fábricas, o que a diferencia de grandes cidades estruturadas próximas a portos e estradas de ferro, isso não enfraqueceu o movimento da cidade para se repensar a partir das relações político-econômico-culturais. Na avaliação de Várzea (1984):

O movimento industrial de Florianópolis é pouco apreciável e pequeno, comparado ao de Joinville e Blumenau, que são os dois grandes empórios do comércio e indústria catarinenses, como veremos mais tarde. Entretanto, presentemente, esse movimento tem tomado certo impulso, com a fundação de novas oficinas e fábricas. Assim é que já se contam aí uma fundição de pontas de Paris, empregando grande número de operários, pertencente à casa Carl Hoepcke & Cia.; duas fábricas de preparar peixe em lata; três de cerveja, salientando-se entre elas a de Daniel Krapp e a de Antônio Freyesleben, que exportam seu produto para as circunvizinhanças e localidades do sul do Estado; uma de sabão e velas; oficinas de carpinteiro, marceneiro, tanoeiro, funileiro e torneiro, capazes de fornecer, nesse gênero, obras delicadas e artísticas; uma fábrica de massas alimentícias; duas grandes refinações; um engenho a vapor para pilar arroz e café; engenhos de preparar farinha de mandioca e açúcar (comuns e muito numerosos em todos os sítios do continente e da Ilha); e outros e outros de menor importância, que seria ocioso enumerar.

Segundo Guimarães (2011), a ausência de grandes empreendimentos industriais e camadas populares não pertencentes a um operariado reivindicativo não devem contar para uma análise que faça esmorecer o que efetivamente ocorria na cidade. Nem mesmo o

argumento de um baixo crescimento demográfico corresponderia, por exemplo, à realidade da concentração da população no centro da cidade. Afinal, havia trabalhadores que dependiam dessa dinâmica industrial e produziram uma identidade para as práticas comerciais a partir das suas variadas especialidades e funções. Quando a cidade entrou num processo de reforma urbana, que tomou as primeiras décadas do século XX, ela alterou, regulamentou, expandiu e modernizou os espaços e as atividades comerciais. A nova mentalidade de governo, que emergia na conjuntura da fabricação da República, delegava mais autonomia às unidades da Federação e, em Santa Catarina, desponta a noção de que governar o Estado “[...] era gerenciar as pessoas e as coisas dentro dele, buscando uma maior eficiência [...]. Governar passava então por um saber técnico, por táticas de gestão da população e pelo primado da economia” (BITENCOURT, 2004, p. 28).

Assim, a gestão de problemas, como o abastecimento de água, a instalação de rede de esgotos, o lixo presente nas ruas e no mar, a iluminação e a construção e reforma dos espaços públicos, modificou a vida econômica e social do centro da cidade. Antigas funções, como a de recolhedores de águas, motoristas de carroça-pipa, acendedores de lamparinas, carris urbanos, entre outras, foram se tornando obsoletas, abrindo espaço para atividades na construção civil, nas fábricas e no comércio (LEUCHTENBERGER, 2009).

.Se o espírito desse tempo ensaiou, pelos seus personagens e atos, uma intervenção racional e dirigida de domínio de espaços e progresso técnico, como teriam se rearranjado a imagem e o modo de vida dos habitantes? Em uma cidade desenhada pelo contorno do mar e marcada pela relação da estética da paisagem sobre a sensorialidade humana, o que o processo de dominar a natureza, portanto, dominar a si mesmo, pode dizer sobre a educação do corpo?

### **2.2.2 A cidade, os bairros, as ruas**

Além da clássica mirada sobre a arquitetura, outras reformas foram símbolos do olhar da modernidade. Se as técnicas de embelezamento das casas e prédios públicos têm sua função de anunciação de um novo tempo, o corpo também é fonte de correspondências dessa mentalidade. Como Sennett (2008) escreveu sobre o elo entre cidade e nova mecânica do fluxo sanguíneo, baseando-se nos desdobramentos dos trabalhos de Harvey e Willis, o ar é como o sangue, devendo percorrer o corpo, e a pele é a membrana que lhe

permite respirar; a cidade carecia também de respirar. Ideia essa disseminada no primeiro governo de Hercílio Luz.

Em 1845, quando da ocasião da visita de D. Pedro II, a Capital se agitou para realizar algumas obras de embelezamento e higiene, como exemplo, a transferência das barraquinhas de vendedores de peixe, localizadas até então no Largo do Palácio, para as proximidades do forte Santa Bárbara. “Coisas muito provincianas. Lutas, brigas entorno de interesses de alguns ‘donos’ da terra”, escrevia Cabral (1979a, p. 98) sobre o fato. A razão dessa transferência era, inicialmente, evitar que o Imperador tivesse contato com o mau cheiro natural proveniente do comércio do peixe. Mas a discussão sobre a transferência e o possível retorno da atividade daqueles vendedores àquela região causou grande agitação política na Assembleia Legislativa, polarizando o debate, aparentemente banal, entre visões distintas sobre o asseio, o embelezamento e a gerência das atividades comerciais de Desterro. Tal situação produziu as diferenças políticas entre os Partidos Conservador e Liberal (CORRÊA, 2005; CABRAL, 1979a).

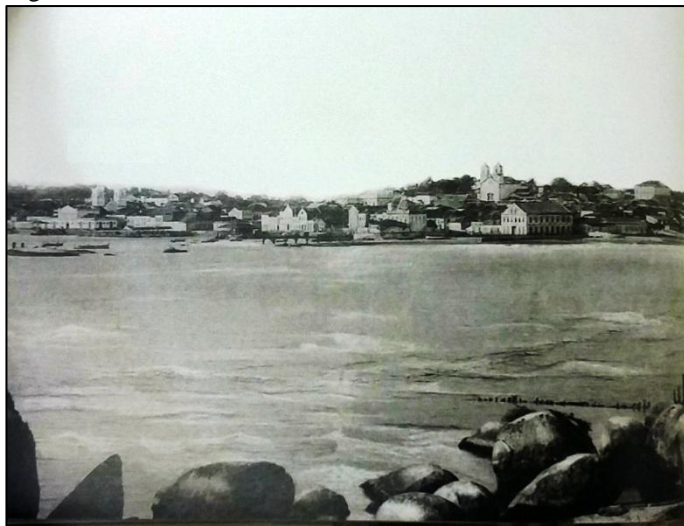
O mercado de peixe, naquele contexto, atentava contra a higiene e causava aglomeração agitada de compradores, vendedores e prestadores de serviços em frente ao Trápiche Municipal, porta de entrada da cidade. O desenrolar do debate ponderava que as preocupações com as reformas foram vagarosamente se acumulando em projeto civilizatório: resolução de problemas de saneamento urbano; reformas na edificação da cidade que permitissem o melhor proveito da luz solar e da ventilação; eliminação de odores e de focos de doença; drenagem de córregos e pântanos; construção de hospitais, escolas, prisões; publicação do código de posturas; reforma do mercado público; ampliação de praças comerciais; regulamentação da construção de casas; instalação de linhas telegráficas, de redes de energia, esgoto e água.

Em outubro de 1888, foi aprovado na Capital o novo Código de Posturas que, segundo Corrêa (2005), era o documento que perfeitamente refletia a cidade de Desterro nos fins do século XIX. Como uma coleção de normas de convivência e uma projeção da ordem urbana nele constava que as travessas e ruas deveriam ser traçadas em direção aos pontos cardinais com, no mínimo, 13 e, no máximo, 20 metros de largura; as novas edificações deveriam obedecer ao alinhamento proposto e atender às dimensões exigidas de portas e janelas; era proibido o lançamento de ciscos, palhas, vidros e qualquer sorte de imundices no mar fora do horário estipulado; era também proibido fazer bulhas, vzeirios, samba ou batuques, entre outras regulamentações (CORRÊA, 2005).

A força do embelezamento eleva-se ao olhar, bem como a diversificação de materiais e técnicas. Do surgimento das vidraças nas janelas e do uso do guarda-corpo de ferro nas sacadas às questões normativas de higiene e à ressignificação dos espaços expressa-se o interesse pelo aspecto evoluído da cidade e do corpo. A paisagem bucólica da pequena e graciosa Desterro, com sua baía na Praia de Fora, foi ganhando outros contornos nas referências de Várzea e também dos higienistas, como veremos mais adiante. O escritor da cidade dos anos 1900 caracterizou os diferentes bairros<sup>57</sup> e deu sentido aos lugares da cidade e seus arredores.

As paisagens que encantaram La Pérouse e Seidler também deixaram impressões para Virgílio, quando este olha do mar para a cidade (Figura 8) e a “ampla paisagem para a baía do Norte” ostentando, de um lado, o cemitério público, “[...] olhando o mar por entre as aldeias solitárias dos ciprestes esguios [e, de outro lado], e em contraste bem vivo, o casario do arraial da Passagem, com seus caminhos animados pelo trânsito contínuo dos que demandam diariamente à Ilha” (VÁRZEA, 1984).

Figura 8 – Vista da cidade em 1900



Fonte: Gerlach (2015).

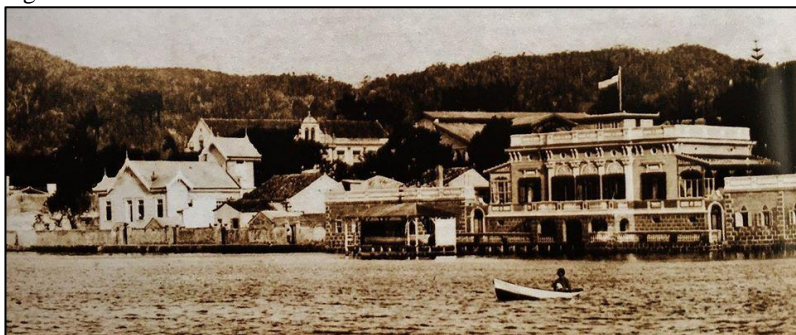
---

<sup>57</sup>Virgílio Várzea descreve oito bairros/localidades.

O bairro da Praia de Fora (Figuras 9 e 10), assim chamada por sua localização afastada do centro comercial, era, para Várzea (1984), “Magnífica por sua paisagem e panorama marinho [...] é um excelente ancoradouro abrigado dos ventos do sul e a primeira estação balnear da capital, cuja população para aí acode, em parte, na época própria, habitando as casas da beira-mar”. Continua o autor qualificando o bairro pelas pessoas que lá habitavam e pela estrutura que possuía: “[...] dir-se-ia ter aí outro aspecto, outras tintas, outras modalidades, revelando-se o bairro, na capital provinciana, como um todo à parte, mais culto, mais artístico, mais civilizado” (VÁRZEA, 1984).

A descrição enquadra o olhar no panorâma do encontro entre aspectos geográficos, linguísticos e históricos. A discursividade naturalista do poeta constrói recortes territoriais, que também podem ser simbólicos dentro da cidade.

Figura 9 – Praia de Fora em 1910



Casa da família Wahl, consulado do Império Austro-Húngaro (1895-1914). Ao fundo, o Ginásio Catarinense e o Morro do Antão.

Fonte: Gerlach (2015).



Figura 10 – Praia de Fora, Rua Bocaiúva em 1912



Os trilhos do bonde da Rua Bocaiúva.

Fonte: Casa da Memória.

Já o bairro Mato Grosso Virgílio o descrevia pelas “ruas mais pitorescas”. Dizia:

São notáveis, entre muitas outras, as casas de construção moderna ou recentemente reformada, dos irmãos Wendhausen, o quartel do Corpo de Segurança, as vivendas Eloy e Livramento, os elegantes *chalets*. Carneiro e Veiga, verdadeiros e confortáveis *cottages* de campos europeus, pelos seus encantadores jardins, hortas, pomares e vastas pastagens verdíssimas, onde pascem tranquilamente, ao lado de suas crias, as pequenas vacas "crioulas" ou as grandes vacas de raça (VÁRZEA, 1984).

Para Cabral (1979a, p. 201), a cidade foi criando seus bairros com características próprias e inconfundíveis:

O centro era comercial e residencial por excelência [...] A Praia de Fora, o Mato Grosso, eram as zonas das chácaras [...] zonas de expansão da vila que se transforma aos poucos a cidade [...] o Tronqueira, as vizinhanças do Campo do Manejo, as ruas que ficam atrás da Matriz [...]

eram bairros para onde os pobres, os mais pobres, foram se exilando, quando o comércio mais forte foi tomando de assalto as ruas do centro, onde ela anteriormente elevara as suas casinhas. Margiando o rio da Fonte Grande, os cortiços habitados por gente ainda mais pobre, quase sempre nova na cidade, soldados, suas famílias, suas companheiras e filhos, gente rezinguenta, sem papas na língua, de vocabulário duro e bastante sujo.

Os outros dessa modalidade, os menos civilizados, eram bairros como Figueira, Pedreira, Tronqueira e a Toca,<sup>58</sup> também classificados pelas atividades de sua gente e a estética das suas estruturas. Para garantir sua sobrevivência, essa população foi se estendendo pelas franjas da cidade e subindo o contorno dos morros. O pouco valor agregado ao local vem associado à qualidade das suas águas: pantanosas, fétidas, lodo, limo... São as águas servidas, não canalizadas, já utilizadas em alguma atividade e repletas de lixo.

Eram chamados de bairros tenebrosos (Figuras 11-15), no século XIX (CABRAL, 1958, *apud* VEIGA, 2008) porque acolhiam gente pobre. Eram focos de doenças e outras desordens públicas. A Tronqueira era o bairro das lavadeiras, soldados e negros libertos; a Toca era refúgio de gente do mar “bairro de pescadores, cheirando maresia, peixe a lodo”; e o Figueira era o bairro das prostitutas, marinheiros e gente em trânsito, “[...] de casinhas escondidas em becos escuros, nas vielas perigosas, povoadas de marinheiros de todas as cores, soldados de todas as armas, vagabundos de todas as classes, fêmeas de todos os volumes”, gente de “[...] discussões violentas, risos debochados, palavrões de uma crueza sem limites e gestos de uma eloquência inexcedível”, enfim, nesses locais “não se conhecia limpeza e nem sossego”, segundo Cabral (1979, p. 202).

---

<sup>58</sup>A localidade da Figueira é a atual Conselheiro Mafra, na região em frente ao Terminal Central; a da Pedreira corresponde à região do Terminal Cidade de Florianópolis; a da Tronqueira à atual Artista Bitencourt, mais adentro da região do Terminal da Cidade de Florianópolis; a da Toca são as São Martinho e Laura Caminha Meira, entre as regiões do Hospital de Caridade e o Instituto Estadual de Educação, segundo o mapa de Veiga (2008); e a atual Hercílio Luz era antigamente nomeada de Beco Sujo.

Figura 11 – Casinhas e cortiços entre a Tronqueira e o Campo do Manejo no início do século XX



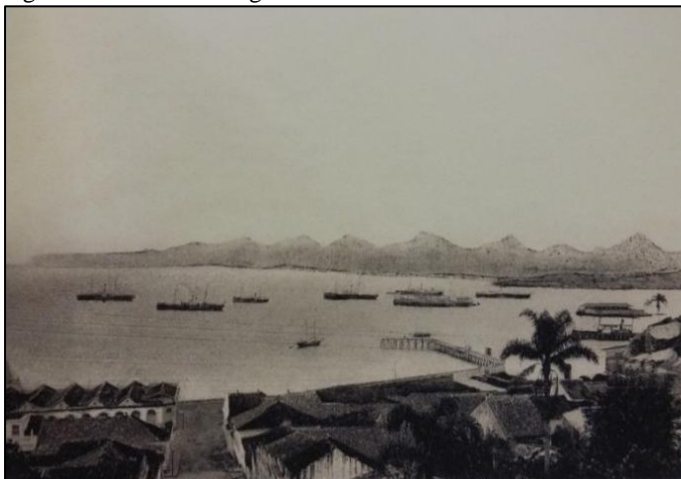
Fonte: Moreira (2013).

Figura 12 – Vista parcial do bairro Pedreira na década de 1910



Fonte: Moreira (2013).

Figura 13 – Bairro da Figueira e Porto da Baía Sul em 1890



Fonte: Gerlach (2015).

Figura 14 – Caminho José Jacques no início do século XX



Rua próxima ao bairro Tronqueira.

Fonte: Moreira (2013).

Figura 15 – Casas de porta e janela no bairro Toca no início do século XX



Fonte: Moreira (2013).

Para Várzea (1984), a Figueira ganhava outras cores. Era vista por ele como o bairro dos embarcadouros, com as ruas mais próximas do mar e exibindo casas com os fundos virados para fora, quer dizer, para o mar, e o cais do bairro, tomado por botes, batelões e canoas, exala

[...] um cheiro higiênico e sadio a piche, a verniz coltar, a alcatrão, a estopa, a mialhar, a ferro *patent*, a lona nova e a cabo de cairo ou linho, tudo isso que lembra navio e mar, e que nos dá uma vaga saudade das viagens longínquas, em que esse aroma saudável se nos apega às narinas, acompanhando-nos ainda, em terra, por dias e dias.

Segundo Teixeira (2009), existe uma localização das classes sociais, por esse mapa da cidade, que conta de uma distância física e social: as chácaras e sítios do lado norte do centro, são terrenos espaçosos de grande beleza, com acesso à água potável. Na metade do século XX, serviria ao papel de estoque para uso imobiliário; quanto ao lado leste da Praça Central, o outro lado dos rios, ficavam a maioria dos cortiços, das habitações populares, as camadas mais pobres (Figura 16).

Figura 16 – Planta de Desterro com marcações dos bairros



Legenda: (→): Rua da Tronqueira (1); (→): Rua da Pedreira (2); (→): Rua da Fonte (3); (→): Rua José Jacques (4); (→): Beco da Pedro Soares (5); (→): Beco Irmão Joaquim (6); (→): Beco do Quartel (7); (→): Rua Menino Deus (8); (→): Rio da Fonte Grande; (---): Futura Avenida do Saneamento.

Fonte: Moreira (2013).

Outras miradas sobre a vida da cidade podem ser vislumbradas para além dos bairros *chics* ou pobres. As atividades de comércio e de sociabilidades captadas pelos olhares sensíveis possibilitam uma leitura sobre os desejos, contradições e complexidades de uma época. O mesmo Virgílio, que assinalava a comprometida estética urbana do centro em função das suas origens, “uma cidade que nasceu e cresceu de costas para o mar”, também descreveu a presença de aspectos que reforçavam a importância da organização comercial em favor de uma estética mais urbanizada, a sua *city*.

A *city* do escritor possui seus personagens: os aristocratas, as gentes de grandes hospitalidades, os embarcadiços, as prostitutas, os marinheiros e lavadeiras. Florianópolis, na sua condição de capital portuária, exercia atração pelas possibilidades de trabalho e produzia contingente populacional nas áreas do centro. Entre momentos de crescimento e decadência, essa região portuária, em sua singularidade, como único sistema de comunicação e de transporte, “[...] obrigou a visita periódica do progresso, de um progresso lento, mas de certa forma constante” (CABRAL, 1979a, p. 97). Somado a isso, possibilitou uma mobilidade que não poderia ser identificada nos censos, devido à condição de passagem e à impermanência das pessoas e seus interesses (GUIMARÃES, 2011). Submersa no debate sobre formas modernas de se viver, produziu conflitos e tensões na definição dos espaços e das condutas. Não só a identificação de pessoas e suas atividades compõem o que chamamos de personagens no centro da cidade. Os bairros e as novas dinâmicas de sociabilidade e economia também são figuras representativas dessa modernidade em Florianópolis, assim como a luz elétrica, as novas ruas, as novas mercadorias.

Os personagens dessa *city* aparecem pelas ruas da cidade, nos salões dos clubes, nas praças e mercados. São narrados em diferentes contextos e revelam seus papéis ou lugares em um jogo peculiar que se estabelece entre as forças de ação no terreno urbano. O impacto das ideias modernizadoras altera, em alguma medida, a vida cotidiana, principalmente daqueles que não se enquadram nessas referências. Guimarães (2011), estudando a constituição da polícia na Capital catarinense, relata o embate entre a imposição das normativas de ordem pública sobre a população. Mais do que o cumprimento de leis, a figura do policial também precisa construir suas formas de atuação e, por vezes, caminha por fissuras na ordem em frente à diversidade do cotidiano. O policial se confronta com os viajantes de destino incerto, com prostitutas, trabalhadores em condição temporária na cidade, pessoas em situação de miséria e que põem em risco as regras do jogo

social, enfim, todos esses personagens produzidos pela cidade em expansão criaram referências e valores para a força policial, na medida em que essa também recorta a cidade a partir das suas medidas reformadoras.

Nas tramas da cidade, especificamente perto da Igreja Matriz, entre as ruas Vidal Ramos, Trajano e Marechal Guilherme, havia um cortiço chamado Cidade Nova. Essa localidade, que já era alvo de reformas e demolições desde o final do século XIX, era o local dos sobrados simples, divididos por várias famílias e com higiene comprometida. Os cortiços faziam parte da paisagem do centro de Florianópolis, mas passaram a ganhar evidência quando esbarravam no desejo de alinhar, alargar e construir novas ruas. Nessa localidade, o olhar do cronista mede os espaços, qualifica as relações, nomeia os sujeitos e anuncia a sua causa ao advogar pela relação entre os personagens e a cidade:

[...] ante ao tristonho espetáculo, esbarra-se o meu olhar na distribuição da antiga 'cidade nova' onde era o refúgio e abrigo dos pobres que, quer queiram quer não, fazem parte do povo, assistindo-lhes o direito de viverem como qualquer abastado cidadão, no centro de uma cidade. Nessas pequenas casas residiam cooperantes do progresso tais como pedreiros, carpinteiros, broquiadores, etc., os quais foram dali arrojados para viverem nas matas [...]. Causa-me estranheza que isso aconteça [pois são feitos] os maiores esforços para arrancar de nossas matas os indígenas, nossos semelhantes patrícios, para trazê-los ao meio social [...] nós aqui corremos e mandamos que vivam nas matas os nossos infelizes e pobres operários pelo fato de serem pobres!<sup>59</sup>

À luz de procedimentos reformistas sobre a cidade vão emergindo as marcas do que é moderno e civilizado. A moradia popular, e também os populares, os cooperantes do progresso, foram sendo apontados como fonte de perturbações da ordem pública, de instabilidade política e de problemas sanitários, ou seja, era também um problema de limite, ou limítrofe, para as questões entre domínio privado

---

<sup>59</sup>LONDON. Jardim Oliveira Belo. **O Clarão**, Florianópolis, p. 2, 24 set. 1911.



e público. O olhar vasculha a cidade e vai reconhecendo as regras do jogo social e mostrando, também por contradição, como cada um faz parte da *urbs*, no seu exterior, e no seu interior. Da esfera intimista de um *club*, escreve o cronista:

Subi aos atapetados degraus de um Club, onde se reuni a fina e aristocrática elite social. Ante os deslumbramentos que o salão vos oferece, ante o amontado de luzes que jorram e iluminam fartamente os mais distanciados recantos, ante o ondular dos perfumes que sobem em tênue essência, ante os sorrisos ensaiados que de todos os lados se vê, ante esse arrastar suave das rendas como o bater d'azas de garças e vede bem-se tudo isso não é uma máscara, dessas máscaras rissonhas e cínicas.<sup>60</sup>

Da crítica da suposta veiledade das relações sociais da elite aristocrática, como aponta o artigo, percebe-se o vestígio da burguesia nos degraus atapetados e no ondular dos perfumes; e sob as fartas luzes e entre o barulho suave das rendas dos vestidos que deslizam no salão, a identificação do gesto polido e do sorriso ensaiado. É notando nesses personagens, na sua relação com a cidade, que vamos percebendo a presença da educação dos sentidos, seja diante das novas normativas da lei, seja em frente às condições de um cortiço insalubre e sua premente reforma, seja na descrição da materialidade do ambiente do baile aristocrático.

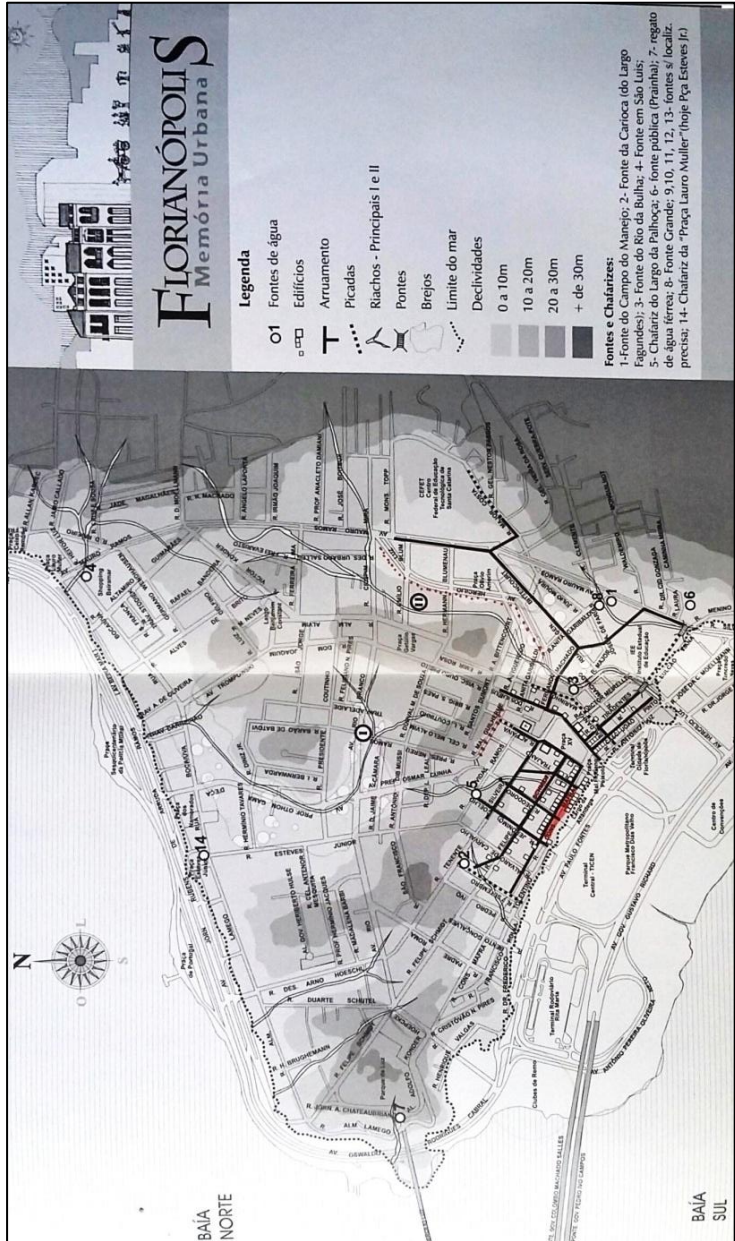
A cidade segue oferecendo evidências dos ritmos da experiência moderna com suas passagens e passantes, suas imagens e letreiros, vitrines e exposições, na rapidez do trânsito e na velocidade da transmissão de notícias, ou no interior mesmo dessa temporalidade em que o progresso retilíneo se torna assinatura do curso da história (BASSANI; RICHTER; VAZ, 2013). As ideias de modernização e toda intervenção produzida na cidade que transformam os espaços e as relações ali localizadas são influenciadas pelas condições materiais disponíveis num determinado contexto. Isso quer dizer que o desenvolvimento da ciência e da indústria toca, transforma e complexifica a estrutura urbana, demandando, também, uma mudança correspondente na ordem subjetiva.

---

<sup>60</sup>A SOCIEDADE. **O Clarão**, Florianópolis, p. 1, 25 maio 1912.

A capilaridade dessas mudanças se manifesta na troca dos nomes das ruas (Figura 17). Antes batizadas de Rua do Imperador, da Imperatriz, de Bragança, essas denominações foram substituídas, a partir de 1889, por nomes republicanos, como Tiradentes, Padre Roma, Bocaiuva. A família real teve sua época, segundo Cabral (1979a). A nobreza catarinense cede espaço para as forças armadas, os heróis republicanos e outras personalidades, e a Praça Barão de Laguna passou a se chamar Praça XV de Novembro; a Rua do Senado para a Rua da República (CORRÊA, 2005). Houve também a Rua da Paz, do Passeio, bem como ruas que nomeavam personagens, como alguns abolicionistas, poetas, professores, um sapateiro, um motorista, um pedreiro (SILVA, 1999).

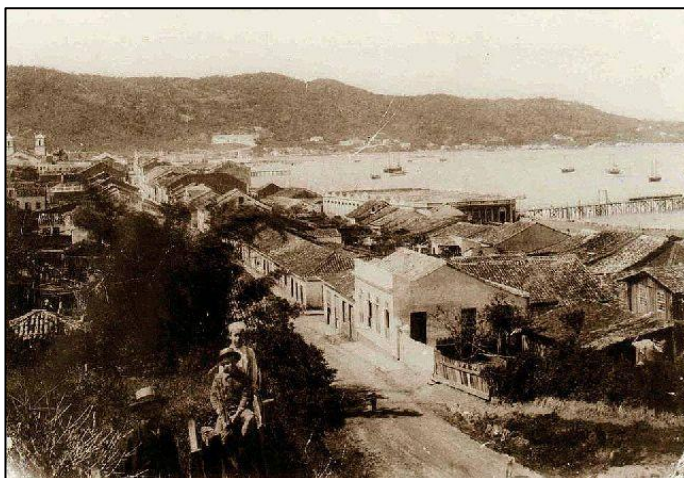
Figura 17 – Localização das principais ruas do centro da cidade



Fonte: Veiga (2008).

Se se tratasse de uma grande capital, escreve Várzea, Florianópolis teria feito sua *city* em torno de ruas, como a Altino Correia (atual Conselheiro Mafra), João Pinto, Trajano e República (atual Felipe Schmidt). A primeira, a qual Várzea se refere, localizada perto do trapiche do porto e da Alfândega, foi a rua que fazia a comunicação da cidade com o porto. Era o local do comércio atacadista, dos armazéns, das lojas de fazenda e de secos e molhados, fazendo, assim, jus a seu papel de recepção dos navios que chegavam à cidade (Figuras 18-22).

Figura 18 – Rua Altino Correa, atual Conselheiro Mafra, início do século XX



Fonte: Casa da Memória.

Figura 19 – Casa Comercial de Oliveira Carvalho & Irmãos na Altino Correia, em 1910



A Rua Altino já com os trilhos dos bondes.  
Fonte: Gerlach (2015).

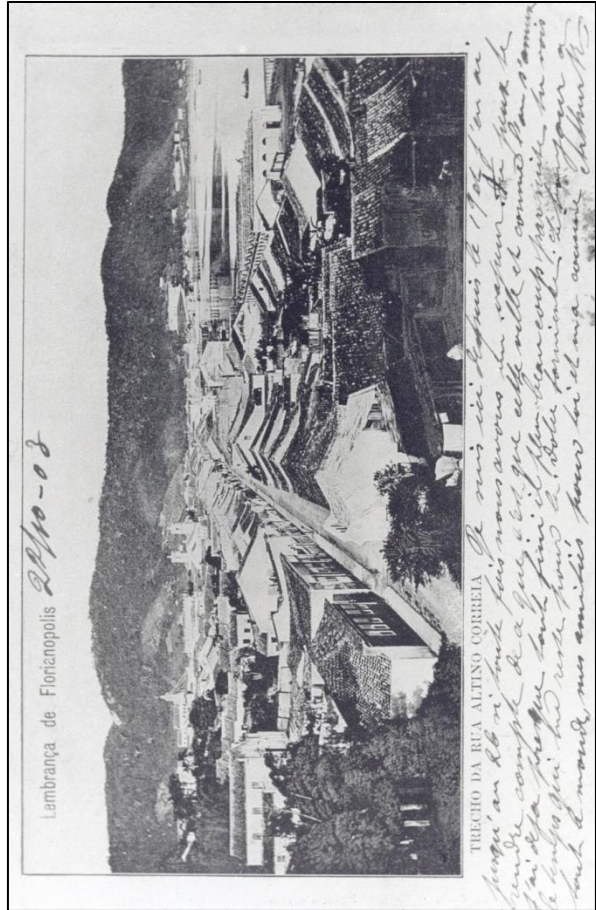
Figura 20 – Alargamento da Rua Altino Correia em 1920



Na foto, vemos as ruínas de uma publicidade da renomada Alfaitaria Abraham, uma das 25 alfaiatarias instaladas nas imediações da Praça XV de Novembro, na Rua Felipe Schmidt, na Rua Trajano e nas Ruas Conselheiro Mafra e João Pinto entre as décadas de 1920-1930 (CINTRA, 2004).

Fonte: Gerlach (2015).

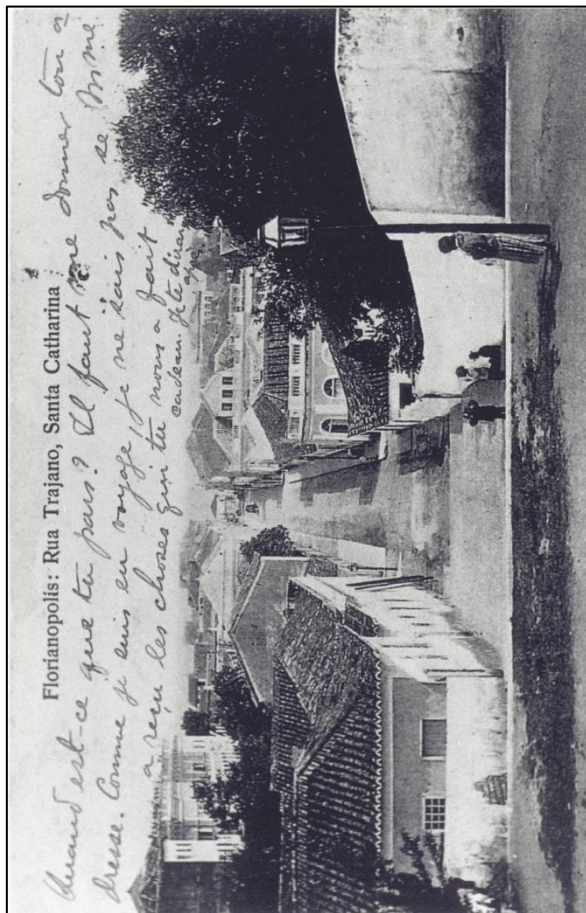
Figura 21 – Cartão postal da área central, foto obtida dos altos da Rua Conselheiro Mafra em 1902



Fonte: Casa da Memória.



Figura 22 – Cartão postal panorâmico da Rua Trajano em meados da década de 1900



Fonte: Casa da Memória.

A Rua João Pinto (Figura 23), localizada a leste da praça central, foi o local das casas de comércio de ferragens, de artigos náuticos, casas varejistas e representantes de produtos importados. “Com referência à Rua João Pinto, aí vemos uma velha casa demolida pela picareta do progresso, que apenas comeu-lhe a carne, deixando exposto aos olhos do público o seu cavername ou esqueleto [...]”.<sup>61</sup> Essa localidade foi um dos palcos da picareta modernizadora devido à intolerância com suas

<sup>61</sup>LONDON. Jardim Oliveira Belo. **O Clarão**, Florianópolis, p. 2, 24 set. 1911.



casas de porta e janela, mas, sobretudo, com a classe pobre, com destaque para as mulheres, que faziam das ruas desse local seu lugar de trabalho: as lavadeiras, as domésticas, as vendedoras e as prostitutas.

Figura 23 – Rua João Pinto em 1892



Fonte: Casa da Memória.

Seguiram as reformas sobre as linhas da cidade. A revista *O Olho*, em 1916, escrevia que Florianópolis havia “disparado pela estrada do progresso” e pelas obras de alargamentos e calçamentos das ruas no centro “[...] é difícil reconhecer-se aquele montão de ruínas que se chamava Desterro”.<sup>62</sup> Assim a Rua Felipe Schimidt, que outrora foi a Rua do Senado e depois Rua da República, permanecia com suas casas térreas e sobrados típicos de arquitetura portuguesa e açoreana até meados de 1920. Por ocasião da construção da ponte e, mais tarde, pelo crescimento do número de carros, a rua passou por novas reformas.

A remodelação da espacialização social (CHEREM, 2001), que agrupou no centro o comércio e a administração pública e, nas franjas dessas áreas, outros segmentos sociais, articulava-se também aos reajustes nas práticas de convívio urbano. A cidade mudou de nome. Os sobrados coloniais e as casinhas de porta e janela deram lugar a casarões com ornamentos de ferro e vidro. Novas técnicas arquitetônicas foram exibidas em casas particulares ou em prédios públicos que, pouco a pouco, voltavam sua fachada para o mar. Como tal se pode perceber na narração de Várzea (1984), a vida em Desterro, ligada estritamente à sua

<sup>62</sup>Hábitos e costumes. *O Olho*, Florianópolis. 25 de junho de 1916, p. 11.

maritimidade, foi se desenvolvendo pelo comércio e pelo porto, para se tornar a Florianópolis de navegadores, comerciantes e imigrantes (Figuras 24-28).

O olhar do cronista, que passava em revista a cidade, escrevia:

[...] volto meu olhar na direção do ‘mercado público’, deparo coma rua nos fundos do mesmo, onde estão colocadas as bancadas de peixe e sou forçado a dizer somente para mim (meu Deus! Que vergonha para nós quando o passageiro por acaso ali passe), parece, ao ver-se a lamaceira que aquele local conserva, estar condenado pelo progresso, à lama eterna!<sup>63</sup>

Figura 24 – O mercado de peixe e a Praça XV de Novembro



A praça ainda cercada exhibe o gradil de ferro comprado da Inglaterra.

Fonte: Moreira (2013).

---

<sup>63</sup>LONDON. Jardim Oliveira Belo. **O Clarão**, Florianópolis, p. 2, 24 set. 1911.

Figura 25 – Espaço para construção do novo mercado no final século XIX



Ao fundo, à direita, o prédio da alfandega; e à esquerda, as torres da igreja São Francisco.

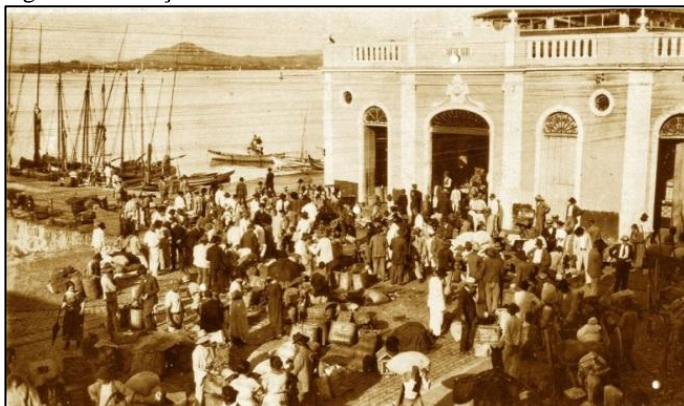
Fonte: Gerlach (2015).

Figura 26 – Novo mercado no início do século XX



Fonte: Santos (2009).

Figura 27 – Praça do novo mercado em 1920



Fonte: IHGSC.

Figura 28 – Praça Fernando Machado, ao lado do mercado, na década de 1910



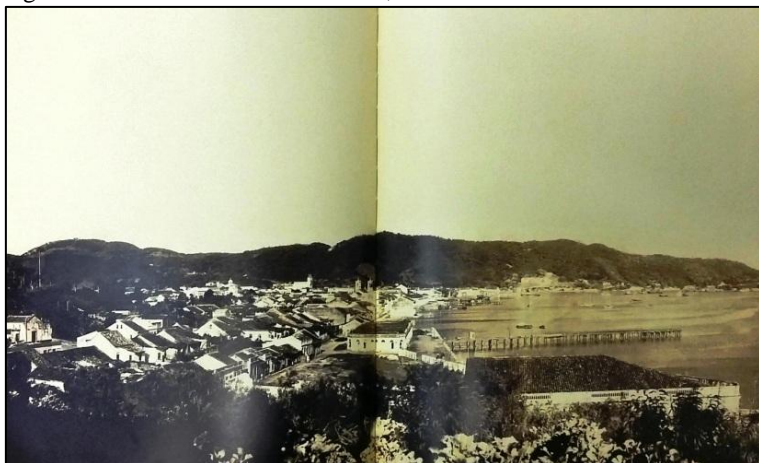
Fonte: Site Velho bruxo.<sup>64</sup>

As imagens do mercado central e seu entorno, mostradas acima, exibem num dado recorte temporal a caracterização do espaço físico e social associado ao processo de rompimento com os estigmas de

<sup>64</sup>Disponível em: <<http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/FotoAntigas/Album005/pages/Centro%20Praça%20Fernando%20Machado%20e%20o%20Bar%20Continental%20-%20anterior%20a%201917.JPG.htm>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

decadência e isolamento. Convergiaram para o centro, tanto as atividades do porto e relações de comércio, como também atividades e prédios governamentais de controle e regulamentação dos ofícios. Assim, temos o prédio da alfandega (1875), o cais e a primeira ala do mercado público (1898), o atracadouro da alfandega (1928), o trapiche municipal Miramar (1928), entre outros prédios públicos representantes do governo republicano (Figura 29).

Figura 29 – Panorama sobre a cidade, Baía Sul em 1920



Ao fundo, centro da cidade com as torres da Assembleia Legislativa, Igrejas do Rosário, Matriz e São Francisco; à direita, Porto da Baía Sul com trapiche de Campos Lobo & Cia.

Fonte: Gerlach (2015).

As reformas do mercado público, a primeira em 1845, por ocasião da visita do Imperador, a segunda em 1899 e a terceira em 1931, fortalecem seu papel secular na economia e na sociedade, bem como reafirmam sua importância na paisagem urbana, segundo Murillo Marx citado por Veiga (2008), porque sua arquitetura e os materiais que utilizam, de simples coberturas e pátios fechados a elementos como o ferro e o vidro, são símbolos da ação reguladora do Estado e da responsabilidade com o abastecimento de uma gente cidadina que não planta o que come.

Assim, o mercado também reclama sua parte na modernidade como símbolo da economia e por lembrar a característica singular da cidade de consumir e não produzir. O mercado, no decorrer dos seus melhoramentos, segundo Teixeira (2002), foi um espaço público de livre

acessibilidade e próximo à orla marítima da cidade. Em suas reformas, ele inaugurou o sistema de iluminação a acetileno, implantou câmaras frigoríferas e redes de encanamento de água, produziu leis normativas para exposição, circulação e venda de produtos e determinou os tipos de atividades e costumes que ali deveriam aparecer, quando da proibição dos jogos e dança ou da presença de ébrios e mendigos e, nesse sentido, tocando na experiência moderna dos habitantes da cidade.

O que mais os habitantes dividiram com a cidade no processo de reformas, modernização e embelezamento? Para efeito de resposta desta tese, que busca compreender as relações entre esporte, sociedade e modernidade a partir da prática do remo, apontamos que o aspecto singular dessa Capital, ou seja, sua condição insular, faz emergir a questão da sua relação e domínio da água e do mar. A maneira como a cidade de Florianópolis encaminhou os processos de modernidade mobilizou, necessariamente, duas frentes de reformas. A primeira foi a forma de tratamento da água como portadora de sujeira, doenças e odores. Falamos aqui tanto das fontes de água dentro da cidade como da relação com o mar, em duplo aspecto, como lugar de despejo de dejetos e como lugar de passagem e elo entre a ilha e o Continente. Essas frentes de reforma também exigiram reconstrução do imaginário sobre a exposição do corpo com o mar. Desse modo, vemos que o que relaciona a modernização da cidade, por meio das reformas urbanas, o desenvolvimento dos esportes e a educação do corpo na cidade, é a interpretação histórica que a cidade realiza do mar, em última instância, com o domínio da natureza e do corpo.

Na montagem de imagens abaixo (Figura 30), dos inúmeros elementos possíveis de análise que as fotos nos trazem sobre o processo modernizador, ressaltamos dois. Um aspecto a observar é a imagem de ruína e progresso, e o outro é o trato com a presença da água. Existe ainda uma questão que perpassa esses dois elementos citados: pelo controle do uso, acesso e proximidade com a água, é possível ver demonstrações do domínio da natureza, do domínio do corpo.



Figura 30 – Montagem com cenas da cidade



Fonte: Gerlach (2015) e Casa da Memória.

A primeira e a segunda foto, no sentido horário, foram feitas no Largo XIII de Maio, respectivamente, em 1920 e 1905. Esse largo, localizado em frente à enseada Menino de Deus e a leste da Praça XV, durante quatro décadas, foi alvo dos investimentos de saneamento e urbanização, porque o bairro se adensara sem planejamento e as curvas da malha viária estavam condicionadas pela sinuosidade dos córregos e da proximidade da maré. Conhecido pela sua aparência degradante, as intervenções que sofreu, principalmente de aterro e canalização do Córrego da Fonte Grande, demandou estudos, pesquisas e obras em diferentes etapas, fazendo do feito uma proeza técnica de saneamento para a época. O Córrego da Fonte Grande unia essa parte da cidade à Praia de Fora. Virgílio Várzea (1984) elencou o Largo XIII de Maio, após as reformas, como um lugar de aspecto pitoresco e agradável, ao lado do bairro aristocrático da baía norte da ilha, justamente pela sua relação com o mar:

As praças ou largos de Florianópolis são em pequeno número, mas apresentam aspecto

agradável e pitoresco, por serem em geral planos, com bela arborização ornamental. Três deles, porém, merecem particular menção — o Quinze de Novembro, que está situado no coração da capital, estendendo-se desde o alto da Matriz até ao principal cais de desembarque, onde se achava o edifício do mercado velho, hoje demolido; o da Praia de Fora e o Treze de Maio, todos dando frente para o mar [...]. O largo conhecido por Treze de Maio ocupa toda a área que vai da Ladeira do Menino Deus à Ponte do Vinagre. Não é ajardinado como os outros, mas abre sobre a linha do cais chamado do Menino Deus, de onde se goza magnífica vista de mar (VÁRZEA, 1984).

As fotos nos cantos inferiores são da Rua Esteves Junior, no bairro Praia de Fora, em 1905, e a última é uma tomada da Avenida do Saneamento. Só foi possível sua construção após as obras de saneamento do Córrego da Fonte Grande, na região do Beco Sujo, com vista para os cortiços localizados entre a Fonte Grande e o Campo do Manejo (correspondendo atualmente às proximidades do Instituto Federal de Educação). De um lado, a presença dos postes de iluminação e da estética aristocrática das chácaras e, do outro, a marcha da pobreza que subia os morros da Capital. O que mais esses transeuntes dividem, nesses distintos espaços urbanos (e estamos falando de quatro ou cinco quadras de distância um do outro), é a ambição civilizatória. Tal ambição foi trabalhada física e simbolicamente e mereceu a atenção dos jornais para sua realização

### **2.2.3 “Vamos ter bonds, esgotos e d’água canalizada, vamos ter sport, tudo, e também a aviação”: os indicadores materiais da modernização**

A cidade transformou-se em nome da necessidade de reformas urbanas e sanitárias mais visíveis, e o século XX, em Florianópolis, distanciou-se, aos poucos, dos ideais das elites portuguesas, das suas referências imperiais e da imagem decaída e atrasada dos bairros e dos seus típicos habitantes. As manifestações da “picareta modernizadora”, termo utilizado nos jornais da época, estava nas demolições de construções julgadas insalubres, construções de edifícios públicos, abertura e pavimentação de ruas e avenidas, instalação de serviços de redes de água encanada, esgoto e energia elétrica, bem como se fazia



notar o envolvimento de governadores, inspetores de higiene, chefes de polícia, superintendentes, médicos e, também, cronistas dos jornais, todos envolvidos com a produção de um discurso e de um território de práticas diversas referente à transformação da Capital.

O artigo de jornal, que dá o título deste capítulo, anunciava, em 1894, a velocidade das mudanças “à tire d’aile”, ou seja, na ideia mesmo de que o progresso, em sobrevoo sobre a cidade, é rápido, inevitável, não hesita e tem a ver com as mudanças na relação com o espaço: “Vamos ter bondes, esgotos e água canalizada, vamos ter esporte, tudo, e também a aviação [...] muito bem! Nada de medo de caminhar sempre pra frente, façamos marchar o Estado num progresso persistente”.<sup>65</sup>

As demolições e as subsequentes reconstruções destruíam e refaziam a cidade, alterando o panorama urbano, sitiando o centro de Florianópolis com a nova qualidade estética das residências, repartições públicas, edifícios comerciais e obras de embelezamento e saneamento. Sob o mapeamento do olhar econômico, que agiliza obras de modernos edifícios, a cidade se transforma também em uma jogatina de valorização do seu traçado. Em outras palavras, a cidade não é para habitar, é para lotear e comprar e, assim, também se destruíam e se refazia a produção de outra subjetividade afeita à topografia (e à economia) da cidade.

A produção de leis e normas para destruir/construir na cidade de Florianópolis, ou seja, a legislação municipal, são referências de habitar e construir que estavam distantes da realidade material e social que pretendiam regular e, por isso, produziram segregação socioespacial, hierarquização de espaços e de pessoas. É o caso da população negra e pobre, como veremos mais adiante, que habitava o centro de Florianópolis mas, paulatinamente, foi sofrendo com as dificuldades impostas à sua permanência no perímetro central, sendo expulsa para os morros, dificultando ainda mais seu acesso a equipamentos e serviços que estavam sendo implantados na cidade.<sup>66</sup>

Conforme indica Santos (2009), a expulsão da pobreza do centro da cidade e a subida ao morro se dá nas relações comandadas pela elite

---

<sup>65</sup>À TIRE d’aile. **República**, Florianópolis, p. 1, 11 nov. 1894.

<sup>66</sup>Santos (2009) mapeia esse processo de ocupação dos morros em quatro etapas ao longo dos séculos XIX e XX em relação à pobreza: o isolamento, a separação social decorrente da escravidão, o distanciamento entre classes no espaço da cidade e, por último, as dificuldades de permanência do perímetro urbano central de Florianópolis.

política e econômica expressadas na forma do sanitarismo, higienismo urbano, modernização de infraestruturas e serviços urbanos acompanhadas de políticas e determinações legais que modificaram a organização social na cidade. Nesse sentido, são recorrentes as notícias como: “Foram demolidos os pilares e as grades de ferro que limitavam o antigo terraço do Café Popular [...] esquina da Felipe Schmidt. Nesse local vai ser erguido um magnífico prédio de propriedade do Sr. Otto Dombush”.<sup>67</sup> Essa lógica de ocupação do centro da cidade, prevista na legislação municipal de Florianópolis nos primeiros anos da República, conforme Anaissi (2009), expressa-se em quatro elementos: a condenação e desapropriação da moradias consideradas inadequadas; a instauração de normas arquitetônicas de custo elevado para classes populares; as taxações sobre a moradia, tornando custosa a sua manutenção; e, por fim, a flexibilização de normas urbanísticas em áreas menos valorizadas.

O pensamento sobre higiene e modernização se insere numa questão mais ampla do contexto em cena e que perpassava diversos setores do mundo social daquele momento. Quando falamos de modernidade e da chegada de novos códigos de sociabilidade urbana, referimo-nos ao ideário burguês que caminhava com o capitalismo afigurando

[...] ideias de salubridade, perspectiva otimista de futuro, produtividade incessante, aceleração do fluxo de mercados, entre outras, o conceito de civilização perde terreno para o de civilidade; a cidade será o palco privilegiado de intervenção dos promotores desta nova percepção da realidade. A concepção de civilidade irmanada com a de sociedade urbana, era a de uma existência cidadina (BITENCOURT, 2004, p. 29).

É o que anuncia o colunista D’Orlac (1916), na Revista *O Olho*, clamando para o centro da cidade “[...] água, luz, teatros, cinemas, fonfonar de automóveis e jornalistas e jornais de todos os tamanhos e feitos dão a ‘urbs’ um tom chic e movimentado”<sup>68</sup> (Figuras 31 e 32).

---

<sup>67</sup>Conferir Veiga (2008, p. 159-187) para visualidade dos prédios públicos e comerciais no centro da cidade.

<sup>68</sup>HÁBITOS e costumes. *O Olho*, Florianópolis. 25 de junho de 1916, p. 11

Figura 31 – Praça Fernando Machado em 1924



Detalhe para o poste de energia elétrica depois da retirada das grades e árvores do jardim. Observa-se a estação de água e antigo trapiche, onde seria construído, em 1928, o Bar Miramar.

Fonte: Casa da Memória.

Figura 32 – Cartão postal da Praça XV de Novembro em 1907



Fonte: Site Velho Bruxo.<sup>69</sup>

<sup>69</sup>Disponível em: <<http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/FotoAntigas/Album005/pages/Centro%20-%20Praça%20XV%20-%202001-01-1907.JPG.htm>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

Seriam essas palavras os argumentos sobre a construção de uma sensibilidade afeita aos ritmos da cidade? O mesmo colunista relata que o burguês ficou estatelado de admiração quando deu com duas linhas de ferro a se estenderem pelo bombo lamacento da rua: “O bonde, minha velha, o bondinho que nos há de passear muito e muito nestas tardes de sol”<sup>70</sup> (Figura 33).

Figura 33 – Bonde na Praça Pereira Oliveira em 1915



Fonte: Gerlach (2015).

A sensibilidade burguesa, atrelada à cultura material, encontra sua produção também nos limites da cidade, que são cada vez menos tolerados:

[...] volto-o para o lado do ‘Largo Pereira de Oliveira’ onde se acha o ‘Teatro Álvaro de Carvalho’. Pela face direita daquele edifício existe um espaço [...] já era tempo de calçá-lo [...] Penso que o público frequentador do Teatro não ficaria desgostoso, nem gritaria, quando ao saltar do bonde ou do carro firmasse o pé sob a paralelepípedos dizendo: por aqui passou o progresso [...] fazendo desaparecer a lama

<sup>70</sup>HÁBITOS e costumes. **O Olho**, Florianópolis. 9 jul 1916, p. 9.

incômoda do barro vermelho, que tanto prejudicava nossos sapatinhos de veludo ou borzequins caprichosamente lustrados.<sup>71</sup>

Em Florianópolis, a afirmação da higiene urbana e social como lugar de primeira importância na gestão das atividades públicas e privadas dos habitantes da cidade se expressa, por exemplo, em 1919, na fala do médico Dr. Joaquim David Ferreira Lima, diretor dos Serviços de Higiene em Santa Catarina, quando diz: “[...] a situação é de uma guerra [...] em que temos a obrigação de apresentar uma resistência enérgica e decisiva, numa ofensiva que, sabiamente conduzida, há de trazer sem dúvida a vitória [...]” (*apud* ARAÚJO, 2004, p. 102). Uma fala nesse tom militar, vinda da classe médica, encontra ampla expressão em 1919, mas estava amparada em ações e contextos anteriores que se comprometiam com a remodelação de uma ordem social na cidade de Florianópolis, com a generalização de padrões de comportamento público adequados a uma sensibilidade burguesa e, por consequência, com uma idealização negativa do homem do litoral, anteriormente caracterizado.

A ambição civilizatória na cidade de Florianópolis tem, entre outras referências, duas expressões conhecidas: a ponte e a avenida que levam hoje o nome do seu idealizador, Hercílio Luz, mas antes foram batizadas como Ponte da Independência e Avenida do Saneamento. Apesar de o seu nome atual dar visibilidade ao governador, seus nomes de batismo, vamos assim dizer, contam das suas ambições. A ponte seria a independência do isolamento econômico da Capital, seria a promessa de integração do centro administrativo com o restante do Estado e seria, também, uma demonstração de proeza da técnica na construção das cidades modernas.<sup>72</sup>

A avenida, construída sobre o Rio da Bulha, levava para o subterrâneo as águas servidas e dava uma nova forma àquele espaço da cidade castigado pela sujeira e mau cheiro. A avenida colocava em cena uma forma de circular e criava novos limites para a mobilidade, inclusive social, porque abrigou em seu entorno símbolos da civilização e da modernidade, como os institutos de pesquisa, memória e escolas. A transformação da cidade era material, concreta, palpável e visível, tal

<sup>71</sup>LONDON. Jardim Oliveira Belo. **O Clarão**, Florianópolis, p. 2, 1 out. 1911.

<sup>72</sup>No projeto original, a ponte deveria comportar uma linha de trem para fazer a ligação da Capital com o planalto serrano via estradas de ferro.

qual foram seus impactos sobre a nova maneira de vê-la, senti-la e habitá-la.

Nessa esteira, o movimento de remodelação da cidade e dos corpos precisou enfrentar os hábitos das gentes que carregavam as marcas do atraso. A intenção de produzir novos usos e costumes modernos fez aparecer a capilaridade da atuação desse pensamento em diversos espaços da cidade e da vida. Registra-se, nas primeiras décadas do século XX, a concretude da modernização espelhada em diversos serviços urbanos, como a reforma do Palácio do Governo (1896), o serviço público de abastecimento de água (1906),<sup>73</sup> a instalação da rede de esgoto sanitário (1906-1913),<sup>74</sup> a instalação da energia elétrica (1910), as linhas de bonde (1906-1910), a construção da Avenida do Saneamento (1919-1922), a construção da Ponte Hercílio Luz (1924-1926). Houve também a materialidade da modernização voltada à implantação de novas perspectivas formativas, à produção de novos hábitos e, nesse sentido, a criação do Liceu de Artes e Ofícios e o Ginásio Catarinense (1906), a instalação dos Asilos de Mendicância Irmão Joaquim (1909) e o Asilo de Órfãos São Vicente de Paula (1910), a Inspetoria de Higiene (1918), a fundação da Sociedade de Medicina de Florianópolis (1919), a construção do novo prédio da Escola Normal, datada de 1892, (1922-1924), a publicação do novo Regulamento de Higiene (1928), entre outros.

A interferência do Estado na disciplinarização dos espaços e das condutas, em conjunção com a sensibilidade burguesa, volta-se, então, para as populações pobres no centro da cidade sob o olhar da “racionalidade segregatória” (ARAÚJO, 1989). A população de afrodescendentes da cidade de Florianópolis, que colonizou esse Estado e possibilitou a organização social e a consolidação de tradições lusitanas, apresentada em alto contraste com a população das colônias germânicas, estava relacionada com a moral indolente, fraca, degenerada do homem do litoral.

A moral civilizatória, ou embranquecedora, viu as populações de origem africana como os estranhos, gente incapaz de se tornar cidadão e, na impossibilidade de eliminá-los, inviabilizava a presença negra no cotidiano da cidade, deixando-lhe apenas o direito de aparecer aqui e ali, como símbolo da miséria, da marginalidade e do fracasso individual. Os negros precisavam ser controlados, vigiados, afastados (MORTARI; CARDOSO, 2004). Os espaços desapropriados pelas elites dirigentes,

---

<sup>73</sup>Veiga (2008) afirma ser 1906 e Araújo (1989) 1909.

<sup>74</sup>Araújo cita 1913-1917, como também afirma Dallabrida (2001).

no centro da Capital, eram ocupados por populações de origem africana. Isso significou que, “territórios negros”, lugar de gente humilde, de camadas populares, ambientes considerados distantes dos objetivos dos bairros mais abastados, foram eliminados, “a bem da tranquilidade pública”, com a paulatina chegada dos serviços de canalização de água, esgotos, instalação de bondes, aterros e demolições (RASKE, 2013).

Relata o jornal que “[...] nesse paraíso definha uma população carcomida e sugada pela malária que lhe apaga a energia, a iniciativa e a própria personalidade física e moral”.<sup>75</sup> A questão a ser notada aqui é que, segundo Araújo (2004), a antiga relação que a sociedade mantinha com a doença se modernizou. Não foram as doenças que aumentaram ou se alastraram, mas sim a recepção dos progressos da ciência para resolução de problemas referentes à saúde pública, bem como a crescente intervenção do Estado na sociedade sob novas formas de ação do Poder Público que identificou uma insuficiência de civilidade dos costumes locais.

Diversos usos, ocupações e práticas são retratados como uma espécie de insistência/resistência dos tempos antigos. Os jornais, não só na sua função de informação, mas também como formadores da opinião pública, acolheram e divulgaram, na seção “Queixas do povo”, a ideia de que a própria população exercesse as práticas de policiamento, por exemplo, sobre o lixo acumulado nos fundos de uma casa: “Num centro populoso [...] exige uma providência urgente e enérgica das autoridades competentes”.<sup>76</sup> As reformas estabelecem outra modalidade de convívio urbano e, sendo segregatória, quando se tratava de modos de vida de lavadeiras, pescadores, biscateiros, carregadores, marinheiros, sabiam demonstrar que a cidade metrificada pelo discurso da ordem e da higiene lembrava seus lugares e que seus costumes não mais eram tolerados. Assim, apesar da “elegância bem calçada da Praça XV” e da “arquitetura fina dos prédios”:<sup>77</sup>

Da janela de fulano é uma ceroula, a enxugar ao sol, abanamaos transeuntes os dois cordãozinhos num adeusinho obsceno e condenável. É uma desordem, um cheiro de sujo e de mau gosto, que a moral doméstica bem poderia sanar, se calculasse que estes desarranjos vêm contra os créditos do lar e da cidade. Outros mais afoitos

<sup>75</sup>O SANEAMENTO. **A República**, Florianópolis, p. 2, 4 out. 1918.

<sup>76</sup>QUEIXAS do povo. **O Estado**, Florianópolis. 8 mar. 1917.

<sup>77</sup>HÁBITOS e costumes. **O Olho**. 25 jun. 1916.

entopem as janelas com gaiolas, e isto bem no centro da cidade. Quando o sol bate de cheio é um trinado incessante, desconcertando de todos os habitantes da floresta. Ora, convenhamos que, num subúrbio é isto um uso que é bem passável, é até chic... mas no centro da cidade...<sup>78</sup>

A disciplina e os comportamentos eram não só regulados nas instituições criadas para esse fim. A moral do saneamento se estendia aos espaços da cidade e foi progressivamente taxando a população, exigindo, em 1909, que os passageiros do bondinho estivessem asseados e calçados; em 1911, houve a proibição da mendicância pelas ruas da Capital sob pena policial; e, em 1918, a proibição da entrada nos jardins de pessoas descalças, maltrapilhas e, portando, com cargas nas mãos e ou nas cabeças (ARAÚJO, 2004).

Nessa lógica, seguem mudanças sobre as noções de trabalho e trabalhador, reafirmando o processo de remodelação de condutas. A República facilitou atividades econômicas de outra ordem, inaugurando práticas e discursos em que o progresso capitalista poderia florescer. Chalhoub (2008), em perspectiva com a cidade do Rio de Janeiro nos idos de 1900, mostra que a necessidade de orientar o discurso do trabalho em direção a uma roupagem de valor positivo, engrandecedor, de caráter de dever social e regenerador, fazendo emergir a figura do “homem de bem”, tocou fundo a forma como as camadas populares viveram seu cotidiano, suas lutas pela sobrevivência e suas dinâmicas de prazer e lazer. A idealização do discurso republicano forjou um trabalhador que fosse permeável às práticas higienistas e de boa conduta moral, regrado e disciplinado.

Em Florianópolis, também estava presente o discurso da regeneração da cidade pelo trabalho. Visto como uma responsabilidade individual e social, torna-se um componente da nova compreensão sobre a cidade, um dos pilares de modernização e progresso, um elemento da reforma social presente nas políticas de saneamento. Essa Ilha-Capital não contou com grandes expedientes de operários, como evidenciado, mas conheceu bem o trabalho informal, os trabalhadores ocasionais e os pequenos proletários. Além da presença de funcionários no setor formal, havia algumas pequenas fábricas<sup>79</sup> de produção de uma sorte variada de

<sup>78</sup>HÁBITOS e costumes. **O Olho**. 25 jun. 1916.

<sup>79</sup>Havia fábricas de pregos, de rendas e bordados, de sabão. Havia o estaleiro e toda sorte de casas comerciais, como as Carl Hoepcke, André Wendhausen, Mollmann e Filhos, Meyer e Cia., Otto Ebel e Eduardo Horn.



bens de consumos caracterizando noções de trabalho afeitas aos ritmos da vida nessa ilha.

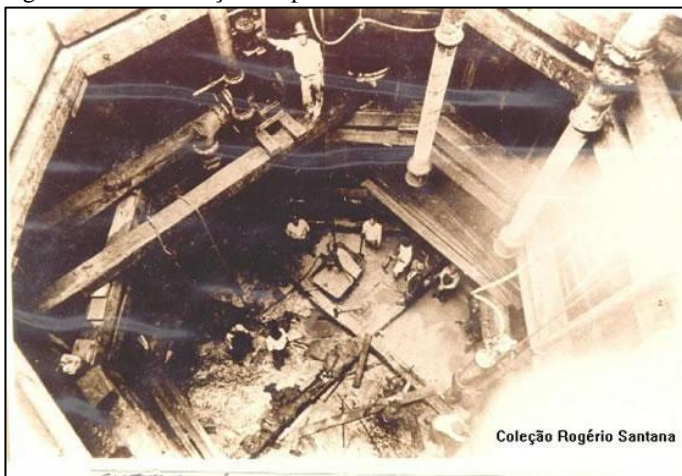
O investimento republicano em obras de remodelação e saneamento que anunciam um vir-a-ser da Capital produziu mudanças nas relações de trabalho. Essa reorganização do espaço e do tempo, segundo Chalhoub (2008), numa sociedade (em transição) capitalista se apresenta com o controle social e econômico para disciplinar a força de trabalho. Daí recomenda o colunista que o descanso do fim de semana seja para “[...] reparar com higiene os tecidos e outras coisas não menos uteis ao organismo [encorajando assim o] violento e heroico salto do domingo para a segunda produtiva”.<sup>80</sup> Trata-se, portanto, de outra temporalidade, dada não mais pelo ritmo do trabalho artesanal ou da natureza, nesse caso, do pescador e do mar. Trata-se de um tempo “artificial”, marcado pelos ponteiros do relógio, um tempo cronológico.

Na construção da Ponte Hercílio Luz (Figura 34) havia algumas inovações em relação a outras ocupações desenvolvidas no centro da cidade, pois o controle dos horários de entrada e saída, a divisão de atividades, os confrontos entre operários e apontadores, entre outras questões, inseriam uma nova forma de “tempo de trabalho” na cidade, contrastando com o trabalho informal (SCHIMIDT, 2001). Sanear e embelezar são lógicas de arranjo de um processo de urbanização que visava a coordenar a ocupação do espaço urbano de acordo com os imperativos da acumulação capitalista.

---

<sup>80</sup>NOTAS & echos. **República**, Florianópolis, p. 2, 8 out. 1918.

Figura 34 – Construção do pilar da Ponte Hercílio Luz em 1922



Fonte: Site Velho Bruxo.<sup>81</sup>

A instalação da rede de água (1909) e de esgotos (1913-1917), bem como da energia elétrica, estava relacionada com uma mentalidade técnico-higienista que projetava efeitos de realidade moderna em Florianópolis por meio da visualização desses empreendimentos urbanos que, por sua vez, eram produzidos por técnicas e materiais que são produtos de luxo da era industrial (o ferro, a água encanada, a energia elétrica) e ofereciam outra relação com os espaços urbanos (Figuras 35-36).

---

<sup>81</sup>Disponível em: <[http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/FotoAntigas/Album002/pages/Construcao%20da%20Ponte%20Hercilio%20Luz%20-%20consrucao%20do%20pilar%20-%201922\\_jpg.htm](http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/FotoAntigas/Album002/pages/Construcao%20da%20Ponte%20Hercilio%20Luz%20-%20cons%20rucao%20do%20pilar%20-%201922_jpg.htm)>. Acesso em: 7 jul. 2016.

Figura 35 – Praça XV de Novembro e a implantação da rede de água em 1909



Fonte: Casa da Memória.

Figura 36 – Obras da rede de abastecimento de água na Rua Trajano em 1919



Implantação da rede d'água no trecho entre as ruas Felipe Schmidt e Tenente Silveira.

Fonte: Casa da Memória.

Em especial, no que se refere à água encanada e à rede de esgotos, o discurso produzido pela engenharia sanitária e o saber médico estava repleto de ideias/conceitos, como: comodidade, higiene, saúde, expansão urbana, abastecimento, capacitação reservatória, galerias, tubos, redes, esgoto, energia, ruas, vielas, becos, córregos, sistema eficiente, canalização, grés esmaltado, encanamento, latrinas de barro com sifão, mictórios de ferro, ralos com grelhas etc. Palavras que compõem um acervo civilizatório por meio das técnicas que são incorporadas à rotina da cidade e à vida dos habitantes. É o interesse pelo domínio do corpo e da cidade, pelo instrumento racionalizador que, primeiro, aparece com a preocupação com as águas, com o mar e, depois, com os morros.

Nesse sentido, paradigmático é um artigo sobre recenseamento da Capital em 1918, no qual se dizia que o

[...] trabalho foi exemplar e com sucesso os recenseadores não deixaram sem visita nenhuma das casinhas que se equilibram nas encostas dos morros ou que se emboscam em chácaras e quintais [o qual se conclui que] nem outra coisa era de se esperar, visto que o trabalho censitário do perímetro urbano fora designado a um funcionário do serviço de saneamento, conhecedor ele só de todos os logradouros da cidade e quintais e prédios à ele anexos.<sup>82</sup>

As obras de saneamento ganham visibilidade com o projeto de canalização do Córrego da Fonte Grande, ainda no século XIX, que, certamente, precedeu à construção da Avenida do Saneamento. Chamadas de grandes empreendimentos pelos jornais, sobre essas obras afirmavam:

[...] convém por relevo o efeito que esses canais proporcionam ao panorama local, contribuindo extraordinariamente para a beleza de certos lugares outrora horríveis e intransitáveis. O aspecto geral é de impressionar agradavelmente

---

<sup>82</sup>SERVIÇO de recenseamento. **República**, Florianópolis, p. 4, 6 out. 1918.

aos visitantes; que podem esparecer a vista à vontade, sem o risco dos espetáculos que provocavam, anteriormente, o desespero e a compaixão dos transeuntes: acabaram-se as lameiras, as baixadas húmidas, os córregos enxameados de larvas, as ruas esburacadas de rego pútridas, que eram núcleos de pemilongos [...]. Hoje, com os aterros, esses lugares apresentam um aspecto totalmente novo que fazem um grande bemaos olhos. É aproveitá-los, agora, para edificações modernas ou abertura de ruas e praças que os aformoseiam, dotando a cidade de uma espécie de bairro aristocrático, para onde reflu a existência abastadas da Capital.<sup>83</sup>

Segundo Veiga (2008), embora a obra de canalização do córrego tenha tido grande significado para o saneamento da cidade, a falta de colaboração dos moradores, que não estavam habituados ao novo sistema, expressava-se na manutenção do hábito de lançar lixo nas valetas dos fundos dos quintais. Isso aumentou a fiscalização e produziu a normativa que obrigava os moradores a estabelecer encanamentos parciais com a tubulação geral.

Era um confronto entre a tradição e o “novo sistema” de saneamento, que resultou na instalação da rede de esgotos (Figura 37), iniciadas em 1913, regulando o volume de águas e possibilitando a execução de outras obras posteriormente.

---

<sup>83</sup> GRANDES empreendimentos. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 16 jun. 1921.

Figura 37 – Planta de rede de esgotos em 1913



Em vermelho, designam-se as obras executadas. Nota-se que o bairro Pedreira, provavelmente pelas dificuldades que o terreno apresentava, tem as obras parcialmente executadas. Marcações do autor.

Fonte: Santos (2009).

Hercílio Luz, na condição de engenheiro de obras pública, em 1888 e, depois, como governador, de 1918 a 1922, tinha, como programa administrativo, a remodelação da Capital. Das medidas reformadoras da higiene da cidade, a obra de maior vulto foi a construção da Avenida do Saneamento (posteriormente nomeada de Hercílio Luz) atrelada, evidentemente, às obras de paisagismo e valorização do centro urbano (Figura 38 e 40).

Figura 38 – Construção da Avenida do Saneamento em 1919



Construção do canal defronte à Maternidade Carlos Correia; ao fundo, o Colégio Coração de Jesus.

Fonte: Casa da Memória.

O então governador volta a atenção novamente para a região central, nas proximidades da Fonte do Córrego Grande. O que antes foi uma intervenção para melhorar as condições higiênicas e combater situações de calamidades e epidemias, agora se reveste em uma dinâmica de desapropriação das casas que fazem fundo com as margens do córrego e da retificação do seu leito.

As abóbodas de pedra da Ponte do Vinagre sobre o Rio da Bulha (Figura 39) e as casas desapropriadas para serem demolidas “[...] resistiram dias e dias à ação da picareta e da dinamite, [entretanto,] uma turma de operários do Saneamento está ativamente trabalhando ali para mudança da rede de canalização de água”.<sup>84</sup>

<sup>84</sup> AVENIDA Hercílio Luz. **República**, Florianópolis, p. 2, 20 fev. 1920.

Figura 39 – Ponte do Vinagre e Largo XIII de Maio



À esquerda, fábrica de móveis de Carlos Reinich; à direita, Ponte do Vinagre; ao fundo, a Igreja São Francisco.  
Fonte: Gerlach (2015).

Considerada “inegavelmente como uma obra não só de aformoseamento como de saneamento de nossa Capital”,<sup>85</sup> a avenida passou a ser, segundo Veiga (2008), uma das regiões residenciais prediletas da classe média com habitações de fachada ecléticas, dotadas de conforto e padrão higiênico sadio (Figura 40). Por fim, era uma avenida “[...] ligando as duas baías com majestosas retas e belas curvas com a sua arborização verdejante [...] uma magnífica zona de nossa ‘urbs’”<sup>86</sup>, e para sua inauguração “foram colocados elegantes postes candelabros com a melhor disposição iluminatória”.<sup>87</sup>

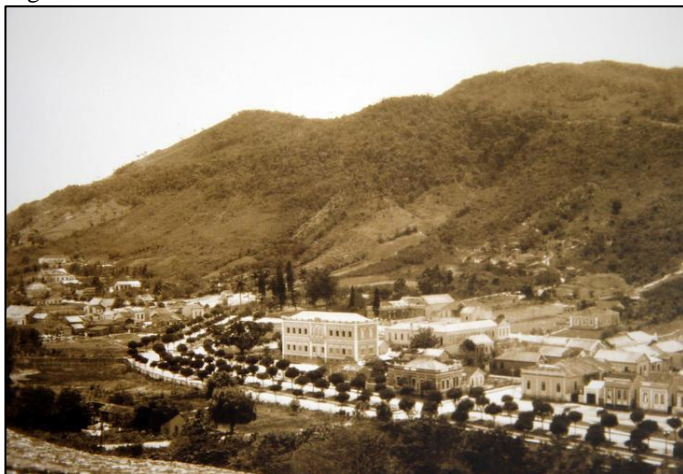
<sup>85</sup>A INAUGURAÇÃO da Avenida Hercílio Luz. **República**, Florianópolis, p. 5, 7 set. 1922.

<sup>86</sup>A INAUGURAÇÃO da Avenida Hercílio Luz. **República**, Florianópolis, p. 5, 7 set. 1922.

<sup>87</sup>A INAUGURAÇÃO da Avenida Hercílio Luz. **República**, Florianópolis, p. 5, 7 set. 1922.



Figura 40 – Avenida Hercílio Luz em 1927



Urbanização do antigo Canal da Bulha, com alteração de seu curso original. Ao centro, a Maternidade Carlos Corrêa; atrás, o Asilo da Maternidade Irmão Joaquim, construído em 1910; ao fundo, Morro do Antão.

Fonte: Gerlach (2015).

Em 1920, o então governador Hercílio Luz aventava que “[...] ainda este ano será possível o tráfego contínuo ao longo dessa extensa avenida”.<sup>88</sup> O governador descreve, em sua mensagem de governo, que a salubridade ameaçada por águas estagnadas, devido à obstrução de canais e córregos que atravessavam a cidade em todas as direções, é um problema resolvido com a avenida que, “[...] muito antes de ser construída uma obra de embelezamento, é a solução de problema de saneamento”.<sup>89</sup>

A mensagem de Hercílio Luz, que evoca a fluidez do tráfego, parece ilustrar a condução da modernidade republicana em Florianópolis. Ao pedir passagem para as ações do urbanismo sanitário, transformou todo o lado leste do centro urbano, deslocando também a população de baixa renda. A obra da avenida, considerada a

<sup>88</sup>BRASIL. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo pelo Dr. Hercílio Pedro da Luz. Florianópolis, 22 jul. 1920, p. 36 Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u975/000036.html>>. Acesso em 27 jan. 2017.

<sup>89</sup>BRASIL. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo pelo Dr. Hercílio Pedro da Luz. Florianópolis, 22 jul. 1920, p. 36 Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u975/000036.html>>. Acesso em 27 jan. 2017.

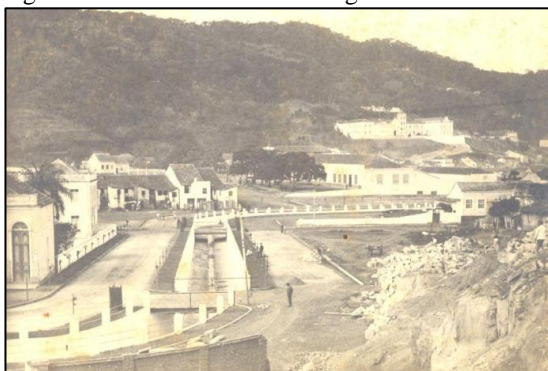
pedra angular do saneamento,<sup>90</sup> retificou o traçado dos canais, antes obstruídos pelos hábitos de insalubridade, dividiu a cidade em leste e oeste e abriu os espaços, por meio de demolições, para a construção de símbolos republicanos, como o Instituto Politécnico e a Escola Normal, o qual “[...] reúne todos os requisitos da higiene escolar e é um ornamento para a nossa *urbs*”<sup>91</sup> (Figuras 41 e 42).

Figura 41 – Canalização do rio da Fonte Grande e demolição do bairro Pedreira em 1919



Fonte: IHGSC.

Figura 42 – A avenida e suas margens retificadas



Fonte: IHGSC.

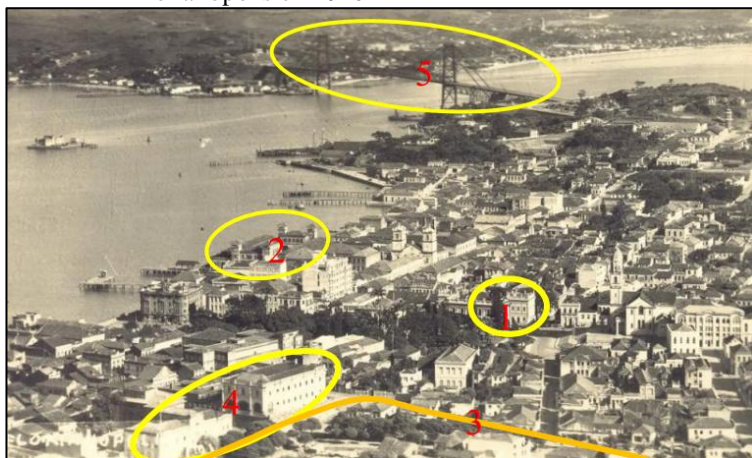
<sup>90</sup>AVENIDA Hercílio Luz. **República**, Florianópolis, p. 2, 30 out. 1919.

<sup>91</sup>BRASIL. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo pelo Dr. Hercílio Pedro da Luz. Florianópolis, 22 jul. 1920, p. 37 Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u975/000037.html>>. Acesso em 27 jan. 2017.

Antes um cenário degradado, com casas velhas de porta e janela e de gente de hábitos rudimentares, após as obras, a sua abertura provocou profunda mudança no traçado urbano e, com a crescente valorização dos terrenos, conforme aponta Corrêa (2005, p. 293), o espaço dá lugar a elegantes casarões à beira das calçadas, com porão e ladeados por extensos varandões.

Chamada de Avenida do Saneamento e depois, por aclamação popular, intitulada Avenida Hercílio Luz (PAULI, 1976), juntamente com as outras obras de reforma urbana idealizadas por Hercílio Luz (Figura 43), afirmava o caráter das reformas na Capital, que faziam da “[...] própria cidade, reformada em seu traçado urbanístico, na distribuição de seus habitantes e em seus costumes, *um documento da nova ordem para o progresso*” (NEVES; HEIZER, 1991, p. 56).

Figura 43 – Localização das obras de Hercílio Luz no Centro de Florianópolis em 1940



1 – Reforma do Palácio do Governo (1895-1898); 2 – primeira ala do mercado público (1895-1898); 3 – obras de saneamento da Fonte Grande e Avenida (1918-1922); 4 – Edificações da Escola Normal e do Instituto Politécnico (1920-1926); 5 – Ponte Hercílio Luz  
Fonte: Moreira (2013). Marcações de Moreira (2013).

Em mensagem de governo em 1923, na qual fazia um balanço das obras do ano anterior, o governador não hesitava em afirmar os feitos técnicos das reformas urbanas, principalmente aquelas de coleta e distribuição de água, as quais ele justificava que “[...] não só quanto à

estética, como também quanto à salubridade, e que também visavam preparar a Capital do Estado para, com mostras de progresso, comemorar o centenário da independência nacional”.<sup>92</sup>

Apesar da imponência e do discurso assoberbado das obras da avenida, não foi ali que se estabeleceu o lugar do *footing*. Foi na Rua Felipe Schmidt e na Praça XV de Novembro, no lado oeste do centro da cidade, que novas práticas de sociabilidade e lazer se estabeleceram. Sobre esse uso da Praça XV, Coradini (1995, p. 101) relata que o *footing* era o lugar onde as coisas aconteciam e a dimensão que predominou foi a de olhar e a de ser olhado.<sup>93</sup>

No que se refere ao uso da energia elétrica em Florianópolis, essa foi outra obra de modernização da administração de Gustavo Richard (1906-1910). Na ambiência dos jornais, segundo Santos (2009), o discurso de implantação das modernidades urbanas vinha acompanhado da refutação da cidade antiga, de suas estruturas, dos costumes e do modo de vida antigo. Afinal, uma cidade mal iluminada, como descreve Cabral (1979a), favorece encontros para amor clandestino, ajustes de contas, não sendo raras as facadas, seguidas de correrias e dos gritos dos atingidos ou dos patrulheiros. Nesse sentido, os argumentos incidem no resultado de essa tecnologia alterar a maneira de estar na cidade e produzir novos parâmetros de comportamento e condutas, uma nova sensibilidade.

Em 1905, o superintendente municipal demandando uma melhor instalação da rede de iluminação pública, escreveu que “[...] já era tempo de dotarmos a Capital do nosso Estado com um serviço de iluminação que se coadune com as exigências do seu desenvolvimento material”.<sup>94</sup> Em 1910, três décadas depois da inauguração da luz elétrica no Rio de Janeiro, seria, então, construída uma usina hidrelétrica que apresentaria a Florianópolis este símbolo da mais alta modernidade urbana, a luz elétrica (Figura 44 e 45).

Em 1905, o superintendente municipal demandando uma melhor instalação da rede de iluminação pública, escreveu que “[...] já era

---

<sup>92</sup>BRASIL. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo pelo Dr. Hercílio Pedro da Luz. Florianópolis, 23 jul. 1923, p. 40. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u978/000040.html>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

<sup>93</sup>Sobre a predominância do olhar, não é fortuito o aparecimento da coluna “Instantâneos” que se dedicava a divulgar fotos das pessoas na saída da missa e em passeios na praça. Consultar também Reibnitz (2016).

<sup>94</sup>Citado por Santos (2009). Artigo original publicado na *Gazeta Oficial* de 15 de abril de 1905.

tempo de dotarmos a Capital do nosso Estado com um serviço de iluminação que se coadune com as exigências do seu desenvolvimento material”.<sup>95</sup> Em 1910, três décadas depois da inauguração da luz elétrica no Rio de Janeiro, seria, então, construída uma usina hidrelétrica que apresentaria a Florianópolis este símbolo da mais alta modernidade urbana, a luz elétrica (Figura 44 e 45).

Figura 44 – Cais da liberdade iluminado em 1920



Fonte: Moreira (2013).

Figura 45 – Instalação da luz elétrica e calçamento em 1910



Rua Anita Garibaldi. Ao fundo, observa-se a Igreja Matriz.  
Fonte: Gerlach (2015)

<sup>95</sup>Citado por Santos (2009). Artigo original publicado na *Gazeta Oficial* de 15 de abril de 1905.

Ainda sobre as reformas urbanas, a relação da cidade com o arquétipo da maquinaria apareceu com a presença dos veículos de passeio. Houve a criação da Companhia de Carris Urbanos, em 1907, que ampliou o serviço dos bondes e, em 1920, a criação de linhas de ônibus e o surgimento de um mercado de veículos motorizados, incluindo as lanchas náuticas (Figura 46).

Figura 46 – Automóveis na Praia de Fora em 1928



Membros da família Hoepcke/Moellman em frente ao portão de suas residências na Rua Bocaiúva.

Fonte: Gerlach (2015).

A partir das elaborações do trabalho de Costa (2010), conhecemos que as percepções e sensibilidades cotidianas expressas pelos habitantes da Capital catarinense, em frente à gradativa introdução do transporte motorizado na cidade de Florianópolis, a partir dos anos de 1920, foram alteradas em função das novas formas de viver no perímetro urbano, ou seja, acostumar-se a andar pelas novas ruas, redefinidas e calçadas para os automóveis e não somente para os transeuntes.

O aparato legislativo foi mobilizado como forma de disciplinar o fluxo e o deslocamento de veículos e transeuntes e produziu uma imposição da circulação de automóveis que foi processada de maneira gradativa, no decorrer das décadas de 1910 e 1920, gerando, também, em contrapartida, a produção de táticas e estratégias específicas, ditadas pelos condicionantes do viver urbano, que conferem caráter imprevisível



e circunstancial às atitudes dos transeuntes para se esquivarem das investidas operadas pelos veículos motorizados (Figura 47).

Figura 47 – Bonde puxado a burro a caminho do centro em 1920



Fonte: Gerlach (2015).

Esse percurso argumentativo endossa, mais uma vez, nosso olhar sobre a relação entre as modificações e as estruturas das cidades e as estruturas subjetivas dos que ali viveram. Isso possibilita analisar também aspectos importantes da vida de personagens anônimos do cotidiano de Florianópolis. A instalação das linhas de bonde, fazendo parte desse processo de ajustamento urbano, trouxe aos seus usuários uma experiência do que seriam condutas polidas e da cidade. Como era um espaço público de demonstração de civilidade, este servia como vitrine de observação dos comportamentos, expondo os constrangimentos e rudezas daqueles sujeitos não adaptados à ordem

moderna, como foi o caso do burguês mal-educado que desfruta do bonde para visitar a cidade:

[...] o burguês goza de paciência compassiva dos burricos que o levam à Estação Agronômica, à Troqueira, à Esteve Junior, bimbando as campainhas instigadas pelo *hip!* berrante do cocheiro. Nada de mal, no entanto, vai neste passeio diário que Florianópolis faz no seu bondinho, muito querido, servidor. Mas é que se não satisfazem só com o gozo da paisagem, a morosidade das curvas e o tlin-tlin das campainhas. O burguês entra, cumprimenta cerimoniosamente os companheiros de viagem, procura o primeiro bandô e... zás... começa a fabricação do cigarro que será a delícia fumegante da digestão [...]. Depois de bemalçada a palhinha de milho, fecha o cigarro, acende e põe-se a jogar para o rosto dos que vão ao lado e atrás baforadas enormes de fumo sórdido, asfixiante, revoltante.<sup>96</sup>

Alguns anos depois, os jornais anunciavam a circulação de ônibus na Capital. Tendo como referências os sistemas de transporte das cidades do Rio de Janeiro e outras europeias, esse “[...] meio de transporte seguro, rápido, barato e cômodo, o auto ônibus é nas grandes cidade a providencia dos que se podem dar ao luxo dos automóveis!”<sup>97</sup> O aumento do tráfego levou à evolução do aparato legislativo da cidade para melhor organizar e controlar o trânsito de veículos na zona urbana que se adensava. Costa (2010) assinala que a presença desses veículos e da legislativa da circulação afetou as relações entre *chauffeurs*, passageiros e transeuntes, modificando percepções de circulação, velocidade, agitação e aceleração do tempo, que são características próprias dos centros urbanos. Nas reformas e alinhamento das ruas da cidade, levou-se em consideração o nivelamento, o calçamento das vias de circulação e a difusão de códigos de deslocamento, entre outras medidas, para ordenação e disciplinarização do espaço.

O desejo de urbanização e modernidade em Florianópolis tem sua expressão mais clara, ainda dentro das primeiras décadas do século XX,

<sup>96</sup>HÁBITOS e costumes. **O Olho**. Florianópolis, 9 jul. 1916. p. 9

<sup>97</sup>FLORIANÓPOLIS vai ter ônibus. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 11 jun. 1920.

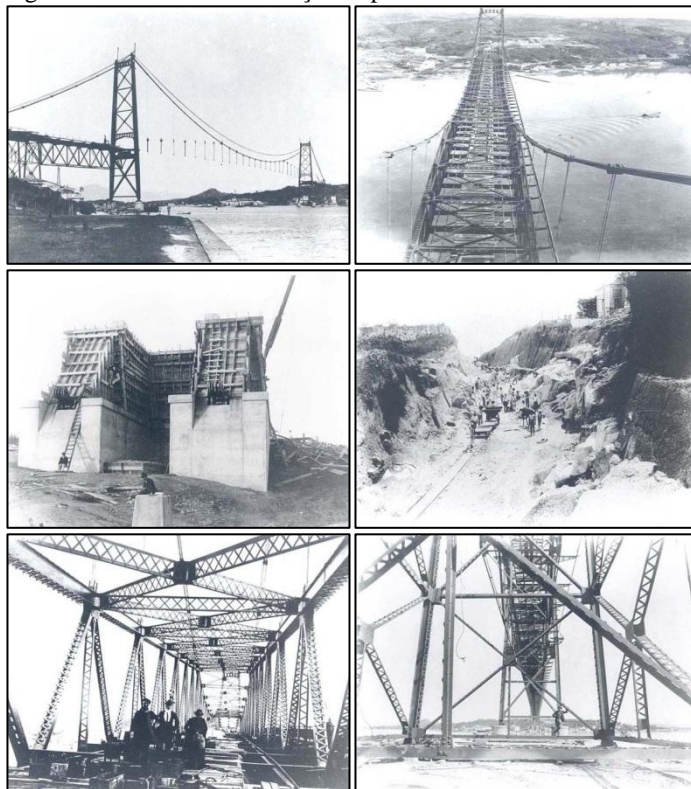


com a construção da ponte Hercílio Luz, primeiramente chamada de Ponte da Independência. É a imagem do progresso calcada pela influência do ferro e pelos melhoramentos da circulação urbana. A construção da ponte carregava consigo a modernidade ensaiada (talvez não cumprida e inacabada) na cidade, pois sua promessa de suportar uma linha férrea, o estado da arte para um projeto de ponte pênsil, não se cumpriu, restando a ligação rodoviária com o restante do país por execução da arte da engenharia (TEIXEIRA, 2009).

A imagem da ponte respondia também a um alinhamento que a cidade precisava fazer, sob o governo de Hercílio Luz, com seu papel de Capital e centro de poder. Assim, resistindo a uma movimentação política que desejava a mudança da Capital catarinense para uma cidade economicamente mais forte e contornando a dependência das condições climáticas para o funcionamento dos transportes de ligação com o continente, a cidade atirou-se para a construção desse artífice de uma modernidade possível.

A ponte de ferro, esse elemento da estética industrial, foi incorporada à paisagem de Florianópolis e produziu uma nova sensibilidade espacial e de deslocamento. Afinal, o ferro está associado à construção de trens, estradas, estações. No caso de Florianópolis, a ponte significava a condição de saída e entrada da ilha à revelia das boas condições de navegação. Cabe ressaltar, então, a construção da Ponte Hercílio Luz como representação de modernização, identidade e afirmação da cidade de Florianópolis. Por um lado, o fato de destacar a construção da ponte esteve atrelado à produção (política) de um personagem para a cidade, o governador Hercílio Luz; simbolizava, também, a presença da República e da modernidade em Florianópolis; e, por outro lado, o próprio empreendimento como demonstração de engenharia e técnica que mobilizou ritos, ritmos e sensibilidades da cidade e de seus habitantes (Figura 48).

Figura 48 – Fases da construção da ponte



Fonte: Site Departamento Estadual de Infraestrutura.<sup>98</sup>

Essa “obra monumental e gigantesca”,<sup>99</sup> como chamou Hercílio Luz, foi a amostra do desenvolvimento da técnica em um século, dada a construção da ponte de Menai, no País de Gales, em 1826, utilizou o novo sistema de pontes pênséis. As antigas pontes em arco funcionavam com materiais submetidos à compressão, as pedras e os tijolos, mas, o emprego do ferro, argumenta Coelho (1997), aumenta as possibilidades de construção de grandes pontes suspensas. Não mais a compressão, mas a leveza da suspensão do ferro. Eis aí o avanço dessa técnica que

<sup>98</sup>Disponível em: <[http://www.deinfra.sc.gov.br/jsp/informacoes\\_sociedade/ponte\\_HercilioLuz.jsp](http://www.deinfra.sc.gov.br/jsp/informacoes_sociedade/ponte_HercilioLuz.jsp)>. Acesso em: 27 jan. 2017.

<sup>99</sup>BRASIL. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo pelo Dr. Hercílio Pedro da Luz. Florianópolis, 22 jul. 1920, p. 39. (Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u975/000039.html>>. Acesso em: 27 jan. 2017).

utiliza o peso do piso para esticar os cabos em tensão, vencendo os vãos sobre o mar.

O ferro comprado para a sua construção viajava de Nova Iorque, passava pelo Rio de Janeiro, Santos e, enfim, chegava a Florianópolis. O seu desenho de aço feito com engenhosidade técnica deu forma a uma ponte que teve uma de suas cabeceiras construídas sobre a área do cemitério, o mesmo que Várzea dizia que empesteeava a bela colina. A ponte se sobrepôs ao passado ao se colocar sobre uma imagem de atraso para a cidade conseguindo ainda mimetizar a paisagem natural:

[...] [a ponte] inserida num contexto modernista, é considerada obra de arte de engenharia, conciliando arte e técnica. Uma estrutura pura, de linhas geométricas simples, desprovida de ornamentos, com objetivo fundamental de servir de passagem [...] se adaptou visualmente à paisagem de Florianópolis, sendo incorporada como patrimônio histórico. Assim como a obra em si, foi construída uma imagem da ponte ao longo do tempo como símbolo da modernidade e principal cartão postal da capital de Santa Catarina (COELHO, 1997, p. 97).

Nesse ritmo e na esteira da ciência e das aplicações técnicas, a cidade de Florianópolis foi se adensando e vivendo as invenções da era industrial com sua ponte, a luz elétrica, os carros, entre outros, e se colocando como uma cidade que consome as novidades do seu tempo. Assim, menções à engenharia, à maquinaria, ao carro não tardam a chegar como experiência da aviação na cidade. Notícias como essas vão enchendo as páginas dos jornais porque a ambiência urbana já está tomada por elas. É o caso das propagandas dos carros da Ford que anunciam detalhes da eficiência maquinaal “[...] desenhado para condições modernas de tráfego e tem uma velocidade e aceleração invulgares [...] o centro de gravidade é baixo o que permite desenvolver, mesmo nas curvas, uma grande velocidade”.<sup>100</sup> Ou os carros Oakland que “já de tão afamado produz verdadeira sensação”:

[...] dotado de todos os mais modernos aperfeiçoamentos mecânicos que a técnica

---

<sup>100</sup>DETALHES oficiais sobre o novo carro Ford. **República**. Florianópolis, p. 3, 14 dez. 1927.

automobilística criou, o Oakland veio satisfazer os pretendentes do mais apurado gosto. [...] graciosidade, linhas longas e distintas [...] ajustamento singelo [...] apto a satisfazer ao pretendente mais difícil de contentar. Por sua aparência de atraente beleza, por seu funcionamento impecável, por sua extraordinária docilidade [...] conforto absoluto.<sup>101</sup>

A tomada dos céus pela modernidade também se fez aparecer nos jornais. Em 1926, o jornal divulga: “*Riad* exclusivamente de caráter esportivo” entre São Paulo e Buenos Aires, tendo Santa Catarina como um ponto de sua passagem.<sup>102</sup> Parece que a recepção desse *Riad* pelo governador Adolpho Konder não foi por acaso, uma vez que o Estado estava organizando o Centro Catarinense de Aviação. Reconhecida como “esporte ou arte”,<sup>103</sup> a prática era o “[...] novo entusiasmo, criador e fecundo [que] anima nossas elites administrativa e técnica”.<sup>104</sup> No jornal *República*, a partir da década de 1920, podemos notar notícias sobre a presença de hidroplanos nas baías de Florianópolis no transporte de pessoas e até mesmo a discussão sobre um campo de aviação na Ressacada.<sup>105</sup>

<sup>101</sup>O NOVO Okaland aperfeiçoado. **República**, p. 7, 24 abr. 1927.

Havia um movimento em torno do automobilismo que também chegou na Ilha-Capital. Vale destacar que, em abril de 1928, partiu do Rio de Janeiro a “Expedição Brasileira da Estrada Panamericana”, comandada pelo tenente do Exército Leônidas Borges de Oliveira e Francisco Lopes da Cruz, um observador, e Mário Fava, um mecânico. Utilizando apenas dois automóveis Ford “Modelo T”, esses brasileiros tinham por missão descobrir, abrir e projetar a rota, onde, futuramente, seria construída, em condições ideais, uma rodovia que interligasse as Três Américas. A iniciativa extremamente inovadora durou dez anos e alcançou êxito na travessia. Conferir Braga (2011).

<sup>102</sup>VOANDO por esporte. **República**. Florianópolis, p. 2, 30 out. 1926.

<sup>103</sup>CENTRO Catharinense de Aviação. **República**. Florianópolis, p. 1, 23 fev. 1927.

<sup>104</sup>CENTRO Catharinense de Aviação. **República**. Florianópolis, p. 1, 23 fev. 1927.

<sup>105</sup>Ver, por exemplo, as edições do jornal *República* em 11 de maio de 1921 ou 31 de janeiro de 1928. Consultar também Mossimann (2012) e Juncks (1995) para informações sobre o trabalho da companhia francesa *Aeropostale* no trajeto Rio de Janeiro-Buenos Aires e a passagem de Antoine Exupéry na cidade de Florianópolis. Conferir o *site* da Associação Memória da

Uma viagem de hidroplano do ministro Victor Konder do Rio de Janeiro a Santa Catarina foi apresentada como um ato de “[...] intrepidez pessoal e de demonstração de verdadeiro ensinamento que visa rasgar novos horizontes à nossa aviação”.<sup>106</sup> Essa cidade que acolhe carros e aviões (Figuras 49-51) trabalha sobre a educação dos sentidos. As publicações dos jornais quanto a esses aspectos não deixam de observar as forças sociais que estão a agir Florianópolis.

Figura 49 – Hidroavião estacionado na Baía Sul em 1930



Fonte: Gerlach (2015).

---

*Aéropostale* no Brasil (<http://www.zepferri.org/>) que é uma associação com o objetivo de realizar o inventário dos vestígios materiais e imateriais da antiga companhia de correio aéreo francesa (1918-1933) nas 11 escalas que foram instaladas na costa brasileira.

<sup>106</sup>CARVÃO nacional: atuação do ministro Victor Konder. **República**. Florianópolis, p. 1, 2 fev. 1927.

Figura 50 – Hidroavião e a ilha do carvão na Baía Sul em 1930



Fonte: Gerlach (2015).

Figura 51 – Aeroplano Mitre no Campo da Ressacada em 1922



Chegada dos pilotos Theodoro Fels.

Fonte: Gerlach (2015).

Nos jornais, acompanhamos o colunista indagar, do ponto de vista do “viajante observador que retorna a cidade”, sobre “[...] que fim levou aquela legião de mendigos, que aqui e ali por toda a parte se

encontravam, acotovelando os transeuntes, batendo de porta em porta e fazendo seu assento predileto a entrada dos hotéis”,<sup>107</sup> encontramos também o relato sobre a chegada das máquinas a vapor indicando que “Já não há mais distâncias! As matas ouviram o silvo das locomotivas que iam levar-lhes a civilização: perfuram-se os montes; construíram-se pontes sobre os rios e sobre os mares e o progresso penetrou em toda parte”.<sup>108</sup> Em outra perspectiva do progresso, o morador de Cacupé, descrevendo algumas cenas urbanas, registra:

Surge a lua, quente, dardejante e fria; toda população agita-se. Move-se. Fica quieta. Daí há instantes, ouve-se o apito dos vapores e o silvo das locomotivas movidas pela força elétrica da resina da raiz da mandioca. Confusão enorme que se casa com o barulho das enormes fábricas de confecção de alhos e cebolas; fábricas de sabão e melado. Oh! Progresso! Progresso!<sup>109</sup>

As obras, reformas e movimentos de reconstrução que foram feitos em Florianópolis, a partir da mentalidade dos novos projetos políticos vindos com a República, foram interpretados aqui para além da sua materialidade. A abertura de avenidas, a construção da ponte, a remodelação do centro, entre outras, foram obras significativas para o contexto da cidade e interessa-nos discutir como essas tarefas da modernidade ensinaram as pessoas a viver, a se mover, a se comportar. É um movimento da cidade em direção ao corpo e vice-versa.

Nas primeiras décadas do século XX, Florianópolis aderiu à engenharia das veias e artérias, abrindo espaço na cidade, fazendo circular, dando novos sentidos à higiene. A cidade se modifica e modifica a visibilidade do corpo de seus habitantes. Os elos entre a nova anatomia e a lógica das reformas inauguram novas formas de ser e estar na cidade e, numa via de mão dupla, as novas condutas também inauguram novos espaços na cidade. Nessa direção em que a cidade caminhou contra a insalubridade e em favor da civilidade, ela contou com dois elementos importantes para seu respaldo. O primeiro deles, e

---

<sup>107</sup>FACTOS & notas. **A Época**: semanário noticioso. Florianópolis, p. 1, 15 out. 1910.

<sup>108</sup>E.M.A. Watt: Reflexões do gabinete. **A Luz**: jornal litterário. Florianópolis, p. 4, 20 set. 1896.

<sup>109</sup>SAVELLA, Zé. Meditando. **A Esperança**: jornal litterário, recreativo e noticioso. Florianópolis, p. 3, 7 out. 1907.

que diz de uma peculiaridade da cidade de Florianópolis, é sua condição insular e a relação com o mar. Como se viu nos planos de reformas expostos, a cidade teve que remodelar seu olhar e suas práticas no que se refere aos usos que fazia das suas águas. E o segundo é que as reformas de caráter higienista validam suas propostas na materialidade da cidade e, sobretudo, na educação do corpo, elas precisam ser encarnadas, introjetadas para se efetivarem.



### 3 DA VISIBILIDADE DO CORPO NA CIDADE: QUANDO O DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE ENCONTRA CORRESPONDÊNCIA COM O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO

Até aqui apresentamos vetores de forças que dirigiram ações da cidade ao corpo, quer dizer, a reforma urbana que alterou os traçados do centro da cidade, da sua organização, aparência e higiene, encontrou também um lugar de ação sobre o corpo e deu visibilidade aos processos de remodelação do corpo social. Tal visibilidade foi produzida pelos discursos institucionais, com um caráter pedagógico, que tomaram para si a tarefa modernizadora, sendo eles mesmos produto e produtoras desses discursos que afetam o corpo.

Na cidade de Florianópolis, a tentativa de reformar os espaços e os costumes, conferindo-lhe um ar cosmopolita-provinciano, encontra especificidades na formação socioespacial do Estado de Santa Catarina, que era formado por cidades médias que satelizavam as suas respectivas zonas geoeconômicas.<sup>110</sup> Aqui vale uma explicação sobre como essa estrutura impacta os processos de modernização via reformas urbanas na cidade de Florianópolis. Desde o início da República, a questão da fragmentação<sup>111</sup> do Estado preocupava os governantes.

Segundo Zanelatto (2012), a colonização que aconteceu de forma desarticulada, fazendo do Estado um mosaico étnico-cultural, e o arranjo de regiões produtoras do Estado com localidades exportadoras (portos e ferrovias) fora do Estado produziram um arranjo na economia catarinense que se caracteriza por regiões geoeconômicas que possuíam cada uma um sistema interno de ligação na própria região para transportar a produção, um escoadouro particular de mercadorias para fora do Estado que não facilitou a integração dessas regiões. Mamigonian (1965) descreve que a formação socioespacial do Estado tinha três tipos de zonas industriais: a zona de colonização alemã, abrangendo Blumenau e Joinville; a zona da colonização italiana, no Sul do Estado, produtora de carvão; e a zona pioneira do oeste, povoada por descendentes de alemães e italianos, vindos do Rio Grande do Sul, que viriam a trabalhar com a madeira e a erva-mate.

---

<sup>110</sup>A esse respeito consultar Souto (1980).

<sup>111</sup>O que se entende por fragmentação inclui fatores como a colonização do solo catarinense que ocorre de forma desarticulada, fazendo do Estado um mosaico étnico-cultural, com economia com fracas relações com um centro articulador e os movimentos de cisão dentro de Partido Republicano.

Essa característica produziu tensões como a reivindicação da transferência da capital para regiões mais produtoras e organizadas economicamente. Assim, ainda segundo Zanelatto (2012), essa preocupação levou a ações que promovessem a integração ancorada na construção de uma “identidade estadual e brasileira”,<sup>112</sup> cujo ensaio de sua materialização vimos no capítulo anterior. Outro componente desse esforço, que já foi apresentado aqui, é a preocupação com a imagem do homem catarinense na tentativa de ultrapassar a barreira da fragmentação cultural e da suposta indolência dos luso-brasileiros estabelecidos no litoral (em contrapartida do imigrante laborioso do interior do Estado). A nosso entender, faz parte desse esforço a centralização da força política em Florianópolis e o incentivo às reformas urbanas que pudessem dotá-la de uma ambiência moderna para coordenar a integração do Estado. Além dessas razões históricas, que colocam Florianópolis na rota das reformas urbanas, há outros motivos que ajudam a explicar uma correspondência entre a cidade e o corpo, e que não estão separados dos contornos mais gerais de uma época que remodelava seus princípios de higiene e civilidade.

Por essa via, no contexto brasileiro, durante a transição do Império para a República, tomando os significados das palavras asseio e higiene, como aponta Sant’Anna (2011), encontramos que o emprego da primeira (asseio) associado a rigores e temores, foi gradualmente substituído pelo uso corrente da segunda (higiene), significado relacionado com o advento de progressos técnicos, resultando em transformações sociais mais profundas. Isso quer dizer que a palavra asseio remetia a práticas de proteção e saúde do corpo contra a sujeira. Uma marca da representação corporal era seu vínculo com a natureza, de onde a água e o ar entram em contato com a porosidade da pele. Daí os temores dos banhos e dos ares empesteados e a rigorosidade dos líquidos e substâncias que entravam em contato com o corpo, por exemplo, os vinagres, as colônias, as cinzas, o rapé, elementos que supostamente diminuíam a abertura do corpo à sujeira e aos micróbios. Por isso a necessidade de se conhecer a qualidade das águas, pelo sabor e odor, as recomendações para não se expor ao clima e aos rigores das estações e de conhecer a direção dos ventos porque carregam substâncias nocivas.

Particularmente na relação do corpo com a água, no Brasil, essa história oscila entre a raridade do banho e a sua crescente adesão, conforme comenta Sant’Anna (2011). Entre o temor e a valorização,

---

<sup>112</sup>A origem da expressão está em Flores e Serpa (1999).

encontramos vários métodos de banhar o corpo nas diferentes épocas, indo dos banhos de rio às tinas, às banheiras, aos chuveiros, também conhecidos como regadores.<sup>113</sup> Essa historicidade da relação entre a água e o corpo nos coloca questões para pensar o caso de Florianópolis. Entre a proibição do banho de mar do Sr. Esteves Junior, em 1857, anteriormente referida, e a profusão de eventos náuticos a partir de 1915, como veremos a seguir, o que teria sido produzido entre épocas para a visibilidade dessa diferença? E, ainda, qual a relação entre os esportes, em especial o remo, com as reformas urbanas? Sob quais princípios está assegurada a associação entre esporte e higiene?

Para compreender o que acontece em Florianópolis, continuamos a dissertar a partir de contornos mais gerais que articulam ciência, economia e cultura. Certamente o progresso técnico participa dessa reconfiguração de práticas que envolve a cidade, o corpo e os esportes. Nesse sentido, como marcou Sant'Anna (2011), a gradual evidência da palavra higiene sobre a palavra asseio está relacionada com o avanço da microbiologia, possibilitado pelo progresso técnico-científico, quando a representação de corpo e da sua relação com a natureza, consequentemente, impacta a produção de cuidados. Novamente, a relação com a água é uma boa indicação dessa evidência, sobretudo numa Ilha-Capital.

As associações entre higiene e progresso convocam os usos e interdições que se fizeram/fazem da água. Tanto Cabral (1979) como Várzea (1984) e os jornais eleitos para esta pesquisa não economizam críticas à produção e o destino das “águas servidas” na antiga cidade de Desterro. O pioneirismo das reformas urbanas nessa cidade envolveu a canalização, distribuição e tratamento da água. Tratar da salubridade implicava um saber que dava outro uso e destino à água, assim, por vezes, a associação entre doença, imundice e sujeira era falta de educação e decoro. Três cenas da cidade de Florianópolis – o banho de mar de Esteves Júnior, as reformas urbanas e a comemoração da regata por volta de 1900 (Figura 1) – expressam as interdições e disputas não só por causa do uso água, mas também do corpo.

Na primeira cena do banho de mar, retomando na íntegra o artigo do jornal e as análises de Cabral (1979a), o que estava em xeque era a atitude ousada do sujeito, certamente pela afronta às medidas de asseios e decoro, como também pela imoral aventura de banhar-se na praia com pouca roupa. Já no segundo momento, a picareta modernizadora que

---

<sup>113</sup>Consultar Sant'Anna (2011, p. 294-298) para discussão dos diferentes métodos e crenças sobre o hábito de banhar o corpo.

derruba e varre do centro da cidade cortiços lamacentos cheios de miasmas, onde a “[...] ignorância da maioria da população do litoral, a aversão a todos os preceitos de higiene tornam muito difícil a prática de medidas salutaras”.<sup>114</sup> Por fim, na terceira cena, o momento da comemoração dos resultados que identifica remadores em trajés sumários exibindo a graça da força dos atletas nos eventos náuticos.

Nessas três passagens, evidencia-se a circulação de prática e saberes em torno das associações entre sujeira-pobreza-doença e educação/distinção-higiene-saúde. Aos pobres o desconhecimento dos benefícios da higiene e o estigma dos germes e doenças. Aos *sportmen* a exibição do corpo no domínio da água salgada era símbolo de saúde. Os atletas são a evidência de que o corpo social se despe das pesadas vestimentas, que cobriam o corpo contra os germes e que demonstravam distinção, para apresentar o rubor da pele e a atividade muscular como as mais novas vestimentas modernas. Essas são possibilidades produzidas em meio à implantação da rede águas, da utilização da luz elétrica, do aparecimento dos bondes, do saneamento da cidade. Do conforto e da limpeza, de acordo com Sant’Anna (2011), produzia-se uma autonomia do corpo em relação à natureza, em particular, ao clima. Eis aqui uma primeira ruptura na qual o corpo vai ganhando evidência com a cidade.

No Relatório do Governo de 1916, havia uma recomendação para a defesa da saúde pública. No primeiro momento, o documento identifica o problema: “[...] as nossas populações do litoral são trabalhadas nas endemias que as reduzem a um estado disforme de morbidez e de abatimento moral e físico, degenerando a raça, inutilizando para o trabalho”.<sup>115</sup> Na sequência, o documento realiza uma avaliação do que tem sido realizado até então: “[...] os recursos jamais permitiram aos governos voltarem as vistas para o problema importantíssimo da organização dos nossos serviços de higiene agressiva e preventiva na altura das necessidades do Estado”.<sup>116</sup>

---

<sup>114</sup>BRASIL. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo pelo Dr. Felipe Schmidt, governador do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 14 ago. 1916, p. 28. (Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u971/000028.html>>. Acesso em: 27 jan. 2017).

<sup>115</sup>BRASIL. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo pelo Dr. Felipe Schmidt, governador do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 14 ago. 1916, p. 28. (Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u971/000028.html>>. Acesso em: 27 jan. 2017).

<sup>116</sup>BRASIL. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo pelo Dr. Felipe Schmidt, governador do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 14

Aconselha o meio de combatê-las: “[...] a alimentação, o vestuário, as habitações e o regime de vida constituem a base da defensiva da higiene individual, correlativamente às obras de engenharia sanitária”.<sup>117</sup>

O problema apresentado acima relaciona salubridade urbana com trabalho e economia. Essa associação acompanhou a reforma de grandes centros urbanos, como Londres – onde o combate a doenças provenientes da falta de saneamento envolveu debates sobre higiene e prejuízo econômico – e Paris – onde a reforma haussmanniana pôde alinhar engenharia e arquitetura à sensibilidade de higienistas, médicos e educadores. E, ainda, o Rio de Janeiro e sua experiência com o “Bota abaixo”, de Pereira Passos. Assim, as pesquisas epidemiológicas, o desenvolvimento da microbiologia e a emergência da bacteriologia médica ocupam o espaço das ruas insalubres e também dos manuais de civilidade.<sup>118</sup>

Em Florianópolis, precisamente na década de 1920, o diretor da Instrução Pública, Henrique da Silva Fontes, organizou a Série Fontes,<sup>119</sup> que foram livros escolares destinados à instrução elementar nas escolas públicas do Estado de Santa Catarina. Nessa série, segundo Santos (1997), podemos encontrar a noção de que uma boa educação forma o cidadão. Educação significava aqui plasmar o cidadão trabalhador e responsável pela harmonia necessária ao bem-estar social e ao engrandecimento da pátria. E são as “lições de higiene” que aproximam a saúde do corpo humano ao bem-estar social, discorrendo sobre conteúdos referentes à alimentação, ao asseio, ao trabalho e ao sono. A finalidade das lições diárias era manter o vigor do corpo para exercer o trabalho moderado.

Interessa argumentar aqui a outra ruptura operada pelo corpo, que o coloca em evidência na cidade. A primeira ruptura anunciada dizia respeito à sua emancipação do domínio do clima e da natureza. Nesta segunda ruptura, levando em consideração as “lições de higiene”, as “lições de coisas” e os manuais de civilidade, percebe-se um

---

ago. 1916, p. 28. (Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u971/000028.html>>. Acesso em: 27 jan. 2017).

<sup>117</sup>BRASIL. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo pelo Dr. Felipe Schmidt, governador do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 14 ago. 1916, p. 28. (Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u971/000028.html>>. Acesso em: 27 jan. 2017).

<sup>118</sup>Conferir Revel (1991), Cunha (2006), Stephanou (1998), Schwarcz (1993) e Carvalho (1997).

<sup>119</sup>Para maiores informações, consultar Santos (1997) e Pedro (1998).

descolamento do corpo em relação à mentalidade católico-conservadora que concebia a educação com um sentido religioso. A laicização das instituições, e aqui se encontra a escola, e o seu papel de resguardar a moral na nova ordem, dentro de ideais liberais e cientificistas, representava o ideal republicano e isso pode indicar outro trato com o corpo.

É por essa via que a prática da ginástica e dos exercícios físicos vai penetrar nas escolas<sup>120</sup> e produzir uma noção de educação física, propalando e fortalecendo a ideia da exercitação corporal como origem da energia vital (para harmonia e defesa da pátria e execução do trabalho). Voltaremos a essa relação do exercício com a energia vital, mas, antes, faz-se necessário destacar como compreendemos a recepção da questão que mencionamos na ambiência das reformas escolares de Florianópolis. O que interessa a este trabalho não é a educação física escolar e nem a forma como ela encaminha a questão da exercitação corporal para a saúde e conservação do organismo. Estamos interessada na forma pedagógica que o esporte assume, para além do espaço escolar, no processo de educação de um corpo adaptado ao meio urbano. Entretanto, no que concerne à dinâmica interna do sistema escolar em Florianópolis, no recorte temporal deste estudo, em relação à educação do corpo, há um destaque a se fazer.

Entre as práticas de intervenção e remodelação da cidade e dos sujeitos, a presença de instituições escolares e o ideal de um sistema educacional participam do processo de visibilidade ao corpo e da produção de novas práticas culturais. Queremos argumentar como a escola e algumas sociedades esportivas organizaram tempos, espaços e práticas que deram ao corpo um determinado valor nas novas vivências públicas que se instauravam em Florianópolis. Não é por acaso que a reforma do ensino, impulsionada no governo Vidal Ramos, chamada de reforma Orestes Guimarães (1911-1935),<sup>121</sup> constitui um modelo de

---

<sup>120</sup>Para uma perspectiva das políticas educacionais no Estado de Santa Catarina que tomaram o corpo como espaço de intervenção estatal e tiveram a preocupação com a conservação da saúde na formação dos sujeitos escolares, consultar: Santos (1997), Dallabrida (2001, 2003), Teive e Prochnow (2006), Teive e Dallabrida (2011), Bombassaro (2012), Silva (2006). Sobre outros estudos, em outras regiões do Brasil e que tomaram a educação física escolar como parte dessa estrutura técnico-pedagógica de educação do corpo, consultar: Linhales (2006), Vago (1999), Oliveira (2006), Puchta e Tabora de Oliveira (2015).

<sup>121</sup>O trabalho desenvolvido por Orestes Guimarães começou no Colégio Público de Joinville (1906-1909) e foi o primeiro momento para a reforma do ensino

modernidade pedagógica, baseado nos grupos escolares e num modelo de escola racionalizada e padronizada, tornando-se conhecida pelo avanço do ensino público nas áreas de colonização estrangeira no Estado, introduzindo os conceitos de nacionalização nessas populações e estimulando o processo de assimilação cultural.

Esse projeto de Reforma da Instrução Pública esteve aparelhado com a tarefa do Estado de se constituir como tal nos primeiros tempos da República. Ao evidenciar o discurso de desqualificação e de críticas às precárias condições das escolas, a reforma preconizou a regeneração pela via da educação. Isso significaria, em graus variados, articular progresso e civilização das camadas populares e imigrantes numa proposta nacionalista, científica, moral e higienizadora. Assim, Florianópolis, apesar de pequena capital e distante dos grandes centros, também se conecta com o investimento de intervenção na sociedade por meio de uma cultura escolar, como um conjunto de normas que indicam os conhecimentos a ensinar e as condutas a incorporar, práticas que viabilizam a transmissão de conhecimentos e a aquisição de comportamentos.<sup>122</sup>

A reforma do ensino passa pela reforma dos corpos e há dois elementos que queremos destacar. O primeiro, já exposto, é a ampla ideia de regeneração. Uma justificativa do governador Richard, em 1908, foi que “As escolas funcionam em sua totalidade em casas alugadas sem as condições pedagógicas e higiênicas indispensáveis a estabelecimentos de instrução”.<sup>123</sup> Ademais, “[...] enche-se, pois, a escola de uma multidão de alunos que mal têm espaço para brucejar”.<sup>124</sup> O problema educacional, além das instalações prediais, passava pelas ultrapassadas e defasadas metodologias, bem como pela falta de pessoal habilitado para um ensino eficiente – motivos que levaram o

---

que o próprio faria em todo o Estado mais tarde. No ano de 1911, o professor paulista é contratado pelo então governador do Estado, Vidal José de Oliveira Ramos Junior, para ocupar o cargo de inspetor geral do ensino. Desse momento em diante, o ensino catarinense deixa de buscar inspiração na Europa e volta-se para influências vindas dos Estados Unidos da América e São Paulo. Durante o período em que foi inspetor geral do ensino (1911-1918), Orestes se comprometeu em criar um novo sistema educacional para o Estado.

<sup>122</sup>Consultar Julia (2001).

<sup>123</sup>BRASIL. Mensagem ao Congresso Representativo do Estado pelo Dr. Vidal José de Oliveira Ramos. Florianópolis. 2 ago. 1908, p. 21. (Disponível em: <<http://brasil.crl.edu/bsd/bsd/u962/000021.html>>. Acesso em: 2 abr. 2016).

<sup>124</sup>Idem.

Governador Vidal Ramos a declarar, três anos mais tarde, que “[...] as causas primordiais do atraso do ensino primário entre nós são a falta de mestres idôneos e a adoção de processos arcaicos, considerados imprestáveis pela pedagogia moderna”.<sup>125</sup>

O segundo elemento, que nos conduz a compreender como a reforma educacional se materializa na presença de prédios escolares, nos métodos pedagógicos e também nos corpos, é como a escola se especializa nos detalhes: ensino graduado e racionalizado; classes divididas por idade, sexo e grau de adiantamento das crianças; prédios, instalações e mobiliários construídos segundo os modernos preceitos higienistas; predomínio de disciplinas de caráter científico; aulas de ginástica, música e trabalhos manuais; método de ensino e materiais didático-pedagógicos para o ensino intuitivo; e prática das lições de coisas. O que se nota é a sujeição de corpos à minúcia de normas e regulamentos, elaborados para controlar as mínimas parcelas da vida e do corpo na escola e fora dela, como indica o estudo dos manuais escolares. A presença da educação física na escola, como expressão de um processo modernizador, segundo as teses de Vago (1999) e Linhales (2006), esteve atrelada às referências que se alinhavam à civilidade e ao progresso, tornando a prática e a prescrição a mercadoria para consumo e produção de modos de educabilidade dos corpos na cena urbana.

Ainda nessa vertente da educação escolar do corpo em Florianópolis, é Dallabrida (2001) que apresenta os dispositivos escolares do Ginásio Catarinense e o regime disciplinar como produção de uma subjetividade estudantil masculina, valendo-se dos regulares exercícios físicos, do clima de emulação, da ética do trabalho para moldar e robustecer o caráter dos alunos, preparando-os para os embates da vida pública da sociedade burguesa catarinense.

Souza (2005) e Dallabrida (2001) destacaram que, dentro do universo pedagógico e científico do Ginásio, os corpos dos alunos foram alvo de meticulosa ação, compreendidos como parte de uma identidade social que surgiu com o processo civilizador desencadeado pela República. Assim, de acordo com os autores, a educação do corpo passava pela educação da gestualidade e definia papéis sociais: vigor; disciplina; rendimento. Valores associados tanto aos exercícios físicos quanto às horas a fio imobilizados nos bancos escolares correspondiam a processos pedagógicos de domínio do corpo, de controle da sua

---

<sup>125</sup>BRASIL. Mensagem ao Congresso Representativo do Estado pelo Dr. Vidal José de Oliveira Ramos. Florianópolis, 23 jul. 1911, p. 28. (Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u965/000028.html>>. Acesso em: 02 abr. 2016).



higiene e da sua potência e de incorporação de contornos estético-gestuais, sobretudo da masculinidade. Portanto, segundo Souza (2005), as atividades corporais pertencentes às ações pedagógicas da escola compreendiam a ginástica, exercícios militares, pintura, música, canto, jogos, banhos de mar, passeio, marcha, entre outras. O autor cita ainda que o exercício físico operava com a virtude e o caráter, devendo os alunos e os ex-alunos honrar os deveres sociais e as relações de urbanidade do Ginásio com a Capital expressos nas marchas, nos cinemas, nos eventos cívicos, nas regatas dos clubes náuticos, nas festas religiosas e na inauguração de “modernas” obras públicas, quando o Ginásio se fazia, oficialmente, presente.

É nessa esteira que Jorge (2013) e Jorge e Vaz (2016) confirmam que o Ginásio trouxe práticas culturais modernizadoras para seus alunos, para a cidade. Entre elas, o piquenique, que mobilizava a vida na natureza e promovia a civilização da cidade a partir da emergência de práticas corporais atravessadas por elementos de jogo e alimentação (brincadeiras, atividade física, banho de mar). A escola participa, em graus variados, de elementos éticos e estéticos que alimentam o imaginário de uma sociedade e materializam uma forma de civilização. Era esse o sentido, de acordo com Jorge e Vaz (2016), sobre as práticas de convescote dessa instituição, atividades de saída do colégio que associavam diversão, práticas corporais de uso da força à natureza da Ilha-Capital. Segundo os autores, o corpo adestrado para o trabalho escolar foi a finalidade do conjunto de atividades pedagógicas promovido pelos padres jesuítas que coordenavam o colégio. Eles inauguraram “novo” colégio secundário em Florianópolis com o seu *background* de atividades de lazer distinto daquelas já em circulação na cidade. O que estava presente nessa programação pedagógica eram os piqueniques e os banhos de mar

Temos, portanto, um contexto, ou uma série de acontecimentos, que se desenvolve nas três primeiras décadas do século XX e que vai dando contorno e dinâmica ao argumento de que a modernização da cidade de Florianópolis, expressa também nas reformas urbanas, corresponde a uma demanda de educabilidade do corpo atrelada a novos significados do uso do mar e das práticas corporais.

Retornamos ao argumento da exercitação corporal como origem da energia vital, já citado. De acordo com Gleyse (1997), acompanhamos que essa ideia primordial do corpo como um sistema de energia, vinculando princípios de precisão, regularidade, potência e rendimento, é um valor da modernidade que participa da gestação do capitalismo industrial associado à instrumentalização do corpo.

Portanto, o que está em jogo aqui, na relação dos manuais escolares, da ode ao exercício e à retidão, da salubridade urbana e dos cuidados do corpo e da cidade, é a ideia de que, se a natureza não pode forjar o gesto modelar, o homem constrói.

Em 1860, o jornal *O Argos* publicou dois artigos que se relacionam com os argumentos aqui em questão sobre corpo e energia. O primeiro deles, num tom sarcástico, cotejava diferentes perspectivas de interpretação do mundo. Enumerando a visão de mundo de astrólogos, biólogos, filósofos, físicos, entre outros, o artigo citava os progressistas “[...] como aqueles que adotam mutuamente que o mundo deve ser abafado com vapores e cruzado por caminhos de ferro e telégrafos elétricos”.<sup>126</sup> No segundo artigo, encontramos um debate sobre a fonte energética para a locomoção de máquinas. Datando algumas experiências internacionais sobre o vapor e a eletricidade, o artigo anuncia: “Consta agora que o Sr. Emilio Prevost, que atualmente se acha no Rio de Janeiro, acaba de fazer semelhante invenção, pela qual pretende tornar supérflua todas as máquinas a vapor. Consiste na aplicação de duas grandes magnetes na força motora das máquinas, e isto pelo modo mais seguro e barato”.<sup>127</sup>

Indicamos que o que pode estar entre as recomendações dos manuais dos anos 1920 e as notas no jornal sobre sistemas energéticos das máquinas e, conseqüentemente, dos homens, é a compreensão de que regular os movimentos do corpo é particularmente importante para o potencial produtivo humano, portanto, para o potencial do sistema produtivo. Gleyse (1997), ao se perguntar sobre o processo de instrumentalização do corpo, interpela como foi que chegamos a essa ideia de regulação do organismo (utilizando indicadores, como o desenvolvimento da força, agilidade, flexibilidade, estabilidade) por meio da exercitação corporal. Tratando de uma ampla questão sem findá-la, ele busca, na arqueologia do corpo, apontar os determinantes desse processo, o que ele chama de embrião da resposta.

Assim, Gleyse (1997), a partir da leitura de Fernand Braudel, no seu livro *Civilização material, economia e capitalismo*, assinala que, nessa obra, particularmente no volume *As estruturas do cotidiano* – onde Braudel buscou relatos sobre as condições materiais, as rotinas, os costumes e os hábitos dos homens daquela época – seu balanço da vida material destaca as fontes de energia, as mudanças técnicas e os meios

<sup>126</sup>VARIÉDADES: este mundo. **O Argos**, Desterro, p. 4, 10 abr. 1860.

<sup>127</sup>MISCELANNEA: substituição da força de vapor pela electrecidade. **O Argos**, Desterro, p. 2, 21 fev. 1860.

de transportes. A análise de Braudel indica que um dos problemas fundamentais da humanidade entre os séculos XV-XVIII foi a penúria em todos os domínios, problema esse condicionado pelas migrações, famintos, epidemias e pandemias. Essa penúria geral, a falta de energia natural, a necessidade de aumentar o rendimento de tudo conduzem à fabricação de energia artificial e ao interesse em gerar energia.

Neste ponto, Gleyse (1997) destaca que o corpo, o motor humano, nas palavras de Braudel, receberá atenção porque, apesar de ser um baixo provedor de energia sob o olhar do mundo industrial, tinha a vantagem de utilizar numerosas ferramentas para potencializar a fabricação de energia. Apresenta-se aí o princípio das máquinas a vapor e, logo mais, o uso da eletricidade para rentabilizar o mundo. Portanto, podemos perceber, segundo Gleyse (1997), que o que é válido para a natureza exterior ao homem também é válido para sua natureza interior, o seu corpo. Então, o surgimento da fantasmagoria associada à exercitação corporal e que valoriza o aperfeiçoamento do trabalho humano para aumentar sua produção. Assim, a energia corporal e o rendimento se tornam elementos importantes para a organização de um conjunto discursivo sobre o exercício físico e para a organização da vida por meio do trabalho. A representação do corpo humano como máquina, pela ciência e filosofia modernas, faz parte desse horizonte.

Portanto, não é fortuito que o jornal traga à visão a imagem das estradas de ferro, do vapor, da eletricidade, ou seja, de uma maquinaria preta de energia e que tudo domina e rentabiliza. Como também o anúncio, já demonstrado no capítulo anterior, que apresentava na mesma linha “*bonds, sport, aviação, tudo, à tire d’aïlle*”, ou seja, tudo numa velocidade impressionante que faz crer nas mudanças das condições técnicas sobre a modernização da vida.

### 3.1 CULTURA URBANA, TÉDIO E DIVERTIMENTOS: DOS SALÕES DE BAILE À ORLA DA PRAIA

A vida social em Desterro e, conseqüentemente, de Florianópolis, foi objeto de discussões e elaborações nas fontes consultadas. Se comparada com outras populações e outros centros urbanos, deixava a desejar pela timidez dos divertimentos e espetáculos. Entretanto, análises que consideram referenciais internos e singulares enxergavam um generoso movimento em torno da produção de divertimentos que, em alguma medida, dizia da produção da distinção. O militar português, Paulo José Miguel de Brito, em 1829, quando dava materialidade à primeira História de Santa Catarina em versão impressa, notou que os

habitantes da então capitania eram “caritativos, hospitaleiros, pacíficos, industriosos e resolutos; inclinados à caça, à pesca, à música, à cantoria e às danças” (BRITO, 1829, P. 74). Em uma observação particular, escrevia que “[...] as mulheres são em geral agradáveis, as mais nobres ou mais polidas e civilizadas são dotadas de muita urbanidade e inclinadas aos divertimentos, sabem cantar, tocar e dançar, e não se observa nelas aquela bizonhice que se encontra nas mulheres de outras Capitânicas do Brasil” (BRITO, 1829, P. 74). Ao discorrer sobre sua primeira vez na Ilha, em 1797, na ocasião de um baile promovido pelo governador João Alberto de Mirando Ribeiro, observa:

Vi uma brilhante companhia de senhoras e de homens, das famílias mais distintas do país, e uma numerosa orquestra, em que havia e se tocarão todos os instrumentos de sopro e de cordas, com harmonia e com gosto. Cantaram varias senhoras e dançaram minuetes, contradanças, e valsas, tudo segundo os usos da Europa. Fiquei admirado de encontrar tudo isso em uma terra tão pequena do Brasil, e num país, cujo aspecto, então me havia indicado somente a abundancia de estupidez e a falta de civilização, tanto no físico quanto no moral (BRITO, 1829, P. 74).

Essa ambiência de bailes públicos, e também de concertos, saraus, entre outras práticas de divertimento e distinção, notadas por Cabral (1979a), estava presente nas páginas dos jornais do século XIX em anúncios das lições de música, piano, dança ou em relatos de bailes oferecidos à sociedade. Na segunda metade do século XIX, havia em Desterro uma classe abastada em ascensão (CABRAL, 1979a), que fazia dos bailes um ritual de ostentação em que as casas se mostravam como salões abertos para a dança.

Para Várzea (1984), as “partidas dançantes” realizadas em casas e clubes se davam mais de uma vez por semana por falta de opção. Mas a vida social não se resumia a esses saraus; havia ainda outra sorte de festas cívicas e religiosas que não deixaram “esmorecer” o espírito dos moradores da Capital. Havia quem considerasse esse estilo de organização social “insípido” e pouco propício para “[...] passar algumas horas da noite em útil distração”.<sup>128</sup> Foi para contradizer esse tipo de situação que o Clube Catarinense foi anunciado em 1859. Com ele

<sup>128</sup>O CLUB Catarinense. **O Argos**, Desterro, p. 1, 30 jul 1859.

vieram muitos outros, a exemplo, Harmonia Militar (1863), 12 de Julho (1879), Clube Familiar (1864), Paraíso Desterrense (1861), Clube 12 de Agosto (1872).

Quando acompanhamos os jornais, notamos que, em termos de divertimentos, havia uma variada oferta de atrativos, além da programação intensa dos clubes. Motivos para diversão não faltavam, segundo Cabral (1979b), pois o povo se distraía com todo tipo de “espetáculo”, desde o anão que tocava pistão no armazém até os incêndios que atraíam curiosos. A partir da década de 1860, as companhias de circo circularam na cidade divulgando seus programas (Figura 52).



Bonitos trabalhos sobre um cavalo, equilíbrios extraordinários, espetáculos ginásticos, mímicas, acrobacias, “homem voador”, *clowns*, novos e difíceis exercícios. Tudo isso “para a distração do povo da capital”.<sup>129</sup> Dessas experiências de espetáculo, na década de 1880, Renato Barbosa, citado por Coradini (1992), tece um quadro do que ele chama de “Desterro da geração abolicionista” no qual ele reconta memórias e fatos da cultura popular, manifestações artísticas e da moda. Nesse sentido, ele descreve um personagem que reconhece como fruto dessa época e aponta que a mocidade corria para usufruir desses momentos de divertimento, e o circo, em especial o Circo Americano, tinha a preferência da mocidade, a qual Coradini (1992, p. 79) reconhece como os “dandis” da época a partir do relato de Barbosa:

[...] altos colarinhos, simples, engomados e luzidios, coletes afogadinhos, plastron gritante, alfinete de gravata: fechadura, âncora, coração transpassado por uma seta, paletó de seis botões, marcialmente fechado; calça estreita e afunilhada, terminando a Figura do elegante romântico de 1880 pelas indefectíveis botinas de elástico...

Em 1860, o Clube Catarinense oferecia uma festa aos seus associados com a exposição de Cosmorama. Não era a primeira vez que esse evento acontecia nas dependências do clube, mas desta vez “[...] o gabinete ótico sobre a denominação de Cosmorama panóptico está decentemente arranjado”.<sup>130</sup> O evento consistia em “[...] belas e atrativas vistas, um excelente passatempo para algumas horas da noite, um refrigério ao espírito fatigado dos trabalhos do dia”.<sup>131</sup> O artigo que anunciava a novidade também rogava a Deus vida longa ao estabelecimento recreativo e parece que assim a programação das “máquinas de fazer ver” foi variada (Figura 53).

---

<sup>129</sup> ESPECTÁCULO. **Regeneração**, Desterro. 30 nov. 1861. Notícias, p. 3.

<sup>130</sup> COSMORAMA. **O Argos**, Desterro, p. 2, 14 ago. 1860.

<sup>131</sup> COSMORAMA. **O Argos**, Desterro, p. 2, 14 ago. 1860.

Figura 53 – Programa de Cosmorama na década de 1860

<p><b>Cosmorama Panopico</b></p> <p><b>VIAGENS DE ILLUSÃO.</b></p> <p>Terça-feira 25 e quinta-feira 27 do corrente estarão expostas as seguintes vistas:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1 Toulouze, vista tomada do canal de Bienné.</li> <li>2 Gendrich vista de Inglaterra.</li> <li>3 Castello de Chambard.</li> <li>4 Grotta de São Constantino, perto do Castello ne Corby no Comberland.</li> <li>5 Castello de Vienne em Polygny.</li> <li>6 Vista tirada au Mons (departamento Sarthe).</li> <li>7 Altaia de São Gall. Luglat</li> <li>8 Bea Moré chaux -- Mos</li> <li>9 Cidade de Hildour.</li> <li>10 Paris Novo Lume.</li> <li>11 Canal de São Martinho</li> <li>12 Vapor Monstro (tamanho natural)</li> </ol> <p>Preço de cada pessoa 500 rs. só tem entrada gratis crianças menores de 8 annos</p>	<p><b>Cosmorama Panopico</b></p> <p><b>VIAGENS DE ILLUSÃO.</b></p> <p>Domingo 30 de Setembro e Quinta feira 4 de Outubro estarão expostas as seguintes vistas:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1 Interior d'um navio, sobre a linha no dia do Carnaval.</li> <li>2 Abordagem.</li> <li>3 Vista geral de Barcelona.</li> <li>4 Praça de São Marcos em Veneza.</li> <li>5 Interior da Cathedral de São Estevão do avante em Paris.</li> <li>6 Tomada geral do recinto de Makoff.</li> <li>7 Villa de São Lourenço (Genova).</li> <li>8 Villa de São Remo.</li> <li>9 Vista geral de Genova, (edifício de marulh.)</li> <li>10 Abbisford, residencia de Sir Water-Scot.</li> <li>11 O Irmo do Convento retornado o abade, (a pedido de muitas pessoas).</li> <li>12 O Vapor monstro, tamanho natural.</li> </ol> <p>Preço de cada pessoa 500 rs. só tem entrada gratis crianças de 8 annos para baixo.</p>	<p><b>Cosmorama Panopico</b></p> <p><b>VIAGENS DE ILLUSÃO.</b></p> <p>Domingo 9 e Quinta-feira 13 do corrente estarão expostas as seguintes vistas no caso de haver bom tempo.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1 Interior de Igreja de Padua.</li> <li>2 Praça do Mercado em S. Paulo.</li> <li>3 Estrada de ferro de Napoles.</li> <li>4 Franstespico do Palacio de cristal de Londres (nova vista.)</li> <li>5 Hotel Flareux.</li> <li>6 Gaza de Campo de Napoleão 1.º em Santa Helena.</li> <li>7 Cidade de Caen, França.</li> <li>8 Praza na Ponte Suspensa de Venezas.</li> <li>9 Hypodromo de Paris.</li> <li>10 A Cultura do Trigo.</li> <li>11 Vista geral do Porto Luis (ilha Mauricia).</li> <li>12 Constantinoplo.</li> </ol> <p>Preço de cada pessoa 500 rs. só tem entrada gratis crianças de 8 annos para baixo.</p>
--	--	---

Fonte: Jornal O Argos.



Os bailes, os circos, os clubes e os cosmoramas vêm elaborando o sentido de divertimento nos catarinenses moradores da Capital desde meados do século XIX. A fundação do Clube Catarinense foi motivo de comemorações variadas, especialmente porque “[...] a monotonia que a todos acabrunhava e consumia em tempos passados, vai aos poucos se transformando em animação, energia, vida”.<sup>132</sup> Os tempos passados, os quais o colunista festejava seu fim, foram descritos em 1858 por Ave-Lallement (1980, p. 23), um médico e viajante francês, que considerava que, em Desterro, “[...] não faltam grandes casas, mas falta o verniz de certa elegância e a aparência de prosperidade”.

A cidade de Desterro precisou de quase três décadas para encerrar esse passado. Em 1880, o cenário já era outro. A elite desterrense frequentadora de salões se apoia nos divertimentos para a produção de uma sociabilidade que é a vitrine da burguesia. No relato das numerosas festas e bailes, como aponta Araújo (1989), encontramos uma prescrição dos comportamentos a serem praticados, a sensualidade comedida, a bebida fina, o rigor da moda, o refreamento das paixões, como indicativos de uma preocupação com o controle das posturas e dos afetos típicos do universo burguês.

A publicização pelos jornais das práticas de sociabilidade nesses eventos tão importantes para “momentos de distração”,<sup>133</sup> cria uma ambiência de identificação de um público com o meio urbano em descrições de aspectos da cidade e da vida de alguns dos seus habitantes. A organização da vida cultural da cidade se prestava, então, a projetar na cena urbana a fixação de imagens e de padrões de comportamento nos círculos sociais da cidade. E ela exigia manutenção: “[...] semana pobre em acontecimento [...] não mais funções acrobáticas, não mais os bailes de aniversariantes, nada de picotagem, nada de extraordinário que quebrasse a monotonia desses últimos arrancos de inverno. Tudo tão burgues e trivial”.<sup>134</sup>

Nesse sentido, não somente os jornais com as colunas de notas sociais, mas também uma rede de revistas específicas para as atividades esportivas vão surgindo em Florianópolis e conformando uma relação com o cotidiano da vida urbana. Uma delas foi *A Página*, em 1900, identificada como publicação *hebdomadaria crítica, litteratura, arte e sport*. Ao longo do século XX, juntamente com o desenvolvimento do cenário esportivo, outras publicações foram surgindo, como é o caso da

<sup>132</sup>NOTÍCIAS. **O Argos**, Desterro, p. 1, 10 jan. de 1860.

<sup>133</sup>ESPECTÁCULO. **Regeneração**, Desterro. 30 nov. 1861. Notícias, p. 3.

<sup>134</sup>NOTAS. **A página**, Florianópolis, p. 4, 19 ago. 1900.

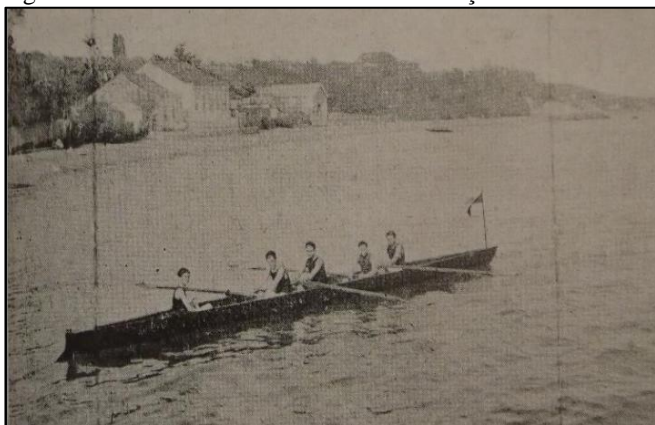
*Revista Sportiva*, de 1921, “[...] dedicada à propaganda dos jogos desportivos em nossa terra. Muito ilustrada e com farta messe de informações ao desporto e ao seu desenvolvimento entre nós”.<sup>135</sup>

Figura 54 – Remadores na *Revista Ilustrada* em março de 1919



Fonte: Sartori (2013).

Figura 55 – Yole na *Revista Ilustrada* em março de 1919



Fonte: Sartori (2013).

<sup>135</sup> Não foram encontradas as edições da referida publicação. A *Revista Sportiva* foi algumas vezes mencionada nas edições do jornal *O Estado*. Conferir: REVISTA Sportiva. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 1 fev. 1921.

E também a *Revista Illustrada*, de 1919, que não foi apenas uma revista de especialidades esportivas, pois se dedicava a diversas colunas, como literatura, propagandas e publicações diversas, mas, em algumas edições, encontramos a coluna *Notas Esportivas*. A imagem do esporte também apareceu na coluna *Clichês*, principalmente com a divulgação do remo. Segundo Sartori (2013), nas páginas da *Revista Illustrada*, o que ganhou destaque não foram os poemas ou as publicidades, mas sim as imagens dos *rowers* do Clube Náutico Martinelli, em seus dias de treino, exibindo os “muques” na *yole* vencedora dos páreos de dezembro de 1918, a Irajá (Figuras 54 e 55).

Pelo menos desde 1885, o jornal *Regeneração* exclamava que “[...] não seria demais, entre tantos clubes que existem aqui, se formasse um de regatas para distração do povo, baldado às vezes de divertimento e para também dar mais impulsão ao desenvolvimento físico da mocidade catarinense”.<sup>136</sup> Entre bailes, festas, regatas, apresentações de ginásticas, apresentações equestres ou inúmeras atrações de circos, em que o corpo e suas acrobacias se misturam aos sentidos de espetáculo e divertimento, a vida pública cultural da cidade foi se conformando.

O turfe, as corridas de cavalos e as touradas também ilustraram o cenário dos divertimentos urbanos. Com notas ocupando um espaço bem menor e mais frequente nos jornais, ao contrário dos anúncios das regatas, o turfe se organizou pelos clubes *Sport Catharinense*, *Derby*, *Prado 25 de Março* e *Sociedade Prado Catarinense* e, por meio de vendas, negociações, corridas, impulsionou o gosto dos habitantes por esse tipo de prática: “[...] a julgar pelo interesse que despertou a publicação do programma da corrida de ensaios a realizar-se no Prado das Camarinhas, amanhã deve ser grande a animação daquelle divertimento”.<sup>137</sup>

O turfe perdurou em Florianópolis, pelo menos, até a década de 1920, quando a Associação de Turfe Catarinense divulgou uma nota sobre suas atividades e sobre a doação que recebeu do governo para a construção de um novo prado de corridas, pela razão do desenvolvimento do esporte e dos interesses de melhorias da caça cavalariça.<sup>138</sup> As touradas também chegaram ao século XX e anunciavam, em 1906, que, na Praça do Largo General Osório, os “[...] aficionados desse esporte encherão o redondell que está montando com toda

<sup>136</sup>REGATAS. **Regeneração**, Desterro, p. 1, 4 fev. 1885.

<sup>137</sup>DERBY Club. **República**, 12 maio 1897. Sport, p. 2.

<sup>138</sup>ASSOCIAÇÃO de Turf Catharinense. **República**, p. 2, 13 mar. 1920.

segurança conforme vistoria do peritos da polícia”.<sup>139</sup> No Estreito também havia uma praça de touros que manteve suas atividades durante a década de 1920.<sup>140</sup>

Em 1901, o jornal *República* relata que “[...] um grupo de moços acaba de organizar, nesta capital, o Club Ciclista Barriga Verde”.<sup>141</sup> Sabe-se também da criação de um clube na cidade de Laguna, que teve repercussões na Capital porque, “[...] destinado pelos seus altos fins de esporte [...] além dos jogos usuais em tais sociedades, admite também corridas de bicicletas e tricicletas, regatas a vela e a remo”.<sup>142</sup> Durante as primeiras décadas do século XX, observamos a criação de clubes diversos, o desenvolvimento de diferentes atividades esportivas, como natação, *water polo*, tênis atletismo, tiro esportivo e patinação.

Não mais somente a exclusividade dos salões e clubes de baile. O deslocamento do círculo de sociabilidade se dirige à beira-mar, ao ar livre, às praças. A ampliação dessa sociabilidade se estende em torno dos mecanismos de distinção social, à medida que a cidade foi modificando sua sensibilidade sobre questões de higiene, embelezamento, educação e fortalecimento do corpo.

### 3.3 ESTAR À BEIRA-MAR: O REMO E A CIDADE DE FLORIANÓPOLIS

É ainda em meados do século XIX que aparece nas páginas dos jornais o anúncio das atividades de remo na cidade de Desterro. Anunciada em 1861 como o “primeiro espectáculo marítimo desta capital”,<sup>143</sup> a regata conformava as expectativas dessa prática ao ar livre. Os entretenimentos, as partidas dançantes e as reuniões políticas, que ocorriam nos clubes ou nas casas de família, já eram práticas usuais na sociedade desterrense, como retratam Cabral (1979) e Várzea (1984). As regatas talvez tenham influenciado, ao longo dos anos, o deslocamento desse círculo de sociabilidade dos salões de festas dos clubes para a beira-mar

A expectativa pelo novo evento pode ter sido tal que, dias antes da regata, o jornal *O Argos* publicava:

<sup>139</sup>PRAÇA de touros. **República**, 4 fev. 1906, p. 2.

<sup>140</sup>NOTAS. **República**, Florianópolis, p. 2, 31 maio 1927.

<sup>141</sup>SPORT. **República**, Florianópolis, p. 1, 12 mar. 1901.

<sup>142</sup>CLUB 22 de Julho. **A república**, Florianópolis, p. 2, 5 mar. 1895.

<sup>143</sup>A REGATA. **O Argos**, Desterro, 19 nov. 1861. Notícias, p. 1.

A diretoria da Sociedade - regata - tem-se mostrado incansável para por em pratica no dia fixado (domingo 17 do corrente) o entretenimento [...]. Informam-nos que o ato será pomposo, e para isso não se tempoujado despesas: os amadores se têm prestado de muita boa vontade. Desfrutaremos todos esse belo espetáculo que virá interromper a insipidez que efetivamente experimentamos.<sup>144</sup>

Com 50 sócios, essa sociedade avisa, no dia anterior ao evento, que os “cartões de sócios” estavam disponíveis e que não seria possível “a entrada de agregados”.<sup>145</sup> A regata aconteceu e dois dias depois do evento esportivo houve o seguinte relato:

É muito natural que os nossos leitores quisessem ter notícia de quanto se passou nesse entretenimento [...] vamos esboçar toscamente esse belo espetáculo marítimo, o 1.º que se dá nessa capital [...]. Por estar um pouco forte o vento pelo lado do norte, não teve lugar a corrida dos pareos na Praia de Fora, e sim na pequena Enseada da rua do Menino Deus, lugar menos próprio para serem convenientemente apropriadas as corridas pelos espectadores; mas enfim, em tal caso foi o mais azado. Às 4 horas da tarde, de domingo último, designado para começar o entretenimento, subiram ao ar vários foguetes, e a este sinal o povo foi ocupando toda a extensão da rua do Menino Deus, desde a ponte do Vinagre até o adro da Capela do mesmo Orago. O mar estava bem provido de lanchas, escalares, canoa &, todos embandeirados; aqueles que não faziam parte dos pareos, cheios de espectadores de ambos os sexos: cada um dos pareos estava com a sua guarnição elegantemente uniformizada, tendo a ré o estandarte nacional e avante o respectivo sinal com a competente inscrição em belos caracteres dourados. Tudo se achava na melhor ordem e regularidade, e dirigido por hábeis profissionais [...]. Eis quanto cabe em nossa apoucada

<sup>144</sup>REGATA. **O Argos**, Desterro, 15 nov. 1861. Notícias, p. 1.

<sup>145</sup>SOCIEDADE regata. **O Argos**, Desterro, 16 nov. 1861. Anuncios, p. 4.

inteligência referir sobre esse inocente passatempo, que veio interromper nesses poucos momentos a insipidez em que vivemos, facto notável em uma cidade populosa como já é a nos Desterro. Terminou a função por um esplêndido baile oferecido aos sócios, no salão do Paraíso Desterrense, que foi bastante concorrido.<sup>146</sup>

Divertimento, entretenimento, passatempo, espectadores de ambos os sexos, espetáculo marítimo que irrompe a insipidez e termina num concorrido baile... parece que estamos caracterizando práticas de distinção social sustentadas pela elite da cidade. Primeiro a festa ao ar livre com os espectadores, depois, o baile nos salões do clube para os convidados. O evento, segundo o relato acima, apresenta elementos em sua organização que evidenciam certos parâmetros do que hoje chamamos de esporte moderno.<sup>147</sup> Devido ao regime de ventos, a Enseada Menino de Deus era um lugar pouco adequado aos espectadores. Os escalares e patochas, os barcos utilizados nessa regata não eram de corridas e sim embarcações para atividades do trabalho náutico.<sup>148</sup> Havia marcadores simbólicos do espaço dos remadores e dos espectadores, bem como da condição dos esportistas.

A notícia publicada deixa ver uma faceta do “estar à beira-mar” com a organização de uma sociedade de regatas. Podemos acordar que a identidade de Florianópolis como cidade passa pela sua relação com o mar e, se as práticas à beira-mar se modificam, a estrutura cidadina também se transforma. Banhar-se não era tolerado porque a moral da

<sup>146</sup>A REGATA. **O Argos**, Desterro, 19 nov. 1861. Notícias, p. 1.

<sup>147</sup>Para Bourdieu (1983, p. 136), a definição de esporte moderno passa pelo questionamento das condições que permitiram: “[...] a constituição do sistema de instituições e de agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos, desde os agrupamentos ‘esportivos’, públicos ou privados, que têm como função assegurar a representação e a defesa dos interesses dos praticantes de um esporte determinado e, ao mesmo tempo, elaborar e aplicar as normas que regem estas práticas, até os produtores e vendedores de bens (equipamentos, instrumentos, vestimentas especiais, etc.) e de serviços necessários à prática do esporte (professores, instrutores, treinadores, médicos especialistas, jornalistas esportivos, etc.) e produtores e vendedores de espetáculos esportivos e de bens associados (malhas, fotos dos campeões ou loterias esportivas, por exemplo)”.

<sup>148</sup>Escalares são embarcações a remo e a vela que possuíam a função de realizar serviços leves no porto. Patocha é um navio de transporte de mercadorias que tem capacidade de transportar barcos menores, como exemplo, os escalares.

época não suportava a exposição do corpo ou os divertimentos de forma tão espontânea, entretanto exercitar-se sob alguns regulamentos e códigos talvez fosse aceito. Relembramos que Cabral (1979b) comenta sobre os passeios a cavalo na Praia de Fora. O jornal *O Argos*, chamando tal ato de “infração de postura”, edita que “moços menos refletidos” alugam cavalos para passear domingo à tarde e que “[...] correm a rédea solta, pondo em risco as pessoas que por tais ocasiões transitam pelas ruas”.<sup>149</sup> A notícia era uma denúncia ao jornal feita por “pessoas fidedignas residentes nas ruas do Passeio e da Praia de Fora” a qual o jornal reproduz em nome do “bom regime da sociedade”. Pode-se, então, compreender que, novamente, estar à beira-mar era possível, dada a prática de passeios nos domingos à tarde, mas a forma como se usufrui desse espaço é que está em questão.

Sartori (2013) argumenta que essas primeiras organizações de regatas, concebidas pelos jornais como divertimentos, estavam ligadas a momentos de circulação de pessoas, a mercadorias e à prosperidade do porto e da economia da farinha de mandioca que dominaram a exportação local. Pedro (1998) lembra que, com essa conjuntura de crescimento econômico,<sup>150</sup> surgiu uma classe de comerciantes – armadores, agenciadores e construtores de navios – que iria, no decorrer de meados do século XIX, promover o aparecimento de uma esfera pública formada por pessoas privadas, com as quais os jornais locais souberem dialogar com seus costumes e ideias. Araújo (1989) aponta que a disseminação de um discurso centrado nas transformações sociais e urbanas e o aparecimento da classe abastada da cidade, no último quartel do século XIX e, com mais veemência, no século XX. Verificam-se aspectos diversificados de um movimento de cisão social delimitador de espaços e comportamentos.

Assim, não é demais lembrar o argumento já desenvolvido neste texto de que a modernização urbana de Florianópolis, consolidada a partir da década de 1910, não se deu fortemente por crescimento de indústria e afluxo populacional. Como ilha, estando na periferia no contexto nacional e assumindo, por momentos específicos, importância política, seu desenvolvimento se efetivou por atividades comerciais e terciárias, especialmente ligadas à administração pública. Podemos dizer

---

<sup>149</sup>INFRAÇÃO de posturas. *O Argos*, Desterro, 8 nov. 1859. Notícias, p. 2

<sup>150</sup>Em meados do século XIX, Santa Catarina teve um aumento de 105% de suas exportações e que o Porto de Desterro não só se destacava pelas exportações, mas também pela importação e circulação de mercadorias para as cidades do Estado (PEDRO, 1998).

que essas práticas de divertimentos foram sendo produzidas pela circulação de pessoas e pela nova economia local. A organização dessa regata de 1861 foi estruturada em torno do nome “Sociedade Regatas” e, contando com mais de 50 sócios, havia, em seus quadros, os altos escalões da marinha, marinheiros, amadores, comerciantes e representantes da política local.<sup>151</sup>

Os eventos náuticos não tiveram regularidade no final do século XIX e a tal Sociedade Regata desaparece da menção dos jornais, conforme afirma Sartori (2013).<sup>152</sup> Outras festas náuticas, ou espetáculos desportivos, como eram chamados, voltaram às páginas dos jornais em 1871, convocando os “amadores desse divertimento” a comparecer na Capitania dos Portos para “combinar os meios da realização da próxima regata”,<sup>153</sup> que aconteceu sem grandes relatos e sem detalhes dos participantes, somente a notícia de que a concorrência foi grande e o tempo esteve magnífico.<sup>154</sup>

Outro evento foi noticiado em 1878, novamente com a participação e organização de políticos locais e dos oficiais de navios de guerra que estavam embarcados na Província de Desterro: convidaram “[...] as principais famílias da Capital a assistirem a regata a bordo dos navios”.<sup>155</sup> Após dez anos do primeiro evento náutico, essa regata

---

<sup>151</sup> Como foi o caso, por exemplo, dos:

- Diretores de prova, Joaquim Sabino da Silva, capitão-do-mar, e José Hypólito de Menezes, primeiro-tenente, ambos do alto escalão da Marinha.
- Juizes de partida e chegada, Felix Lourenço Siqueira e Thomaz Pedro de Bitencourt Cotrin. Os dois foram, respectivamente, capitão-tenente da Armada Nacional de Aprendizes Marinheiros e tenente da Armada Nacional de Aprendizes Marinheiros, como também deputado da província em 1859 e sócio do Clube Catarinense.

- Remadores: Constantino Ferraz, proprietário de uma loja de ferragens em 1874, e também revendedor de almanaques e revistas provenientes do Rio de Janeiro; João Lobo, procurador do Clube Desterrense em 1860; e Theodoro da Costa, possível membro da Diretoria do Club Catarinense em 1859.

<sup>152</sup> Borges (2002), Cabral (1979b) e Licht (1986) comentam a ocorrência de uma regata em 1962, mas não conseguimos verificar nas fontes estudadas. Cabral (1979b) argumenta que um possível motivo para as regatas não persistirem era a composição do grupo dos envolvidos – marinheiros, trabalhadores do porto e oficiais da marinha – que têm na natureza do seu ofício o deslocamento de cidades e a prestação de serviços em períodos de guerra, como foi o caso da guerra contra o Paraguai (1864-1870).

<sup>153</sup> REGATA. **Regeneração**, Desterro, p. 3, 25 maio 1871.

<sup>154</sup> NOTICIÁRIO. **Regeneração**, Desterro, p. 2, 1 jun. 1871.

<sup>155</sup> NOTICIÁRIO. **Regeneração**, Desterro, p. 3, 19 set. 1878.



rendeu outra dinâmica de sociabilidades e divertimentos. Os navios que receberam as prestigiadas famílias foram laboriosamente enfeitados e, entre os páreos, houve divertimentos diversos para o público espectador, como uma cômica corrida de marinheiros dentro de uma tina na água. As famílias que receberam atenção do “distinto comandante” e de seus oficiais “[...] só saíram da festa no pôr do sol, depois de terem dançado quase todo o dia”.<sup>156</sup> Parece que o evento, chamado de “festa a bordo”, marcou em distinção a elite participante do espetáculo náutico com seus “novos atrativos”, pois “Dançar de salão é uma coisa muito vulgar, mas bailar sobre a casamata de um navio é o que não se pode fazer todos os dias”.<sup>157</sup>

E depois, que de emoções novas não se sente ao recordar-se a gente que está acima da superfície das águas, que sob nossos pés está um abismo, que no momento em que se dá uma volta de valsa ou se prega um laço de fita desarranjado, entrando na câmara do comandante arvorada em *toilette*, passa por baixo da quilha do navio um mero, um tubarão e milhares de sardinhas e outros peixinhos?! Tudo isso, junto à proverbial urbanidade e cavalheirismo que distinguem os nossos jovens oficiais de marinha, fez com que a *matinée* abordo do Mariz e Barros fosse tão concorrida do sexo amável.<sup>158</sup>

As regatas continuaram acontecendo com intervalos de tempo e, em 1885, novamente, a atitude de estar à beira-mar é relatada pelas páginas dos jornais. Assim, por outra vez, a sociedade catarinense teve mais um novo motivo a comparecer. Se antes a distinção aparece na busca de novas emoções em dançar na *matinée* do navio, agora outro elemento se apresenta: na Praia de Fora, “repleta de espectadores”, apresentou-se um desafio de escalares, após correram “com uma rapidez espantosa”, saíram “a passeio pela extensa e calma baía” junto com “alguns botes que por ali se achavam cheios de distintas famílias”.<sup>159</sup> Até aqui, a nota parece confirmar que se tratava de um evento organizado pela e para as distintas famílias que, por certas razões,

<sup>156</sup>NOTICIÁRIO. **Regeneração**, Desterro, p. 3, 26 set. 1878.

<sup>157</sup>FOLHETIM: a regata. **Regeneração**, Desterro, p. 1, 29 set. 1878.

<sup>158</sup>FOLHETIM: a regata. **Regeneração**, Desterro, p. 1, 29 set. 1878.

<sup>159</sup>REGATAS. **Regeneração**, Desterro, 4 fev. 1885. Secção Geral, p. 1.

inauguram na Praia de Fora, que não se identificava completamente com as funções de atracadouro, despejo ou comércio, um espaço delimitado socialmente pela nova prática de entretenimento que pode ser compreendida como uma intervenção na cultura urbana e na sociabilidade do “estar à beira-mar” (SARTORI, 2013).

Na continuidade do relato do jornal sobre o evento de 1885, “[...] não era demais, entre tantos clubes que existem aqui, se formasse um de regatas para distração do povo, baldo às vezes de divertimento, e para também dar mais impulsão ao desenvolvimento físico da mocidade catarinense”.<sup>160</sup> A tríade distração, divertimento e desenvolvimento físico da juventude aparecerá outras tantas vezes nas primeiras décadas do século XX sob a roupagem da formação das elites, ainda ancorada nessa nova mirada sobre o mar e na atenção ao corpo.<sup>161</sup>

Como destaca Mattos (2014), a ascensão social da sociedade catarinense, para além do capital econômico, esteve vinculada a apadrinhamentos ou à realização profissional desde que elementos de distinção, enaltecimento das efemérides, das normas de polidez, das regras de civilidade, dos referenciais da cultura europeia estiverem presentes. Os partícipes da modernidade deveriam estar aptos a preencher os cargos exigidos pela estrutura pública e compartilhar as novas sensibilidades e valores do imaginário urbano. Nesse sentido,

[...] a passagem, como estudante, pelo Ginásio Catarinense, a fim de concluir o ensino secundário e ingressar em um curso do ensino superior se tomou uma importante opção das elites catarinenses em suas estratégias culturais de modernização e reprodução. Parte significativa dos postos de trabalho no funcionalismo público estadual de médio e alto escalão foi preenchida por egressos do Ginásio Catarinense, bem como estudaram no colégio dos jesuítas parte dos políticos profissionais, administradores de

---

<sup>160</sup>REGATAS. **Regeneração**. Desterro, 4 fev. 1885. Secção Geral, p. 1.

<sup>161</sup>Estavam presentes nessa regata os barcos escalares de propriedade dos chefes da Ferrovia Dom Pedro I, Alexandre e Henrique Souza. Como remadores se apresentaram, entre outros, Francisco Margarida, proprietário de uma litografia que divulgava ideias republicanas e que teve, junto com Hercílio Luz e outros republicanos, seu nome expedito no mandado de prisão em 1893 após um incidente em Blumenau por conta da disputa entre republicanos e federalista. Cf. Meirinho (1979).

empresas, membros do alto clero e nomes que se consagrariam como pertencente à elite cultural da capital catarinense na Primeira República (MATTOS, 2014, p. 58).

Mattos (2014) parte da premissa de que a vida social, as associações ou agrupamentos de intelectuais são frutos de períodos relativamente estáveis no interior do campo cultural. Portanto, o autor sustenta que, em Florianópolis, o sentido de unidade teve o sabor das afinidades e dos interesses relacionais estabelecidos nos variados redutos de sociabilidade da cidade. O que Mattos (2014) chama de redutos de sociabilidade se apresenta na forma de instituições, como o Ginásio Catarinense (1906), a Academia Catarinense de Letras (1920), o Centro Catarinense de Estudantes (1909), ou na forma que assume o movimento de recomposição da vida social da cidade que envolveu a ascensão do trabalho assalariado, a proliferação dos impressos, das casas tipográficas, das livrarias, o acesso a bibliotecas públicas e particulares, o investimento em instituições científicas e outros tantos acontecimentos diversos na cidade:

Esportes como o remo e o futebol fidelizaram a sua audiência. Sociedades Carnavalescas foram fundadas, o Teatro atraiu numerosos frequentadores, surgiram as primeiras salas de cinema, o cabo submarino da *Western Telegraph Company* facilitou as comunicações, organizavam-se retretas, *soirées*, tertúlias, os clubes sociais abriam suas portas, pelo porto atracavam as mais variadas mercadorias e novidades, incluindo livros, jornais e revistas das grandes livrarias do país que chegavam a bordo dos navios da Companhia Nacional de Navegação Costeira, pelo Lloyd Brasileiro ou pela firma Hoepcke. Propagam-se as correntes científicas e os ideais burgueses, modificando comportamentos e costumes na busca por modos civilizados de conduta ancorados nos princípios do liberalismo econômico e do positivismo. A crença na razão, no indivíduo, no progresso, na liberdade, na ciência, na natureza impuseram uma ordem positiva ao gosto das minorias ilustradas, que ansiavam pela consolidação do regime e

legitimação de seus protagonistas (MATTOS, 2014, p. 79).

As regatas ainda apresentam para o século XIX, em Florianópolis, outras novidades. Uma delas é a participação de mulheres na composição dos páreos de corrida e a outra, a bandeira da causa abolicionista nos eventos de 1884, chamados de festejos populares (Figura 56).

Figura 56 – Página do jornal *Regeneração* de 1884

A REGENERACÃO

# GRANDES FESTEJOS POPULARES

## HOJE! HOJE! HOJE!

### Domingo 13 de Abril de 1884

(SI O TEMPO PERMITIR)

**Homenagem de sympathia e respeito ao heroico pavilhão Portuguez, briosamente representado pela officialidade da canhoneira "RIO SADO," fundeada em nosso porto**

O Club Abolicionista associa-se fraternalmente á esta festa cosmopolita, designando para o dia dos festejos populares um acto solenne de posse de sua directoria e installação official, dedicado officiosamente ao feu recebido pela Commissão Central, com especial agrado, dante o lugar de honra no seu programma.

### Primeira parte

A alvorada do dia festivo que, por unanime concôrso e expansão da população Desertoresse ficou marcado para um tão galhardo preito de homenagem ao pavilhão amigo, será annunciada pelo atirar de foguetes.

### Segunda parte

Às 12 horas—em ponto,—observa-se-ha o seguinte programma organiado pela directoria do Club Abolicionista. Presentes as commissões e demais membros da sociedade Desertoresse, proceder-se-ha á inauguração official do mesmo Club, pela posse da administração eleita, a qual consista dos illustres seguintes membros.

Presidente.—Major Affonso d'Albuquerque e Mello.

1º Vice-presidente.—Tenente coronel Jacintho Pinto da Luz.

2º Vice-presidente.—Major Camillo José de Souza.

1º Secretario.—João Pereira Vidal.

2º Secretario.—Capitão Germano Wendhausen.

Thesoureiro.—Severo Francisco Pereira.

Procuradores.—Tenente Francisco d'Assis Costa.

João Moreira da Silva.

Henrique Tavares

Advogados.—Dr. Henrique Paiva.

Commandador José Delfino dos Santos.

Manoel José d'Oliveira.

Responsada a administração serão em seguida conferidas as cartas de liberdade aos manumittidos que, por ventura, forem offerecidos ao Club e em seguida será dada a palavra aos oradores que'lla quizerem usar, dando o que dará o presidente por encerrada a sessão.

Iluminações a giorno sobre o mar. Iluminações nos caes. Iluminações parietalres, em terra e no mar. Marches aux flambeaux. Músicas. Etc, ect., etc.

### Tercera parte

ORDEM DEFINITIVA DA REGATA

Às 2 1/2 horas da tarde imprevelmente

## PAREOS

1º Botes.—Paraguaim e Outeiro. (A quem está vencido a regata, desistirá por duas corridas seguintes.)

2º Cacy e Ave.—Idem.

3º Bolada e Perry.—Profissionais.—Premio

4º Escaleres.—10 remos.—Nepitao e Sado.—Premio

5º 10 remos.—Todas as qualidades.—Premio

6º Apredizeses marinheros.—Premio

7º Canoas á pé.—Boa Hora, e Corisco.—Premio

8º Boaleras.—Tirantina, e Dois de Ouro.—Premio

9º Corrida de tinias.—Premio.

Finalizando com corridas gones, podendo tomar parte, cumprido o programma, embarcações que se não acharem instriptas.

De bordo da canhoneira RIO SADO será disparado tiro de aviso meia hora antes da partida do primeiro paréo, para agrupar, e da mesma forma será annunciada a partida do primeiro e a dos subsequentes.

Os parcos sahirão pela ordem acima mencionada, as embarcações que não responderem á chamada do juiz de Saubida o Sr. H. W. Pison, ficarão preteridas para o final do programma.

O ponto da sahida será da canhoneira RIO SADO a terminar em boia que será collocada em frente ao marcado, em cujo ponto se achará S. Es. o sr. capitão tenente Miguel Antonio Postana, juiz de chegada e respectivo jury.

N. B.—O ponto de sahida das embarcações frupaladas por amadores será da pedra 7 de Setembro até ao lugar geral de chegada.

Os premios eslarão expostos na vitrine da casa commercial do Sr. Ernesto Bahia.

### QUARTA PARTE

Às 7 horas da noite realisar-se-ha o grande passeio maritimo—au flambeaux,—em cortiço á canhoneira RIO SADO, com illuminações á giorno, e fogos de bengalla.

A commissão central que accompania a flotilla festiva, terá a honra de convidar na passagem a brava officialidade do vaso de guerra portuguez para dirigi-se a terra a fim de tomar parte no copo d'agua que lhe é offerecido pelo Illm. Sr. J. A. Custodio, proprietario do Hotel Brazil.

### Quinta parte

Terminados os festejos realisar-se-ha o copo d'agua acima referido com assistencia das autoridades superiores, officialidade da canhoneira RIO SADO, imprensa, commissões de festejos, directoria do Club Abolicionista e Excmas. Sechores. Depois do primeiro brinde que será proferido pelo presidente da commissão central Sr. Dr. Rego Rapozo dará este a palavra ao orador official Sr. Dr. Alexandre Bayma, em seguida serão entregas as cartas de liberdade pelo dignissimo Sr. commandante da canhoneira RIO SADO, cartas estas conferidas expressamente por motivo da manifestação que a população desta capital directeda ao heroico pavilhão portuguez.

### Sexta parte

Grande marche aux flambeaux com musica recorrendo diversas ruas principaes da cidade.

N. B.—As distinctas bandas musicas que concourerem a festa promovida em homenagem ao pavilhão portuguez prestam-se gratissimamente.

Embandeiramento. Fogos de bengalla

A COMMISSÃO CENTRAL.

DR. REGO RAPOZO.—DR. ALEXANDRE BAYMA.—JOÃO DO PRADO LEMOS

Fonte: Jornal *Regeneração*.

A festa náutica, nessa oportunidade, servia à divulgação “[...] de duas ideias que predominam na atualidade: instrução e liberdade!”<sup>162</sup> Entre os participantes e organizadores dessa regata estavam Raulino Horn, farmacêutico e político republicano das causas abolicionistas e também alguns outros nomes da Marinha. A programação da festa era extensa e, além da estreia da embarcação tripulada por senhoras, inaugurava-se, oficialmente, o Clube Abolicionista de Desterro. A adesão do clube “à essa festa cosmopolita”<sup>163</sup> contou ainda com a distribuição de cartas de liberdade. A iniciativa teve também o apoio de Virgílio Várzea, expresso numa carta enviada à redação do jornal *Regeneração* para o Clube Abolicionista.<sup>164</sup> O relato sobre a festa dizia que:

[...] iniciativa do povo desterrence, foi esta ideia abraçada pela totalidade da classe comercial, sem distinção de nacionalidade [...] [o Clube Abolicionista] marcando essa data gloriosa de sua inauguração por meio de quatro cartas de liberdade agenciadas pelo mesmo clube. [...] ao anoitecer continuarão os festejos por meio de um brilhante passeio veneziano a luz de fogos de bengala [...] o passeio esteve de um efeito deslumbrante. Toda a frente da cidade, que desde a manhã desse dia fora enfeitada com um comprido cordão de bandeirolas e galhardes [...]. Por ocasião do ‘lunch’ foram entregues pelo sr. Comandante da canhoneira ‘sado’ cinco outras cartas de liberdade [...] terminou a manifestação de ontem com um grande baile nos salões do Club 12 de Agosto o qual correu sempre animado.<sup>165</sup>

Uma festa popular que tem sua finalização no distinto salão do clube elitista da cidade. Possivelmente isso se explique pela reunião de dois ou mais fatores. O primeiro se deve às características do Clube 12 de Agosto que, segundo Cabral (1979a), foi um clube relativamente fechado. Instalado, inicialmente, na Rua João Pinto, antiga Rua

<sup>162</sup>PUBLICAÇÕES a pedido. **Regeneração**, Desterro, p. 2, 13 mar. 1884.

<sup>163</sup>GRANDES festejos populares. **Regeneração**, Desterro, p. 4, 13 mar. 1884.

<sup>164</sup>URGENTE: Ao Club Abolicionista. **Regeneração**, Desterro, p. 2, 16 abr. 1884.

<sup>165</sup>FESTEJOS populares. **Regeneração**, Desterro, 16 abr. 1884. Secção geral, p. 2.

Augusta, escreve Cabral (1979a), foi fundado por moços da mais alta expressão no mundo dos negócios e da política locais e como raramente havia paraquedistas ou arrivistas em seus quadros, o pertencimento ao clube era um atestado de idoneidade e distinção. No clube, além de festas e bailes, também aconteciam reuniões de caráter social, cultural e político entre os nomes pertencentes ao seus quadros, ou seja, o clube parece que abria suas portas ao que acontecia na ambiência da cidade. Nesse sentido, o segundo fator, a expansão do movimento republicando na cidade de Desterro, nos anos de 1880, era evidente, como relata Meirinho (1979), afirmando que os clubes republicanos organizados na cidade chegaram a implantar uma candidatura para as eleições da Assembleia Provincial para o ano de 1885. Constam, nesse movimento, o nome de Raulino Horn e Francisco Margarida, os mesmos que estiveram envolvidos nos eventos de regatas do final do século XIX. Depreendem-se daí as associações entre o clube elitista, os festejos náuticos e as relações políticas.

Se é possível estabelecer um recorte político para os eventos náuticos, talvez seja também possível realizar um recorte social, que foi se modificando ao longo do século XX. As regatas continuaram a ser associadas a temas políticos da Capital. Entre seus participantes e organizadores, haviam elementos da Escola de Aprendizes e Marinheiros, criada em 1857, e os Oficiais da Armada, que também se integravam na vida política da cidade, ocupando cargos na Assembleia Legislativa. O remo, apesar de cultivado como manifestação de arregimentação política, para Cabral (1979b, p. 222), foi praticado não pela “[...] mocidade que, sem fôlego, tinha medo de apanhar vento, e que preferia as práticas de soneto, o namoro do gargarejo”.

Quem remava era o pessoal de pegar duro, a turma da pesada, da estiva, dos escalares, da marinha mercante ou de guerra, gente troncuda, cabeluda nas pernas, nos braços, no peito, na cara e nos sovacos, sardenha de sol, de nariz picado de bexiga, cheirando a uma tragada de cachaça da terra e não a licor de violetas ou as patilhas de **sen-sen**, ou então, a óleo de fígado de bacalhau, que para muitos se tornara o aperitivo usual (CABRAL, 1979b, p. 222).

O recorte social que os esportes náuticos ajudam a realizar na sociedade dessa Capital, no final do século XIX, passa pela exposição do corpo e do uso de suas forças. Esse recorte opera ainda na exclusão

de um grande contingente da população, expressando uma divisão espacial ocorrida na cidade e uma divisão social pelo esporte. Apesar da visibilidade das práticas esportivas, há corpos que não são vistos em determinados locais da cidade.

Desse modo, as regatas que seguiram no último decênio do século XIX trouxeram relações multifacetadas e elementos modernizadores entre o esporte e a sociedade da Capital. Em 1895, uma nova regata para comemorar a Batalha Naval de Riachuelo (Figura 57). Entre os inscritos para o prova de escalares, estavam amadores, aprendizes, marinheiros e profissionais.<sup>166</sup>

---

<sup>166</sup>Entre os participantes estava Raul Tolentino que, nessa regata, aparece como remador. Ele será citado em outros eventos náuticos até 1905. A família Tolentino, composta por Ari, Alcides, Francisco e Raul, participou tanto da cena política catarinense quanto das atividades esportivas da Capital. Exercendo diferentes funções, jornalistas, escritores, advogados e deputados participaram também da elaboração dos Estatutos das Regatas, em 1921, e foram juízes e organizadores dos eventos náuticos. Conferir Barbosa (1986).

Figura 57 – Programa da regata de comemoração da Batalha de Riachuelo

# A regata de hoje

## O PROGRAMA DA FESTA

Em homenagem ao dia de hoje—30° anniversario da memoravel batalha naval do Riachuelo, em que a Armada Brazilcira realisou o mais assombroso feito da historia maritima contemporanea—, realisa-se em nossa bahia do sul uma esplendida regata, sob a habil e abalitada direcção do capitão de fragata Justino Coimbra.

O programma dessa festa, que começa ás 2 horas da tarde, e para a qual é convidada toda a população catharina, é de demasiado atrahente e incita a curiosidade pública, que, certamente, concorrerá pressurosa a uma alegre diversão.

A festa é acompanhada com o concurso das bandas musicaes do 7° batalhão de infantaria, gentil e espontaneamente cedida pelo coronel Cesar, e do Corpo de Seguranca, devendo a primeira estar collocada no trapiche da Capitania do Porto e a segunda no da Alameda.

São juizes de partida o capitão de fragata Justino Coimbra e o Dr. Augusto Fausto de Souza, e de chegada o capitão Antonio Moreira Cesar e o capitão de fragata Santos Porto, digno commandante do cruzador *República*.

Eis o mais sumpuoso programma:

**1° PAREO CARIDADE**  
Premio. Um tinteiro de phantasia.  
Escaleres de 4 remos (amadores): *7 de Setembro* e *Brazil*.

**2° PAREO EXERCITO NACIONAL**  
Premio. Um relógio despertador.  
Escaleres de 8 remos (profissionais): *Quinze de Novembro* e *Dezeseis de Abril*.

**3° PAREO ALFANDEGA**  
Premio. Um barometro-thermometro.  
Escaleres de 8 e 10 remos (amadores) *Quinze de Novembro* e *Treze de Maio*.

**4° PAREO CAPITANIA**  
Premio. Uma bengala com castão de prata.  
Escaleres de 4 remos (profissionais): *Brazil* e *Araçatuba*.

**5° PAREO DR. HERCILIO LUZ**  
Premio. Um par de argolas de prata para guardanapos.  
Canôas de 4 e 5 remos (profissionais e marinhoeiros nacionaes). *Sete de Setembro* e *Santos Porto*.

**6° PAREO ONZE DE JUNHO**  
Premio: Um porta-cartão.  
Escaleres de 10 remos (amadores): *Riachuelo* e *Treze de Maio*.

**7° PAREO ARMADA NACIONAL**  
Premio. Uma corrente para relógio.  
Canôa de 5 remos e escaler de 8 remos (marinhoeiros nacionaes): *Santos Porto* e *Tiradentes*.

**8° PAREO DR. PRUDENTE DE MORAES**  
Premio. Uma fructeira.  
Escaleres de 8 e 10 remos (profissionais): *Quinze de Novembro*, *Treze de Maio*, *Dezeseis de Abril* e *Riachuelo*.

Os premios, que se acham expostos na ourivesaria *Meyer*, serão distribuidos á noite no club *16 de Abril*, onde se effectuará uma festa intima, em homenagem aos vencedores.

As embarcações inscriptas achar-se-hão reunidas á hora conveniente em frente ao trapiche Wencesláu, devendo os respectivos patrões apresentarem-se aos juizes de partida.

Se reinar vento sul durante o dia a regata realisar-se-ha na bahia do norte (Praia de Fôra.)

A nossa folha far-se-ha representar n'essa festa, indo a bordo do escaler *República*.

Fonte: Jornal *A República*.

No relato da regata, a natureza é evocada para construir a emulação do momento, “[...] um dia esplendido, sol brilhando, no mar leves ondulações, gaivotas chilreantes roçando suas asas sobre a superficie da água”.<sup>167</sup> Na baía sul, os trapiches e cais “[...] achavam-se apinhados de povo, estando as janelas dos sobrados repletas de famílias”.<sup>168</sup> Após a festa no mar, o baile e a distribuição de congratulações ocorriam no salão do clube. Parece que o remo toma lugar no calendário dos divertimentos e, em 1896, mais uma festa. Repete-se a estrutura: a chamada dos nos jornais, a divulgação dos participantes, o programa de corridas e os juízes e diretores de prova,

<sup>167</sup> A REGATA de ante-hontem. **República**, Florianópolis, p. 1, 13 jul. 1895.

<sup>168</sup> A REGATA de ante-hontem. **República**, Florianópolis, p. 1, 13 jul. 1895.



que agora contava com a participação do Dr. Hercílio Luz, como juiz de chegada. Desta vez, a distribuição de prêmios: pares de botões de ouro, medalhas de ouro e prata, bengala de ébano e pequenas somas de dinheiro para os patrões e remadores.<sup>169</sup>

O programa desses divertimentos pareceu ganhar em diversidade e complexidade. As regatas tiveram sua aparição como uma manifestação da Marinha e da Armada Oficial por conta da Escola de Aprendizes e Marinheiros, em 1861.<sup>170</sup> Alguns anos depois, em 1884, esteve associada aos temas políticos do movimento republicano da Capital. Já na transição dos séculos XIX-XX, a organização das regatas incorporou outras atividades esportivas. A partir de 1898, o jornal *A República* começa a anunciar as festividades esportivas, evento com mais de uma atividade acontecendo nas áreas litorâneas da cidade. Primeiro, foi o bairro Santo Antônio que recebeu os de turfe e as regatas<sup>171</sup> e depois as baías norte e sul com eventos cada vez mais frequentes de regatas e provas de ciclismo no Largo XIII de Maio. No século XX, a associação entre remo e ciclismo se expandiu, mas não se estabeleceu. Essa junção de diferentes práticas esportivas num evento único, bem como o surgimento de clubes e associações evidenciam um ambiente esportivo diferente daquela das regatas de 1861. Ambiência que veio se complexificando, como aqui mostrado, produziu-se em meio a outras atividades, como circo, corrida de touros, turfe, rinhas de galo, que estão associadas às condições de uma época e lugar.

No que se refere ao remo, no início do século XX, mais uma vez, o cenário das regatas se modifica com a o surgimento do Club 29 de Abril, em 1902, num sobrado da Rua João Pinto, esquina com a Rua Saldanha Marinho. A fundação desse clube, anunciada pelo jornal *A República*, se deu sob “[...] aplausos sem reservas [e] dessa vez o Clube de Regatas será uma realidade [...] que vem incontestavelmente

<sup>169</sup>REGATA. **República**, Florianópolis, p. 2, 10 jul.1896.

<sup>170</sup>Diferentemente de Porto Alegre, por exemplo, que registra associação de remadores provenientes dos clubes de imigrantes que se instalaram naquela cidade e institucionalizaram o remo na década de 1880 (SILVA, 2011). Este é também o argumento dos estudos sobre esporte náutico na cidade do Rio de Janeiro que afirmam a criação de algumas agremiações náuticas como novos espaços de sociabilidade, lazer e memória, forjados para marcar simbolicamente a ascensão e o prestígio de grupos de imigrantes que aportavam na cidade com o fim do trabalho escravo, expressando suas diferenças e identidades sociais (FARIAS, 2007).

<sup>171</sup>REGATAS e corridas de cavalos em S. Antônio. **República**, Florianópolis, 4 fev. 1898.

completar a série de associações recreativas aqui existentes”.<sup>172</sup> O clube “[...] que vem para concorrer como desenvolvimento do rowing nessa Capital”,<sup>173</sup> reforça que, pela segunda vez, as regatas não estavam exclusivamente vinculadas à Marinha ou às Forças Oficiais. A representação de agentes da política local continua a ser observada, tal como nos eventos anteriores, e a participação de amadores se torna mais evidente.<sup>174</sup>

Em quase quatro anos de existência, o Clube 29 de Abril realizou algumas regatas e ensaiou a organização de outras. Na primeira delas, junho de 1902, em comemoração à Batalha de Riachuelo, o clube contaria com “[...] o auxílio do Clube Ciclista Barriga Verde para solenizar a festa náutica do dia 11 que terá também evoluções de ciclistas no Largo XIII de maio, e um páreo amador infantil”.<sup>175</sup> Com uma programação de quatro páreos para as regatas e uma corrida para as bicicletas, todas as provas foram batizadas em homenagens, por exemplo, ao Exército, às Forças Armadas, ao Clube da Imprensa, à Proclamação da República.<sup>176</sup> Seguindo a organização de separar

---

<sup>172</sup>CLUB de regatas. **República**, Florianópolis, p. 1, 1 maio 1902.

<sup>173</sup>CLUB de regatas. **República**, Florianópolis, p. 1, 1 maio 1902.

<sup>174</sup>Alguns exemplos de remadores ou organizadores de regata eram conhecidos como “homens das letras”: Ari Tolentino foi secretário do Clube Aldo Luz e um dos fundadores da Federação Catarinense de Remo, foi um dos organizadores do *Anuário Barriga Verde* e colaborador do jornal *A semana*; Altino Flores foi um dos organizadores do *Anuário Barriga Verde* e diretor da *Revista Terra, Revista Artes e Letras* e *Revista Semanal Catarinense*; Antônio Coelho Pinto foi presidente do Aldo Luz e colaborador do jornal *O Mercantil*; Clementino Fausto de Britto colaborou com a comissão de elaboração dos Estatutos de Regatas e foi secretário do Clube Literário Cruz e Souza e fez parte da Academia Catarinense de Letras; Henrique Boiteux foi remador e diretor de esportes do jornal *Republica*, colaborador do jornal *O Colombo*, membro da Academia Catarinense de Letras; e, por fim, o Padre David Muller, que não se coloca aqui como homem das letras, mas é um figura representativa de um importante círculo social de Florianópolis. Foi secretário do Ginásio Catarinense, vice-presidente da Liga Catarinense de Desportos Terrestres e grande incentivador do esporte em Santa Catarina.

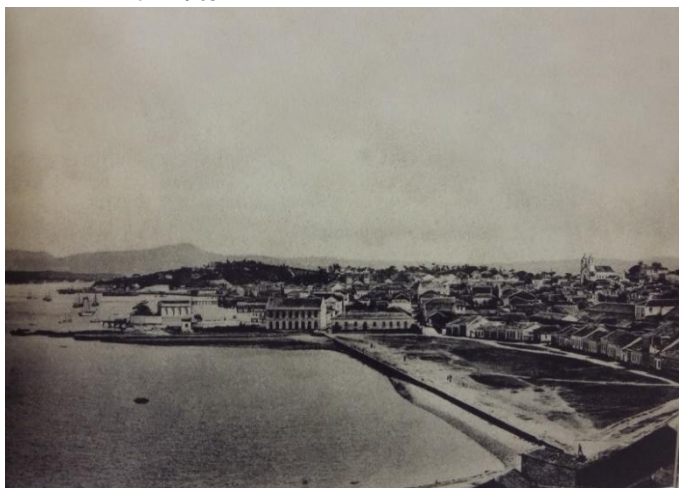
<sup>175</sup>AS FESTAS do dia 11. **República**, Florianópolis, p. 1, 7 jun. 1902.

<sup>176</sup>Entre alguns nomes que identificamos, estava o do remador amador Durval Moellmann, secretário da Associação dos Empregados do Comércio e representante da firma Moellmann&Cia., e o diretor de chegada José Arthur Boiteux, advogado, jornalista e historiador. Era filho de Henrique Boiteux, um dos fundadores da Faculdade de Direito de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Letras.

amadores e profissionais, estipular uniformes, classificar os tipos de embarcação, oferecer prêmios, um deles ofertado pelo “ilustre amigo Raulino Horn”,<sup>177</sup> a festa terminou com discursos,<sup>178</sup> jantar e baile no Clube da Imprensa.

Ainda em 1902, o clube organiza mais duas regatas para comemorar a data do 7 de Setembro e outra para homenagear Lauro Müller, o então governador. Nesta última, a festa náutica foi associada novamente a uma volta de exibição de bicicletas do Club Barriga Verde no Largo XIII de Maio (Figura 58).

Figura 58 – Largo XIII de Maio e Enseada Menino de Deus em 1905



Fonte: Gerlach (2010).

Na prova de remo, vemos mais uma vez os participantes se diversificarem quanto à sua origem social: foram inscritos remadores associados ao Clube Literário Recreativo Catharinense, à Associação do Comércio, ao Ginásio Catarinense e à Liga Operária.<sup>179</sup>

<sup>177</sup>VÁRIAS notícias. **República**, Florianópolis, p. 1, 10 jun. 1902.

<sup>178</sup>Fizeram-se representar: o governador pelo seu oficial; o prefeito da polícia pelo seu secretário; o Clube da Imprensa; os jornais *O Estado*, o *Sul Americano* e *Aurora*; o Instituto Histórico Geográfico; a Sociedade Literária Cruz e Souza; e a Associação dos Empregados no Comércio. VÁRIAS notícias. **República**, Florianópolis, p. 1, 13 jun. 1902.

<sup>179</sup>A REGATA. **O Dia**, Florianópolis, p. 3, 30 set. 1902.

Em meados de 1904, mais um clube de remo é anunciado na Capital, o Clube Esportivo Fabrício de Mattos, com sede na Praça XV de novembro.<sup>180</sup> Com a chegada de mais um clube náutico, as regatas se tornaram um meio de homenagear e dar visibilidade aos sujeitos, instituições e práticas em evidência no cenário urbano. Em sua primeira regata, “[...] uma brilhante festa a qual a natureza associou-se dando-nos uma tarde encantadora e animadíssima [houve] o concurso de muitas senhoras e cavalheiros que ocupavam praças, cais e trapiches da baía sul”.<sup>181</sup> Além disso, novos concorrentes, como os páreos formados pelo distinto Clube 12 de Agosto, os associados do Clube Tiro Nacional, do Centro Instrutivo, da Banda Amor a Arte, do jornal *O Correio do Povo* e do *O Dia*.<sup>182</sup>

Novos investimentos materiais foram projetados e executados, pela primeira vez, para as atividades esportivas na Capital. O Clube Ciclista Barriga Verde, em 1903, tratava da construção de um velódromo para que “[...] os amadores desse moderno esporte possam contar com arena apropriada para as suas diversões”.<sup>183</sup> Em 1905, no tradicional anúncio do programa das regatas em comemoração ao dia 7 de Setembro, relatou-se que “[...] tomarão parte da festa muitos escalares e algumas embarcações apropriadas, inclusive uma do referido Clube, anteontem lançada ao mar”.<sup>184</sup> Conforme a programação apresentada para a corrida, essas novas embarcações poderiam ser tanto os chamados *gigs*, “[...] barcos mais ligeiros que os utilizados até então nas regatas brasileiras, e que apenas Porto Alegre e Florianópolis possuíam”,<sup>185</sup> ou os “elegantes *yoles*”,<sup>186</sup> barcos encomendados pelo capitão-tenente do porto, o sr. Souza e Melo, para as provas de remo da Capital, “[...] iniciando assim o uso, nesse gênero de esporte, de embarcações próprias”<sup>187</sup> (Figuras 59 e 60).

<sup>180</sup>C.S Fabrício de Mattos. *O Dia*, Florianópolis, p. 3, 10 jun. 1904.

<sup>181</sup>A REGATA de domingo. *O Dia*, Florianópolis, p. 2, 14 jun. 1904.

<sup>182</sup>A REGATA de domingo. *O Dia*, Florianópolis, p. 2, 14 jun. 1904.

<sup>183</sup>VELÓDROMO. *O Dia*, Florianópolis, p. 3, 5 set. 1903.

<sup>184</sup>7 de setembro. *O Dia*, Florianópolis, p. 2, 5 set. 1905.

<sup>185</sup>Sobre a exclusividade dos barcos em Porto Alegre e Florianópolis, consultar o jornal *A Federação* de 26-11-1895, citado por Silva (2011, p. 61).

<sup>186</sup>A nota do jornal se lança a escrever sobre as especificações técnicas dessa embarcação como peso, quantidade de remos, tipo de madeira e dimensões. Consultar: ROWING. *O Dia*, Florianópolis, 15 out. 1904. Notas sportivas, p. 2.

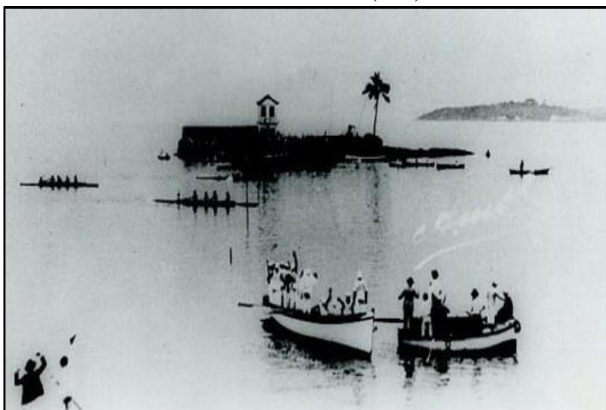
<sup>187</sup>ROWING. *O Dia*, Florianópolis, 4 out. 1904. Notas sportivas, p. 2.

Figura 59 – Regata em frente à Ilha do Carvão por volta de 1900



Fonte: IHGSC.

Figura 60 – Regata com embarcações apropriadas em frente à Ilha do Carvão (s.d.)



Fonte: Sartori (2013).

A ambiência esportiva do início do século XX sensibilizou os colunistas a fazer análises do movimento esportivo e a formular uma linguagem técnica para relatos das regatas. As notícias fazem circular um vocabulário simples, porém técnico, por exemplo, “a saída foi dada em boas condições”, “direção perita do escalar”, “valente esforço em

frente ao ponto de chegada”, “alteridade do proa”.<sup>188</sup> As críticas que os colonistas teciam sobre o desempenho dos remadores eram respondidas por meio de debates no próprio jornal, como foi o caso do patrão do barco que explicou que a derrota de sua guarnição foi devido ao fato de “[...] o escalar não se achar preparado como devia e devido aos remadores, que não sendo profissionais, não tinham a precisa prática”.<sup>189</sup> Nos jornais, a coluna “sport” se torna mais frequente e nela se escreveu que “[...] vai se desenvolvendo nesta capital, admiravelmente, o gosto pelo esporte”.<sup>190</sup> Houve também análises que afirmaram que o esporte,

[...] esta arte – ou ciência, como julga Romer – cada vez mais se avigora na nossa bela capital. [...] a arte esportiva vai se tornando o incentivo para criação de novas sociedades. Fala-se já na criação de um Clube de Regatas no aprazível e aristocracia bairro da Praia de Fora e de um outro de corrida a pé e ginástica... Perdurem, progridam essas associações, ou caem por terra em pouco tempo – pouco me importa: a ideia fica. [...] o principal é que o esporte, de qualquer gênero, não seja esquecido: o tempo, infatigável operário, levantara o edifício. Cabe a nós, os da imprensa, animar, auxiliar os obreiros do porvir. Foi este o motor que me impulsionou a criar esta secção – até há bem pouco desnecessária, agora, porém, de muito utilidade.<sup>191</sup>

A associação entre o esporte e a imprensa local se fazia declarada a partir desse momento.<sup>192</sup> No que dependia do esporte, algo acontecia com alguma rapidez dentro das associações que parecia ser uma forma de se conectar com a ambiência moderna mundial. A notícia do voo do dirigível de Santos Dumont em Paris, “[...] experiência oficial do balão dirigível, que era tão ansiosamente esperada pelos parisienses como um

<sup>188</sup>CLUB 29 de Abril. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 16 jun. 1902.

<sup>189</sup>REGATA. **O Dia**, Florianópolis, 14 jun. 1902.

<sup>190</sup>A citação continua “[...]o Clube Ciclista Barriga Verde já conta com mais de 40 bicicletas, o que demonstra à evidencia o desenvolvimento que essa simpática agremiação esportiva vai tendo”. Conferir: CICLISMO. **República**, Florianópolis, 19 set. 1902. Sport, p. 1.

<sup>191</sup>SANTERRE, Ed. Sport. **República**, Florianópolis, p. 1, 3 set. 1902.

<sup>192</sup>Consultar Hollanda e Melo (2012).

novo gênero de esporte e pelo mundo científico em geral”,<sup>193</sup> ou, então, as notícias sobre as atividades esportivas de uma pequena ilha ao sul do Brasil reproduzidas nos jornais da Capital Federal, Rio de Janeiro, tratando do desenvolvimento do remo na cidade de Florianópolis quando da criação do Clube 29 de Abril,<sup>194</sup> todas essas notícias anunciam: *le monde marche!*<sup>195</sup>

Mattos (2014, p. 80) reconhece que a recomposição de redutos de sociabilidade, que “[...] setorizavam a cidade contribuindo na formação das sensibilidades e de um público consumidor aburguesado”, possibilitou a criação de um circuito de espaços por onde circularam os letrados agrupados por diversos tipos de associações e cuja produção e circulação pressupõem o consumo de cultura impressa, na qual tanto os esportes como a promoção de outra sensibilidade ao urbano se fizeram presentes. Portanto, as visibilidades do corpo nas manifestações da prática do remo, entre 1861, 1885, 1902 e nos anos subsequentes, como veremos, são diferentes entre si porque a cada época elas ganham outras condições de possibilidade de se organizar, mas só no início do século XX, começa-se a fabricar, ao mesmo tempo em que é também fabricada, uma conjuntura social em que a educabilidade do corpo se reveste de novas camadas institucionais e compartilha características com o processo de modernização da cidade.

A recepção dos esportes pela imprensa continua a se materializar na presença também de duas revistas que a eles dedicam atenção. Uma chamada *Revista Illustrada*,<sup>196</sup> caracterizada como veículo de

---

<sup>193</sup> A DESCOBERTA de Santos Dumont. **República**, Florianópolis, p. 1, 21 jul 1901.

<sup>194</sup> ROWING. **República**, Florianópolis, 6 ago. 1902. Sport, p. 1.

<sup>195</sup> À TIRE d’aile. **República**. Florianópolis, p. 1, 11 nov. 1894.

<sup>196</sup> Lançada em março de 1919, a *Revista Illustrada – Mensario Illustrado* – estava sob a direção de Aurino Soares, gerência do Dr. Ary Machado. Entre o grupo de colaboradores estavam: Delminda Silveira, Altino Flores, João Crespo, Olavo Farias Júnior, Horácio Nunes Pires, Hollanda Cavalcante, J. Pedroso, Rubens Salomé Pereira, Osca Rosas, Afonso Wanderley Júnior, Ivo de Aquino, Ogê Manneback, Trajano Margarida, Gomes Winther, Gustavo Neves, Juvêncio Braga, Lucas Boiteux, Lucas Bainha, Ermani Freysleben, Antônio Vian, Habel Hugo Cabral, Epaminondas Madeira, João Tolentino Júnior, João Melchíades (redator auxiliar) e Nicolau Nagib Nahas (redator secretário). A *Revista Illustrada* se dividia em diversas colunas, como literatura, propagandas, publicações diversas escritas pelos vários colaboradores além da utilização da iconografia. Há menções da existência da

divulgação dos ideais de progresso e civilização comungados pelos homens públicos, em que se destaca o potencial comunicativo da revista. Em suas páginas, há uma *pedagogia urbana* inspirada na visualidade que atinge até mesmo quem não domina os códigos da cultura escrita.<sup>197</sup> “Sentindo ainda nos músculos a força vital do querer, nós os neófitos de outrora, nos erguemos hoje para dar expansão às nossas ideias pela imprensa”.<sup>198</sup>

Em Sartori (2013), podemos acompanhar a publicação da *Revista Ilustrada* do ano de 1920. O número 10 da *Revista* traz na capa Abelardo Luz, chamado na publicação de “vencedor das regatas de 1919” (Figura 61).

---

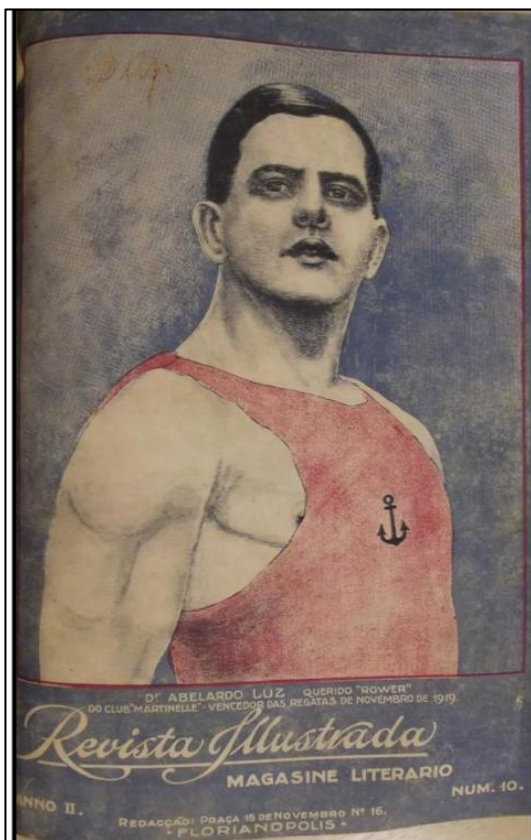
revista pelos anos de 1919 e 1920, mas só encontramos uma série incompleta dos exemplares de 1919.

<sup>197</sup> Conferir Mattos (2014).

<sup>198</sup> **Revista Ilustrada**. Florianópolis, ano 1, n.1, 15 mar. 1919, p. 1.



Figura 61 – Abelardo Luz na capa da *Revista Ilustrada* 1920



Fonte: Sartori (2013).

Abelardo da Luz, filho de Hercílio Luz, tinha formação em direito e, na ocasião dessa publicação, ocupava o cargo de deputado estadual em Santa Catarina, tendo iniciado suas atividades políticas em 1919, justamente quando seu pai exercia o cargo de governador do Estado, conhecido como o “Reformador da nossa Capital”.<sup>199</sup> Abelardo Luz seria, ainda, no ano de 1920, presidente do Clube Náutico Martinelli.<sup>200</sup> Outra publicação dirigida ao esporte divulgada pelo jornal

<sup>199</sup> A VENIDA Hercílio Luz. *A Semana*, 21 jul. 1920, p. 3.

<sup>200</sup> O MARTINELLI realiza amanhã um raid a Santo Antônio: pelo desporto. *O Estado*, Florianópolis, p. 8, 30 mar. 1920.

chamava-se *Revista Sportiva*, que era anunciada como “órgão oficial do esporte náutico”<sup>201</sup> e de “publicação útil e de elevada missão”<sup>202</sup> “divulgando cousas nossas, a ‘revista’, publica inúmeros ‘clichês’ de ‘sportmen’ catarinenses, bem como outros”<sup>203</sup>.

Assim, o jornal parece apontar detalhes da formação do público porque há um conjunto de personagens e condições que são solicitados a comparecer à cena urbana, como parece ser o caso da narração das regatas de 1922. O jornal aponta que “[...] era considerável a massa de povo que as assistia, vendo-se, em automóveis e carros, ao longo da extensão entre a Capitania do Porto e Rita Maria, grande numero de exmas e famílias”<sup>204</sup>. A referência à formação do público espectador não é uma novidade; é um fator sempre presente nas notícias. A maneira como é representado pela imprensa, que dá visibilidade à classe do evento ao falar dos torcedores que chegam em carros, começa a configurar outras perspectivas desses acontecimentos de domingo e, também, de um movimento de coisas e pessoas na cidade.

Esse movimento faz com que a recepção do esporte se transforme num operador de mudanças da cidade e de seus personagens. Percebe-se um entrelaçamento entre certa força política, a produção de um sujeito cidadão e a “alocação” do esporte no espaço urbano. Em artigo que se dedica a resumir as principais obras do ano de 1922, em Florianópolis, o jornalista escreve sobre a construção de um estádio, encaminhando assim a questão:

A grande multidão olhará com indiferença e descaso esse gesto. Eu, no entanto, e comigo, todos os que vêm na cultura sadia e valorosa do *sport*, não o princípio ridículo de imitação estrangeira, doença das sociedades dubiamente definidas, mas o único e preponderante fator no reerguimento ou, melhor ainda, na afirmação de uma nacionalidade incentivando o esporte e cultuando o valor, que irão pegar Jeca Tatu pelo mão lá na sua palhoça perdida [...] para trazê-lo,

<sup>201</sup>REVISTA Sportiva. **República**, Florianópolis, p. 1, 7 jan. 1921.

<sup>202</sup>REVISTA Sportiva. **República**, Florianópolis, p. 2, 2 fev. 1921.

<sup>203</sup>REVISTA Sportiva. **República**, Florianópolis, p. 2, 21 fev. 1921. Não foram encontrados exemplares da referida revista, temos apenas essas menções no jornal *República*.

<sup>204</sup>OS ACONTECIMENTOS ocasionados nas regatas de ante-ontem. **República**, Florianópolis, p. 1, 23 abr. 1922.

carinhosamente, como uma criança, às cidades cultas ou saneando-lhe o ser são, fazê-lo traçar, com sorriso contente nos lábios crestados pelas endemias, o quadrado de ginástica no jardim da escola pública [...]. Jeca Tatu é irmão gêmeo dos jangadeiros do Norte e dos canoeiros do Sul, feito dessa mesma alma humildemente heroica, que levou, pela vastidão dos mares, ao cosmopolitismo do Rio, o coração brasileiro fremente de entusiasmos, de fé e de esperança.<sup>205</sup>

À imprensa foi delegado o papel de incitar, criar e discutir a ambiência esportiva que, evidentemente, não se produziu sem embates e contradições com a norma social vigente. Apesar de o remo ter encontrado estímulo e incentivo entre marinheiros e os homens de letras, ele ainda enfrentava outras dificuldades para se desenvolver, como sugere o colunista: “Porque os maiorais são contrários as ideias esportivas. Se houvesse o *esporte* do imposto, sobrecarregando ainda mais o povo, aí sim eles aplaudiriam”.<sup>206</sup> Na ocasião da fundação do clube de ciclismo, o colunista esportivo escreveu:

Uma coisa que estava fazendo muita falta – um Clube Esportivo... A nossa mocidade tem sido até agora um tanto desleixada nesse ponto, senão, vejamos, o que se ocupa ela na suas duas horas de folga: pura e simplesmente no *flirt*, só sabem namorar [...]. Pálidos, amarelos, mesmo franzinos, não cuidam da educação do corpo. Não há muque, não há pulso, não há destreza... nem coragem, nada disso que constitui a beleza máscula [...]. Armam-se de formidáveis bengalas, mas caem ao menor dos empurrões... A esses – e sinto dizer-lo – não cabe o nome de homens. Fácil, porém, será corrigir isso: e um grupo de rapazes assim o compreendem, porque acaba de organizar o Clube Ciclista Barriga Verde.<sup>207</sup>

---

<sup>205</sup> BARBOSA, Renato. Os grandes empreendimentos: a propósito de Santa Catarina. **República**, Florianópolis, p. 2, 27 out. 1922.

<sup>206</sup> K. VALLEIRO. Brechas. **O ECO**, Florianópolis, p. 1, 12 set. 1914.

<sup>207</sup> A SEMANA. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 14 abr. 1901.

Esse modelo de masculinidade talhada pelas atividades esportivas encontrou sua caricatura. O apreço pelo esporte na construção de uma imagem moderna produziu “a pacovice dos burgueses”, o “autentico almofadinha à 1920”, “o excelente rapaz”, o “bom partido”, “muito entendido de esportes”:

[com] um paletozinho de cintura adelgada, espatilhada, quase colante, que lhe punha um ar frascário de badameco muito elegante. A cabeleira, besuntada à brilhantina cheirosa, repartia-se irrepreensivelmente ao meio; lencinho, rendado floco de neve, alvejava-lhe ao peito, com estudada negligencia; a camisa de seda clara, agressivamente *snoob*; catita, com um laçote pedante, a gravata borboletava-lhe brejeiramente ao pescoço; as unhas, polidas, rosadas, vinham manicuradas comesmero; no rosto, empoado com escândalo, não repontada um pelinho se quer que lhe viesse assombrar o apessegado da cútis! Que mimoso que era! E tem rodos os encantos para enfeitiçar melindrosas: discorre, com suma ciência, sobre páreos e cavalos de raça; conhece, pelo nome, um a um todos os jogadores de futebol; discute eruditamente marcas de automóveis; e para acumulo e requinte de boa educação fala *francês* (ah! isso sim...) um francês de *boulevard* que aprendeu comas croias bebendo champagne [...] o filho do novo rico, almofadinha precioso [...].<sup>208</sup>

As reformas urbanas afetaram essa relação fazendo com que as tentativas de organizar associações e clubes estivessem relacionadas com a esfera da distinção<sup>209</sup> e dos divertimentos. Entre diferentes

<sup>208</sup> SETUBAL, Paulo. Os almofadinhas. **República**, Florianópolis, p. 2, 30 out. 1920.

<sup>209</sup> O uso dos divertimentos e dos esportes para distinção social se refere aqui à produção de modelos ideias e diferenciados de comportamento para homens e mulheres, visando a um modelo de estética corporal e política em um determinado contexto. Evidentemente, inspiramo-nos nos estudos de esporte e na classe social na sociologia de Pierre Bourdieu, alguns já indicados aqui, e remetemos o leitor aos trabalhos de autores que pensaram e comentaram sua obra no contexto brasileiro, por exemplo, Souza e Marchi Junior (2010). Para um exemplo na cidade de Florianópolis, sugerimos ao leitor os trabalhos de

tentativas de institucionalizar a relação corpo e mar na cidade de Florianópolis, as três primeiras décadas do século XX inauguraram novas experiências, consolidando práticas corporais à beira-mar, entre tensões e permissões. As condições de invenção das novas práticas sociais que redefiniram o lugar do corpo e do mar nesse processo de modernização da cidade de Florianópolis, certamente, têm a ver com sua condição insular e sua relação com outras cidades mais economicamente desenvolvidas.

Sabe-se que a consolidação da República e da nova elite política permitiu a ocorrência de transformações e interferências do Poder Público no espaço urbano e que, dadas às circunstâncias da chegada desse novo regime, nenhuma atividade nova permitiu qualquer outra forma de acumulação. As reformas, então, foram possíveis em decorrência da força política de sua elite (PEDRO, 1998). Essas disposições políticas e um espírito “reformador”, segundo Araújo (1989, p. 118), foram “[...] de vital importância, junto às elites catarinenses, para o encaminhamento da pretendida integração territorial, política e administrativa do Estado, a partir de então, pacificado pela paz republicana”.

Nesses termos assim colocados, aceita-se a ideia de que novas práticas sociais modernizadoras, incluindo os rearranjos culturais da intelectualidade urbana em torno das associações esportivas, compuseram o esforço de remodelar a cidade de Florianópolis como símbolo do poder político em voga, então poderíamos colocar a questão sobre possíveis táticas de agrupação política, por meio do campo cultural (aqui, no caso, as associações clubísticas) para expressar alianças e aproximações que garantiriam legitimidade ao poder republicano.

Os personagens que compuseram o desenvolvimento dos esportes em Florianópolis, na transição dos séculos XIX-XX, foram políticos, funcionários da administração pública, jornalistas, escritores e pessoas ligadas às instituições educacionais. Levando isso em consideração, somada à evolução das regatas que veremos adiante, no sentido da sua organização interna, expansão e complexificação do seu funcionamento, sugerimos que o campo esportivo, em especial as regatas, serviu para levar o Poder Político de Florianópolis para além de suas baías,

---

Machado (1999, 2007) que analisa o espaço público da cidade Florianópolis na produção de um modelo burguês de masculinidade, bem como a atuação dos esportes na elaboração de um código de urbanidade que demanda cuidados com o corpo e domínio de si.

ampliando, talvez, a imagem do remo e dos banhos de mar como elementos que figuraram no campo do político para religar Florianópolis às principais cidades mais economicamente desenvolvidas em Santa Catarina. Pode ser que o remo tenha servido como imagem para associar Florianópolis a outras cidades importantes em Santa Catarina.<sup>210</sup> A questão que embasa essa leitura é a que o jogo político que devem fazer os governantes demanda a construção de práticas sociais ou alimenta práticas que legitimam seu poder.

As condições da invenção das novas práticas sociais, que redefiniram o lugar do corpo e do mar nesse processo de modernização da cidade de Florianópolis, também dizem sobre a expressão do controle do corpo ou seu domínio por meio de práticas de ascensão social e poder simbólico da elite catarinense. A cidade de Florianópolis, apesar de seus limites territoriais e econômicos, conseguiu, em alguma medida, produzir influxos no campo político e cultural que possibilitam a uma parcela da população de comerciantes, funcionários do Estado, bacharéis, políticos letrados, jornalistas e homens de outras tantas formações, revestir a imagem do provincianismo com algumas facetas cosmopolitas de acordo com os padrões brasileiros. A política da reforma e da civilização mobilizou um sentido ou desejo de visibilidade que produziu marcas na cidade, nas práticas sociais e nos corpos. O campo dessa visibilidade se constituiu nas obras públicas, nas práticas de moralização dos costumes, na valorização da civilidade e do progresso e, sem dúvida, na educação dos corpos. As práticas corporais, sob o investimento da lógica dos esportes, abrem uma dimensão do ciclo modernizador como celebração do corpo, dos músculos, da ação, da produtividade (SEVCENKO, 1992).

Os jornais, ao anunciarem, por exemplo, a programação de uma regata, anunciam também a mudança operada no ato de fruição de se estar à beira-mar na cidade de Florianópolis: “Nossa baía, em toda sua magestada e beleza, esta a pedir também um pouco de rowning”.<sup>211</sup> O tema da educação do corpo não se restringe ao espaços escolares: “O mundo de hoje a cantar é o mundo do ‘sport’, da indústria, do comércio e do operariado e são as suas crises, os seus heroísmos, as suas vitórias o

---

<sup>210</sup>Vide os campeonatos de remo da década de 1920 que incluíram os clubes de cidades vizinhas, por exemplo, Itajaí com três clubes de remo, o Clube Náutico Marçílio Dias (1919), o Clube Almirante Barroso (1919) e o Clube de Regatas Cruz e Sousa (1920), este último, particularmente, composto por afrodescendentes.

<sup>211</sup>ZÉ Sportman. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 2 jun. 1915.

seus sofrimentos e as suas esperanças que reclamam os poemas robustos das novas rapsódias”.<sup>212</sup>

A diferença entre as primeiras regatas de 1861 e aquelas que aparecem da década de 1880 (e que evoluem nos idos dos anos de 1900 e ganham muita evidência a partir de 1915), definitivamente, é a organização interna e as dinâmicas que as cercam. O cenário da cidade é outro, os seus personagens se modificaram e sua lógica interna foi ampliada. Na capital catarinense, o remo foi, segundo Sartori (2011), o lugar ou o território de grupos competidores, representantes das pulsões evocativas da vida da cidade, onde os diversos clubes promotores dessa territorialidade tiveram significados importantes na condução da civilidade, da animação cultural, da visibilidade social, bem como das redes de amizade e sociabilidade que transcendem o âmbito do tempo-espaço do esporte e do lazer, atingindo relações políticas, econômicas e sociais.

Não eram somente nas festas esportivas que compareciam nomes ligados à sociedade de Florianópolis. No salão nobre do Paço Municipal, “iluminado a acetileno, primorosamente adornado”,<sup>213</sup> ocorreu o baile da Sociedade Literária e Recreativa Catarinense que contou com vários nomes das representações esportivas já existentes da Capital. A promoção de festas e confraternizações, após as regatas e que aconteciam a bordo das embarcações, foi formando o momento e o espaço da sociabilidade e da demonstração dos bens materiais que esse tipo de sociedade consegue prover, por exemplo, champanhe e distribuição de lembranças a moças.<sup>214</sup>

As homenagens aos políticos locais se consolidaram. Desde 1902, com as primeiras festas náuticas dedicadas a governadores, a regata em homenagem a Lauro Müller contava com extensa programação e terminava com uma *marche aux flambeux* pela orla da cidade.<sup>215</sup> Afinal, para um “[...] povo que já sabe gozar e aplaudir os belos espetáculos das pugnas esportivas [...] bem dito os títulos patrióticos de um governo que ampara e estimula o esporte”.<sup>216</sup> As numerosas homenagens a Hercílio Luz, presente nas regatas do final do século XIX, levaram-no a ficar

---

<sup>212</sup>A EDUCAÇÃO física sportiva: o sport e as novas gerações. **O Estado**, Florianópolis, p. 4, 26 abr. 1916.

<sup>213</sup>ASSOCIAÇÕES: Sociedade Literária E.R Catharinense. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 19 nov. 1904.

<sup>214</sup>MATINÉE. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 10 mar. 1908.

<sup>215</sup>DR. LAURO Müller. **República**, Florianópolis, p.1, 25 set. 1902.

<sup>216</sup>SPORTMAN: Pro sport. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 30 jun. 1914.

conhecido como aquele que “[...] estimulou os moços a prosseguirem nos seus divertimentos esportivos que tanto concorrem para o desenvolvimento do físico como da inteligência, preparando uma raça forte para o futuro”.<sup>217</sup> A essa declaração ele responde que “[...] viu os moços de sua terra demonstrando o poder de sua forte musculatura, adquirida do esporte náutico”.<sup>218</sup>

Assim, o entusiasmo pelo esportes náuticos, por meio de homens conhecidos como “ardorosos aficionados desse gênero de esporte”,<sup>219</sup> vai materializando clubes, eventos competitivos e legislação esportiva. Em Florianópolis, a década de 1910 viu surgir pelo menos cinco clubes esportivos que incluíram o remo nas suas atividades, o qual, conquistando terreno na cidade, poderia legitimar o uso da baía e suas águas e dar visibilidade ao caráter formativo dos esportes que se processa no domínio do corpo. Segundo Ferreira (1994), o remo foi o gênero esportivo do início do século XX em Florianópolis. Atrelado ao desenvolvimento físico da mocidade e impulsionado pelas atividades pedagógicas do ginásio quanto ao uso do mar, surgia, em 1910, o Clube Catarinense de Natação e Regatas (espólio dos extintos clubes *Barriga Verde* e *29 de Abril*). Foi criado, o Clube Esportivo Florianópolis (1914), que antes foi o Anita Garibaldi (1911). Em 1921, houve a fundação do Clube Náutico Independência promovida pela Liga Operária, instituição essa que já participava de regatas desde 1902. Em 1915, foi anunciada no jornal *O Estado* a criação do Clube Riachuelo:

Quando surgiu a ideia da fundação, nesta capital, de um Clube Náutico, onde a mocidade procurasse desenvolver as suas forças físicas, houve pessoas descrentes da realização de tão bela iniciativa. Encorajado pela grande vontade dos comandantes Samuel Guimarães e Caiado, um pungido de valorosos moços levou a efeito a ideia [...].<sup>220</sup>

Num pavilhão situado na região da Rita Maria, com a presença da diretoria formada por entusiastas do esporte, um capitão de fragata e

<sup>217</sup> A RECEPÇÃO do Dr. Hercílio Luz. **República**, Florianópolis, p. 3, 18 maio 1920.

<sup>218</sup> A RECEPÇÃO do Dr. Hercílio Luz. **República**, Florianópolis, p. 3, 18 maio 1920.

<sup>219</sup> CLUB de Regatas. **O Dia**, Florianópolis, p. 1, 8 jan. 1910.

<sup>220</sup> CLUB Náutico. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 15 mar. 1916.



pelo comandante do navio Ana,<sup>221</sup> com dois barcos na garagem e mais dois a caminho vindos do Rio de Janeiro, e com os sócios compostos por comerciários e funcionários públicos, aconteceram reuniões, festas de inauguração e “trainings” que prepararam os “rowers” para uma apresentação. Sartoni (2013) destaca que o Riachuelo trocava correspondências com outros clubes de remo, como o porto-alegrense Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré e que, provavelmente, esses contatos ocorreram em função do fluxo comercial da empresa Hoepcke, já que alguns dos trabalhadores eram sócios e outros eram remadores do clube.

O Clube Náutico Francisco Martinelli foi fundado no ano de 1915 em um galpão próximo à Praia de Fora para guardar suas embarcações (Figura 62). No ano de 1917, os dois clubes efetivamente começam a funcionar: o Clube Náutico Riachuelo recebia a encomenda de um novo *yole*, aquisição que rendeu uma festa de batismo do barco,<sup>222</sup> juntamente com a festa de inauguração no novo galpão do Martinelli,<sup>223</sup> e a divulgação da Taça Lauro Carneiro para ser disputada pelos clubes da Capital e o clube de remo da cidade de Laguna.<sup>224</sup> O Clube Martinelli, o clube mais querido,<sup>225</sup> acabava de se integrar:

Cidade marítima, com uma topografia especialíssima, colocada pela excepcional dadiva de Deus entre duas formosas baías, que dispunham em aspectos os mais variados e encantadores a primazia, não deixaria por certo a bela Florianópolis de acompanhar o gesto das demais capitais organizando sociedades que cultivem o desporto náutico.<sup>226</sup>

---

<sup>221</sup> Carl, Ana e Marx eram navios da empresa C. Hoepcke, responsável pelo transporte de cargas e pessoas no Sul do país.

<sup>222</sup> DESPORTO. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 12 jul. 1917.

<sup>223</sup> C.N Francisco Martinelli. **O Estado**, Florianópolis, 27 jul. 1917. Desporto, p. 1.

<sup>224</sup> TAÇA Lauro Carneiro. **O Estado**, Florianópolis, 27 jul. 1917. Desporto, p. 1.

<sup>225</sup> UM CONCURSO interessante. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 9 jun. 1918.

<sup>226</sup> C. N. Francisco Martinelli: inauguração e baptismo. Desporto. **O Estado**. Florianópolis, p. 2, 31 jul. 1917.

Figura 62 – Sede do C. N. Martinelli na Praia de Fora



Fonte: Site do Clube Náutico Martinelli.<sup>227</sup>

Por fim, o Clube de Regatas Aldo Luz, que inaugura suas atividades em 1918, juntamente com a Confederação Catarinense de Remo, era visto pelo jornal como um “[...] digno gesto desses três moços [Aldo Luz, Ary Tolentino e Edmundo Simone], pois é de inteira necessidade mais um clube náutico, para poder em Florianópolis formar uma federação”.<sup>228</sup> A inauguração de clubes vinha acompanhada de festas, batismo de barcos, regatas de inauguração.

Esse aparato simbólico em torno da imagem do remo expressa, por outro lado, a construção de uma prática esportiva permeada cada vez mais por detalhes institucionais, de modo que a velha imagem do “homem do litoral”, aquele configurado como “indolente e incapaz” (ARAÚJO, 1989), agora é associada às codificações burguesas da organização social. Aquela racionalidade político-cultural expressa no ímpeto de reformas urbanas e sociais encontrou lugar, nas palavras do então governador Lauro Müller, na ocasião do batismo dos novos barcos

<sup>227</sup> Disponível em: <[http://www.remomartinelli.com.br/?page\\_id=9](http://www.remomartinelli.com.br/?page_id=9)>. Acesso em: 21 dez. 2016

<sup>228</sup> SPORTIVAS: a festa do Martinelli. **O Estado**, Florianópolis, 21 nov. de 1918.

do Clube Náutico Martinelli, por meio de elogios ao esporte náutico em Florianópolis, “[...] cuja prática concitou a mocidade catarinense porque ele vigora o corpo e alegra o espírito para as lutas da vida”. Na ocasião da comemoração das novas aquisições de materiais do “valente clube náutico da Praia de Fora”, a tradição/origem, antes malvista do homem catarinense, converte-se em “[...] valentia do catarinense para o mar e sua velha tradição de marítimo destemido e indomável”.<sup>229</sup> O esporte não é só vantagens, afinal, em climas quentes, ele é uma necessidade para “desentorpecimento do corpo e vivacidade do espírito”.<sup>230</sup>

Aqui vale comentar como o remo, juntamente com o futebol,<sup>231</sup> foi ganhando recepção e terreno no espaço urbano em função desse aparato simbólico. A partir de 1915 é possível perceber uma considerável atividade de clubes esportivos (como a criação de novos clubes, festas, organização de atividades esportivas e sociais, a gerência das atividades burocráticas) e um calendário de eventos esportivos. Assim, “[...] o esporte em nossa capital vai ganhando terreno [os clubes] possuem excelentes *teams* de *football*, cultivando-se também aí, outros ramos esportivos como o rowing e outros jogos de importância”.<sup>232</sup>

Desse modo, o sentido de recepção e territorialidade dos esportes vai cavando o espaço urbano e alterando sua lógica. Isso pode ser verificado na regularidade da divulgação de *matches* de futebol e das regatas nas páginas dos jornais ou quando o jornal sugere fechar as portas do comércio para prestigiar a regata, até porque “[...] iria facilitar também a muitos empregados do comércio seu comparecimento às regatas, visto que muitos deles, filiados a clubes locais, deverão tomar parte nas mesmas, constituindo guarnições desportivas”.<sup>233</sup> A popularidade e recepção dos esportes podem ser compreendidas quando, em 1915, um morador dos arredores da Praça General Osório resolveu escrever ao jornal *O Estado* e reclamar do desagrado da prática do futebol às vistas dos moradores locais. A reclamação diz que, “[...] se as sociedades de *football* têm suas sedes e seus campos de exercício porque

---

<sup>229</sup> A FESTA do club náutico Francisco Martinelli. **O Dia**, Florianópolis, 5 fev. 1918. Notas sociais, p. 2.

<sup>230</sup> A FESTA do club náutico Francisco Martinelli. **O Dia**, Florianópolis, 5 fev. 1918. Notas sociais, p. 2.

<sup>231</sup> Sobre a história do futebol em Santa Catarina, consultar Vaz e Dallabrida (2014), Rosa (2012), Jorge (2013) e Santos (2004).

<sup>232</sup> SPORT. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 13 maio 1915.

<sup>233</sup> ORGANIZAÇÃO das regatas de 21 de abril. **República**, Florianópolis, p. 2, 20 abr. 1920.

razão fazem os referidos exercícios em uma praça onde há trânsito?”<sup>234</sup> Essa recepção ao futebol, “[...] um esporte muito bom e [que] faz parte da educação física”<sup>235</sup> mostra uma dinâmica aceita em torno da prática e, por isso, não se trata de rechaçá-lo, a despeito dos “[...] espectadores dos exercícios [que] não se portam convenientemente e as palavradas são constantes”<sup>236</sup> e ou caso da “bola [que] atingiu a uma senhora que passava”,<sup>237</sup> mas uma questão de adequação porque a cidade, os seus personagens e seus ritmos estão dados, e o futebol deve ser “[...] feito em lugar conveniente onde não impeça o trânsito, não seja um perigo para os transeuntes e um desassossego para as famílias”.<sup>238</sup> O morador, por sua vez, aposta no bom senso da ordem assim definida e pensa que “[...] os dignos moços dos clubes esportivos, pensando um pouco no caso, acharão que a praça General Osorio não é um campo bem apropriado para os seus exercícios”.<sup>239</sup>

Esse trato com o futebol ainda perdurou pelos anos 1920, demonstrando que “[...] a prática do *foot-ball*, das 8 às 20 horas, no Largo General Osorio é um prejuízo para os que residem e transitam naquela via pública”.<sup>240</sup> Novamente “[...] um grupo de rapazes desocupados, entregam-se, dias inteiros a prática do conhecido jogo inglês, entre a algazarra, os aplausos e as reprovações, em baixo calão, da ‘assistência’ composta igualmente de garotos desocupados”<sup>241</sup> foi motivo para o jornal expressar o ponto de vista do seu leitor, ao dizer que era preciso a presença da polícia para dar fim “[...] a reprodução de tais fatos que bem mal dizem dos [?] de cidade civilizada”.<sup>242</sup>

---

<sup>234</sup>O FUTEBOL e a policia. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 10 set. 1915.

<sup>235</sup>O FUTEBOL e a policia. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 10 set. 1915.

<sup>236</sup>O FUTEBOL e a policia. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 10 set. 1915.

<sup>237</sup>O FUTEBOL e a policia. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 10 set. 1915.

<sup>238</sup>O FUTEBOL e a policia. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 10 set. 1915.

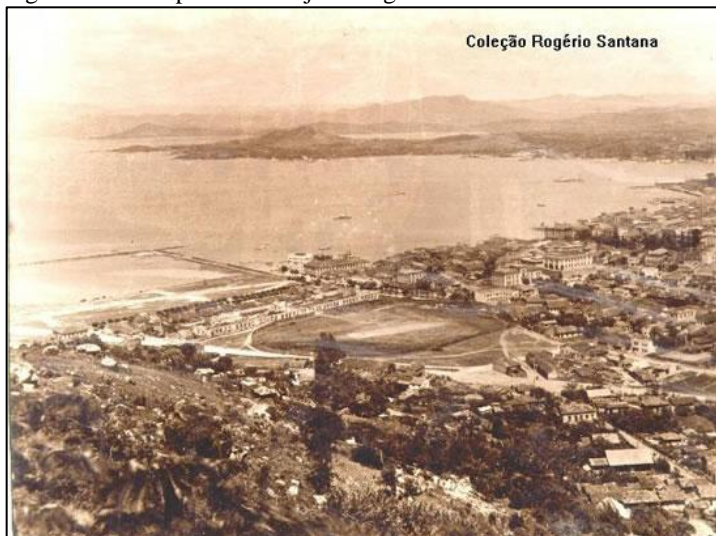
<sup>239</sup>O FUTEBOL e a policia. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 10 set. 1915.

<sup>240</sup>FOOT-BALL nas ruas. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 16 jul. 1924.

<sup>241</sup>FOOT-BALL nas ruas. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 16 jul. 1924.

<sup>242</sup>FOOT-BALL nas ruas. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 16 jul. 1924.

Figura 63 – Campo do Manejo e Largo General Osório



Fonte: Site Velho Bruxo.<sup>243</sup>

O largo em questão era o conhecido Campo do Manejo (Figura 63), hoje endereço do Instituto Federal de Educação. Na época, era destinado aos exercícios de manejo de armas do 14º Batalhão de Caçadores do Exército. Esse campo e também o campo do Ginásio Catarinense e o campo da Liga<sup>244</sup> eram os locais onde aconteciam as partidas de futebol da cidade. Esses dados são trazidos aqui para dialogar com as demandas de territorialidade que a organização do campo esportivo colocou para a cidade de Florianópolis no momento em que esta empreendia as reformas urbanas. Se as áreas urbanas oferecem condições para o processo de desenvolvimento do esporte (concentração de pessoas, circulação de culturas), por sua vez, ele também possibilita condições para compreender o desenvolvimento de uma cidade, seja pelas reformas urbanas, seja pela nova gestão dos costumes e hábitos.

<sup>243</sup>Disponível em: <http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/FotoAntigas/Album001/pages/Vista%20panoramica%20da%20cidade%20-%20campo%20do%20manejo%20-%20inicio%20dos%20anos%20de%201940.jpg.htm>. Acesso em: 3 jul. 2016.

<sup>244</sup>O campo da Liga se localizava na Rua Bocaiuva e depois viria a se tornar a primeira praça de esportes de Florianópolis, em 1930, chamada de Estádio Adolfo Konder. O endereço atual é as mediações do Beiramar *Shopping*.

Assim, se, nesse contexto, o futebol estava a demandar espaço na cidade e ampliação da sensibilidade de seus habitantes para novas práticas corporais, o remo exigiu a mesma coisa, mas teve outra recepção. No caso dessa prática náutica, há semelhanças com o futebol, porque encontramos a mesma estrutura de divulgação nos jornais, ou a mesma estrutura de alfabetização dessas práticas esportivas divulgadas pelos jornais: temos detalhes sobre organização de páreos, sobre a participação do público nas regatas e informações sobre os remadores. A diferença aqui é que o remo parece não ter recebido críticas à sua recepção. Ao contrário, num apelo elegante e discreto para o uso da baía como lugar de atividades físicas e sociais, ele é convocado a compor aquela paisagem.

A baía que muitas vezes foi local das regatas foi a da Praia de Fora, lugar que Virgílio Várzea (1984) chamou de “bairro chic”, onde a vida catarinense tinha “outro aspecto, outras tintas, outras modalidades” e deu-lhe a função de “ancouradouro abrigado dos ventos sul e a primeira estação balnear da Capital [...] revelando-se o bairro, na capital provinciana, como um todo à parte, mais culto, mais artístico, mais civilizado” (VÁRZEA, 1984). Assim, ao remo não competia a estética do terreno descampado, da assistência de garotos desocupados ou das reprovações de baixo calão. A recepção do remo está vinculada à redescoberta do litoral como lugar de contemplação, onde novos personagens ganham espaço.

A Praia de Fora registrou o primeiro “banho de mar” da Capital ainda no século XIX. Em 1906, os padres jesuítas do Ginásio Catarinense incentivam os recreios e os banhos de mar como atividades pedagógicas e, em 1908, o jornal *Gazeta Catarinense* comunica o início do funcionamento do Pavilhão Ano Novo, situado em Pedra Grande,<sup>245</sup> dedicado às “exmas famílias e cavaleiros” que desejassem desfrutar de “[...] um magnífico local para recreios, piqueniques e asseada para banhos”.<sup>246</sup> Antes a praia que, era lugar de despejar os detritos, agora é asseada. No processo de urbanizar e higienizar a cidade, as atividades náuticas, e nelas o remo, passam a compor um novo panorama da beira-mar (Figura 64).

---

<sup>245</sup>Localidade situada no atual bairro Agrônômica.

<sup>246</sup>PAVILHÃO Ano Novo: Pedra Grande. *Gazeta Catarinense*, Florianópolis, 25 jan 1909. Citado por FERREIRA (1994).

Figura 64 – Baía Sul, 1920, Coqueiros, Praia do Meio



Fonte: Gerlach (2015).

O olhar da imprensa que constrói o gosto e as expectativas pelos eventos de remo mirou a rotina de exercícios dos remadores. Para as regatas de abril de 1918, nas manhãs de domingo, “[...] os yoles fizeram demorados exercícios nas águas de nossa baía que estavam serenamente quietas”.<sup>247</sup> Dessa disputa, da qual se sagrou campeão o Martinelli (Figura 65), produziram-se muitas notas dos jornais. Acompanhando a estrutura das reportagens que precederam a regata de abril de 1918, elas demonstram detalhamentos técnicos das provas, diferentes análises e palpites baseados nos treinos dos atletas e na qualidade das embarcações. Na relação entre esporte e cidade, os colunistas também narram o que acontece com a cidade em dias de regatas:

[...] arrastou, pode-se dizer, à população de Florianópolis a orla do litoral da Praia de Fora para apreciar um surpreendente e inédito espetáculo. [...] das 14h em diante a cidade ficou deserta. A população pouco a pouco se deslocava para a Praia de Fora. Carros e automóveis, num vai e vem acelerado, conduziam famílias e

<sup>247</sup>ROWING: exercícios demorados. **O Dia**, Florianópolis, p. 1, 3, 16 abr. 1918.

inúmeros representantes de todas as classes sociais.<sup>248</sup>

Figura 65 – Guarnição do C.N. Martinelli nas regatas de 21-04-1918



Na foto, vemos os remadores Daniel Guedes, Alberto Muller, Carlos Galluf e Fioravante Chiriguini, sendo patoados pelo Sr. Alfredo Muller.

Fonte: Gerlach (2013).

A imprensa investiu mais uma vez na narração esportiva. A especialização sobre os fatos esportivos produz ambientação das *pugnas* náuticas, a emulação dos espectadores e, também, resulta na criação de seus próprios personagens. É o caso do redator esportivo, conhecido por seus trejeitos:

Trata de todos os ‘sports’ mas nunca praticou um só... é quase sempre magro e franzino e só faliu em muque... sabe uma porção de palavras estrangeiras, que escreve com letra muito clara, mas a revisão os estropia para não pensarem que ela só estropia as palavras nacionais. Tem binóculo para as corridas de cavalo, calça branca

<sup>248</sup> A GRANDE festa esportiva. **O Dia**, Florianópolis, p. 1, 23 abr. 1918.



para os ‘matches’ de ‘foot-ball’ e sapatos de sola de borracha para as regatas...deve sofrer do coração por viver a palpitar, isto é, a dar palpites.<sup>249</sup>

Invenções da linguagem da imprensa, esse registro da imagem do redator esportivo, detalhada pelos usos e signos que estampem suas roupas e seu corpo, plasma-se à um conjunto de imagens fotográficas que são publicadas nos jornais e revistas da época (Figuras 66-70).

Figura 66 – Regata na Baía Norte



Fonte: IHGSC.

Figura 67 – Yole Jupy do C. N. Riachuelo na regata de 1920



Prova clássica Superintendência Municipal Taça Cidade de Florianópolis. *Yole Jupy* do Riachuelo.

<sup>249</sup>REDACTOR Sportivo. **O Dia**, Florianópolis, p. 1, 9 mar. 1913.

Patrão Décio Couto, voga Antônio Ventura, proa  
Elesbão Silva. Tempo da prova 4min22s.<sup>250</sup>

Fonte: IHGSC.

Figura 68 – Comemoração das regatas de 1920



Fonte: IHGSC.

Figura 69 – Participantes do C. N. Riachuelo na regata de 1920



Fonte: IHGSC.

---

<sup>250</sup>Dados retirados do jornal *O Estado* em 13-11-1920

Figura 70 – *Yole* Jurema do C. N. Riachuelo na regata de 1920



Fonte: IHGSC e Jornal *O Estado*

Esse conjunto de imagens, no qual se observam poses robustas, formações dos remadores nos barcos, comemorações, brindes e a presença do público organizado para a foto, indica uma forma de vida, ou uma estética do corpo próximo ao mar, uma nova forma de ocupar esses espaços, física e socialmente.

O mês de abril de 1921 foi quase completamente dedicado à divulgação da “primeira pugna náutica” do ano.<sup>251</sup> Pode-se dizer que há no jornal *O Estado* uma disposição para criar e gerir expectativas para as competições esportivas. Publica-se sobre os atletas, as autoridades, a

<sup>251</sup>PRIMEIRA pugna náutica do ano. *O Estado*, Florianópolis, p. 1, 20 abr 1921.

fabricação das regras e sobre a seriedade das competições; discute-se sobre os ânimos dos torcedores e há espaço para que eles façam palpites sobre o resultado das disputas no jornal. A lógica dessa divulgação se deu, primeiro, com o anúncio das regatas internas e a divulgação dos treinos para as provas interclubes e, na sequência, os preparativos para a competição esportiva do mês: quantos clubes participam, quem são os atletas inscritos, quais são as estratégias dos clubes, a formação dos páreos e conclui: “[...] o que é fora de dúvida, porem, é que as regatas do próximo dia 21 vão ter grande esplendor e excepcional encanto, sendo todos os seus páreos disputadíssimos”.<sup>252</sup>

Nos dias próximos ao evento, o jornal divulga, em detalhes, o programa de regatas com exposição da organização do evento: clubes participantes, páreos inscritos, atletas enfermos, balizamento das raias, juízes das competições. Segundo Sartori (2013), as regatas na orla da cidade tornaram-se espaços de encontro das tradicionais famílias de Florianópolis, que torciam por seus filhos, e atraíram um bom número de espectadores, entre eles, atletas, sócios dos clubes, políticos, autoridades, torcedores e público em geral.

Há com frequência menção à presença de espectadores com detalhes de seu comportamento vívido diante dos jogos e, por vezes, chamada de “numerosa e seleta assistência”.<sup>253</sup> Segundo o jornal, a regata “[...] está disputando o mais intenso entusiasmo em nossas rodas desportivas”<sup>254</sup> e a torcida seria organizada pelas “[...] arquibancadas [que] serão ali preparadas, abrigos próprios para senhoras e senhoritas, que não pagarão entrada desde que sejam convidadas por sócios daqueles clubes”.<sup>255</sup> O “alvorço nas rodas desportivas”<sup>256</sup> é, assim, definido pelo cronista como “[...] um penhor seguro de que dia a dia mais se acentua o gosto da nossa mocidade pela prática dos jogos desportivos”.<sup>257</sup>

Como um elemento expoente, a construção da apreciação esportiva por meio da construção de imagens do seu público parece achar um lugar/função para todos. Para os moços, é “[...] grande e precioso bem que ele [esporte náutico] nos proporciona tornando fortes,

---

<sup>252</sup> OS PREPARATIVOS das regatas. **O Estado**, Florianópolis, p. 4, 2 abr 1921.

<sup>253</sup> TAÇA Lauro Linhares. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 28 jul. 1920.

<sup>254</sup> TAÇA Lauro Linhares. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 28 jul. 1920.

<sup>255</sup> TAÇA Lauro Linhares. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 28 jul. 1920.

<sup>256</sup> AS REGATAS de quinta feira: pelo desporto. **O Estado**, Florianópolis, p.3, 19 abr. 1921.

<sup>257</sup> AS REGATAS de amanhã. **O Estado**, Florianópolis, p.1, 20 abr. 1921.

destros e robustos os moços brasileiros”<sup>258</sup> para a projeção da cidade, o remo vem “[...] despertando não só na capital como em todo o Estado é um valioso indício do gesto que se vai tornando em nossa terra pelo desporto náutico um dos mais proveitosos e, sem dúvida, uma das mais empolgantes e das mais belas diversões populares”<sup>259</sup> e, para as mulheres, o lugar na composição das torcidas é construído por uma estrutura organizada pelos próprios clubes, ou seja, na oferta de rebocadores para as senhoras e senhoritas assistirem às regatas do mar.<sup>260</sup> Afinal, sem essa composição de expectativas sobre os resultados das provas e suporte desse público, “[...] de nada vale a boa qualidade de uma yole de solida estrutura, muito menos a atlética figura de um remador em plena mocidade, se não, unicamente deve agradecer o resultado ao mágico poder dos valentes pulmões das torcedoras”.<sup>261</sup> Decididamente, o entusiasmo pelos esportes não se encerra com o fim das regatas. O código de sociabilidades convida os sócios torcedores a participar das festas de comemoração dos páreos que cada clube oferece.<sup>262</sup>

A lógica da visibilidade dos esportes e a produção da sua apreciação também se expandem quando as práticas conseguem agregar o contexto da cidade. Assim, faz parte disso dar vistas ao movimento interno dos clubes, marcando tempo e espaços, como as reuniões, trocas de diretoria, discussão dos códigos de provas, inauguração das sedes dos clubes, batismos dos barcos e presença de autoridades, afinal, Florianópolis também passava por esse contexto de remodelação. A inauguração da sede social do Aldo Luz mereceu (Figura 71) registro fotográfico e a afirmação de que a “[...] a sede do simpático branco encarnado está construída obedecendo aos mais rigorosos preceitos de higiene”.<sup>263</sup>

---

<sup>258</sup> AS REGATAS de amanhã. **O Estado**, Florianópolis, p.1, 20 abr. 1921.

<sup>259</sup> A GRANDE pugna náutica de amanhã. **O Estado**, Florianópolis, p.3, 20 abr. 1921.

<sup>260</sup> A GRANDE pugna náutica de amanhã. **O Estado**, Florianópolis, p.3, 20 abr. 1921.

<sup>261</sup> A CONQUISTA. **O Estado**, Florianópolis, 22 abr. 1921.

<sup>262</sup> Conferir edições de 23, 26 e 27/4/1921 do Jornal *O Estado*.

<sup>263</sup> A FESTA do Aldo Luz. **O Estado**, Florianópolis, p. 5, 18 abr. 1921.

Figura 71 – Localização das sedes dos clubes náuticos



Cais Frederico Rolla, 1920. Na imagem, vê-se a antiga sede do Clube de Regatas AldoLuz e o espaço à direita onde foi erguida a 2ª Sede do Martinelli, na Rua Antônio Luz; ao centro, a fábrica de móveis de Carlos Reinisch; ao fundo, a região do Menino Deus.  
 Fonte: Site do Clube Náutico Aldo Luz.<sup>264</sup>

O remo, pode-se afirmar, colabora nessa construção do compasso entre corpo e cidade pela via da civilidade e progresso que conferem visibilidade às novas práticas corporais e à ressignificação do litoral. Nos anos de 1921 e 1922, acompanhamos, em paralelo às notícias esportivas, um intenso debate sobre as obras de saneamento da Capital. Se ampliarmos o foco de análise dessa recepção aos esportes em Florianópolis e em direção a outras práticas, vamos acompanhar essa visibilidade dada ao corpo na cena urbana agregando tecnologias e práticas narrativas que amplificam o contato com os esportes.

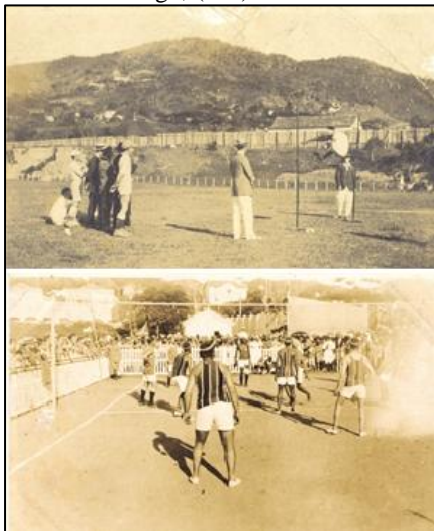
Assim, como argumentamos, os jornais se lançam a anunciar a criação de novos clubes e as atividades internas, festa e jantares dançantes oferecidos aos sócios, produzindo um campo de estratégias que amplia o gosto sobre os esportes, ou o gosto pelos divertimentos. A fabricação desse gosto talvez explique os comentários sobre um espetáculo de práticas corporais circenses e sobre a postura do

<sup>264</sup>Disponível em: <[http://aldoluz.com.br/?page\\_id=2](http://aldoluz.com.br/?page_id=2)>. Acesso em: 2 jul. 2016.

espectador que aprovou a exibição da luta romana entre um urso e um homem e a montaria de um orangotango, mas os trabalhos de contorcionismo, “[...] embora tivessem bom desempenho, não agradaram ao público por serem muito demorados”.<sup>265</sup>

A cidade estava a ser sitiada. Além de todo o processo de reformas urbanas que reorganiza os espaços citadinos, os esportes demandam para si tempos e lugares próprios, bem como cada potencial de gosto e de fidelização de espectadores. O Clube Anita Garibaldi empreendeu, na década de 1910, os festivais de jogos atléticos, que incluíam atividades esportivas diversas entre as diferentes associações instaladas na cidade.<sup>266</sup> Ao que percebemos, esses festivais estavam relacionados com a abertura da estação esportiva do Clube Anita Garibaldi, que consistia num vasto programa de corridas, saltos, futebol, remo e outras atividades que incluíam os sócios (Figura 72).

Figura 72 – Esportes atléticos no Campo da Liga, (s.d.)



Fonte: Casa da Memória.

<sup>265</sup> CIRCO Dois Irmãos. **O Estado**, Florianópolis, 7 jul. 1922.

<sup>266</sup> Por exemplo, a regata de setembro de 1912 que contou com a participação dos clubes 14 de Julho, Literário Catarinense, Beethoven, Germânia, 12 de Agosto, entre outros (*O Dia*, 16 jul. 1912); a corrida de cavalos no campo da Marinha (*O Dia*, 8 out. 1912); e o festival de corridas atléticas e futebol (*O Dia*, 6 abr. 1913).

Assim, “[...] parece que nosso povo já vai compreendendo o que é o esporte. As arquibancadas, o pavilhão e as adjacências, tudo estava cheio”.<sup>267</sup> Índícios da ampliação e da diversificação do campo esportivo<sup>268</sup> na cidade de Florianópolis. Entretanto, a circulação das pessoas dentro desse campo pode ser vista como uma ação planejada ou restritiva. Isso fica evidente com a publicação do *Código de Regatas da Confederação Catarinense de Remo*. Desde 1912, quando o jornal sugere que “[...] os esportes, inegavelmente, tem as suas probabilidades de êxito [financeiro]”,<sup>269</sup> acompanhamos publicações de notícias sobre a necessidade de organização do campo com a finalidade de profissionalização do esporte. Sob o lema de “esportistas, trabalhai-vos”,<sup>270</sup> desenhou-se um debate sobre criação de ligas, federações e estatutos para, em última instância, integrar o movimento esportivo que acontecia em Santa Catarina ao contexto brasileiro.<sup>271</sup>

A diversificação das atividades dos clubes (cobrindo diferentes esportes) impulsiona a institucionalização do campo esportivo e também uma participação mais específica dos associados dos clubes e a divisão entre profissionais e amadores. Sartori (2013) comenta o Estatuto da Federação Catarinense de Remo e nota que, na lista de nome dos remadores, que deveria ser enviada pelas sociedades de remo à Federação, era obrigatório conter o nome completo, a profissão e a apresentação dos documentos que comprovassem a profissão e o local de trabalho.<sup>272</sup> Eram definidos como amadores “[...] todos os que, por prazer ou diversão, procurem na pratica do esporte um meio de

---

<sup>267</sup>TOUJOURS. Club Anita Garibaldi. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 9 abr. 1913.

<sup>268</sup>Outra evidência é o convite que o Tênis Clube Florianópolis faz ao Marcilio Dias (um clube de remo de Tubarão) para participar de seu torneio de tênis. Prática esportiva que, segundo o jornal, tem crescido no seio da sociedade de Florianópolis. Após a abertura da temporada de tênis do ano de 1924, “[...] foram iniciados no interessante Sport, grande numero de sócios novos” (TENNIS CLUB. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 11 fev. 1924).

<sup>269</sup>SPORTS. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 20 out. 1912.

<sup>270</sup>SANTA Catharina e sua representação sportiva. **O Dia**, Florianópolis, p.1, 24 maio 1917.

<sup>271</sup>ORGANIZAÇÃO sportiva no Brasil. **O Dia**, Florianópolis, p. 1, 14 fev. 1917.

<sup>272</sup>Editais da Liga Náutica de Santa Catarina publicados no jornal *República* nos dias 04, 05 e 06 jan. 1924.



educação física, sem intuito de lucro monetário”.<sup>273</sup> Estavam excluídos dessa categoria:

a) profissionais e os analfabetos. b) todos aqueles que, pelo seu meio de vida profissional, adquiram desenvolvimento físico que contrarie o espírito do art. 54, a juízo do conselho. c) o que exerçam profissão humilhante ou emprego que lhes empreste o caráter de serviçais, tais como: criados de servir, de hotéis, cafés, bares ou botequins, ‘vendas’ confeitarias, bilhares e casas de sorvete, barbeiros e cabelereiros, *chauffers*, empregados de agencia de locação, contínuos e serventes em geral, vendedores de bilhetes de loteria, ou exploradores de jogos proibidos, condutores ou recebedores de veículos. c) os professores de esportes ou treinadores assalariados, os pescadores de profissão, mestres de embarcações de tráfego, banhistas, guardas e empregados de embarcações, garagens de clubes, piscinas ou estabelecimentos balneários e os construtores de embarcações. c) as praças de preto do exercito e força publica. f) as de profissão manual que não exija esforço mental. g) os operários em geral, mestres oficiais e artífices de fabricas, oficinas, arsenais e estaleiros) os não amadores em outros esportes [...]; j) os que, embora exercendo profissão ou emprego compatível com o amadorismo, não tenham o nível social e moral exigido para a pratica dos esportes aquáticos, a juízo do conselho da liga.<sup>274</sup>

Em função da institucionalização da prática do remo, que já vinha se apresentando nos periódicos desde 1919 e se intensificou com a complexificação das disputas náuticas, o jornal *República* rebateu uma crítica a respeito do Código de Registro na Federação, que definia a classificação das tripulações como:

---

<sup>273</sup>EDITAIS da Liga Náutica de Santa Catharina. **República**, Florianópolis, p. 3, 6 jan. 1924.

<sup>274</sup>EDITAIS da Liga Náutica de Santa Catharina. **República**, Florianópolis, p. 3, 6 jan. 1924.

[...] amadores, aqueles que praticam por prazer e sem fim lucrativo – oficiais da marinha, alunos da escola naval, empregados das casas comerciais de qualquer espécie e categoria, funcionários públicos, estudantes, oficiais do exercito; os não amadores, operários e artistas; e profissionais, todos que tiramproveitos pecuniários do remo.<sup>275</sup>

A resposta do *República* considerou a crítica “um propósito de fazer intriga entre o elemento operário e a Federação” e afirmava que a divisão da tripulação assim dada no jornal

[...] não teve nem tem o intuito de expelir os operários do seio do clube. Apenas, considerando que então misteres e profissões preparam os indivíduos a uma grande capacidade muscular, pondo-os em superioridade física manifesta e irresistível, contra aqueles que, ocupando-se em trabalhos intelectuais e sedentários, mal podem dispor de uma hora escassa de *training*.<sup>276</sup>

Por meio das manifestações esportivas, vamos observando outras dinâmicas da vida social de Florianópolis. Além das regatas de 1884, que apresentaram um páreo feminino, em 1917, o tema da participação das mulheres é retomado. Nos esportes, elas não estavam ausentes, mas sua participação efetiva na prática dos esportes não foi notada nas fontes, apesar de o Clube Martinelli dizer que “É pensamento de um grupo de associados organizar um pare de *yoles* com guarnição de senhoritas”.<sup>277</sup> Mesmo com esse pensamento não se concretizando e a participação das mulheres ficar especificada, segundo a apresentação do jornal, ao papel da torcida ou de madrinha nas festas de inauguração dos barcos, isso não desvaloriza sua presença e muito menos afirma que tinham uma atitude passiva em frente ao espetáculo esportivo.

O desenvolvimento da prática do remo em Florianópolis esteve atrelado ao modo como essa cidade pensava a si mesma e suas possibilidades. Perseguindo suas histórias, seus personagens, interrogando as condições que possibilitaram sua recepção vamos

---

<sup>275</sup>PROJECTO do Código de Regatas da Confederação Catharinense de Desportos. **República**, Florianópolis, 21 mar. 1922.

<sup>276</sup>PROFISSÕES malditas. **República** Florianópolis, p. 2, 19 mar. 1919.

<sup>277</sup>PELO desporto. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 20 out. 1917.

descobrimo os lugares que essa prática esportiva ocupa nessa Ilha-Capital.



## 4 “MOÇOS, AO MAR!”: EDUCAÇÃO DO CORPO À BEIRAMAR NA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS

### 4.1 HABITOS DE MAR E O ESPORTE COMO PEDAGOGIA: MOMENTOS DE PROTAGONISTA DO REMO

A expressão “Moços, ao mar!”, que intitula este capítulo, data do ano de 1916 e se refere à chamada que o jornal *O Dia* fez da criação da nova diretoria do Clube Náutico Martinelli. Essa notícia (que dividia a página do jornal com outras, como o entusiasmo pelo futebol, a corrida de touros do Circo Paulistano, a presença do governador Felipe Schmidt na inauguração de um submarino e a boa constância do trabalho do Centro Cívico Literário) guarda importância porque, com o estabelecimento da agremiação do Martinelli, concretizada-se oficialmente a disputa náutica entre esse e o Clube Náutico Riachuelo, criado no ano anterior. Assim, “[...] não podemos deixar de saudar a mocidade quando ela se manifesta em esforços como esses visando o utilíssimo fim do desenvolvimento físico a par de uma alegria justa de viver”.<sup>278</sup>

Poucos anos mais tarde, em 1923, no jornal *O Elegante*, o colunista reclamava que:

Nem se compreende que, possuindo Florianópolis tão lindas praias, os banhistas as desprezassem, deixando-as entregues ao abandono e à tristeza, para inspiração dos poetas [...]. Com efeito já é tempo de nossa população ir adquirindo os hábitos de mar, pode dizer-se, fazem parte da *toilette*.<sup>279</sup>

A reclamação acima é um paradoxo. Ela pede por algo que já acontece, entretanto não o suficiente para ser chamado de hábito. A figura do banhista já existe, mas não está totalmente naturalizada. Entre os destaques que podem ser comentados entre as similaridades das duas citações acima, queremos assinalar que o apelo aos jovens para que desfrutem dos hábitos de mar, valorizarem a higiene e o desenvolvimento físico, pode ser lido como uma forma de um processo de subjetivação que se materializa na relação com o corpo, o qual tem, no esporte e/ou no discurso da higiene, como é o caso aqui, uma

<sup>278</sup>MOÇOS, ao mar!. *O Dia*, Florianópolis, p. 8, 8 nov. 1916.

<sup>279</sup>VIDA Fútil. *O Elegante*, Florianópolis, p. 1, 1 abr. 1923.

pedagogia que ensina hábitos, gestos, valores e um modo de apreciação que, em última instância, tem a ver com a educação dos sentidos.

Um pouco mais de meio século separa a notícia da proibição do banho de mar de Esteves Júnior, o que discutimos no segundo capítulo, e o convite aos banhistas para desfrutar da praia como uma beleza natural da cidade de Florianópolis. Em nosso percurso de pesquisa, encontramos algumas causas e condições que podem explicar essa mudança de percepção. Retomemos os relatos dos viajantes estrangeiros que estiveram na ilha entre os séculos XVIII e XIX (recorremos a esses relatos no primeiro capítulo). Uma das funções desses relatos, que era um tipo de literatura difundida na Europa, era a formação do olhar do estrangeiro sobre as características da natureza e sobre o homem das terras que visitavam. Entre os viajantes, estavam alguns cientistas, portanto portadores de um esquema de percepção e classificação. Assim, uma das imagens divulgadas da Ilha de Santa Catarina, segundo Adalbert Von Chamisso (*SANTA CATARINA*, 1979, p. 232), era a de “[...] uma terra que foi agraciada pela natureza em todos os sentidos, uma terra onde tudo viceja com inexcedível beleza e garbo imagináveis”.

A riqueza e a imponência da natureza e as características idílicas da região, entretanto, não fornecem um único significado ou uma visão homogênea da natureza tropical, como aponta Rossato (2005), mas sim uma duplicidade de significados. É o caso dos relatos de Auguste de Saint-Hilaire que apontam a beleza da região e também a sua insalubridade, a dificuldade com o clima e sua influência perniciosa sobre os homens.<sup>280</sup> As falas dos viajantes cientistas portavam um olhar preparado e interessado no potencial econômico dessa natureza, vinculando história natural e história humana, e a exuberância natural das regiões era entendida em contraposição às referências europeias. Assim, sentimentos de desconforto, opressão, admiração e prazer produziam ambigualmente a leitura do local (ROSSATO, 2005), como se a variedade e a riqueza contrabalançassem as dificuldades desconhecidas. Para Antoine Joseph Pernetty (*SANTA CATARINA*, 1979, p. 86),

[...] falta alguma coisa para que a Ilha de Santa Catarina seja uma moradia encantadora [...] o ar insalubre deste clima é verdadeiramente a causa da palidez dos brancos que ali habitam. Destes

---

<sup>280</sup>Esse relato se encontra em Saint-Hilaire (1978, p. 149).

bosques onde o sol jamais penetra, elevam-se vapores densos que formam brumas eternas no alto das montanhas que cercam a ilha [...]. Este ar insalubre é corrigido levemente pela quantidade de plantas aromáticas, cujo perfume suave se faz sentir a três ou quatro léguas no mar, levado pelo vento do mar.

Essa paisagem, na sua beleza e no seu perigo, foi fartamente descrita e dela se fizeram imagens a ver, a conhecer, a admirar. Essas imagens nada dizem, a não ser pelo olhar de desejo e de vontade daqueles que a observam e pelas descrições que ensinam maneiras de ver o mundo e dominá-lo. Na letra do poeta francês do século XIX, Paul Verlaine, que escreveu que “*la mer est plus belle que les cathédrales*”, Adorno (2013, p. 110) aponta a consciência de uma virada estética da fruição do mar e mostra uma correspondência entre um momento histórico e um sentido social que atribui ao mar o valor de objeto estético e de contemplação, que corresponde ao momento histórico em que as catedrais adquirem outro sentido, qual seja, o de objeto da cultura, e não mais o seu uso original. O filósofo frankfurtiano refuta o belo natural como conceito fixo e afirma o seu caráter histórico. Admirar o mar, o belo natural, demanda uma construção: o mar como objeto estético e a educação do olhar.

Corbin (1989, 2005) demonstra essa demanda ao descrever sobre o imaginário da praia e como se deu a construção dos sentimentos da sociedade europeia ocidental em frente à imagem do litoral. O autor discute o “sistema de apreciação” e afirma:

[...] a apreciação da paisagem não é só estética; não é monopólio do artista; tem a ver com a medicina da alma; uma coerência se estabelece entre as reações do viajante e a natureza do clima [...]. É falso, portanto, dissociar a história dos sistemas de apreciação estética dessa geografia tecida pelas instituições médicas. É com auxílio das impressões cenestésicas, é com seu diafragma e suas vísceras, que o indivíduo dessa época aprecia o território que atravessa (CORBIN, 1989, p. 165).<sup>281</sup>

---

<sup>281</sup> Para Corbin (1989), interessa conhecer os sistemas de apreciação como sistemas de afetos e emoções de pessoas de outras épocas. Em outras palavras, interessa saber como pessoas de outras épocas se representavam e

Nesse episódio, o autor discute o nascimento dos balneários marítimos ou uma forma de fascinação pelo mar e ainda destaca uma postura do homem em frente à praia. Ele convoca a presença do artista, do viajante e do médico para narrar o desenrolar da luta que, no século XVIII, que tem a praia como palco privilegiado, entre a repulsa das exalações mefíticas do ar marinho e o desejo que nasce dos prazeres corporais ligados ao mar. É o embate que surge das descobertas científicas sobre os benefícios do ar marinho e da água do mar sobre a saúde física e mental.

Esse código de apreciação, de descobertas e interesses poderia estar presente nos viajantes cientistas que aportaram no século XVIII na, então, Nossa Senhora do Desterro. Em seus relatos de viagem, a qualidade estética da região estava associada às suas características meteorológicas e topográficas. Compreende-se daí, como aponta Corbin (1989), evocar e associar as “afecções sensitivas” em face ao “espetáculo aflitivo”. E foi preciso muitas décadas até que a relação com o sol, com a areia, com o ar e com a exposição do corpo mudasse e fizesse das praias um lugar para estar. Segundo o comentário de Silva (1997) sobre a obra de Corbin (1989), a relação com a natureza marítima demandou a elaboração de uma diversidade de sentimentos, como solidão, melancolia, fúria, placidez, recolhimento e extroversão esportiva para que os indivíduos pudessem renovar e mudar seu imaginário em frente às praias. São esses os códigos de apreciação estética que estão ligados a uma nova relação com o corpo e com o mar desenhados pela poesia, pelas imagens, pelos relatos dos viajantes e pela medicina.

As descrições dos viajantes europeus pela Ilha de Santa Catarina desenharam imagens míticas da beleza do litoral e da natureza da região

---

entender a coerência de suas representações. As transformações estruturais de uma dada sociedade e época implicam a produção de mercadorias, subjetividades, símbolos e desejos que, por sua vez, produzem sistemas de apreciação e representações. Os sistemas de apreciação regeram diferentes temporalidades e sensibilidades históricas e, como assinala o autor, “[...] eles não decorrem apenas do olhar e da bagagem cultural, eles advêm primeiramente das experiências cenestésicas” (CORBIN, 1989, p. 27). Assim, corpo e paisagem produzem modos de apreciação que, para serem compreendidos, demandam uma multiplicidade de recurso: da literatura científica à literatura de viagens, da pintura do museu aos desenhos nos jornais são olhares que codificam a recepção e a experimentação dos espaços de uma tal época. Para mais informações, conferir Corbin (2001, p. 11-14).



em contraste com o potencial econômico das cidades. Sayão (2011) entende esses relatos como uma topologia de olhares que nos auxilia a ler os projetos de visualidade para a cidade. Eles são representações da Ilha de Santa Catarina entre os séculos XVIII e XIX e podem ser classificados como olhares cartográficos e panorâmicos. O primeiro diz respeito à contemplação, preocupa-se com a forma do discurso e aponta para a apreciação sensível, pois objetiva a transformação do ambiente em objeto de contemplação. Ele constrói a paisagem do passeio, do cenário, do lazer. Já no segundo, o olhar cartográfico é ríspido, direto e objetivo e se preocupa com a mensuração, classificação e ordenação espacial. É o olhar perscrutador do higienista e do urbanista. Os dois exercem diferentes tipos de treinamento no sentido do olhar, consequentemente, no sentido de ver e estar na cidade.

# Figura 73 - Mapa de remodelação de Florianópolis em 1927

**ALVARO FERRETTI**  
 Diretor e responsável  
 ALVARO FERRETTI  
 Rua...  
 Arquiteto

EMPRESA EDITORA DO ESTADO LIMITADA

ANO III

FLORIANÓPOLIS - QUARTA-FEIRA, 14 DE DEZEMBRO DE 1927

Redação e Officinas  
 Rua João Paulo, 13  
 Caixa Postal 130  
 Florianópolis, Santa  
 Catarina

## A remodelação da cidade

Nossa última sessão, no mesmo governo, em que tivemos muita preocupação a necessidade de remodelar a capital catarinense, dando liberdade de ação ao governo, com o auxílio de técnicos especializados, nos levou a tomar algumas decisões que se tornaram indispensáveis a esse objetivo.

Nesse propósito, podemos deixar de fora o projeto de reforma da rede de esgotos, porque, de qualquer modo, não se sabia a que condições se devia adaptar a rede de esgotos.

Nesse propósito, podemos deixar de fora o projeto de reforma da rede de esgotos, porque, de qualquer modo, não se sabia a que condições se devia adaptar a rede de esgotos.

Mapa de Florianópolis com o traçado planejado para a remodelação da cidade em 1927.

De sorte que, para a liberdade de ação do governo, tivemos a oportunidade de fazer, antes de qualquer coisa, o que se devia fazer, com a maior liberdade possível, e isso deu origem a uma série de decisões que se tornaram indispensáveis a esse objetivo.

Nesse propósito, podemos deixar de fora o projeto de reforma da rede de esgotos, porque, de qualquer modo, não se sabia a que condições se devia adaptar a rede de esgotos.

## O lixo à porta

Um costume antigo que é necessário cobrir. Além de ser um costume antigo, é necessário cobrir. Além de ser um costume antigo, é necessário cobrir. Além de ser um costume antigo, é necessário cobrir.

## Em Tijucas, mais queimada uma criança

Uma criança de 4 anos morreu em Tijucas, vítima de um incêndio. O fogo se originou em uma cozinha e se espalhou rapidamente, atingindo a criança que estava brincando perto da lareira.

## VOTA ESCOLAR

NO DIA 12 DE ABRIL DE 1927, realizou-se, na cidade de Florianópolis, o voto escolar para a escolha dos membros do Conselho Municipal de Educação. O processo foi conduzido com a maior ordem e participação popular.

## Parabéns ao Comendador

Parabéns ao Comendador por sua atuação e dedicação em prol da cidade. Sua liderança e visão de futuro são fontes de inspiração para todos os cidadãos.

## Os leitores

Apresentamos aos leitores desta edição um artigo de grande importância sobre a situação econômica da cidade. O autor analisa os fatores que influenciam o desenvolvimento urbano e propõe medidas para superar os desafios atuais.

## Não se podem esquecer

Em nossa última edição, abordamos o tema da educação pública. É fundamental não esquecermos a importância de investir em escolas e na formação dos professores para garantir um futuro melhor para nossas crianças.

## A riqueza do solo nacional

Apesar da pobreza aparente, o Brasil possui uma riqueza imensa em recursos naturais e humanos. É necessário explorar e desenvolver esses recursos de forma sustentável para promover o crescimento econômico e social.

## Pelo progresso de Santa Catharina

Os primeiros passos para a instalação de uma rede telefônica em Santa Catharina foram dados recentemente. Este projeto representa um grande avanço para a comunicação na cidade e para a integração com outras regiões.

## Novas linhas localidade, rural e de campo

Para atender às necessidades da população, serão inauguradas novas linhas telefônicas em diversas localidades rurais e de campo. Isso facilitará a comunicação e o comércio nessas regiões.

## Trabalha-se um melhoramento importante

Trabalha-se em um projeto de melhoramento das instalações telefônicas. O objetivo é aumentar a capacidade do sistema e melhorar a qualidade do serviço oferecido aos clientes.

## Atua a morosidade das nossas comunicações

Atua a morosidade das nossas comunicações, o que dificulta o desenvolvimento econômico e social. É necessário tomar medidas urgentes para agilizar os processos e melhorar a eficiência dos serviços.

## Atua a morosidade das nossas comunicações

Atua a morosidade das nossas comunicações, o que dificulta o desenvolvimento econômico e social. É necessário tomar medidas urgentes para agilizar os processos e melhorar a eficiência dos serviços.

**Pó de arroz LADY**  
 É o melhor e não é mais caro.  
 A venda em todo o Brasil.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

É nessa tipologia do olhar cartográfico, descritivo e mensurador, que Sayão (2011) entende os discursos e mapas que apresentam o traçado da cidade. Parece que esse autor vê nos mapas e planos da cidade, desde aqueles elaborados pelo olhar estrangeiro do século XIX até os produzidos pelo olhar administrador e publicados nos jornais dos anos 1920 (Figura 73), “[...] uma ação simbólica de compreensão do território, que envolve a apropriação física do espaço a fim de governá-lo. O mapa é um dos primeiros e principais dispositivos de governabilidade” (SAYÃO, 2011, p. 88).

O que está em evidência na publicação desse mapa não é mais o domínio do belo natural, mas a divulgação de um olhar técnico e totalizador, uma forma de olhar a cidade de cima e por inteiro. É um regime de visualidade que estabelece relações entre sistemas representativos e objetos representados (SAYÃO, 2011). Mas esse regime evolui, oscila, sofre substituições e *turning points*, como podemos refletir com Corbin (2005).

Portanto, não é forçoso pensar que a escrita dos relatos estrangeiros, que portava referências dessa experiência europeia, a qual descreve Corbin (1989), se conecta com esse olhar técnico que remodela a cidade pelo fato de que, seja panorâmico, seja cartográfico, a cidade era vista como paisagem e, como tal, o sentido da obra está na relação entre os elementos que formam a imagem e as habilidades e conhecimentos do seu produtor:

Se no caso do panorama o sentido está na relação de todos os elementos visíveis da imagem, no caso do mapa, o sentido é lido entre símbolos, linhas e coordenadas. Da diferença entre paisagem panorâmica e a paisagem cartográfica destacamos o objetivo a que se propõe cada composição. Se a composição panorâmica é feita para apreciação estética do espaço, para o passeio do olhar sobre a superfície da imagem, a composição cartográfica objetiva dar a conhecer as localizações exatas no espaço, por isto ela traça itinerários, orienta o caminho que devemos percorrer com os olhos (SAYÃO, 2011, p. 91).

Em alguma medida, é o que faz Virgílio Várzea, quando apresenta e situa bairros, personagens, lugares na cidade de Florianópolis em 1900, como já vimos. Não só o poeta, mas também o político, como no caso de Hercílio Luz, que, pelo ímpeto de remodelar e reconstruir a Capital “[...] revelou-se um administrador de feito moderno, à memória dos Haussmanns e dos Passos”.<sup>282</sup> E também como fazem os colonistas dos jornais pesquisados que contribuem para a construção de uma apreciação estética e moral da beira-mar que foi sobrevivendo e se modificando desde o banho proibido de Esteves Junior até a ocupação das praias por banhistas e remadores, chegando mesmo aos dias de hoje como um símbolo turístico da cidade de Florianópolis. Esses fatores, entre outros, foram motivações para a releitura da paisagem de Florianópolis. Como o mar é um elemento inerente a essa cidade, e como ilha essa é a sua singularidade, o uso das praias em atividades sociais, recreativas e esportivas demandou ultrapassar seu uso exclusivo ligado ao trabalho e ao meio de transporte para se tornar um espaço de sociabilidade para os habitantes da cidade.

Para transformar a praia de um lugar de perigo e de descarte das imundices em um lugar de práticas chiques do homem civilizado, além do poeta, do político, o discurso médico, junto com os de sanitaristas, geógrafos e engenheiros, teve um importante papel em frente à transformação da atitude do homem do litoral.<sup>283</sup> Como afirma Ferreira (1994), o banho de mar em Florianópolis foi entendido primeiramente como “abuso ao código de posturas”, depois como “tratamento médico” e depois como “refrigérido contra o calor” e “divertimentos das famílias”. O mar, para a cidade de Florianópolis, ainda nos tempos de Desterro até os dias de hoje, esteve sempre associado ao cotidiano da sua população, mas nem sempre com o uso do banho. O mar em Florianópolis, segundo Ferreira (1994), vai modificando sua visibilidade pela sua representação na literatura, passando pela sua importância para o porto e de todas as relações sociais provenientes do comércio e do

---

<sup>282</sup>DR. HERCÍLIO Luz. *O Estado*, Florianópolis, p. 5, 3 nov. 1924.

<sup>283</sup>Não vamos nos deter no discurso que a classe médica fez em prol da limpeza e salubridade da cidade. Mas, para detalhes do discurso médico sobre as mudanças de hábitos e os usos do mar em Florianópolis remetemos o leitor ao segundo capítulo do trabalho de Ferreira (1994) e também às pesquisas de Cabral (1942), Araújo (1989), Campos (1992), Gerber (1998), Lazzaris (2009), Müller (2002). Para uma perspectiva nacional e de outras cidades, conferir as publicações de Chalhoub (1996), Herschmann e Pereira (1994), Costa (1999) e, para ver detalhes do entrelaçamento entre medicina e educação escolar, conferir Gondra (2003).

transporte por ele realizados. À crítica ao estado higiênico da cidade e seu entorno faz desses fatores contextos históricos em que seu uso é, então, revisitado.

O discurso da saúde atrelada a bons hábitos de higiene, ao tratamento das águas e à reforma urbana engendra o processo do desejo de estar à beira-mar diferente daquele modo de estar do pescador, do homem do litoral, que fazia daquele espaço parte substancial da sua sobrevivência. Era uma nova forma do hábito, como anuncia o título deste capítulo. A tese de Ferreira (1994) explica que parte da elite catarinense que habitava a Capital sustentou, no contexto histórico do advento da República, novas práticas sociais que passaram pelo símbolo da distinção. É com os banhos de mar, juntamente com os clubes de regata e outras atividades de cultura do corpo, que essa elite apresenta esses novos códigos de civilidade. Para Ferreira (1994), essa tímida emergência da vida urbana, que colocava valores em contraste do morador da cidade com o da freguesia, leva o cidadão ao contato com a praia, colocando-se entre o pescador e o mar.

Na descrição que Virgílio Várzea faz de Florianópolis em 1900, encontramos, mais uma vez, capturada em escrita, essa sensibilidade que se volta à contemplação do mar na ilha. Ao se referir à organização do bairro Praia de Fora, Várzea (1984) assim se posiciona:

Todas essas vivendas ou chácaras têm à frente vastos jardins bemcuidados, aos cantos dos quais se veem vistosos mirantes ou caramanchões de folhagem, lembrando os opulentos palacetes de Botafogo, Laranjeiras e Tijuca na Capital Federal. E algumas das últimas acima citadas, lançando-se em puxados e quintais para a praia, que tem a extensão de dois quilômetros mais ou menos, apresentam belos terraços descobertos ou *mirandas* de onde se domina todo o panorama das águas, delicioso pela placidez constante das ondas ao abrigo dos vendavais e pelo recorte incomparável da costa, correndo numa alvura de areias [...].

“Belos terraços descobertos e mirandas de onde se domina todo o panorama das águas”: a arquitetura das casas da Praia de Fora enquadra o mar como elemento de apreciação. Práticas de lazer, de divertimentos e entretenimentos à beira-mar travestidas, às vezes, de características de eventos esportivos, já apresentavam suas evidências nas cavalgadas à

beira-mar que aconteciam no bairro aristocrático da cidade em 1859. A partir do nosso percurso de pesquisa e na esteira dos argumentos que apresentam o esporte como um vetor dos processos de modernidade, queremos apresentar três momentos em que as regatas protagonizaram novas formas de sociabilidades à beira-mar. Em outras palavras, foram momentos em que o remo participou de movimentos de rupturas e reordenamentos de hábitos e valores em relação à visibilidade do corpo frente ao litoral.

#### 4.1.1 Primeiro momento

O primeiro momento diz respeito às regatas ocorridas a partir da década de 1870. Vimos como parte dos cidadãos usufruía de momentos de sociabilidades e entretenimento privados abrigados nos salões dos clubes ou das casas de algum membro da elite política e econômica de Desterro. Porém, as regatas que têm como palco a orla da cidade começavam a indicar a possibilidade de outros espaços serem apreciados para momentos de festas, além daqueles já conhecidos das solenidades cívico-religiosas e das festas privadas. A regata do mês de maio de 1871, chamada de entretenimento marinho, anunciava “bastante concorrência de espectadores” e dava conta que “a bordo da canhoneira *Araguary* houve lauto banquete depois de concluídas as corridas”.<sup>284</sup> No final dos anos 1870, a posição privilegiada das principais famílias da Capital, no evento náutico, era enfatizada pelo convite do organizador da regata que oferecia o bordo dos navios para os espectadores. A narração do aspecto “chic” de poder dançar numa embarcação após um evento de regata dizia sobre o evento: “Uma festa a bordo! Uma festa a bordo tem seus atrativos. Dançar em um salão é coisa muito vulgar, mas bailar sobre a casamata de um navio encouraçado é o que não se pode fazer todos os dias”.<sup>285</sup>

As regatas de abril de 1884, chamadas de festejos populares, tiveram como tema a homenagem aos oficiais da canhoneira portuguesa atracada em Desterro. O jornal *O Despertador* afirmava que “[...] entre nós, onde escassam as diversões públicas, são sempre acolhidas com prazer às notícias dessa ordem”.<sup>286</sup> A programação dessa regata incluía a participação de mulheres na disputa dos páreos, a participação dos clubes 12 de Agostos e o Abolicionista, a distribuição de cartas de

<sup>284</sup>REGATA. **O Despertador**, Desterro, p. 2, 30 maio 1871.

<sup>285</sup>A REGATA. **Regeneração**, Desterro, p. 1, 29 set. 1878.

<sup>286</sup>OFFICIAES Portugueses. **O Despertador**, Desterro, p.1, 26 mar, 1884.

alforria e um passeio pela cidade durante a noite, após as corridas. O jornal anunciava:

À noite um passeio veneziano, percorrendo a baía grande número de escalares, botes, etc., todos iluminados em cores, queimando-se diversos fogos de bengala. Terminado o passeio veneziano, arderá um bonito fogo de artifício, armando sobre a água. Depois disso, reúnem-se no salão do Clube 12 de Agosto, cedido generosamente pela digna diretoria para tal fim, todos os que tomarem parte no festejo, e aqueles a quem ele é dedicado, entreendo o resto da noite em uma *soirée* dançante. O litoral da cidade será enfeitado com bandeiras, galhardetes, iluminações, etc. Em suma, é uma festa verdadeiramente popular, e por consequência simpática a todos.<sup>287</sup>

O evento mereceu registro fotográfico e exposição das imagens,<sup>288</sup> além da atenção de alguns jornais da cidade que dedicaram a ele relatos da festa, por exemplo:

[...] iniciativa do povo desterrense, foi esta ideia abraçada pela totalidade da classe comercial, sem distinção de nacionalidade [...]. Ao anoitecer continuamos festejos por meio de um brilhante passeio veneziano a luz de fogos de bengala [...] o passeio esteve de umefeito deslumbrante. Toda a frente da cidade, que desde a manhã desse dia fora enfeitada com um comprido cordão de bandeirolas e galhardes [...] terminou a manifestação de ontem com um grande baile nos salões do Clube 12 de Agosto o qual correu sempre animado.<sup>289</sup>

A intervenção da imprensa na divulgação dessas novas formas de sociabilidade tem um papel pedagógico importante no processo da vida pública. A elite da cidade, com a publicização dos eventos náuticos, sai dos seus salões e ganha novos espaços. A orla da cidade e o uso e

<sup>287</sup> OFFICIAES Portugueses. **O Despertador**, Desterro, p.1, 29 mar. 1884.

<sup>288</sup> PHOTOGRAPHIAS. **O Despertador**, Desterro, p.1, 7 maio 1884.

<sup>289</sup> FESTEJOS populares. **Regeneração**, Desterro, 16 abr. 1884. Secção geral, p. 2.

demarcações que fazem dela servem às regatas como espaços sitiados por pessoas que, ocupando posições mais ou menos privilegiadas, demonstram sua rede de relações sociais e seu lugar na política da cidade.

No final do século XIX e no início do século XX, essa elite, que saiu dos salões dos clubes para a orla, usufruía dos passeios de barco após as competições, das festas a bordo, do lugar distinto simbolicamente para assistir à regata, do *marche aux flambeux* pela orla da cidade. É possível acompanhar esse mesmo tipo de prática nas décadas de 1910 e 1920, já com os clubes de remo consolidados. Assistir a uma competição náutica demandava dos espectadores reconhecimento dos seus lugares (Figura 74), no âmbito público e privado e nas dimensões físicas e sociais.

Figura 74 – Regata na Baía Sul na década de 1920



Fonte: Casa da Memória.

As marcações sociais, a partir da primeira quinzena do século XX, ocorrem com divulgação dos “trainings” para a assistência acompanhar seus “rowers”, dos “lunchs”, almoços, jantares e partidas dançantes oferecidos pelos clubes após os “raids” de remo. O Clube Náutico, por ocasião do “[...] extraordinário triunfo nas últimas pugnas esportivas [oferecia] grandiosa festa de excepcional brilhantismo e encanto”<sup>290</sup> os salões do Clube Concórdia.

Esse conjunto de entretenimentos, bailes, festas, passeios, *matinéés* e *soirées*, associado ao “valor do muque”<sup>291</sup> que as provas esportivas patentearam foi tornando a orla visível ao olhar técnico dos reformistas urbanos. O jornal *O Estado* divulga, em 1921, a entrega de uma planta para a construção de um *stadium* na cidade. Sartori (2013) comenta que as construções que diziam respeito ao remo, como os

<sup>290</sup>NÁUTICO Martinelli: a festa de hoje no Concórdia. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 8 maio 1920.

<sup>291</sup>ROWING. **O Estado**, Florianópolis, 7 fev. 1917. Notas sportivas, p 2.



galpões e rampas, passariam pela Superintendência Municipal, mas, no caso dessa planta, o documento seguiu direto para a Federação Catarinense de remo.<sup>292</sup> Segundo as observações de Sartori (2013), sabe-se que o mesmo arquiteto, Augusto Huebel, acompanharia a construção do Bar Miramar, inaugurado em 1928, e os dois projetos possuíam quase a mesma estrutura de divisão dos espaços: em ambos se encontravam os cafés, salas de refeição e compartimentos para banhos.<sup>293</sup> Segundo Nonnenmacher (2007, p. 53), sobre o Bar Miramar:

O empreendimento obteve seu auge entre as décadas de 1920 a 1950, quando as regatas eram uma atração local que causavam alvoroço nas manhãs de domingo. Os garbosos remadores dos clubes náuticos Martinelli, Aldo Luz e Riachuelo, com entusiasmo abriam veias nas águas espelhadas, disputando o primeiro lugar nas competições que alteravam o cotidiano da provinciana cidade de Florianópolis.

Pouco se sabe sobre o referido *stadium*, e a nossa pesquisa nos jornais indica que ele seria uma construção da Federação Catarinense de Remo e que, apesar das semelhanças arquitetônicas com o Bar Miramar, conforme afirmou Sartori (2013), seu lugar escolhido não seria a Baía Sul, mas era “[...] muito provável que o local escolhido seja nas ruas José Veiga ou Bocaiúva”.<sup>294</sup> A construção dessa obra mobilizava o presidente da Federação de Remo, Abelardo Luz, o governador do Estado, Hercílio Luz, e engenheiros que “[...] percorriam arrabaldes da cidade para a escolha de um local próprio para a construção do ‘stadium’”.<sup>295</sup> Interessa-nos apontar nesse fato que a configuração e a visibilidade do remo vão plasmando outras formas sociais de expressão dessa força esportiva com caráter modernizador. A presença de Abelardo e Hercílio Luz, pai e filho, à frente de instituições diferentes que reorganizam o espaço da cidade e que utilizam a prática governamental e a prática esportiva num apelo reformista, sanitaria e ordenador, por meio do concreto e do simbólico, do material e do imaterial, produziu novas práticas, novas subjetividades relacionadas

<sup>292</sup> A PLANTA do stadium. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 17 out. 1921.

<sup>293</sup> A PLANTA do stadium. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 17 out. 1921.

<sup>294</sup> A PLANTA do stadium. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 17 out. 1921. A Rua José Veiga é a atual Avenida Mauro Ramos.

<sup>295</sup> A PLANTA do stadium. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 17 out. 1921.

com o espaço urbano e com o que dele é feito. A formação dessa sensibilidade, a construção dessa educação do corpo, precisa de uma transformação do espaço e dos seus usos.

Apontamos ainda que a escolha das Ruas José Veiga (atual Mauro Ramos) e Bocaiúva para a construção do *stadium* poderia, de alguma forma, estar alinhada a uma sensibilidade que rastreava e procurava ocupar a cidade com símbolos, imagens, funções do impulso modernizador singular a Florianópolis na década de 1920. Nesse sentido, temos que considerar o crescente movimento do meio esportivo do futebol na Capital, a sua associação com os clubes de remos e a escolha do Campo da Liga como seu palco esportivo do futebol, localizado na Rua Bocaiúva, como um evento que toma a materialidade da cidade para a construção de sua identidade. Isso nos leva a discutir o segundo momento em que o remo participou de movimentos de rupturas e reordenamentos de hábitos e valores em relação à visibilidade do corpo em frente ao litoral.<sup>296</sup>

#### 4.1.2 Segundo momento

O segundo momento é quando o remo assume a organização do meio esportivo em Florianópolis com a institucionalização de suas entidades, resultando na constituição dos Estatutos da Federação Catarinense de Remo (FCR), em 1921, e nos Estatutos da Liga Náutica, em 1923, demonstrando, a nosso ver, uma nova codificação dos usos do mar e, em alguma medida, um arranjo ao campo esportivo de Florianópolis.

Verificamos que, em 1916, os jornais expressaram a opinião de um circuito de praticantes e simpatizantes do esporte que pediam a representação desse campo por meio de uma federação. O argumento para a criação de Federação Esportiva de Desportos (FCD) se baseava na possibilidade de “[...] promover nossos ‘matches’ interestaduais que são a grande alma do desenvolvimento esportivo [no] enraizamento do sentimento de união em todo o Brasil [e no fortalecimento] da inestimável aproximação dos elementos de um e do outro Estado”.<sup>297</sup>

---

<sup>296</sup>Para outras informações sobre o Campo da Liga, as disputas de espaço na cidade em relação à presença do futebol e como Campo viria a se tornar o Estádio Adolpho Konder, consultar Oliveira (2011), Silva (1983), Brito (2010) e Borges (1996).

<sup>297</sup>SANTA Catharina e sua representação sportiva. **O Dia**, p.1, Florianópolis, 24 maio 1917.

Sobre esses fatores trabalhavam Lauro Müller, que até maio de 1917 foi ministro das Relações Exteriores, “[...] facilitando e auxiliando de todo modo a aproximação dos ‘sportmen’ brasileiros para com seus irmãos sul-americanos”,<sup>298</sup> e o governador do Estado Felipe Schmitd, “[...] que tem a maior boa vontade em auxiliar o movimento [...] dando desde já à entidade representativa do Estado os foros de utilidade pública”.<sup>299</sup>

A criação de federações estaduais era uma demanda da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) que divulgava a necessidade de os Estados formarem suas representações esportivas.<sup>300</sup> No ano de 1917 a CBD, organizada em três seções de filiação, de esportes terrestres, aquáticos e aéreos, contava com a participação dos Estados do Distrito Federal, de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Pernambuco, Pará, Amazonas, Rio Grande de Sul, Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro. O redator esportivo do jornal oficial da CBD, Salvador Frões, escrevia que “[...] não pode, portanto, Santa Catarina continuar afastada deste meio, atentando assim um verdadeiro atraso em sua força esportiva”.<sup>301</sup> A avaliação do campo esportivo em Santa Catarina, notadamente em Florianópolis no ano de 1917, feita pelo redator esportivo do jornal *O Dia*, Abelardo Fonseca, contava que, “[...] depois do futebol, o remo é o esporte mais querido do Florianopolitano [...] e todas as festas importantes têm assistência do exmo. sr. Governador do Estado, que assim procedendo, mostra compreender o alto alcance do esporte”.<sup>302</sup>

Apesar de o redator esportivo afirmar a hierarquia do futebol sobre o remo, e talvez isso se deva à aceitação, divulgação e organização do futebol em outros Estados com mais expressão política econômica, a leitura que propomos é que, em Florianópolis, o remo, em termos institucionais, se estruturou mais fortemente que o futebol no processo de organização do campo esportivo. Ainda é uma hipótese que carece de verificação detalhada, entretanto algumas informações provenientes dos

---

<sup>298</sup>SANTA Catharina e sua representação sportiva. **O Dia**, Florianópolis, p. 1, 24 maio 1917.

<sup>299</sup>SANTA Catharina e sua representação sportiva. **O Dia**, Florianópolis, p.1, 24 maio 1917.

<sup>300</sup>A CBD exigia que cada federação esportiva estadual fosse formada pelos clubes e ligas das modalidades esportivas existentes no Estado e divididas em seções de desportos terrestres, aquáticos e aéreos. Era preciso ainda, para o ingresso dos Estados em âmbito nacional, que fossem realizados campeonatos internos com certos critérios estabelecidos pela CBD.

<sup>301</sup>ORGANIZAÇÃO sportiva no Brasil. **O Dia**, Florianópolis, p.1, 14 fev. 1917.

<sup>302</sup>O SPORT em Santa Catharina. **O Dia**, Florianópolis, p. 1, 17 fev. 1917.

jornais apontam esses indícios. Ser o remo a prática que reordena o campo do esporte institucionalizado em Florianópolis expressa para a singularidade da cidade como ilha que projeta a evolução das práticas a partir do seu contato com o litoral. Indica, ainda, e isso é um dado importante, que, para a cidade se projetar, por meio dos esportes, no discurso na modernidade, ela precisou avançar e desarmar a tradição do ambiente do litoral como imagem de atraso, valendo-se do remo, das atividades náuticas, dos discursos de reerguimento do homem do litoral para fomentar a integração política do Estado e do fortalecimento da Capital como centro de poder.

Como acompanhamos nas fontes, desde as regatas da década de 1880, deparamo-nos com a divulgação da programação desses eventos náuticos contento detalhes técnicos característicos de eventos esportivos. Por exemplo, a definição do local, apresentação dos organizadores, divulgação, divisão de classes entre as provas, medição de méritos e resultados, premiação, comemorações que envolvam setores mais amplos da sociedade etc. Em outubro de 1912, após uma querela entre dois escalares do Clube Anita Garibaldi, a organização da regata delibera quem foi o escalar vitorioso, pautando-se no Código de Regatas, que definia que os barcos não podem se desviar do traçado da raia.<sup>303</sup>

Até esse momento, talvez, esses elementos não assegurariam o pioneirismo do remo em frente às organizações institucionais esportivas, porque temos que considerar o fato de os jogos de futebol do Colégio Catarinense serem um importante disseminador dessa prática no âmbito das atividades esportivas em Florianópolis.<sup>304</sup> Não é o caso de rivalizar as modalidades procurando responder qual delas foi a protagonista no campo esportivo da cidade, mas de reconhecer, em primeiro lugar, que uma prática correndo em paralelo à outra possibilita ver projetos de modernidade em curso na época e, em segundo lugar, reconhecer que cada prática tem sua ação nos processos de usos do corpo na Capital. Então, talvez aí resida a riqueza de analisar as singularidades concorrentes de uma ou de outra prática esportiva.

Assim, paralelamente à organização dos jogos de futebol que ocorriam internamente no Colégio Catarinense durante toda a década de 1910, temos também a criação de diferentes clubes de regata e outras modalidades esportivas na mesma década, como visto. Temos a criação da CBD que pressiona os Estados na sua organização esportiva interna

---

<sup>303</sup>ROWING. **O Dia**, Florianópolis, p.1, 17 out. 1912.

<sup>304</sup>Consultar Jorge (2013) e Dallabrida (2001).

e, em 1916, o jornal *O Dia* divulga uma nota sobre a convocação que a FCD fazia aos “[...] diretores dos clubes náuticos e da bola para assentarem as bases para a fundação da federação”.<sup>305</sup> O ano de 1917 percorreu com diferentes avaliações sobre essa possibilidade e, “[...] devido ao nosso meio esportivo ainda restrito, dificuldades de toda ordem poderão surgir, porém o apoio necessário dos nossos poderes governamentais só poderá vir após a existência da entidade representativa do nosso Estado”.<sup>306</sup> Então, em 1919, ao invés do anúncio da criação da FCD, eis que temos o anúncio da criação da FCR<sup>307</sup> e, posteriormente, a convocação para a discussão dos seus estatutos.<sup>308</sup> Essa configuração segue assim até outubro de 1921, quando, numa reunião, “[...] a Federação Catarinense de Remo tratará da mudança de nome da referida sociedade, discutindo-se os novos Estatutos da Confederação Catarinense de Desportes”.<sup>309</sup> O que muda com o novo batismo dessa organização esportiva?

Somente utilizando os jornais como fonte é impreciso afirmar sobre a movimentação institucional dessas entidades. Porém, cruzamos as informações de três jornais (*O Estado*, *O Dia* e *República*) e o que pudemos, parcialmente, concluir é que, apesar da mudança de nome e da existência de diversos times de futebol em Florianópolis, foram os clubes de remo, por meio da FCR, posteriormente chamada de Confederação Catarinense de Desportes (CCD), que primeiro se organizaram com base em estatutos e, assim, organizaram também o campo esportivo. Somente em 1924 é que surgiria a Liga Santa Catarina de Desportes Terrestres (LSCDT), órgão responsável pela representação do futebol no Estado e que, posteriormente, em 1927, passaria a se chamar FCD.

O que reforça essa leitura é o contexto de atuação da FCR/CCD após sua criação até o ano de 1923. Essa entidade auxiliou a prática do futebol e organizou as festividades esportivas na Capital. Os jornais dedicaram a primeira página de suas edições a fotos das solenidades

<sup>305</sup>FEDERAÇÃO Catharinense de Sports. **O Dia**, Florianópolis, p.2, 15 dez. 1916.

<sup>306</sup>SANTA Catharina e sua representação sportiva. **O Dia**, Florianópolis, p.2, 29 jun. 1917.

<sup>307</sup>FEDERAÇÃO Catharinense de Remo. **República**, Florianópolis, p. 3, 23 jan. 1919.

<sup>308</sup>FEDERAÇÃO Catharinense de Remo. **República**, Florianópolis, p.2, 8 mar. 1919.

<sup>309</sup>CONFEDERAÇÃO Catharinense de Desportes. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 4 out. 1921.

(Figura 75) desse evento. Assim, os eventos náuticos, a partir da criação da federação, tiveram a denominação de “regatas oficiais”.<sup>310</sup> Divulgaram um calendário fixo de competições, abril e novembro, e demonstraram as relações entre o esporte e os vetores políticos locais ao registrarem os páreos com os nomes de “Prova clássica da Superintendência Municipal”, “Taça imprensa Catarinense” e, entre outros, “Taça Governador do Estado”. O que se sabe sobre o futebol desse período, além dos inúmeros *matches* que são divulgados, é que, após as regatas de abril de 1921, a FCR convocou uma reunião para tratar das bases de fundação da Liga de Futebol.<sup>311</sup> “[...] e é de esperar-se que todos os clubes que cultivam o jogo de futebol se façam representar nessa reunião”.<sup>312</sup>

---

<sup>310</sup>AS REGATAS officiaes. **República**, Florianópolis, p. 2, 15 nov. 1919.

<sup>311</sup>A CREAÇÃO da liga de foot-ball. **República**, Florianópolis, p. 3, 6 mar. 1921.

<sup>312</sup>A FUNDAÇÃO da liga de foot-ball. **República**, Florianópolis, p. 2, 3 mar. 1921.

Figura 75 – Capas dos jornais na divulgação das regatas



# REPUBLICA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO CATARINENSE

ANO XV - FERNANDOPOLIS - SANTA CATARINA - NOME DO

DIÁRIO - Nº 171 - FERNANDOPOLIS - ANO XV - 21 de Abril de 1921

## As regatas de 21 de Abril

### O delirio da mocidade nautica

**A organização do comitê para a realização das Regatas de Pesca de Inverno e de Villa Nova em Florianópolis**

**Que quadrilha!** O desenvolvimento da E. de F. Inverno Catarinense

Os membros do comitê para a realização das Regatas de Pesca de Inverno e de Villa Nova em Florianópolis.

#### OPERA DO ESTADO

As regatas de 21 de Abril foram realizadas com o maior sucesso. O entusiasmo da mocidade nautica foi o fator determinante para o êxito da organização. O comitê, presidido por...

#### SEIM FOCO

Um grande incêndio ocorreu na noite de ontem em Florianópolis, destruindo parte de um edifício. As causas ainda não foram determinadas.

#### AS REGATAS DE 21 DE ABRIL

##### O C.N. "Marcílio Dias" alcança as maiores vicórias

##### O entusiasmo da mocidade catarinense

As regatas realizadas em Florianópolis no dia 21 de Abril foram um sucesso absoluto. O entusiasmo da mocidade nautica foi o fator determinante para o êxito da organização. O comitê, presidido por...

#### AS REGATAS DE 21 DE ABRIL

##### O entusiasmo da mocidade catarinense

#### OPERA DO ESTADO

As regatas de 21 de Abril foram realizadas com o maior sucesso. O entusiasmo da mocidade nautica foi o fator determinante para o êxito da organização. O comitê, presidido por...

#### A SQUADRA DA FACA "LENY CHAMBERG"

#### ASPECTO DAS REGATAS

Fontes: Jornais *O dia* 1918 e *República* 1921.

A promessa de organizar a liga de futebol ainda esperaria um pouco mais, pois, um mês após as regatas, escrevia o colunista: “[...] cessou todo o rumor das últimas regatas [...] enfim, o dia 21 abril vai longe e os nossos homens de esporte, os baluartes do nosso desenvolvimento físico, porta vozes da energia, da força e da vontade férrea dos *sportmen* de nossa terra esqueceram-se que é tempo de iniciar



o campeonato de futebol”.<sup>313</sup> Um ano mais tarde, em 1922, “[...] para tornar menos árdua a luta pelo engrandecimento de nossa mocidade e mais abundantes as vantagens”,<sup>314</sup> o Clube Náutico Aldo Luz sugeria a formação de uma sociedade entre os clubes de futebol e os demais esportes terrestres: tratava-se da proposição da criação da Liga Catarinense de Esportes Terrestres.<sup>315</sup> Era mesmo “uma nova mocidade catarinense”<sup>316</sup> na organização esportiva do Estado.

O destaque que fazemos sobre o auxílio que a FCR oferecia ao futebol se dá nas vezes em que essa federação organizou a recepção de equipes de futebol externas à cidade e ao Estado, gerenciou os jogos e forneceu apoio à cobertura dos jornais sobre os eventos, como foi o caso da recepção dos jogadores do Rio Grande de Sul, recepcionados pelo Clube Náutico Martinelli,<sup>317</sup> dos jogadores da cidade de Joinville<sup>318</sup> e o dos jogadores da cidade de Santos, a mais festejada e publicizada das recepções realizadas pela FCR,<sup>319</sup> envolvendo tanto a organização dos jogos quanto os momentos de entretenimento da equipe visitante com a apresentação de uma peça de teatro,<sup>320</sup> visitas a diversos locais da cidade e bailes comemorativos.<sup>321</sup> Foi no jogo entre Santos e Florianópolis que os espectadores que não comparecem ao campo do Ginásio Catarinense

---

<sup>313</sup> FOOT-BALL. **República**, Florianópolis, p.3, 12 maio 1921.

<sup>314</sup> UMA NOVA mocidade catarinense. **República**, Florianópolis, 21 abr. 1920.

<sup>315</sup> LIGA Catharinense de Sports Terrestres. **República**, Florianópolis, p. 2, 1 jul. 1922.

<sup>316</sup> UMA NOVA mocidade catarinense. **República**, Florianópolis, 21 abr. 1920.

<sup>317</sup> A CHEGADA dos *sportmen* rio-grandenses. **República**, Florianópolis, p.1, 18 abr. 1920.

A EMBAIXADA gaúcha do Sport Club Brasil. **República**, Florianópolis, p. 2, 20 abr 1920.

<sup>318</sup> A CHEGADA dos foot-balls joinvillenses. **O Estado**, Florianópolis, p. 5, 29 ago. 1921.

<sup>319</sup> A DELEGAÇÃO santista em Florianópolis: o sensacional match de hoje no campo do Gymnasio. **O Estado**, Florianópolis, p. 3, 15 set. 1921.

<sup>320</sup> Segundo programa da recepção divulgado nos jornais tratava-se da peça “Seu Jeca qué casá”, espetáculo do gênero teatro de revista que dedicou esse, e também outros números, aos clubes de remo. Sobre a relação entre o financiamento dos clubes de remo aos teatros de revista, consultar Sartori (2013, p. 122-128). E sobre a popularidade desse gênero teatral em Florianópolis na década de 1920 e sua relação com a intelectualidade da cidade, consultar Collaço (2004, 2007) e Araújo (1989).

<sup>321</sup> A DELEGAÇÃO Santista em Florianópolis. **O Estado**, p. 2, 15 set. 1921.

experimentaram, pela primeira vez, a transmissão do jogo via telefones instalados no campo e na Praça XV de Novembro.<sup>322</sup> A avaliação dos jornais sobre o feito da FCR era que,

[...] sem duvida possível, um dos mais brilhantes acontecimentos a se registrar na história desportiva da nossa terra. O interesse despertado por esse disputadíssimo encontro foi tamanho que a cidade ficou quase deserta à hora em que ele se realizava no campo do Ginásio. Fecharam as repartições públicas, as casas bancárias e o comércio que ficou quase de todo paralisado durante o tempo que durou o match.<sup>323</sup>

Ao contrário do que constatou o redator do jornal *O Dia* sobre a preferência esportiva dos catarinenses, em 1917, o colunista que cobriu o jogo de futebol relatou que:

[...] todo o observador atento devia ter notado, de parte de nossos jogadores, sensível falta de treinos, o que não é de admirar, desde que se tenha em vista que as predileções da nossa mocidade são francamente pelos belos desportos náuticos, aos quais dedica as suas melhores energias e os seus mais ardentes entusiastas.<sup>324</sup>

Assim, percorrendo essa “gestão” das atividades esportivas da Capital catarinense no início dos anos 1920, a federação de remo, rebatizada de Confederação Catarinense, publica, em 1921 e também no final do ano de 1923, um conjunto de regras de funcionamento e pertencimento à entidade que recoloca, mais uma vez, novos modos de funcionamento para a prática esportiva e para a visibilidade do corpo no litoral.

#### 4.1.3 Terceiro momento

<sup>322</sup>O ÚLTIMO dia dos santistas. *O Estado*, Florianópolis, p. 2, 16 set. 1921.

<sup>323</sup>A VISITA dos “foot-ballers” santistas: impressões sobre o match de ontem. *O Estado*, Florianópolis, p. 2, 14 set. 1921.

<sup>324</sup>A VISITA dos “foot-ballers” santistas: impressões sobre o match de ontem. *O Estado*, Florianópolis, p. 2, 14 set. 1921.

A criação da Liga Náutica externava, em seus estatutos de 1923, que seus objetivos eram, entre outros, “[...] propagar e desenvolver o esporte náutico do Estado de Santa Catharina [...], representar e dirigir os desportos náuticos na região de jurisdição [...], e organizar duas grandes regatas anuais, oficiais, na Capital e uma em cada sede dos Clubes filiados de fora da Capital, assim como um campeonato de ‘water polo’ e natação”.<sup>325</sup> Dentre as exigências de participação e permanência dos clubes na Liga, além da demanda de ter estatutos próprios, ter embarcações apropriadas, pagar os títulos e as mensalidades, exigia-se “[...] observar com todo o rigor a lei do amadorismo [e] submeter à aprovação de seus estatutos a Liga, como ainda o plano de seus uniformes, a relação nominal de seus associados e a profissão de seus remadores”.<sup>326</sup>

A função dessas exigências, segundo os estatutos, era para possível impugnação quanto às profissões indicadas, afinal, era preciso separar os amadores dos profissionais. Entendia-se como amadores “[...] todos os que, por prazer ou diversão, procurem na prática do esporte um meio de educação física sem intuito lucrativo”.<sup>327</sup> A Liga não reconhecia como amador: profissionais, analfabetos, aquele que pelo seu trabalho tem desenvolvimento físico contrário ao princípio da educação física dos amadores, trabalhadores em profissões humilhantes ou em empregos servisais, professores de esporte ou treinadores assalariados, pescadores, mestres de embarcação, banhistas e empregados de clubes, piscinas e estabelecimentos balneários, soldados do Exército ou da força pública, os operários em geral, aqueles que exerçam emprego compatível com o dos amadores, mas que não tenham o nível social e moral exigido para a prática dos esportes aquáticos (a juízo do Conselho da Liga), entre outras profissões.<sup>328</sup>

O argumento da Liga, ao que podemos interpretar, não é de classe, de separar moralmente os amadores e profissionais, mas, sobretudo, da questão de vencer ou perder (para aquele que é inferior fisicamente, como é o caso dos amadores). É uma questão de atitudes

---

<sup>325</sup>ESTATUTOS da Liga Náutica de Santa Catharina. **República**, Florianópolis, p. 3, 28 dez. 1923.

<sup>326</sup>ESTATUTOS da Liga Náutica de Santa Catharina. **República**, Florianópolis, p. 3, 29 dez. 1923.

<sup>327</sup>ESTATUTOS da Liga Náutica de Santa Catharina. **República**, Florianópolis, p. 3, 3 jan. 1924.

<sup>328</sup>ESTATUTOS da Liga Náutica de Santa Catharina. **República**, Florianópolis, p. 3, 4 jan. 1924.

performáticas, de lógica de comparação das performances e de igualdade de oportunidades (física, e não apenas morais). Em última instância, os estatutos da Liga estão gerenciando o controle do domínio técnico do corpo em frente ao novo e regulado espetáculo náutico. O remo parece que deu forma ao fortalecimento de uma parcela da elite (política e econômica) da cidade produzindo, assim, a visibilidade do corpo no litoral.

Desse modo, parece haver uma espécie de sintonia ou forças em equilíbrio que fazem emergir a cidade, já reformada e sanitizada; o corpo, em evidência pelas modalidades de práticas corporais à beira-mar que o desafiam, a experimentar movimentos de força ao ar livre e contra o meio líquido; e uma nova subjetividade, que acompanha esse novo homem do litoral que agora não só domina o mar, mas usufrui dele como paisagem e objeto estético. Associado à formação de virtudes, à construção do caráter e à divulgação de um estilo de vida civilizado, o remo seria,

[...] para uma geração moderna, o apogeu de uma raça forte, pura inconfundivelmente sã e que só poderá ser encontrados nos centros desportivos. O remo é um dos que mais sobressaem e mais aperfeiçoam o organismo, dando-lhe a expansão extrema da emfibratura muscular que imperou nos tempos áureos de uma época que se foi e que, como um soberbo ensinamento, dita, nesta época de requintados evangelhos, a apoteose dos músculos de Adonis.<sup>329</sup>

Os clubes de remo se viam como uma “[...] sublime escola desportiva onde as energias físicas se retemperam, onde o espírito se eleva na contemplação ao ar livre, das maravilhas da natureza em torno da qual a mocidade se agrupa, cheia de fé, estuante de esperanças pela realização dos sagrados ideais da nossa querida pátria”.<sup>330</sup> Pela divulgação dos estatutos da Liga, passamos a conhecer os critérios que modelam esse corpo que entra em embate com o progresso: Abelardo Luz, “emérito e fogoso *voga*”, Savas e Simoni, “*seniors* de 1ª água que sabem imprimir às falas a vontade de uns músculos possantes”, Gilberto

<sup>329</sup> AS REGATAS de hoje: disputa do Campeonato de 1918. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 21 abr. 1918.

<sup>330</sup> A POSSE do Exmo. Sr. Dr. Hercílio Luz, Governador do Estado. **República**, Florianópolis, p. 1, 30 set. 1922.

Cunha, “promete ir até o fim porque tem uma vontade forte e uma musculatura respeitosa”, os Müllers, “possantes elementos de promessas eletrizantes” e Daniel Guedes, “um *voga* terrível refeito de esforços”.<sup>331</sup> São homens jovens movidos pelo prazer, divertimento e pelo interesse amador pela cultura física ou aqueles os quais seus trabalhos dignifiquem sua conduta e procedência, ou seja, naquele contexto, seriam os profissionais liberais, funcionários, comerciantes, bacharéis, alguns militares, gente instruída, uma burguesia letrada.

Do lixo ao luxo, a beira-mar foi reconquistada por esses eventos náuticos e pela presença de novas práticas que tiram proveito dessa condição litorânea da cidade. Os convescotes, os banhos de mar e as estações balneares confirmam que, se o hábito de usufruir mais da praia ainda hesita, era só por uma questão de tempo ou por resistência de alguns, pois o imaginário já estava lá, afinal, a praia já estava “repleta de banhistas e espectadores”.<sup>332</sup>

#### 4.2 HÁBITOS DE MAR E IMAGENS COMO PEDAGOGIA: NOVO HOMEM DO LITORAL

[...] a liberdade, adquirida nesta vida ao preço de mil renúncias, as mais difíceis, exige que desfrutemos dela sem restrições enquanto nos for dada, sem consideração pragmática de nenhuma espécie, e isso porque a emancipação humana, concebida em definitivo sob a sua mais simples forma revolucionária, que não passa da emancipação humana *sob todos os aspectos*, entendamos bem, *segundo os meios de cada um dispõe*, continua sendo a única causa digna a que servir (BRETON, 2007, p. 131).

André Breton escreve, nesse trecho da epígrafe, sobre a condição de uma mulher chamada Nadja, de estado mental vago e ambivalente (MORAES, 2007), que o confronto com a pergunta “quem sou eu?”. Breton a acompanha pelas ruas de Paris, dedicando-se aos questionamentos da mulher e confrontando-se com os enigmas do olhar e com os símbolos de uma cidade que não está visível a todos. Com Nadja, Breton vive os devaneios da *flânerie* nessa cidade propícia aos

<sup>331</sup> AS REGATAS de hoje: disputa do Campeonato de 1918. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 21 abr. 1918.

<sup>332</sup> BANHOS de mar. **O Estado**, p. 2, 27 fev. 1923.

experimentos surrealistas que desafiam os limites das noções de realidade e sonho fazendo da rua e do passeio o espaço-tempo preñado de metáforas, sonoridades, ritmos, impressões e cinestesia.

Nas ruas pelas quais caminham Nadja e Breton, há a experiência do trânsito, da multiplicidade, do anonimato que se confronta com a rapidez, com a circulação de mercadoria, de pessoas e de imagens repletas de enigmas. As ruas por onde caminham Nadja e Breton são as ruas da metrópole moderna sob a investigação do olhar surrealista. Para esse olhar, Walter Benjamin construiu uma afinidade e uma estratégia, no intuito de tirar das cidades por onde caminhou o poder interpretativo das imagens e fazê-las pensamento crítico sobre uma época e também sobre um tipo de formação do corpo e da subjetividade na modernidade, sobre a formação dos sentidos nas grandes metrópoles do final do século XIX.

Sobre os temas do corpo e da educação dos sentidos nas metrópoles pelas investigações de Walter Benjamin, remetemos o leitor aos comentários de Bassani, Richter e Vaz (2013) sobre o mosaico pelo qual o filósofo descreve a modernidade. Os autores apontam que:

A despeito das diferentes conclusões que Benjamin aponta nos textos sobre a poesia lírica de Baudelaire, o tema da multidão em Poe e o declínio da narrativa, de um lado, e sobre o da reprodutibilidade técnica da obra de arte, de outro, um fio condutor que transpassa a todos parece residir na análise que empreende dos processos de tecnificação dos gestos e dos sentidos produzidos pelo ritmo da produção industrial, pelo avanço da tecnologia e pela complexificação urbana das grandes metrópoles. Essa análise que Benjamin explora está diretamente relacionada com o impacto que tais processos – que não são isentos de ambiguidades e que possuem várias faces contraditórias, as quais o autor tenta captar em seus escritos – têm sobre a estruturação de uma nova forma social de percepção e sensibilidade (BASSANI, RICHTER; VAZ, p. 85).

Desse mosaico de temas benjaminianos sobre a modernidade, interessa para este estudo, além do tema da educação dos sentidos, a ideia de mitologia da modernidade no sentido de mitologia como falseadora de aposta no progresso. Segundo Rouanet (1992), para

Benjamin, a modernidade, ou certos aspectos da vida social que ele descreve dentro da modernidade, representa o reino do mito e não do desencantamento e, em vez de despertar o homem de seu sonho mítico, a modernidade capitalista o mergulhou numa nova mitologia. Essa seria a crença no progresso histórico fruto do avanço tecnológico e no avanço social que tomam a forma da repetição, do eterno retorno, ignorando a possibilidade de um percurso a contrapelo dessa história. A modernidade assim desenhada é um mito que esconde na materialidade do progresso a sua farsa, a sua inexistência, a caduque porque ela declara/decreta o tempo todo o inexorável fim das coisas para dar espaço ao novo.

Essa mesma modernidade em forma de mito chega para outras tantas cidades e sujeitos no discurso das explicações científicas e racionais, na perspectiva do planejamento e intervenções urbanísticas e estéticas de engenheiros, arquitetos, médicos e sanitaristas. Nesta pesquisa, ao nos depararmos com os discursos dos poetas, políticos, jornalistas, o que encontramos foi uma cidade concreta: eles a materializam na descrição das pessoas e seus hábitos, dos lugares, das ruas, edifícios, jardins, praças, praias. Eles perscrutaram a cidade com seus olhares descrevendo e criando percepções na sua perspectiva moderna. Segundo o poeta, Virgílio Várzea (1984)

[...] vindo o regime definitivo da República, transformador das coisas passadas, mudar a antiga província em Estado Federativo Santa Catarina adquiriu outro aspecto, outra fisionomia, desenvolvendo-se e progredindo mais, neste último decênio, que durante os sessenta e sete anos experimentados como província do Império.

O que se passava na letra do poeta? O que se passava com a cidade? Nas palavras de Várzea (1984), já citadas aqui, em Florianópolis, “À tarde o aspecto é mais triste; e à noite, com a falta de iluminação a eletricidade ou a gás (o que é incompreensível hoje, em um centro que tanto tem progredido ultimamente), reina certa melancolia”. Numa primeira mirada a esse trecho, vemos que ele se refere à melancolia com o sentido de estar entediado da vida nessa cidade. Porém, ele reclama essa melancolia com dois objetos (ou personagens) da modernidade que são a luz e o centro urbano em progresso (que remete à circulação de pessoas, mercadorias, reformas). A melancolia de Várzea parece emergir em função de um contraste, em comparação com

outras cidades e suas energias urbanas. Sem o luxo da iluminação, não há pessoas circulando à noite, o que torna a paisagem urbana desolada, desabitada e, nesse sentido, ainda mais melancólica. Por outro lado, esse espírito entediado apresenta uma cidade em transformação, da qual ele saiu e para a qual retornou, mas, à medida que ele foi se distanciando, informa-nos Cherem (2006), sua literatura parecia demandar uma geografia que ia se esmaecendo, funcionando como *farmakon* destinado tanto a aplacar o sentido da perda como acentuar a dimensão do perdido. A perda poderia ser irreparável, dada à destruição do pertencimento a formas de convívio comunitário, mas, certamente, ela é também moderna.

Poderia a publicação de *Santa Catarina, A ilha* expressar, em nossa interpretação, o tom de tédio, de inadaptação ou de nostalgia. Em sua narrativa, ainda conforme Cherem (2006), despontava uma ambiguidade entre a expectativa de alcançar um patamar cosmopolita e a paixão pelo habitante intocado em sua autenticidade singela, distante da avidez econômica, da ostentação social e do oportunismo político. Quando Várzea retorna à Santa Catarina, ele se associa a um grupo de escritores<sup>333</sup> afeitos às ideias de modernidade, progresso, materialismo e ciência. Eram abolicionistas e favoráveis à República e, com essa formação, o grupo se autodenomina de “Ideia Nova” decidindo, a partir de 1882, se lançar numa cruzada cultural antirromântica (MENDES; AMARAL, 2014).<sup>334</sup>

---

<sup>333</sup>Oscar Rosas, Cruz e Souza, Horácio de Carvalho, Juvêncio de Araújo Figueiredo e Manuel dos Santos Lostada. Juntos esses os escritores fundaram e dirigiram os jornais *A Tribuna Popular*, *O Colombo* e o periódico caricato *O moleque*.

<sup>334</sup>Tal movimento teve vida curta na cidade, porém reflexos duradouros. Foi por meio dele que Várzea pôde expressar a “guerrilha literária catarinense” contra as concepções românticas. A resistência encontrada pelo movimento foi vigorosa o bastante para fazê-los abandonar a província no final da década de 1880. Em 1907, o jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, publicava uma nota sobre a “guerrilha” na qual deixa ver as influências desse movimento: “[...] [são as publicações] de verso e prosa originais da ‘guerrilha’ produzidas febrilmente no ardor do seu noviciado mental e da sua exuberante e esplendida juventude. Os nomes célebres e gloriosos de Darwin, Spencer, Haeckel, Kant, Hegel, Schopenhauer, Dickens, Thackeray, Heine, Goethe, Schiller, Taine, Zola, Daudet, Flaubert, Balzac, Maupassant, Richepin, Banville, Baudelaire, Leconte de Lisle, Sully Prudhomme, Coppée, Rollinat, Lombroso, De Amicis, Dante, Leopardi, Gogol, Dostoievski, Turguenoff, Oliveira Martins, Eça, Ramalho, Guerra Junqueiro



O que Várzea faz, em alguma medida, é ensinar a ver a cidade e seus contornos, o mar, e utiliza-se da referência ou da comparação com outros centros urbanos para fazer ver a sua própria cidade, mesmo que isso exija se colocar em contramovimento. Disso podemos entender, para a ocasião desta pesquisa, que se trata de uma revolução no modo de interpretar o espaço da sua cidade, onde novas e velhas estruturas podem ser percebidas nas imagens que ele vai criando a partir da narração sobre uma cidade que vai se modificando, que já não está mais diante dos seus olhos, como estava antes.

É com esse sentido que lemos também os colunistas dos jornais e também as mensagens de governo. Ou seja, em conjunto, nossas fontes têm esse caráter ambíguo que é peculiar àqueles que se colocam na tarefa de compreender, ou mesmo produzir, as transformações da cidade. As ruas de Florianópolis, assim como o mar e praia, no ver e no dizer<sup>335</sup> desses sujeitos, tornam-se descrições, objeto de análise, de intervenção, de história, trocam de nome, dão lugar a novas práticas, são fotografadas e capturadas em imagem e palavras transformando a percepção daqueles que vivem o momento.

Embora o espaço urbano esteja sitiado, repartido, esquadrinhado e ressignificado por esses olhares – do reformador, do poeta, da modernidade, do cosmopolita e do homem do litoral – eles também projetam, em unidade, a cidade na via (do mito) do progresso e cumprem seu papel de modeladores da República. Os discursos registrados para a posteridade no livro (do escritor) ou no documento (do governo) criaram novos espaços na vida política e cultural em Florianópolis com o erguimento de institutos, academias, escolas, praças, pontes e ruas, que se apresentam como marcos de engenharia social e também de um olhar unificador.

Nesse sentido, para efeito deste estudo, interessam-nos as ruas, os institutos, os habitantes, os edifícios, os jardins e todos os monumentos modernos na cidade de Florianópolis que vão embotando a percepção, como explicou Walter Benjamin, dos nativos que adquirem um olhar

---

e Antero de Quental apareciam aí frequentemente, num conjunto constelar. E os livros de cada um desses espíritos eram lidos, devorados sofregamente por esses cinco rapazes que tinham a aspiração altanada da glória – deliciosa ilusão! – e ansiavam por um nome no seio das letras pátrias” (GUERRILHA Litteraria Catharinense: Impressões da Província. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, 17 fev. 1907).

<sup>335</sup>Essa referência da visão e da fala deriva do título do trabalho de Cherem (2006).

habitual sobre a cidade. Entretanto, interessa-nos, sobretudo, ter o mar, a praia, o balneário, enfim, a água que circunscreve essa cidade, como espelho das transformações as quais essa cidade foi vivendo, como um reflexo onde o homem do litoral se vê. Aqui, mais uma vez, inspira-nos o filósofo no seu texto *Espelhos*, quando discorre sobre a profusão desse artefato moderno na cidade de Paris que funcionava sobre a percepção dos indivíduos produzindo ilusões acerca dos espaços urbanos. Para Benjamin (2006), a ilusão se dava pela fusão da luz da cidade com os espelhos e vidros das ruas, tecendo horizontes amplos, claros como o dia e que se estendem por toda a cidade ao cair da noite. O produto dessa ilusão é que não se pode estabelecer onde os espaços começam ou terminam e, assim, não se pode precisar a origem primeira dos reflexos.

O tema em questão aqui parece ser o aspecto imagético da cidade e a inquietante preponderância da atividade visual, como o próprio Benjamin (1994) já havia apontando em outro momento. Em nossa interpretação, o reflexo dos espelhos é tomado de forma mais indireta, isso quer dizer que não é a luminescência da cidade e sua quantidade de espelhos que nos ajudam a pensar sobre o nosso objeto, mas sim o papel do reflexo que faz questionar e confundir a origem da imagem.

Assim, pensar o mar, como espelho, tem o objetivo de compreender a singularidade com a qual Florianópolis lidou com o mar para, em seu processo de urbanização, reconsiderá-lo na sua paisagem. O mar como espelho tem esse sentido das fronteiras estremecidas entre o objeto gerador da imagem e o próprio reflexo da imagem. Isso porque, na relação da produção da cidade de Florianópolis como espaço moderno, houve uma reconsideração do uso do mar e da praia, que, por sua vez, projeta a cidade numa outra dimensão do olhar dado pelas práticas esportivas, pela ponte, pela água agora tratada e canalizada e não mais “servida”, pela perspectiva do espetáculo esportivo que agora posiciona o olhar dos espectadores nos barcos e os lança sobre a cidade (Figura 74).

Esse reposicionamento do mar, que também exigiu um treinamento do olhar, faz emergir os outros personagens na cidade. A praia é uma delas. Várzea se entrega a descrições desse espaço. Pelos longos detalhes, parece não ter pressa em terminar a história, que faz do lugar pleno e implicado nos valores sociais da época. O remador e o homem do litoral, ressurgido após os discursos sobre a decadência dos indivíduos habitantes das faixas litorâneas, ocupam também outros lugares simbólicos. Desde o primeiro banho de mar de Esteves Júnior, em 1857, quando ele resistiu à proibição, viveram-se outros tantos acontecimentos para que o mesmo gesto, de banhar-se no mar, ganhesse

outros significados e demandas e abrisse novas perspectivas de usos das praias. Além das regatas que vieram se desenvolvendo desde o final do século XIX, tivemos os clubes de natação, poemas dedicados a ato de estar na praia<sup>336</sup> e os casos de 1932 e o de 1937, já expostos aqui, sobre a disputa entre remadores e banhistas pelo direito de exercer suas atividades na praia e sobre posturas de decoro urbano para uso de trajes de banhos.

Olhar o mar com uma atitude contemplativa exigiu, então, o desenvolvimento de relações entre a estética e o domínio da natureza. Primeiramente, o domínio técnico sobre a natureza permite um distanciamento em relação a ela. Esse distanciamento corresponde tanto à dimensão estética que o mar adquire, no sentido de objeto de contemplação e fruição, quanto a seu papel como objeto e lugar de divertimento. O mar não poderia ser objeto de divertimento se não passasse pelos processos de higiene, saneamento e controle (por exemplo, do fluxo de embarcações, horários e normas de uso etc). Segundo, para que haja a fruição, é preciso dominá-lo, e o esporte (o remo) representa a estrutura modelar que educa o corpo na sua relação com essa natureza (interna e externa) porque ele expressa esse distanciamento: remar ganha uma nova função, diferente daquela do pescador, pois não está mais vinculado à subsistência e é também a forma de mostrar domínio técnico tanto sobre o corpo quanto sobre a natureza externa, o meio líquido. Por conta disso, cabe ainda ressaltar que a separação entre amadores e profissionais, como vimos no Código de Regatas, tem duas significações: é um distanciamento moral (os de profissão humilhante ou emprego que lhes empreste o caráter de serviços) e um distanciamento de dimensão técnica (porque aqueles que usam seus corpos como meio de força para trabalhos de subsistência tem uma vantagem corporal sobre o remador amador).

Há uma correlação entre a emergência do mar como objeto estético e como objeto de divertimento que implica o distanciamento do passado em duas frentes, conforme interpretamos no parágrafo anterior. Pela via da recusa da figura do pescador em postura de marasmo em frente ao mar, como também pela recusa de uma cidade isolada, a Ilha-Capital, que empreendeu esforços em direção ao domínio técnico do mar na construção da ponte e no investimento em um esporte que

---

<sup>336</sup>Não é só a produção de Virgílio Várzea e as denúncias nos jornais que revelam esse novo hábito. No poema intitulado *Baigneuse*, publicado na revista *Apágina*, há o enaltecimento desse gesto usufruído por uma mulher “[...] nua e divina na impune ousadia” (FORTES, 1900, p. 3).

expressasse exatamente uma postura inversa a do marasmo do pescador, já que o movimento do remador sobre o barco, com domínio técnico, remete à velocidade, ao dinamismo e à demonstração de uma técnica corporal que não se submete às intempéries do tempo que faz. Esse esporte emerge como símbolo de uma modernidade quando a cidade está supostamente saneada, higienizada, controlada e distante simbolicamente do mar.

Só há contemplação e fruição de prazer à beira-mar quando ele não é uma ameaça. Nesse sentido, o remador se apresenta como um personagem que tem uma importante trajetória na construção da educação desse corpo que usufrui da água do mar. Afinal, o domínio da natureza exige o domínio da técnica, e o remador encarna o gesto e a performance desse sujeito que tem uma atitude de gestão positiva do controle de sua natureza interna, de seu corpo. Esse domínio interno do corpo, tanto enfatizado pelas notas nos jornais, é que faz ressurgir o homem do litoral. Assim, o velho disfarçado de novo diferencia os remadores dos pescadores, mesmo que os dois estejam na mesma paisagem de atuação, entretanto, o “valor do muque”<sup>337</sup> está em outro domínio de ação.

Como escreveu Araújo (1989), os ideais e as práticas de uma nova racionalidade político-cultural, manifestados pelas tentativas de reformas sanitárias e pelas formulações científicas de organização social, revelaram as estratégias de remodelar a sociedade local. A partir de codificações burguesas de organização social, produziu-se uma imagem negativa do habitante do litoral sob a alcunha de indolente e incapaz. Entretanto, discursos e medidas de governadores, inspetores de higiene, polícia, médicos, cronistas, intelectuais e literatos se colocaram na tarefa de reerguimento do homem do litoral e se remeteram, como afirma Araújo (1989, p. 107), às “origens” da colonização açoriana em Santa Catarina, para justificar as causas de uma suposta decadência, atraso, desintegração e isolamento desse indivíduo e, conseqüentemente, da região. Era a vitalidade de um corpo social que estava em questão. Assim, conhecemos as técnicas de intervenção e de arregimentação social levadas a efeito para a produção de um novo tipo de homem, para a reinvenção desse homem do litoral.

O estabelecimento dessa modernidade almejada pelos reformadores exigiu que essa reinvenção do sujeito do litoral (associada ao ímpeto de reintegração do Estado de Santa Catarina) fosse tomada como um ato de esmagamento das forças do passado. Mas essa força

---

<sup>337</sup>ROWING. O Estado, Florianópolis, 7 fev. 1917. Notas sportivas, p. 2.

modernizadora não era uníssona e nem sempre convergia para os mesmos objetivos. Tomando o poeta Cruz e Souza como o vetor de uma singularidade que congregava e plasmava a condição de uma época, em um trecho do seu poema *A Revolta*, vemos o sentido de mudança e de recusa que está instituído:

Se é força, se é preciso erguer-se umevangelho,  
 Mais reto, que instrua – estético – mais novo  
 Esmaguem-se do trono os dogmas de um Velho  
 E lance-se outro sangue aos músculos do povo!...  
 (CRUZ E SOUZA, 1993).

Embora as forças que mobilizaram o poeta não sejam a mesma dos aqui denominados, reformadores, o que se tentava expressar é que uma mudança era inevitável. O ânimo que não suporta mais a supressão da vida e os maus-tratos de uma sociedade racista acha na letra do poeta o enfrentamento de condições muito duras provenientes dos dogmas do trono do velho, sobretudo para a população negra. Os versos de Cruz e Souza são anteriores a reformas urbanas das décadas de 1910 e 1920, porém, compreendemos que, apesar de eles portarem um sentido de mudança, também presente no discurso reformista, denunciavam algo desse progresso iminente que pudesse ser a repetição de uma barbárie. Assim os versos de Cruz e Souza chegam como uma força e resistência notáveis no momento das reformas urbanas, justamente quando a população pobre era emparedada mais uma vez:

Não! Não! Não! Não transporás os pórticos  
 milenários da vasta edificação do Mundo, porque  
 atrás de ti e adiante de ti não sei quantas gerações  
 foram acumulando pedra sobre pedra, pedra sobre  
 pedra, que para aí estás agora o verdadeiro  
 emparedado de uma raça (CRUZ E SOUZA,  
 1898, p. 390).

Se, nas décadas finais do século XIX, foi preciso enfrentar os dogmas do trono de um velho e chamar sangue novo aos músculos do povo, nas décadas iniciais do século XX, que abre a história da República com as promessas de progresso e modernidade, os versos de Cruz e Souza certamente enfrentariam o movimento reformista que via nos habitantes do litoral (os descendentes de açorianos, os pescadores e toda uma parcela da população segregada socialmente) uma resistência à adaptação aos novos tempos. O impulso reformador provocava um

movimento do “mar ao morro”,<sup>338</sup> ou seja, expulsando essa população dos seus antigos espaços e atividades, sem outra preocupação, a não ser a reconfiguração material e social da cidade.

É nesse sentido que o remador encarna bem esse significado de modernidade que também se expressa no novo domínio do espaço e dos gestos. Seus movimentos e os objetos que manipula (o barco, o remo), embora se assemelhem ao do pescador – imagem arcaica do homem do litoral – estão inscritos em uma nova configuração. No conto *Alienação/3*, de Eduardo Galeano, embora relacionado com outro contexto histórico e geográfico, podemos ver, com a afeição e atenção ao detalhe que lhe é peculiar, os estranhamentos advindos desses momentos de recomposição de lugares e práticas:

Alaistair Reid escreve para *The New Yorker*, mas quase não vai a Nova Iorque. Ele prefere viver numa praia perdida da República Dominicana. Nessa praia desembarcou Cristóvão Colombo, alguns séculos atrás, numa de suas excursões ao Japão, e desde aqueles tempos nada mudou. De vez em quando, o carteiro aparece entre as árvores. O carteiro vem dobrado debaixo da carga. Alaistair recebe montanhas de correspondência. Dos Estados Unidos é bombardeado por ofertas comerciais, folhetos, catálogos, luxuriosas tentações da civilização de consumo incitando a comprar.

Uma vez, entre muita papelada, chegou a propaganda de uma máquina de remar. Alaistair mostrou-a a seus vizinhos, os pescadores.

— Dentro de casa? Se usa dentro de casa?

Os pescadores não conseguiam acreditar.

— Sem água? Rema-se assim, sem água? Não podiam acreditar, não podiam entender:

— E sempeixes? Sem sol? E sem céu?

Os pescadores disseram a Alaistair que eles se levantavam todas as noites, muito antes do alvorecer, e se metiam mar adentro e jogavam suas redes enquanto o sol se erguia no horizonte, e que essa era a sua vida, e que gostavam daquela vida, mas que remar era a única coisa de merda naquele assunto inteiro:

---

<sup>338</sup>Referência ao título da tese de Santos (2009).

— Remar é a única coisa que odiamos —  
 disseramos pescadores.  
 Então Alastair explicou-lhes que a máquina de  
 remar servia para fazer ginástica.  
 — Para quê?  
 — Ginástica.  
 — Ah, bom. E o que é ginástica?  
 (GALEANO, 2008, p. 160).

O pescador precisa entrar em sincronia, em acordo com o mar, suas ondas, seu fluxo. Ele não precisa vencê-lo. Não há adversários, regras, nem uma linha de chegada para cruzar. Suas riquezas são barcos, canoas e redes. Remar é atividade secundária que compõe o ritmo dos trabalhos de uma embarcação em plena pescaria. Não é o fim, não é a causa. O sucesso dessa atividade não consiste em vencer. Educar o olhar para identificar manchas de cor argêntea na superfície da água, entre todas as outras tonalidades, é o sentido exigido e treinado. Aguardar o sinal do vigia<sup>339</sup> e partir na direção indicada é o momento que merece atenção. Aqui o desafio do pescador é subsistir pelo mar. “Remar era a única coisa de merda naquele assunto inteiro”.

Já com o remador, o seu ato não traz consigo a história da motivação primitiva do movimento. O ouvido é o sentido solicitado para atender ao disparo da largada e o barco vai seguir em linha reta. O gesto, que é repetitivo, e que vai durar apenas alguns poucos minutos, exige alta concentração e empenho técnico por todo o trajeto e por todo o corpo. Não desperdiçar energia, dominar o instrumento, tirar o máximo proveito do movimento. A vitória se dá ao cruzar a linha sob o julgamento de outros. Assim, é possível tirar satisfação imediata da atividade. Sol, peixes, ondas estão na paisagem, mas não se integram à atividade. E o colunista do jornal denuncia a indolência dos jovens com relação à justa medida de uma hora de exercícios físicos diários, “[...] que consideram como um supremo sacrifício o de terem de levantar cedo”.<sup>340</sup>

Há semelhanças entre pescador e remador. Por exemplo, eles dividem funções de força e cálculo de distância e direção entre aqueles que estão no barco, têm algum conhecimento dos regimes das águas do mar e utilizam vocabulário técnico compartilhado. Mas o que pesa são as diferenças. A maior delas é a função e a representação dessas

<sup>339</sup>É o pescador que fica em terra firme, geralmente, no alto de uma pedra, vigiando a chegada dos cardumes.

<sup>340</sup>PELO Desporto. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 20 nov. 1924.

atividades na história dos processos de urbanização e modernização de Florianópolis. A modernização a qual se entregou Florianópolis teve o sentido de demonstração de domínios técnicos sobre a cidade e o corpo e tudo aquilo que envolveu a reconfiguração de territórios, a formação da população, a disciplinarização dos comportamentos e hábitos. O reerguimento do homem do litoral passava, então, pelo esquecimento das atividades do pescador e pelo enaltecimento do novo homem e de um novo mar (Figura 61 e Figura 64). Tanto a foto da capa da *Revista Ilustrada* quanto a do saltador do alto da plataforma de frente para o mar e de costas para a multidão, mostram ângulos que sugerem olhares em busca de performance e inspiram o heroísmo no sentido clássico, uma vez que a formação desse gosto ou fascínio exigiu um duro trabalho de transformação.

O fortalecimento da figura do novo homem do litoral apresentou correspondências entre as reformas urbanas e a visibilidade do corpo diante do mar, como discorreremos ao longo deste estudo. É Corbin (1989, p. 77) que afirma que “[...] o banho de mar se inscreve na evolução das lógicas das práticas”. Quais práticas? As práticas de educação do corpo sustentadas pela medicina, pela moral, pela economia ou pelas perspectivas de um funcionamento harmonioso com o clima ambiental, são vários os fatores. Cada época guarda consigo os processos e as forças que compõem essa evolução.

Ferreira (1994) demonstrou um lento processo de sobreposições de usos do mar em Florianópolis até que ele se tornasse um lugar chique, civilizado destinado aos recreios. Em sua pesquisa, o autor aponta que o surgimento do mar, como local de sociabilidade, não esteve associado, num primeiro momento, ao lazer em um sentido de prática institucionalizada de formas de diversão, descanso e cultura, como um tempo de oposto ao trabalho. Segundo suas fontes, o banho de mar foi chamado de desporto, divertimento, refrigerado, gozo. A prática do banho de mar se instala na ilha para a burguesia com um sentido de distinção e de ética ativa de cuidados com o corpo. Isso não significa que a prática não exista para outros segmentos da população, entretanto ela estaria associada aos saberes das circunstâncias, ligada ao calendário religioso, à sazonalidade e ao cotidiano das pessoas de forma espontânea. Posteriormente, a partir da década de 1910, segundo Ferreira (1994), quando a cidade começa a ter características de vida urbana e ensaia discursos e práticas contra as formas de atraso, é que se firmaram práticas de lazer à beira-mar, como os convescotes (Figura 76).



Figura 76 – Picnic da Família Goeldner em 1915



Fonte: Gerlach (2015).

Os convescotes seriam a expressão do interesse pela busca de atividades lúdicas, de divertimento e formação de famílias abastadas que tinham nas imagens de urbanização como sinônimo de civilidade. Jorge e Vaz (2016) caminham pela mesma conclusão, ao afirmarem que, na modernidade, em Florianópolis, as práticas de piqueniques participaram dos movimentos civilizadores perpetrados pela escolarização. O Ginásio Santa Catarina incentivou a construção de um tempo de trabalho produtivo em que o “[...] corpo que se diverte, cansa, come e retorna ao ciclo biológico do trabalho escolar é potencializado por meio do instrumento do piquenique” (JORGE; VAZ, 2016, p. 84).

As imagens do piquenique, do convescote, dos divertimentos à beira-mar se afirmam nos discursos de modernização e urbanização da cidade, na transformação da cidade, seja num plano espacial, seja simbólico. Podemos destacar que a aproximação com o mar ou, de forma geral, o lugar que a Ilha-Capital destinou às suas águas é uma questão de fundo nesses processos. Interessa, a partir do nosso objeto de estudo, problematizar que essa aproximação com a beira-mar demandou três leituras interligadas: do poeta na reinvenção da Cidade-Ilha como mito que servisse aos discursos identitários e ao “ardor pelas coisas do mar”;<sup>341</sup> do político na reorganização da imagem urbana e civilizada de

<sup>341</sup> Expressão citada do livro de Várzea (2003) intitulado *Mares e campos*.

Florianópolis (e aqui incluímos os homens das letras e sua produção discursiva sobre a modernização); e dos remadores e a institucionalização da prática esportiva na beira-mar. Todas essas leituras consideraram o mar como um elo das correspondências entre corpo e cidade nesses processos de modernização e urbanização.

O poeta imprimiu na paisagem a descrição do povo e dos seus hábitos e enalteceu o mar e a praia pela reeducação do olhar e por valores acumulados e compartilhados por uma dada classe social. O político reformou a cidade, endireitou as linhas das suas ruas, atravessou o mar sob uma ponte, deu trato às águas servidas abrindo e furando as ruas do centro urbano, direcionando e canalizando o fluxo debaixo da terra por tubos e canos (Figuras 77-80). O remador e os cronistas esportivos legitimaram essas ações higiênicas e salutareas na reconstrução social da praia e demonstraram, pelo espetáculo da força, o domínio do corpo, que era, também, o domínio da natureza. Afinal, só mesmo crendo nesse domínio para entender a possibilidade dessas imagens em que se assiste à desmontagem e remontagem da cidade, em que se ouve o barulho das pedras, das picaretas, do arrastar dos pesados canos e se percebe, na postura compenetrada e hesitante de apenas alguns habitantes entregues ao evento, à repetição da fala do cronista do final do século XIX, mas agora repetida em tom de pergunta: “Vamos ter bondes, esgotos e água canalizada, vamos ter esporte, tudo [?]”.<sup>342</sup>

---

<sup>342</sup> À TIRE d’aile. **República**, Florianópolis, p. 1, 11 nov. 1894.

Figura 77 – Implantação da rede de água no trecho entre as Ruas Felipe Schimidt e Tenente Silveira em 1909



Fonte: Casa da Memória.

Figura 78 – Praça XV de Novembro e as obras do primeiro sistema de abastecimento de água na Capital em 1909



Fonte: Casa da Memória.

Figura 79 – Lado direito da Praça XV de Novembro e a instalação da rede de água em 1909



Fonte: Casa da Memória.

Figura 80 – Lado leste da Praça XV de Novembro e a implantação da rede de água em 1908



Fonte: Casa da Memória.

É pela ação do político e dos remadores que Florianópolis encena três episódios que contam sobre um microfragmento dessa história entre corpo, cidade e esporte entrelaçada pelo trato com água: a construção da Avenida do Saneamento que recolocou o valor da água e dos discursos sobre a higiene na cidade; a organização dos clubes de remo que colaborou com uma nova mirada sobre o que pode o corpo em frente ao litoral e sobre os tempos de divertimentos na Capital; e a construção da Ponte Hercílio Luz que, na sua materialidade de ferro propiciou

demonstrações dos sonhos da engenharia na organização da cidade, possibilitando outras formas de deslocamentos e outra vista do mar.

Nesses três episódios, a água da cidade, que são as suas bordas e a sua identidade, é transformada em objeto, é desnaturalizada. E o mar foi adquirindo valores sociais, foi utilizado em práticas que não pertenciam mais somente aos marinheiros, pescadores e profissionais. Foi preciso uma construção do olhar e de uma nova gestualidade sob as águas, ou seja, uma educação do corpo, para que ele se tornasse objeto estético de contemplação. Como objeto, o mar foi capturado pela mão humana e foi dominado, cercado, controlado, metrificado, desviado e aterrado para se integrar aos ritmos da cidade. Em Florianópolis, o olhar e a gestualidade são exercitados pela redescoberta das praias, do litoral e das reformas que reconsideraram o trato com a água no meio urbano. Quando a água foi colocada em canos sob as ruas da cidade, diante dos olhos dos habitantes, uma parte da história da cidade também teve o mesmo destino. E, mais uma vez, respondendo a uma pergunta lançada aqui inicialmente: além de espaço nos jornais o que mais o remo dividiu com essa cidade? Dividiu um fragmento da história do domínio do corpo e da natureza a partir do momento em que a cidade começou a pensar seus limites, bordas e fronteiras, ou seja, o mar, na sua relação com o homem do litoral. A vida em torno do mar, vista pelos tempos da natureza e dos ritmos do pescador, cedeu espaço para um novo homem do mar que delinea a vida em torno dos esportes aquáticos e dos divertimentos à beira-mar.

Desvaloriza-se a gestualidade que prioriza os movimentos de trabalho que integram o sujeito ao mar. Emancipa-se a gestualidade ligada à contemplação, ao divertimento, à distinção, à sensorialidade do prazer à beira-mar e à gestualidade do ritmo esportivo. Mar e corpo não são só objetos de trabalho; são objetos sensoriais. Retomamos a figura 1 e o relato do banho de mar de Esteves Junior. Não há, na figura 1, nenhum gesto, sorriso ou mirada para o fotógrafo que se relacione com aquele relato indignado e constrangedor. A imagem também não se associa àquela formação clássica de fila dos times de futebol que capturam a imobilidade das poses. Nas numerosas fotos feitas dos remadores e das competições, mesmo imóveis, o olhar não percorre a fila de corpos, mas sim o seu equilíbrio sustentado por uma força prestes a irromper em ritmo de movimentos na imensidão daquelas águas.

As imagens e a narração sobre as competições esportivas deixam ver a construção dos gestos em explicações e ângulos que, quase de forma didática, expressam uma maneira de viver. O olhar reconhece os códigos dos gestos. A produção e organização desses gestos, que não é

um dado acabado, acontecem na grandeza do cotidiano. Um exemplo é o momento em que os gestos são reveladores de uma preocupação com o controle, com a exibição ou com o reconhecimento em círculos sociais. Novamente, há uma grandeza do cotidiano nessas codificações de miúdos gestos, como o uso do leque aberto nos bailes. Segundo o cronista, o leque:

[...] é um objeto extraordinário e transcendente [...]. A sua salutaríssima influência na higiene social é um ato assentado e incontrariável [...]. E nos bailes! O leque vai além de uma necessidade: é um recurso. Vale mais do que o penteado bonito, do que o pó-de-arroz, mais do que o espartilho, mais do que a anquilha de arame, de palha, ou de pano amarrotado, mais que o sapatinho à Luís Quinze; vale tanto como a orquestra, tanto como a cerveja de primeira marca, tanto como os olhares de uma rapariga gentil conversada! Através de um leque aberto há sempre margem para episódios agradáveis, episódios cômicos... É aí que as namoradas firmes e leais e ajuizadas, por uma boquinha de fada, uma boquinha breve e de hálito agradável e perfumado, soprem aos ouvidos dos seus apaixonados, uns queixumes que falam à alma, que prendem o coração à cadeia dos afetos caríssimos e confortantes, quando deixam de ser lembretes formais e terminantes para os que não sabem disciplinar os sentimentos respeitando a soberania da cala que vestem.<sup>343</sup>

O gesto de abrir o leque para conversar com discrição diz muito mais do que o próprio ato; é considerado por sua influência na higiene social. São modos de comportamento que formam a afirmação social da burguesia, assim como todos os outros objetos citados na crônica, e atuam no controle público das posturas e dos afetos. Esse é um aspecto da sociedade desterrense frequentadora de salões, talvez a mesma que participava das festas a bordo na ocasião das regatas da década de 1880.

Outro exemplo pode ser reconhecido na constituição da força policial em Florianópolis no início do século XX. O desenvolvimento do saber especializado sobre o crime considerou alguns fatores sobre a

---

<sup>343</sup> BARBOSA, Lydio. O leque. **Polyanthea**, Desterro, p. 1, 17 mar. 1889.

vigilância e controle da população, entre eles, os marcos positivos da moral, como pertencer à condição de trabalhador empregado e o reconhecimento de comportamentos com propensão a delinquir (GUIMARÃES, 2011). Assim, casos como a reação exacerbada de um sujeito na ocasião da instalação dos postes de energia elétrica na Praça XV de Novembro, ou a resistência do carroceiro em possuir a matrícula para o exercício da sua atividade, ou a briga entre prostitutas que atrapalha o sono das “famílias de bem”, ou ainda os gritos do embriagado ameaçando enterrar a faca no corpo de outro sujeito são situações, segundo Guimarães (2011), que dão visibilidade a comportamentos e gestos construídos sob tensão social. São configurações gestuais que destoam do corpo da burguesia e resistem a essa forma de codificação.

Assim, lembrando Walter Benjamin (1989), para viver a modernidade, é preciso uma constituição heroica. Não no sentido clássico do herói encarnado na figura do remador, entregue aos agenciamentos da modernidade, e que a crônica esportiva, já naquele momento, tratava de construir, mas no sentido de que viver a modernidade demanda o desafio de não se deixar consumir pelas suas maravilhas. É com a poesia de Baudelaire que Benjamin situa a imagem de heroísmo moderno no corpo daqueles que seguem à margem das maravilhas da modernidade no espetáculo da vida mundana, são as prostitutas, os velhos, o trapeiro, o flâneur e o próprio poeta. A imagem do herói que vive a modernidade imprime-se na vida daqueles que resistem, que não se adaptam completamente aos ritmos da cidade moderna.

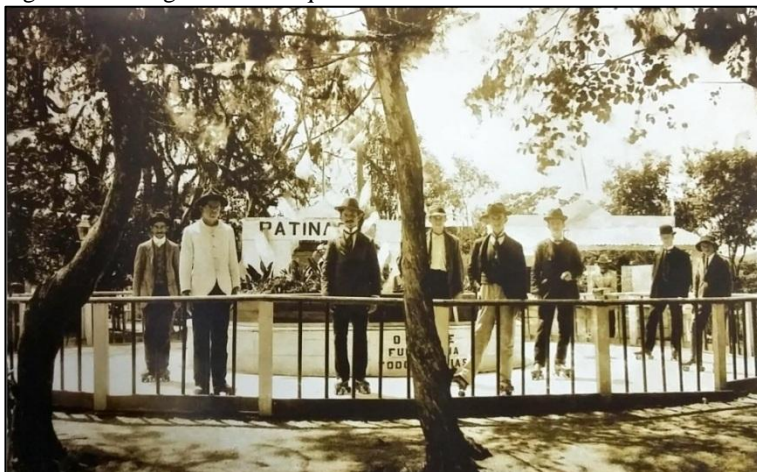
A *city* do poeta catarinense, em pleno processo de reforma pelo político, legitimada pelos homens das letras e pelos *sportmen*, confronta “[...] o aspecto risonho das paisagens litorâneas e a construção recolhida e humilde das alvas povoações mais antigas do mar” (VARZÉA, 2003). Na representação de Florianópolis como cidade moderna, são produzidos outros comportamentos pelas ruas, nos salões dos clubes, nas praças e mercados que coexistem com os antigos (Figuras 81 e 82).

Figura 81 – Fundos do mercado em 1880



Fonte: Gerlach (2010).

Figura 82 – Programa do Parque Catarinense em 1910



Fonte: Gerlach (2015).

Aqueles de pés descalços, trabalhadores do mercado, cruzam o caminho daqueles que calçam um par de patins para exercitar uns “volteios” nos parques que ofertam a atividade considerada como “mais um divertimento útil e agradável”.<sup>344</sup> E “[...] nesta época em que mundo esportivo corre parêlo a civilização [e as pessoas correm à inauguração desses espaços como] uma enchente empolgante”,<sup>345</sup> a imagem

<sup>344</sup>RINK Catharinense. **O Dia**, Florianópolis, p. 3, 10 mar. 1916.

<sup>345</sup>INAUGURAÇÃO. **O Dia**, Florianópolis, p. 1, 26 jan. 1913.



interrompe o curso do mundo e captura a fragilidade e brevidade da existência da vida urbana. O confronto aqui não é só entre os diferentes modos de fabricação e exibição dos gestos, nos quais um deles conta com “[...] uma professora para as senhorinhas que queiram aprender esse esporte”,<sup>346</sup> mas é um confronto entre sujeitos que correm contra o tempo na fabricação do mundo moderno, é um confronto com aqueles que resistem heroicamente ao fascínio da modernidade, é um confronto com o próprio corpo que, na presença do fotógrafo, sabe o que exibir e responde com uma sensibilidade que se altera a partir do pequeno gesto do dedo sobre o botão da máquina.

Foi esse mesmo gesto que trouxe aquele que já não estava mais à disposição do nosso olhar, o novo homem do litoral, reerguido pelos discursos de integração e emancipação política e social do Estado e lançado como imagem sobre a suposta decadência da cidade e dos seus habitantes. Não só na permanência da sua imagem na fotografia esse novo corpo perdeu, agora ele adquiriu representações e valores sociais vinculados ao mar, mas, sobretudo, pela sua história subterrânea que percorre a história das reformas urbanas da cidade. Há, por exemplo, uma superfície da Avenida do Saneamento com suas coisas belas e ordenadas, mas há outra, no subterrâneo, que demandou um duro trabalho de transformação e formação dos habitantes para que se possa seguir com o plano de modernização. O novo homem do litoral emerge quando a água submerge. Ele sobe a plataforma de salto (Figura 64) em claro domínio do corpo e do mar, é a disciplina dos domínios interno e o gozo dos seus feitos.

Como afirmamos acima, se é na cidade que os sentidos são educados – e socialmente construídos – é, portanto, pela experiência urbana que corre subterrânea a história inscrita no corpo pela educação dos gestos, dos hábitos, inspirados nos princípios de higiene, saúde, beleza, ordem e eficiência, ou seja, do seu domínio. A nova materialidade da cidade exige a correspondência dos gestos humanos: a instalação da luz elétrica, o transporte por bondes, o calçamento e o realinhamento das ruas, o encanamento das águas, a presença de automóveis, o deslocamento pela ponte sobre o mar e, também, um novo deslocamento sobre as águas que não corresponde mais ao moroso e arcaico gesto do pescador, mas à velocidade do gesto do remador.

A cidade tem novas escalas, novas relações espaciais, e elas convidam o olhar, o corpo ao experimento. A imagem do novo homem do litoral perdeu, para além da fotografia, no treinamento do seu gesto

---

<sup>346</sup>RINK Catharinense. **O Dia**, Florianópolis, p. 3, 10 mar. 1916.

e de sua sensorialidade, a essa nova espacialidade. O que faz esse novo homem do litoral? Ele lê jornal, ele se vê no jornal. Ele é fotografado. Ele joga com o mar e faz dele seu palco. No mar, ele se diverte, mergulha, compete, recreia-se, passa seu tempo. Ele também o atravessa e se desloca de carro sobre a ponte construída sobre o antigo cemitério e de lá ele olha a paisagem da cidade que constrói o novo sobre o velho. Ele canaliza a água, limpa os córregos e rios e, assim, não mais sente seu cheiro. Ele habita bairros reformados em ruas renomeadas e em casas com nova arquitetura. Ele é o profissional do mar, não mais pelo trabalho da pesca, mas pelo ato de esquadrinhar, desenhar retas, calcular distância, vencer o relógio em remadas. Ele separa os corpos por tipologia, por categoria, por classe. Ele batiza os seus barcos no clube, nomeia esse objeto e celebra seus feitos, suas proezas físicas. Ele caminha entre o sagrado e o profano. Nas comemorações, ele toma água engarrafada trazida pelo garçom numa bandeja. O contato do homem do mar com a água é mediado por objetos: o copo, a garrafa, o barco, o remo. Ele olha para o mar da ponte, de cima, do carro, do barco, de dentro. É um contato sem tato, é um contato pela técnica. No âmbito da educação do corpo, o remo se colocou, então, como um elo de dominação entre a terra e o mar.

## CONCLUSÃO

Após quatro anos em processo de doutoramento, pensamos que esta tese teve três oportunidades que muito contribuíram para que ela pudesse ser concluída. Uma foi a leitura do livro de Ítalo Calvino, *As cidades invisíveis*, a segunda foi ter encontrado em imagens singulares aspectos urbanos de Florianópolis e a terceira foi a leitura de alguns escritos de Walter Benjamin. Essas oportunidades possibilitaram rever caminhos, mudar de posição, sustentar escolhas, desconstruir os fatos e as fontes e conduzir a narração de uma história que não é a história da cidade, não é a história de um esporte: é, apostamos, uma história da relação da cidade e seus habitantes com o mar no momento em que eles ensaiam um salto na modernidade, no qual o remo, como prática esportiva, se constitui como um elemento de compreensão desse contexto.

Recorri ao *As cidades invisíveis*, às fotografias e à inquietante leitura de Walter Benjamin nas muitas vezes em que senti que não sabia para onde ir com a narração da história, que os dados insistiam em não se organizar e que as notas eram um amontoado obsessivo de temas. Esses três elementos eram insubmissos, não se deixavam dobrar pelos prazos e, talvez, a influência deles não tenha se dado, fortemente, na letra do texto, mas, antes, na nossa forma de *ler e interpretar*. Era por isso que recorriamos a eles. Esta tese foi, antes de tudo, escrita em nós. Então, ela não é só sobre “cidade, mar, esporte, corpo e modernidade”, conforme apontamos. Ela é também a história de um percurso investigativo que implica a formação de quem a escreve.

Entre os temas tratados neste estudo, *ler e interpretar* os sinais dessa modernidade periférica na Ilha-Capital foi um dos mais difíceis, porque o tema modernidade exigia sempre modular a escrita com a história das sensibilidades, ou subjetividades. Nesse sentido, é instigante perceber que nos escritos de Walter Benjamin, na obra *As cidades invisíveis* e nas fotografias, tanto o corpo como o espaço urbano são eleitos para fazer ver os efeitos da modernidade ou das transformações em razão do desejo de progresso. Na medida do possível, tentamos trazer em imagem e em discurso o aparato visual da modernidade. Pensamos que, apesar do custo de tratar do tema modernidade, talvez este trabalho tenha encontrado uma singularidade na relação entre a imagem arcaica do homem do litoral confrontada com a presença do esporte como um projeto moderno.

A singularidade reside nesse confronto que teve o mar como questão de fundo de uma disputa política. As formas de habitar a cidade e usufruir da maritimidade da ilha foram sendo construídas em contraste e diferença daquela imagem arcaica do corpo e da cultura do homem do litoral. O mar é, assim, o espelho dos processos de urbanização em Florianópolis. Nessa metáfora com esse material, que tem a função de refletir uma figura, de fazer ver a aparência e de exercitar o olhar – esse sentido soberano na modernidade, como nos ensina Benjamin, o mar revela a própria imagem da cidade. Mar e espelho como símbolos de elementos moldados pela mão humana para construir uma aparência da modernidade.

O remo, então, aparece como elemento que possibilita ver o domínio que se estabeleceu sobre o mar. Ele demonstra, expressa e corporifica essa força, a qual também possibilita a fruição. Mas é importante salientar que só há fruição, se houver disciplinamento, controle e domínio técnico da natureza, pois, do contrário, há medo, aflição e ojeriza ao mar. Para que haja essa fruição do esporte apregoada pelo espírito burguês, é preciso elevado grau de controle, portanto, o remo é o suporte material no qual o esforço de distanciamento e de domínio do mar se evidencia e se articula.

Apesar de este trabalho demonstrar essa singularidade da relação esporte e cidade, há ainda questões em aberto referentes a esse aspecto. Este estudo deixa uma lacuna para melhor investigar a configuração do campo esportivo na cidade de Florianópolis bem com em cidades vizinhas, como Itajaí, Blumenau, Joinville, porque, se a prática do remo carregou a historicidade da Capital, outras cidades de maior projeção do Estado foram também atraídas para essa prática esportiva. A própria relação do remo com outros esportes de expressão no Estado (futebol), ou de pouca visibilidade, mas que estiveram presentes (natação, corrida de bicicletas, *rugby*), ou ainda aqueles práticas esportivas e de divertimentos anteriores à institucionalização do campo esportivo (turfe, touradas) precisariam ser incluídas nas análises. Outras relações entre o esporte e os grupos sociais específicos (mulheres, associação de trabalhadores, imigrantes) também devem ser pesquisadas.

Um apontamento para futuras análises, decorrente da investigação sobre o campo esportivo, é a existência ou não de uma estrutura econômica de produtos esportivos: setor produtivo de bens materiais e de consumo; gestão dos eventos esportivos (sobretudo após a institucionalização das práticas em federações); modificações e intervenções urbanas para equipagem esportiva. Essa estrutura econômica está em convergência com uma conjunta cultural e um meio

social que a conforma. É a outra face da mesma moeda que também conforma um sistema de práticas de consumo, espetáculos, imagens, representações e mitos esportivos.

Sob seus aspectos políticos e econômicos, o sistema republicano assinalou também mudanças no padrão de comportamento e na sociabilidade da vida urbana. Nesse contexto, temos eixos de força, os quais este trabalho se esforçou para analisar, que dizem sobre a recepção e a resistência a essas mudanças. Portanto, ora temos a força da tradição que resiste à vida social urbana (prevalencendo a aristocratização sobre a democratização); ora temos a valorização da força muscular e da ética do ativismo presente no imaginário de uma vida burguesa moderna e civilizada. São eixos de força que trazem contradições e amálgamas que afetam uma época e seu conjunto de valores e que valeriam mais esforços de pesquisa.

Assim, estudar as relações entre educação do corpo, esporte e modernidade em Florianópolis significou atravessar diferentes esferas da sociedade e pensar sobre os modos como o corpo e o esporte passam a formar um conjunto de novos significados diante do avanço do ideário moderno, esse projeto universal e sempre provisório.



## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 119-138.

\_\_\_\_\_. Estética (1958-1959). Buenos Aires: Las Cuarentas, 2013.

ANAISSE, Vinicius Possebon. Vivenciando uma cidade em transformação: cotidiano de classes populares no centro de Florianópolis (1899-1920). **Aedos**: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, v. 2, n. 4, p. 309-317, 2009. Semestral. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/10623/7005>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

ANDRADE, Djanira Martins de. **Hercílio Luz**: uma ponte integrando Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 1981.

ARAUJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral**: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. 1989. 198 f. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

\_\_\_\_\_. Fronteiras internas: urbanização em Florianópolis nos anos 20. In: BRANCHER, Ana (Org.). **História de Santa Catarina**: Estudos contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. p. 102-113.

AVE-LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1980.

BARBOSA, Renato. **Francisco Tolentino e sua época**. Florianópolis: Editora da Assembleia Legislativa, 1986.

BASSANI, Jaison José; RICHTER, Ana Christina; VAZ, Alexandre Fernandes. Corpo, educação, experiência: modernidade e técnica em Walter Benjamin. **Educação**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 77-87, 2013. Trimestral. Disponível

em:<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/11736/8743>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

BECKER, Denise. **Desde Jutai e Juruá: uma história centenária**. Florianópolis, 2016.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes/Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1990.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas III).

\_\_\_\_\_. Espelhos. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. **Rua de mão única**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas II).

\_\_\_\_\_. **Imagens de pensamento: sobre o haxixe e outras drogas**. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BITENCOURT, Reinaldo. Cidades em movimento. In: BRANCHER, Ana (Org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. p. 26-40.



BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representações da história em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BOMBASSARO, Ticiane. **A educação física no Estado de Santa Catarina**: a construção de uma pedagogia racional e científica (1930-1940): fragmentos para uma história da educação do corpo em Santa Catarina. Florianópolis: Dioesc, 2012.

BORGES, Maury Dal Grande. **85 anos de Bola**: a memória do futebol catarinense. Florianópolis: loesc, 1996

\_\_\_\_\_. **Remando nas águas da história**: as heróicas conquistas do Remo de Santa Catarina 1861- 2002. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002.

BOSSLE, Ondina Pereira. **História da industrialização catarinense**: das origens à integração no desenvolvimento brasileiro. Florianópolis: CNI/Fiesc, 1988.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 207-220.

\_\_\_\_\_. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983. p. 136-153.

BRAGA, Beto. **O Brasil através das 3 Américas**. Bauru: Canal 6, 2011.

BRETON. André. **Nadja**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

BRESCIANI, Maria Stella. Permanência e ruptura nos estudos da cidade. In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco A. A. de F. (Org.). **Cidade & história**. Salvador: UFBA, 1991b, pp. 11-26. Disponível em: <<http://unuhostpedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/322/298>> Acesso em: 27 abr.2015.

BRITO, Paulo José da Cunha. **Dás um banho**: Roberto Alves – o rádio, o futebol, a cidade. Florianópolis: Insular, 2010

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1991.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Medicina, médicos e charlatães do passado**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1942.

\_\_\_\_\_. **Nossa Senhora do Desterro**: notícia. Florianópolis: Lunardelli, 1979a.

\_\_\_\_\_. **Nossa Senhora do Desterro**: memória. Florianópolis: Lunardelli, 1979b.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMPOS, Cynthia Machado. **Controle e normatização de condutas em Santa Catarina (1930-1945)**. 1992. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 269-288.

CINTRA, Maria Cristina. **O processo de aprendizado do ofício de alfaiate em Florianópolis: 1913-1968**. 2004. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHEREM, Rosangela Miranda. **Os faróis do tempo novo**: política e cultura no amanhecer republicano da capital catarinense. 1998. 441 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós- Graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

CHEREM, Rosangela Miranda. A capital catarinense e os labirintos do início republicano. In: SANTOS, Marco Aurélio dos (Org.). **Ensaio sobre Santa Catarina**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000. p. 83-125.

\_\_\_\_\_. Do sonho ao despertar: expectativas e paixões no início republicano na capital de Santa Catarina. In: BRANCHER, Ana; AREND, Silva Maria Fávero (Org.). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Editora da Ufsc, 2001. p. 297-344.

\_\_\_\_\_. **Aparições da textualidade**: dizer e ver de um Virgílio. 2006. 275 f. Tese (Doutorado em Letras) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

COELHO, Mário César. Moderna ponte velha: imagem & memória da Ponte Hercílio Luz. 185 f. 1997. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

COLLAÇO, Vera Regina Martins. **O teatro da União Operária**: um palco em sintonia com a modernização brasileira. 2004. 242 f. Tese (Doutorado em História) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

\_\_\_\_\_. **E se a moda pega...**: o teatro de revista em Florianópolis (1920/1930). Florianópolis: Udesc/Ceart, 2007.

CORBIN, Alain. **O território do vazio**: a praia e o imaginário social. São Paulo: Schwarcz, 1989.

\_\_\_\_\_. **L'homme dans le paysage**. Paris: Les Éditions Textuel, 2001,

CORBIN, Alain. **Le ciel et la mer**. Paris: Editions Flammarion, 2005.

CORADINI, Lisabete. **Redes de sociabilidade e apropriação do espaço em uma área central de Florianópolis**. 1992. 263 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

CORRÊA, Carlos Humberto. **Diálogos com Clio: ensaios de histórica política e cultural**. Florianópolis: Insular, 2003.

CORRÊA, Carlos Humberto. **História de Florianópolis ilustrada**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

COSTA, Sandro da Silveira. **Os transportes motorizados em Florianópolis: percepções e sensibilidades cotidianas (1920-1941)**. 2010. 384 f. Tese (Doutorado em História) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Tenha modos! Manuais de civilidade e etiqueta na Escola Normal (1920-1960). In: CONGRESSO LUSOBRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2006, Uberlândia. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www2.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/29MariaTeresaSantosCunha.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2016.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DALLABRIDA, Norberto (Org.). **Mosaico de escolas: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2003,

DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. Apresentação. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de: **História do esporte**

**no Brasil:** do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 9-12.

DIAS, Cleber. Esporte e cidade: balanços e perspectivas. **Tempo**, [s.l.], v. 17, n. 34, p. 33-44, 2013. Editora da Universidade Federal Fluminense. DOI: 10.5533/tem-1980-542x-2013173404. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-7042013000100004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-7042013000100004&script=sci_arttext)>. Acesso em: 22 ago. 2013.

DUNNING, Eric. Prefácio. In: ELIAS, Norbet; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbet; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FARIAS, Cláudia Maria de. O esporte náutico e a nova construção de uma materialidade urbana no Rio de Janeiro. **Revista Cidade Nova**, Rio de Janeiro, Editora Garamond, n. 1, p. 33-52, 2007. Disponível em: <[http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/revista\\_agcrj\\_pdf/revista\\_cidade\\_nova.pdf](http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/revista_agcrj_pdf/revista_cidade_nova.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 217.

FERREIRA, Sérgio Luiz. **O banho de mar em Santa Catarina**. 1994. 140 f. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76142>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

FLORES, Maria Bernadete, Ramos; SERPA, Élio Cantalicio. A hermenêutica do vazio: fronteira, região e brasilidade na viagem do governador ao Oeste de Santa Catarina. **Projeto História**, São Paulo, 18 maio de 1999.

FLORES, Maria Bernadete, Ramos. Estética e modernidade: à guisa de introdução. In: FLORES, Maria Bernadete, Ramos; COLLAÇO, Luciene Vera (Org.). **A casa do baile:** estética e modernidade em Santa Catarina. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

GEBARA, Ademir. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo (Org.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 5-29.

GERBER, Diana. O saneamento em Florianópolis: Projeto de Modernização e Estratégias de Poder. **Esboços** - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Florianópolis, v. 6, n. 6, p. 31-36, jan. 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/513/9781>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

GERLACH, Gilbert. **Desterro**: Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Clube de cinema Nossa Senhora do Desterro, 2010. tomo II.

\_\_\_\_\_. Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Autores Catarinenses. 2015. Tomo I e II.

GLEYSE, Jacques. **L'instrumentalisation du corps**: une archéologie de la rationalisation instrumentale du corps, de l'âge classique à l'époque hypermoderne. Paris: L'Harmattan, 1997.

GONDRA, José G. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GUIMARÃES, Janete Eloi. **Praças indisciplinados e desordem popular**: cotidiano no policiamento em Florianópolis nas primeiras décadas republicanas. 2011. 185 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

GUNNING, Tom. O retrato do corpo humano: a fotografia, os detetives e os primórdios do cinema. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (Org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 33-65

HANSEN, Miriam Bratu. Estados Unidos, Paris, Alpes: Kracauer e Benjamin sobre o cinema e a modernidade. In: CHARNEY, Leo;

SCHWARTZ, Vanessa R. (Org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 405-450.

HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto M. O imaginário moderno no Brasil. In: . (Org.). **A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (Org.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro, Editora 7 letras, 2012.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HÜBENER, Laura Machado. **O movimento comercial do porto de Nossa Senhora de Desterro no século XIX**. 1979. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1979.

JORGE, Thiago Perez. **Em busca do corpo civilizado: o futebol como arte de governar do Colégio Catarinense em Florianópolis (1906-1918)**. 206 f. 2013. Dissertação (Mestrado) - Programa e Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

JORGE, Thiago Perez; VAZ, Alexandre Fernandez. Vida na natureza para alunos do Ginásio Santa Catarina: o piquinique como cultura modernizadora em Florianópolis (1906-1918). **Interthesis**, Florianópolis, v. 13, n. 216, p. 75-94, 2016.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.9-43, 2001. Semestral. Disponível em: <<http://rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/273/281>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

JUNCKS, Kátia Regina. **Eles franceses voadores lá, nós ilhéus cá: história do Campeche enquanto campo de pouso da aviação francesa na primeira metade do século XX**. Trabalho de Conclusão de Curso UFSC, Florianópolis, 1995.

LAZZARIS, Milana Cristina. **As políticas de saúde e as intervenções no espaço urbano:** Florianópolis (1930-1945). 2009. 127 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEUCHTENBERGER, Rafaela. **O lábaro protetor da classe operária:** as associações voluntárias de socorros-mútuos dos trabalhadores em Florianópolis (1886-1932). 2009. 247 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

LICHT, Henrique. **O remo através dos tempos.** Porto Alegre: Corag, 1986.

LINHALES, Meyli Assbu. **A escola, o esporte e a energização do caráter:** Projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). 2006. 267 f. Tese (Doutorado em História) - Curso de Pós-Graduação em História da Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MACHADO, Vanderlei. **O espaço público como palco de atuação masculina:** a construção de um modelo burguês de masculinidade em Desterro (1850-1884). 1999. 121 f. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

\_\_\_\_\_. **Entre Apolo e Dinísio:** a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930). 2007. 302 f. Tese (Doutorado em História) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.



MAMIGONIAN, Armen. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: IBGE/CNG, v. 27, n. 3, p. 389-481, jul./set. 1965. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg\\_1965\\_v27\\_n3.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1965_v27_n3.pdf)>. Acesso em: 17 jan. 2017.

MANHÃES, Eduardo Dias. **Políticas de esportes no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MATTOS, Felipe. **Armazém da província**: vida literária e sociabilidades intelectuais em Florianópolis na Primeira República. 2014. 242 f. Tese (Doutorado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade "sportiva"**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fábio de faria. Lazer, esporte e cultura urbana na transição dos séculos XIX e XX: conexões entre Paris e Rio de Janeiro. **Logos**: comunicação e cultura metropolitana, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 72-95, 2005.

\_\_\_\_\_. Por uma história comparada do esporte: possibilidades, potencialidades e limites. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 11-41, 2007.

\_\_\_\_\_. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de: **História do esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 35- 70

\_\_\_\_\_. (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

\_\_\_\_\_. Esporte, cidade e modernidade. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 5-18.

MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. História do esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras**: revista de História, Dourados, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010.

MEIRINHO, Jali. **A República de Santa Catarina (1889-1900)**. 148 f. 1979. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1979.

MENDES, Leonardo; AMARAL, Alexandre. Virgílio Várzea, escritor naturalista. **Revista Soletras**, Universidade de Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, n. 27, p. 233-253, out. 2014. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/10409>>. Acesso em: 29 jan. 2016.

MORAES, Eliane Robert. Breton diante da Esfinge. In: BRETON, André. **Nadja**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

MOREIRA, Adilson de Sousa. **Modernidade em exposição**: modernização urbana e signos metonímicos (Paris, Rio de Janeiro e Florianópolis) [1850-1930]. 2013. 281 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MORENO, Andréa. **Corpo e ginastica num Rio de Janeiro**: mosaico de imagens e textos. 2001. 264 f. Tese (Doutorando em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MORTARI, Cláudia; CARDOSO, Paulino de Jesus. Territórios negros em Florianópolis no século XX. In: BRANCHER, Ana. **História de Santa Catarina**: estudos contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. p. 83-101.

MOSIMANN, João Carlos. **Os aviadores franceses, a América do Sul e o Campeche**. Florianópolis: Edição do Autor, 2012.

MÜLLER, Gláucia Regina Ramos. **A influência do urbanismo sanitário na transformação do espaço urbano em Florianópolis**.

2002. 137 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

NECKEL, Roselane. **A República em Santa Catarina**: modernidade e exclusão (1889-1920). Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.

NEVES, Margarida de Souza; HEIZER, Alda. **A ordem é o progresso**: o Brasil de 1870 a 1910. São Paulo: Atual, 1991.

NONNENMACHER, Marilange. **Vida e morte miramar**: memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade. 2007. 225 f. Tese (Doutorado em Educação) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

OLIVEIRA, Vitor Vieira de. **Estádio Adolpho Konder**: do campo da liga ao pasto do bode. 2011. 94 f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: < <http://tcc.bu.ufsc.br/Jorn299483.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

PAULI, Evaldo. **Hercílio Luz**: governador inconfundível. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1976.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas, mulheres faladas**: uma questão de classe. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

PINHEIRO, Eloísa Petti. **Europa, França e Bahia**: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador). Salvador: Edufba, 2011.

POZZO, Renata Rogowski. **Modernidade capitalista em Florianópolis-SC e a dinâmica do centro urbano**. 2010. 132 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo (Org.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 31-62

PUCHTA, Diogo Rodrigues; TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. O livro como ferramenta pedagógica para a inserção da educação física e da ginástica no ensino público primário paranaense: fim do século XIX e início do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, p. 272-279, 2015.

RAMOS, Atila. **Memória do saneamento desterrense**. Florianópolis: Casan, 1986.

RASKE, Karla Leandro. Uma cidade, múltiplas experiências: africanos/as e afrodescendentes em Florianópolis (1888-1940). **Revista de História**, Universidade Federal da Bahia, v. 5, p.178-205, 2013. Semestral. Disponível em: <[http://www.revistahistoria.ufba.br/2013\\_1/a10.pdf](http://www.revistahistoria.ufba.br/2013_1/a10.pdf)>. Acesso em: 21 fev. 2016.

REIBNITZ, Cecília de Sousa. **A literatura catarinense a partir da revista Terra**. 2016.177 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História da vida privada: Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.v. 3.

ROSA, Andre Luiz. **O football na ilha e a fundação do Avahy Football Club**. Florianópolis: Ed. do Autor, 2012.

ROSSATO, Luciana. A Natureza da Capitania de Santa Catarina a partir dos relatos dos viajantes. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais eletrônicas...** Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0597.pdf>>. Acesso em 26 mar. 2017.

ROUANET, Sergio Paulo. Por que o moderno envelhece tão rápido?. **Revista da USP**: dossiê Walter Benjamin, n. 15, p. 102-117, 1992. Trimestral. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/view/25671>>. Acesso em: 5 abr. 2017.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Higiene e higienismo entre o Império e a República. In: PRIORE, Mary Del; AMANTINO, Marcia (Org.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SANTA CATARINA. Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. **Ilha de Santa Catarina**: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis: Canarinho, 1979.

SANTOS, Paulete Maria Cunha dos. **O protocolo do bom cidadão - Série Fontes**: lições de moral e civismo na organização da educação em Santa Catarina (1920- 1950). 1997. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

SANTOS, Edson Mota dos. **Show de bola**: a história do futebol em Joinville e Santa Catarina. Joinville: Editora Univille, 2004

SANTOS, André Luiz. **Do mar ao morro**: a geografia história da pobreza urbana em Florianópolis. 2009. 658 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geociência da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SARDÁ, Juliana. **Na contra-mão da lei**: a repressão policial e os desviantes da ordem em Florianópolis nas primeiras décadas do século XX. 2005. 166 f. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102558>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

SARTORI, Carina. **Na alvorada de um Sport**: o remo na ilha de Santa Catarina. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107235/319467.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 9 maio 2015.

SAYÃO, Thiago Juliano. **(re)tratos insulares**: a Ilha de Santa Catarina vista através das representações das paisagens (1890-1940). 2011. 261 f. Tese (Doutorado em História) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SCHIMIDT, Jaqueline. **Trabalhando em Florianópolis...**: as práticas de trabalho e as memórias de trabalhadores e trabalhadoras (1900-1920). 2001. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/80376/177289.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 dez. 2015.

SCHLICHTING, Aida Melo. **Catálogo analítico descritivo dos jornais de Florianópolis (1914-1930)**: o jornal como fonte histórica. 1989. 1061 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Fernando Linhares da. **Pasto do bode**: uma tradição inesquecível. Florianópolis: Papa Livro, 1983.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. História das paisagens. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da**

**história:** ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

SILVA, Adolfo Nicolich. **Ruas de Florianópolis:** resenha histórica. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1999.

SILVA, Eder Amaral e. Corpo, técnica, cidade: artesanais entre pesquisa e cotidiano. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p.111-129, 2011. Semestral. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/22893/25920>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

SILVA, Carolina Fernandes da. **O remo e a história de Porto Alegre, Rio Grande do Sul:** mosaico de identidades culturais no longo século XIX. 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Vitrines da República: os grupos escolares em Santa Catarina (1889-1930). In: VIDAL, Diana Gonçalves. (Org.). **Grupos escolares:** cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

SOARES, Carmen Lucia. Notas sobre a educação do corpo. **Revista Educar**, Curitiba, n. 16, p. 43-60, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n16/n16a04.pdf> >. Acesso em: 20 maio 2014.

\_\_\_\_\_. Três notas sobre natureza, a educação do corpo e ordem urbana. In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Uma educação pela natureza:** vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas: Autores Associados, 2016. p. 43-60

SOUTO, Américo Augusto da Costa. **Evolução histórico-econômica de Santa Catarina:** estudo das alterações estruturais (século XVII-1960). Florianópolis: Centro de Assistência Gerencial de Santa Catarina, 1980.

SOUZA, Rogério Luiz de Souza. **Uma história inacabada:** cem anos do colégio catarinense. Florianópolis: Unisinos, 2005.

SOUZA, Juliano de; MARCHI JUNIOR, Wanderley. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 293-315, jan./mar. 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/10496/7529>>. Acesso em: 15 mar 2017.

STEPHANOU, Maria. Práticas formativas da medicina: manuais de saúde e a formação para a urbanidade. **Véritas**, Porto Alegre, v. 43, p. 97-102, dez. 1998. número especial.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (Org.). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni; PROCHNOW, Denise de Paula Matias. As lições dos grupos escolares: um estudo sobre a incorporação do método de ensino intuitivo na cultura escolar dos primeiros grupos escolares florianopolitanos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2006, Goiânia. **Anais...** Goiânia: Vieira, 2006. v. 1. p. 234-235.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni; DALLABRIDA, Norberto. **A escola da República**: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918). Campinas: Mercado de Letras, 2011.

TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura. **Espaços públicos da orla marítima do centro histórico de Florianópolis**: o lugar do mercado. 95 f. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.



TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura. **Arquitetura e cidade: a modernidade (possível) em Florianópolis, Santa Catarina (1930-1960)**. 377 f. 2009. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.

VAGO, Tarcicio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos: educação física e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças do ensino público primário de Belo Horizonte (1897-1920)**. 1999. 315 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

VAZ, Alexandre Fernandez; BOMBASSARO, Ticiane. Esporte, cidade e modernidade: Florianópolis. In: MELO, Victor Andrade (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX-XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 193-212

VAZ, Alexandre Fernandez. Memória e progresso: sobre a presença do corpo na arqueologia da modernidade em Walter Benjamin. In: SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e História**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 43-60.

VAZ, Alexandre Fernandez; DALLABRIDA, Norberto (Org.). **O futebol em Santa Catarina: histórias de clubes (1910-2014)**. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis: memórias urbanas**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008.

ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas**. Criciúma: Editora da PUCRS, 2012.

## FONTES CONSULTADAS

### Revistas

**Revista Ilustrada**, Florianópolis, ano 1, n.1, p. 1, 15 mar.1919.

HÁBITOS e costumes. **O Olho**, Florianópolis, p. 11, 25 jun. 1916.

HÁBITOS e costumes. **O Olho**, Florianópolis, p. 9, 9 jul. 1916.

AVENIDA Hercílio Luz. **A Semana**, p. 3, 21 jul. 1920.

FORTES, Candida. Baigneuse. **A página**: crítica, literatura, arte e sport, Florianópolis, p. 3, 1900.

### Obras literárias

CRUZ E SOUZA, João da. **Evocações**. Rio de Janeiro: Tipografia Aldina, 1898. Disponível em: <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=29306>>. Acesso em: 8 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Poesia completa**. Org. de Zahidé Muzart, Florianópolis: FCC/Fundação Banco do Brasil, 1993. Disponível em: <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=210384>>. Acesso em: 8 abr. 2017.

VARZEA, Virgílio. **Santa Catarina**: a ilha. Florianópolis: Ioesc, 1984. Disponível em: <[http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/\\_documents/santacatarina-virgilio-1-1.htm](http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/santacatarina-virgilio-1-1.htm)>. Acesso em: 10 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Mares e campos**: quadros da vida rústica catarinense. Florianópolis: Insular, 2003. Disponível em: <[http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/\\_documents/maresecampos-virgilio-1-1.htm](http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/maresecampos-virgilio-1-1.htm)>. Acesso em: 10 abr. 2017

BRITO, Paulo Jose Miguel de. **Memória política sobre a Capitania de Santa Catarina**. Lisboa: Academia Real de Ciências, 1829. Disponível

em:<<https://archive.org/stream/memoriapoliticas00brit#page/75/mode/1up>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

## **Mensagens de Governo**

BRASIL. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo de Santa Catarina pelo Dr. Hercílio Pedro da Luz. Florianópolis, 27 jul. 1895. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u950/000008.html>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. Mensagem ao Congresso Representativo do Estado pelo Dr. Vidal José de Oliveira Ramos. Florianópolis,. 2 ago. 1908. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u962/000021.html>>. Acesso em: 2 abr. 2016

\_\_\_\_\_. Mensagem ao Congresso Representativo do Estado pelo Dr. Vidal José de Oliveira Ramos. Florianópolis, 23 jul. 1911. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u965/000028.html>>. Acesso em: 2 abr. 2016

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo pelo Dr. Felipe Schmidt, governador do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 14 ago. 1916. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u971/000028.html>>. Acesso em: 27 jan. 2017

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo pelo Dr. Hercílio Pedro da Luz. Florianópolis, 22 jul. 1920, Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u975/000036.html>>. Acesso em: 27 jan. 2017

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo pelo Dr. Hercílio Pedro da Luz. Florianópolis, 23 jul. 1923. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u978/000040.html>>. Acesso em: 27 jan. 2017

## **Arquivos**

Casa da Memória

Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina

### Sites

Velho Bruxo (<http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/Fotosgeral.html>)

Site Departamento Estadual de Infraestrutura do Estado de Santa Catarina  
([http://www.deinfra.sc.gov.br/jsp/informacoes\\_sociedade/ponte\\_HercilioLuz.jsp](http://www.deinfra.sc.gov.br/jsp/informacoes_sociedade/ponte_HercilioLuz.jsp))

Site do Clube Náutico Martinelli  
([http://www.remomartinelli.com.br/?page\\_id=9](http://www.remomartinelli.com.br/?page_id=9))

### Jornais

7 de setembro. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 5 set. 1905.

A CHEGADA a esta capital dos foot-ballers joinvillenses. **O Estado**, Florianópolis, p. 5, 29 ago. 1921.

A CHEGADA dos foot-ballers joinvillenses. **O Estado**, Florianópolis, p. 5, 29 ago. 1921.

A CHEGADA dos *sportmen* rio-grandenses. **República**, Florianópolis, p.1, 18 abr. 1920.

A CONQUISTA. **O Estado**, Florianópolis, 22 abr. 1921.

A CREAÇÃO da liga de foot-ball. **República**, Florianópolis, p. 3, 6 mar. 1921.

A DELEGAÇÃO Santista em Florianópolis. **O Estado**, p. 2, 15 set. 1921.

A DELEGAÇÃO santista em Florianópolis: o sensacional match de hoje no campo do Gymnasio. **O Estado**, Florianópolis, p. 3, 15 set. 1921.

A DESCOBERTA de Santos Dumont. **República**, Florianópolis, p. 1, 21 jul. 1901.

A EDUCAÇÃO physica sportiva: o sport e as novas gerações. **O Estado**, Florianópolis, p. 4, 26 abr. 1916.

A EMBAIXADA gaúcha do Sport Club Brasil. **República**, Florianópolis, p. 2, 20 abr. 1920.

A FESTA do Aldo Luz. **O Estado**, Florianópolis, p. 5, 18 abr. 1921.

A FESTA do club náutico Francisco Martinelli. **O Dia**, Florianópolis, 5 fev. 1918. Notas sociais, p. 2.

A FUNDAÇÃO da liga de foot-ball. **República**, Florianópolis, p. 2, 3 mar. 1921.

A GRANDE festa esportiva. **O Dia**, Florianópolis, p. 1, 23 abr. 1918.

A GRANDE pugna náutica de amanhã. **O Estado**, Florianópolis, p. 3, 20 abr. 1921.

A HORA do ócio. **O Argos**, Desterro, 14 nov. 1861. Comunicado, p. 2.

A INAUGURAÇÃO da Avenida Hercílio Luz, **República**, Florianópolis, p. 5, 7 set. 1922.

A PLANTA do stadium. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 17 out. 1921.

A POSSE do Exmo. Sr. Dr. Hercílio Luz, Governador do Estado. **República**, Florianópolis, p. 1, 30 set. 1922.

A RECEPÇÃO do Dr. Hercílio Luz. **República**, Florianópolis, p. 3, 18 maio 1920.

A REGATA de ante-hontem. **República**, Florianópolis, p. 1, 13 jul. 1895.

- A REGATA de domingo. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 14 jun. 1904.
- A REGATA. **O Argos**, Desterro, 19 nov. 1861. Notícias, p. 1.
- A REGATA. **O Dia**, Florianópolis, p. 3, 30 set. 1902.
- A REGATA. **Regeneração**, Desterro, p. 1, 29 set. 1878.
- A SEMANA. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 14 abr. 1901.
- A SOCIEDADE. **O Clarão**, Florianópolis, p. 1, 25 maio 1912.
- À TIRE d'aile. **República**, Florianópolis, p. 1, 11 nov. 1894.
- A VISITA dos “foot-ballers” santistas: impressões sobre o match de ontem. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 14 set. 1921.
- A VISITA dos foot-ballers Joivinelenses. **O Estado**, Florianópolis, p. 3, 14 set. 1921.
- AFOGADO. **O Despertador**, Desterro, p.16 fev. 1884.
- AS FESTAS do dia 11. **República**, Florianópolis, 7 jun. 1902, p. 1
- AS FESTAS do dia 11. **República**, Florianópolis, p. 1, 7 jun. 1902.
- AS REGATAS de amanhã. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 20 abr. 1921.
- AS REGATAS de hoje: disputa do Campeonato de 1918. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 21 abr. 1918.
- AS REGATAS de quinta feira: pelo desporto. **O Estado**, Florianópolis, p. 3, 19 abr. 1921.
- AS REGATAS officiaes. **República**, Florianópolis, p. 2, 15 nov. 1919.
- ASSOCIAÇÃO de Turf Catharinense. **República**, p. 2, 13 mar. 1920.
- ASSOCIAÇÕES: Sociedade Literária E.R Catharinense. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 19 nov. 1904

- AVENIDA Hercílio Luz. **República**, Florianópolis, p. 2, 20 fev. 1920.
- AVENIDA Hercílio Luz. **República**, Florianópolis, p. 2, 30 out. 1919.
- BANHOS de mar. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 27 fev. 1923.
- BARBOSA, Lydio. O leque. **Polyanthea**, Desterro, p. 1, 17 mar. 1889.
- BARBOSA, Renato. Os grandes empreendimentos: a propósito de Santa Catarina. **República**, Florianópolis, p. 2, 27 out. 1922.
- C. N. Francisco Martinelli: inauguração e baptismo. Desporto. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 31 jul. 1917.
- C.N Francisco Martinelli. **O Estado**, Florianópolis, 27 jul. 1917. Desporto, p. 1.
- C.S Fabricio de Mattos. **O Dia**, Florianópolis, p. 3, 10 jun. 1904.
- CAMPANHA pelos sem camisas. **O Estado**, Florianópolis, p. 6, 2 jan. 1937.
- CARVÃO nacional: atuação do ministro Victor Konder. **República**, Florianópolis, p. 1, 2 fev. 1927.
- CENTRO Catharinense de Aviação. **República**. Florianópolis, p. 1, 23 fev. 1927.
- CICLISMO. **República**, Florianópolis, 19 set. 1902. Sport, p. 1.
- CIRCO Dois Irmãos. **O Estado**, Florianópolis, 7 jul. 1922.
- CLUB 22 de Julho. **República**. Florianópolis, p. 2, 5 de mar 1895.
- CLUB 29 de Abril. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 16 jun. 1902.
- CLUB de Regatas. **O Dia**, Florianópolis, p. 1, 8 jan. 1910.
- CLUB de regatas. **República**, Florianópolis, p. 1, 1 maio 1902.

CLUB Náutico. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 15 mar. 1916.

CONFEDERAÇÃO Catharinense de Desportos. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 4 out. 1921.

COSMORAMA. **O Argos**, Desterro, p. 2, 14 ago. 1860.

CUSTA a crêr, mas é real, **O Argos**, Desterro, p. 3, 26 nov. 1859.

DERBY Club. **República**, 12 maio 1897. Sport, p. 2

DESCUIDOS da municipalidade. **O Argos**, Desterro. 31 jan. 1860. Notícias, p. 1.

DESPORTO. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 12 jul. 1917.

DETALHES oficiais sobre o novo carro Ford. **República**. Florianópolis, p. 3, 14 dez. 1927.

DR. HERCÍLIO Luz. **O Estado**, Florianópolis, p. 5, 3 nov. 1924.

DR. LAURO Müller. **República**, Florianópolis, p. 1, 25 set. 1902.

E.M.A. Watt: Reflexões do gabinete. **A Luz**: jornal litterário. Florianópolis, p. 4, 20 set. 1896

Editais da Liga Náutica de Santa Catharina. **República**, Florianópolis, p. 3, 4 jan. 1924.

Editais da Liga Náutica de Santa Catharina. **República**, Florianópolis, p. 3, 5 jan. 1924.

Editais da Liga Náutica de Santa Catharina. **República**, Florianópolis, p. 3, 6 jan. 1924.

ESPECTÁCULO. **Regeneração**. Desterro. 30 nov. 1861. Notícias, p. 3.

Estatutos da Liga Náutica de Santa Catharina. **República**, Florianópolis, p. 3, 28 dez. 1923.



Estatutos da Liga Náutica de Santa Catharina. **República**, Florianópolis, p. 3, 29 dez. 1923.

Estatutos da Liga Náutica de Santa Catharina. **República**, Florianópolis, p. 3, 3 jan. 1924.

Estatutos da Liga Náutica de Santa Catharina. **República**, Florianópolis, p. 3, 4 jan. 1924.

FACTOS & notas. **A Época**: semanário noticioso, Florianópolis, p. 1, 15 out. 1910.

FEDERAÇÃO Catharinense de Remo. **República**, Florianópolis, p. 3, 23 jan. 1919.

FEDERAÇÃO Catharinense de Remo. **República**, Florianópolis, p. 2, 8 mar. 1919.

FEDERAÇÃO Catharinense de Sports. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 15 dez. 1916.

FESTEJOS populares. **Regeneração**, Desterro, 16 abr. 1884. Secção geral, p. 2.

FLORIANÓPOLIS vai ter ônibus. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 11 jun. 1920.

FOLHETIM: a regata. **Regeneração**, Desterro, p. 1, 29 set. 1878.

FOOT-BALL nas ruas. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 16 jul. 1924.

FOOT-BALL. **República**, Florianópolis, p. 3, 12 maio de 1921.

FORTES, Candida. Baigneuse. **A página**: crítica, literatura, arte e sport, Florianópolis, 1900,p.3.

GRANDES empreendimentos, **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 16 jun. 1921.

GRANDES festejos populares. **Regeneração**. Desterro, p. 4, 13 mar. 1884.

GUERRILHA Litteraria Catharinense: Impressões da Província. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, 17 fev. 1907.

INAUGURAÇÃO. **O Dia**, Florianópolis, p. 1, 26 jan. 1913.

INFRAÇÃO de posturas. **O Argos**, Desterro, 8 nov. 1859. Notícias, p. 2

K. VALLEIRO. Brechas. **O ECO**, Florianópolis, p. 1, 12 set. 1914.

LIGA Catharinense de Sports Terrestres. **República**, Florianópolis, p. 2, 1 jul. 1922.

LONDON. Jardim Oliveira Belo. **O Clarão**, Florianópolis, p. 2, 24 set. 1911.

MATINÉE. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 10 mar. 1908.

MISCELANNEA: substituição da força de vapor pela electrecidade. **O Argos**, Desterro, p. 2, 21 fev. 1860.

MOÇOS, ao mar!. **O Dia**, Florianópolis, p. 8, 8 nov. 1916.

NÁUTICO Martinelli: a festa de hoje no Concórdia. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 8 maio 1920.

NOTAS & echos. **República**, Florianópolis, p. 2, 8 out. 1918.

NOTAS. **A página**, Florianópolis, p. 4, 19 ago. 1900.

NOTAS. **República**, Florianópolis, p. 2, 31 maio 1927.

NOTICIÁRIO, **Regeneração**, Desterro, p. 3, 19 out. 1878.

NOTICIÁRIO. **Regeneração**, Desterro, p. 2, 1 jun. 1871.

NOTICIÁRIO. **Regeneração**, Desterro, p. 3, 19 set. 1878.

NOTICIÁRIO. **Regeneração**, Desterro, p. 3, 26 set. 1878.

NOTÍCIAS. **O Argos**, Desterro, p. 1, 10 jan. de 1860.

- O CLUB Catarinense. **O Argos**, Desterro, p. 1, 30 jul 1859.
- O FUTEBOL e a policia. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 10 set. 1915.
- O Martinelli realiza amanhã um raid a Santo Antônio: pelo desporto. **O Estado**, Florianópolis, p. 8, 30 mar. 1920.
- O NOVO Okaland aperfeiçoado. **República**, p. 7, 24 abr. 1927.
- O SANEAMENTO. **A República**, Florianópolis, p. 2, 4 out. 1918.
- O SPORT em Santa Catharina. **O Dia**, Florianópolis, p. 1, 17 fev. 1917.
- O ÚLTIMO dia dos santistas. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 16 set. 1921.
- OFFICIAES Portugueses. **O Despertador**, Desterro, p. 1, 29 mar. 1884.
- OFFICIAES Portugueses. **O Despertador**, Desterro, p.1, 26 mar, 1884.
- ORGANIZAÇÃO das regatas de 21 de abril. **República**, Florianópolis, p. 2, 20 abr. 1920.
- ORGANIZAÇÃO sportiva no Brasil. **O Dia**, Florianópolis, p. 1, 14 fev. 1917.
- OS ACONTECIMENTOS ocasionados nas regatas de ante-ontem. **República**, Florianópolis, p. 1, 23 abr. 1922.
- OS PREPARATIVOS das regatas. **O Estado**, Florianópolis, p. 4, 2 abr. 1921.
- OUÇA, Sr. Fiscal!. **O Argos**, Desterro, 19 jun. 1860. Notícias, p. 1.
- PELAS nossas praias de banhos. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 13 fev. 1932.
- PELO Desporto. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 20 nov. 1924.
- PELO desporto. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 20 out. 1917.

- PHOTOGRAPHIAS. **O Despertador**, Desterro, p. 1, 7 maio 1884.
- PRAÇA de touros. **República**, p. 2, 4 fev. 1906.
- PRIMEIRA pugna náutica do anno. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 20 abr. 1921.
- PROFISSÕES malditas. **República**, Florianópolis, p. 2, 19 mar. 1919.
- PROJECTO do Código de Regatas da Confederação Catharinense de Desportos. **República**, Florianópolis, 21 mar. 1922.
- PUBLICAÇÕES a pedido. **Regeneração**. Desterro, p. 2, 13 mar. 1884
- QUEIXAS do povo. **O Estado**, Florianópolis, 8 mar. 1917.
- REDACTOR Sportivo. **O Dia**, Florianópolis, p. 1, 9 mar. 1913.
- REGATA. **Regeneração**, Desterro, p. 3, 25 maio 1871.
- REGATA. **O Argos**, Desterro, 15 nov. 1861. Notícias, p. 1
- REGATA. **O Despertador**, Desterro, p. 2, 30 maio 1871.
- REGATA. **O Dia**, Florianópolis, 14 jun. 1902.
- REGATA. **República**, Florianópolis, p. 2, 10 jul. 1896.
- REGATAS e corridas de cavalos em S. Antônio. **República**, Florianópolis, 4 fev. 1898.
- REGATAS. **Regeneração**, Desterro, 4 fev. 1885. Secção Geral, p. 1.
- REGATAS. **Regeneração**, Desterro, p. 1, 4 fev. 1885.
- Revista Illustrada. **República**, Florianópolis, p. 3, 19 mar. 1920.
- REVISTA Sportiva, **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 1 fev. 1921.

- REVISTA Sportiva. **República**, Florianópolis, p. 1, 7 jan. 1921.
- REVISTA Sportiva. **República**, Florianópolis, p. 2, 2 fev. 1921.
- REVISTA Sportiva. **Republica**, Florianópolis, p. 2, 21 fev. 1921.
- RINK Catharinense. **O Dia**, Florianópolis, p. 3, 10 mar. 1916.
- Rink Catharinense. **O Imparcial**, Florianópolis, 18 abr. 1916.
- ROWING. **O Dia**, Florianópolis, 15 out. 1904. Notas sportivas, p. 2.
- ROWING. **O Dia**, Florianópolis, 4 out. 1904. Notas sportivas, p. 2.
- ROWING. **O Dia**, Florianópolis, p.1, 17 out. 1912
- ROWING. **O Estado**, Florianópolis, 7 fev. 1917. Notas sportivas, p 2.
- ROWING. **República**, Florianópolis, 6 ago. 1902. Sport, p. 1.
- ROWING: exercícios demorados. **O Dia**, Florianópolis, p. 1, 3, 16 abr. 1918.
- SANTA Catharina e sua representação sportiva. **O Dia**, Florianópolis, p. 1, 24 maio 1917.
- SANTA Catharina e sua representação sportiva. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 29 jun. 1917.
- SANTERRE, Ed. Sport. **República**, Florianópolis, p. 1, 3 set. 1902.
- SAVELLA, Zé. Meditando. **A Esperança**: jornal litterário, recreativo e noticioso. Florianópolis, p. 3, 7 out. 1907.
- SERVIÇO de recenseamento. **República**, Florianópolis, p. 4, 6 out. 1918.
- SETUBAL, Paulo. Os almofadinhas. **República**, Florianópolis, p. 2, 30 out. 1920.
- SOCIEDADE regata. **O Argos**. Desterro, 16 nov. 1861. Anuncios, p. 4.

- SPORT Catharinense. **República**. Florianópolis, p. 2, 27 out. 1892.
- SPORT. **República**. Florianópolis, p. 1, 2 mar. 1901.
- SPORT. **O Estado**. Florianópolis, p. 2, 13 maio 1915.
- SPORTIVAS: a festa do Martinelli. **O Estado**, Florianópolis, 21 nov. de 1918.
- SPORTMAN: Pro sport. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 30 jun. 1914.
- SPORTS. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 20 out. 1912.
- TAÇA Lauro Carneiro. **O Estado**, Florianópolis, 27 jul. 1917. Desporto, p. 1.
- TAÇA Lauro Linhares. **O Estado**, Florianópolis, p. 1, 28 jul. 1920.
- TENNIS CLUB. **O Estado**. Florianópolis, p. 2, 11 fev. 1924.
- TOUJOURS. Club Anita Garibaldi. **O Dia**, Florianópolis, p. 2, 9 abr. 1913.
- UM CONCURSO interessante. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 9 jun. 1918.
- UMA NOVA mocidade catarinense. **República**, Florianópolis, 21 abr. 1920.
- URGENTE: Ao Club Abolicionista. **Regeneração**, Desterro, p. 2, 16 abr. 1884.
- VÁRIAS notícias. **República**, Florianópolis, p. 1, 10 jun. 1902.
- VÁRIAS notícias. **República**, Florianópolis, p. 1, 13 jun. 1902.
- VARIÉDADES: este mundo. **O Argos**, Desterro, p.4, 10 abr. 1860.
- VELÓDROMO. **O Dia**, Florianópolis, p. 3, 5 set. 1903

VIDA Fútil. **O Elegante**, Florianópolis, p. 2, 1 abr. 1923.

VIVA a nossa policia. **O Argos**, Desterro, p. 2, 20 fev. 1857.

VOANDO por esporte. **República**, Florianópolis, p. 2, 30 out. 1926.

ZÉ Sportman. **O Estado**, Florianópolis, p. 2, 2 jun. 1915.

